

Bruno Filipe Néné da Silva

**“As Formas Plurais da Experiência de Confinamento
em Tempo de Pandemia”**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA

2023

Bruno Filipe Néné da Silva

**“As Formas Plurais da Experiência do Confinamento
em Tempo de Pandemia”**



Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia

Trabalho efetuado sob a orientação de: Professor Doutor João
Eduardo Rodrigues Martins

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA

2023

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Bruno Filipe Néné da Silva

.....

© Copyright: Bruno Filipe Néné da Silva

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar o meu sincero agradecimento por esta oportunidade de apresentar e defender a minha dissertação de mestrado. Ao longo desta caminhada (que se faz / se fez caminhando), enfrentei novos desafios, aprendi e cresci como investigador, regressando à minha casa mãe, ao meu ponto de partida, às Ciências Sociais e não posso deixar de reconhecer a importância e o papel fundamental de cada um de vós neste processo.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu Orientador e Mestre nesta caminhada que é singular, mas versa a pluralidade, Professor Doutor João Eduardo Martins, pela constante orientação, eterna paciência e apoio incondicional ao longo de toda a investigação. Salientando, lembrando e honrando através da memória (invocar é convocar), a pedagogia das suas aulas, o respeito pela diferença e pela particularidade e singularidade dos seus alunos alicerçado numa ética inabalável. A sua praxis ao nível da Sociologia da Educação, da Ação Pública e no âmbito das Desigualdades revelam uma vertente sociológica fortemente marcada pela Justiça Social e pela sua constante construção. O seu conhecimento, experiência e orientação foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. As suas sugestões e perspetivas enriqueceram significativamente a qualidade e o rigor científico desta dissertação.

Ao Júri, sou imensamente grato por dedicarem o vosso tempo e mestria para avaliar este trabalho. Agradeço pela atenção dedicada à leitura e análise da dissertação, bem como pelas valiosas contribuições e comentários fornecidos durante a defesa. As vossas questões e observações ajudar-me-ão a refinar as minhas ideias e a aprimorar a clareza e consistência do meu trabalho.

Gostaria também de agradecer aos meus professores ao nível da parte curricular do mestrado em Sociologia, particularmente nas pessoas de: Professora Vanessa Duarte de Sousa – Unidade curricular de Pobreza e Exclusão Social, ao Professor José de São de José pela ampliação das minhas perspetivas sociológicas acerca da perspetiva do percurso de vida, das temáticas ligadas ao idadismo e das metodologias qualitativas tal como o “Framework” – Unidade curricular de Sociologia do Envelhecimento e Metodologias de Investigação Sociológicas, ao Professor João Filipe Marques pelo seu saber e partilha, bem como as suas reflexões sociológicas e antropológicas (sempre bem humoradas) – Unidade curricular de Racismo e Etnicidade bem como no Seminário de Investigação, à

Professora Bernardete Dias Sequeira pelos contributos sociológicos e ao nível do ensino da Teoria do Conhecimento e da Sociologia do Conhecimento – Unidade curricular de Sociedade, Conhecimento e Organizações, à Professora Carla Nogueira pela informalidade dentro da formalidade daquilo que é uma instituição de ensino superior, mas sobretudo ao rigor e motivação de ir mais além nas leituras da sociedade e de uma Sociologia que invoque e convoque as interdependências sociais – Unidade curricular de Globalização e Mobilidades, à Professora Ana Rita Cruz pelas perspetivas ao nível da análise de Redes Sociais e sua estrutura, nas interpretações das suas próprias métricas e no enfoque das identificações de Comunidades Relacionais – Unidade curricular de Redes Sociais e Estrutura Social: Teorias e Práticas, ao Professor José Figueiredo Santos pelas interessantes e imensas reflexões, da fenomenologia às profundas fundamentações teóricas (orientado para a pergunta fundamental em vez da resposta) ao nível do Turismo e da Cultura e por me ter apresentado à obra de José A. Bragança de Miranda.

Aos meus colegas de mestrado, que partilharam os seus conhecimentos, experiências e perspetivas ao longo desta caminhada. As nossas discussões, sugestões e apoio foram inestimáveis para o meu / nosso crescimento académico e pessoal.

Aos meus amigos, colegas e camaradas de diferentes espaços contextuais, relacionais e plurais, assim como os meus familiares (todos eles demasiados para os citar), o meu profundo agradecimento pela compreensão, encorajamento e apoio incondicional ao longo de todo este processo. Vocês foram a minha base, oferecendo-me suporte emocional e motivação nos momentos mais desafiantes: Aos meus pais, e particularmente, a Rita e ao “Titinho” do Rafael. Mas também ao Snoopy, à Nina, ao Rambo e à Lula.

Por fim, gostaria de expressar a minha profunda gratidão a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Seja através de uma conversa inspiradora, uma referência bibliográfica valiosa ou um incentivo, cada pequeno gesto teve um impacto significativo. Guardo-vos a todos na minha consciência, na minha memória e no meu coração. Obrigado.

Este momento marca o fim de uma etapa importante em termos académicos, mas também é um novo começo. Estou extremamente grato por todas as experiências e aprendizagens adquiridas ao longo desta caminhada, que certamente me moldarão como profissional e indivíduo no futuro.

Mais uma vez, agradeço sinceramente a todos pelo apoio, pela confiança e pelo interesse demonstrados na minha investigação. Sou verdadeiramente grato pela oportunidade de partilhar os meus conhecimentos e contribuições neste campo de estudo.

RESUMO

A dissertação intitulada "As Formas Plurais da Experiência de Confinamento em Tempo de Pandemia" explora a intrincada rede de experiências humanas durante o período de confinamento originado pela pandemia. Por meio de uma análise temática e posterior análise e interpretação sociológica, emergem diversas camadas que revelam a interação entre os indivíduos e a crise global.

A investigação de natureza qualitativa investiga as múltiplas representações sociais da pandemia, revelando como esta é percebida como um acontecimento imprevisível, gerando uma atmosfera de incerteza, desconforto e medo. Além disso, observa-se a diversidade de interpretações da pandemia, desde uma perspectiva única até uma visão contextualizada em comparação com outros eventos pandêmicos históricos. Adicionalmente, explora-se como a crise pandêmica pode ser compreendida como uma oportunidade para repensar a vida, adaptando-se às características individuais dos atores envolvidos.

A análise também revela as amplas consequências sociais da pandemia. Estas abrangem domínios como o trabalho e a economia, onde as repercussões são profundas e amplamente sentidas. As áreas da saúde individual e pública são analisadas tanto numa ótica mais vasta e geral quanto particular, sob a ótica das medidas de proteção, como o uso de máscaras e a adoção de vacinas. A dinâmica das relações familiares e sociais é transformada, assim como a educação das gerações jovens e a adaptação dos espaços domésticos. No plano mais íntimo, a crise impacta a subjetividade individual, que se sente limitada pelas circunstâncias de exceção.

A investigação igualmente buscou examinar a gestão política da pandemia, revelando as respostas das esferas de poder. As medidas políticas são contextualizadas em relação a diretrizes internacionais, muitas vezes resultando em restrições que suscitam questões sobre direitos individuais. A falta de informações e o desconhecimento também são abordados, destacando o papel destes fatores na evolução da crise.

Além disso, a análise procurou perspectivar a experiência plural do confinamento. Ela revela como os diferentes atores sociais encaram o confinamento e como este afetou a relação com o exterior, provocando o temor do outro. A rotina do confinamento emerge como uma estruturação da vida, coexistindo com reflexões interiores e interações peculiares com o isolamento profilático e a doença. A diversidade de interpretações da pandemia surge, variando desde oportunidades pessoais até a visão do confinamento como uma forma de salvação.

Por último, a investigação aborda o fenómeno da pandemia como uma prova para os atores sociais. Esta estende-se para além dos desafios materiais, alcançando aspetos emocionais e de identidade, reconfigurando trajetórias individuais e coletivas. A dissertação procura fornecer uma visão holística das interconexões entre representações sociais, consequências, políticas de gestão, experiências de confinamento e os desafios impostos pela pandemia.

ABSTRACT

The dissertation entitled "The Plural Forms of Confinement Experience in Times of Pandemic" explores the intricate network of human experiences during the period of confinement stemming from the pandemic. Through thematic analysis and subsequent sociological interpretation, multiple layers emerge that unveil the interaction between individuals and the global crisis.

The qualitative research investigates the various social representations of the pandemic, revealing how it is perceived as an unforeseeable event, generating an atmosphere of uncertainty, discomfort, and fear. Furthermore, the diversity of interpretations of the pandemic is observed, ranging from a unique perspective to a contextualized view when compared to other historical pandemic events. Additionally, it explores how the pandemic crisis can be understood as an opportunity to rethink life, adapting to the individual characteristics of the actors involved.

The analysis also reveals the broad social consequences of the pandemic. These encompass domains such as work and the economy, where the repercussions are profound and widely felt. The realms of individual and public health are examined both from a broader and general perspective and from a particular standpoint, considering protective measures such as mask usage and vaccine adoption. The dynamics of family and social relationships are transformed, as is the education of younger generations and the adaptation of domestic spaces. On a more intimate level, the crisis impacts individual subjectivity, which feels constrained by exceptional circumstances.

The research also sought to examine the political management of the pandemic, revealing the responses from spheres of power. Political measures are contextualized in relation to international guidelines, often resulting in restrictions that raise questions about individual rights. The lack of information and unfamiliarity are also addressed, highlighting the role of these factors in the evolution of the crisis.

Furthermore, the analysis aimed to perpetuate the plural experience of confinement. It reveals how different social actors perceive confinement and how it affected their relationship with the outside, inducing a fear of the other. The routine of confinement emerges as a structuring of life, coexisting with inner reflections and unique interactions with prophylactic isolation and illness. The diversity of interpretations of the pandemic arises, varying from personal opportunities to viewing confinement as a form of salvation.

Lastly, the research addresses the pandemic phenomenon as a test for social actors. This extends beyond material challenges, encompassing emotional and identity aspects, reshaping individual and collective trajectories. The dissertation seeks to provide a holistic view of the interconnections between social representations, consequences, management policies, confinement experiences, and the challenges posed by the pandemic.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	vi
RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
ÍNDICE GERAL.....	xi
ÍNDICE DE QUADROS.....	xiii
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
2.1.1. A Pandemia como Fenómeno Social Total.....	5
2.1.2. A Pandemia como Fenómeno Transdisciplinar.....	8
2.1.3. A Pandemia como Fenómeno da Complexidade.....	11
2.1.4. A Pandemia à Luz do Pensamento Sistémico.....	14
2.2. Perspetivas Sociológicas sobre o Fenómeno Pandémico.....	19
2.2.1. A Perspetiva de Boaventura de Sousa Santos.....	19
2.2.2. A Perspetiva de Fritjof Capra.....	24
2.2.3. A Sociedade de Risco e a Sociedade Global de Risco de Ulrich Beck.....	26
2.2.4. As Consequências da Modernidade de Anthony Giddens.....	28
2.2.5. As Configurações da Interdependência de Norbert Elias.....	32
2.2.6. Os Patrimónios Individuais de Disposições e a Sociologia à Escala Individual de Bernard Lahire.....	34
2.2.7. A Sociologia da Individuação de Danilo Martuccelli e a Experiência da Pandemia como Provação.....	36
2.3. As Consequências Societais da Pandemia: Breve Revisitação do Estado da Questão.....	47
2.3.1. A Saliência das Desigualdades.....	48
2.3.2. As Consequências da Pandemia na Escolarização de Crianças e Jovens.....	52
2.3.3. As Consequências e Efeitos nos Modos de Vida e nas Subjetividades.....	54
3. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO E MODELO DE ANÁLISE....	57
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS EMPÍRICOS.....	71
4.1 Representações Sociais da Pandemia.....	71
4.1.1. Um Fenómeno Impensável e Imprevisível.....	72
4.1.2. Uma Pandemia entre Outras.....	74
4.1.3. A Pandemia como Oportunidade de Vida.....	75

4.2	Consequências Sociais da Pandemia.....	75
4.2.1.	No Mundo do Trabalho e Consequências Económicas.....	76
4.2.2.	Na Saúde Individual e Saúde Pública.....	88
4.2.3.	Nos Sistemas Familiares e nas Relações Sociais.....	94
4.2.4.	Nas Crianças e nos Jovens.....	101
4.2.5.	Na Reorganização do Espaço Doméstico.....	106
4.2.6.	Nas Subjetividades Individuais.....	110
4.3	A Gestão Política da Pandemia.....	114
4.3.1.	As Respostas à Pandemia.....	114
4.3.2.	As Medidas no Seguimento das Internacionais.....	121
4.3.3.	As Restrições Decretadas na Pandemia (E os Direitos?)	122
4.3.4.	O Desconhecimento / Ausência de Informação.....	129
4.4	O Confinamento: Uma Experiência Plural.....	130
4.4.1.	Na Perspetiva dos Atores Sociais.....	130
4.4.2.	O Mundo Exterior na Perspetiva do Confinado / O Medo do Outro.....	134
4.4.3.	As Rotinas do Confinamento.....	138
4.4.4.	Virar-se para Dentro / A Noite Escura do Confinamento.....	145
4.4.5.	Do Isolamento (Profilático) e do Adoecer.....	149
4.4.6.	A Pandemia a meu Favor.....	155
4.4.7.	A Salvação do Confinamento.....	157
4.5	A Pandemia como Prova: As Provas da Pandemia.....	160
5.	PRINCIPAIS CONCLUSÕES.....	170
	BIBLIOGRAFIA.....	201
	Anexos.....	
	Anexo 1 – Entrevista exploratória Gio Gilmour.....	209
	Anexo 2 – Entrevista exploratória Joana M.....	220
	Anexo 3 – Entrevista exploratória Frei Loki.....	231
	Anexo 4 – Guião de entrevista.....	245
	Anexo 5 – Declaração de consentimento informado.....	248
	Anexo 6 – Tabela de caracterização sociodemográfica dos entrevistados.....	249
	Anexo 7 – Matrizes: A pandemia como prova.....	251
	Anexo 8 – Matrizes: Representações sociais da pandemia, consequências sociais, gestão política da pandemia, perspetivas acerca do confinamento, cuidados adotados, a perceção da pandemia “no(s) outro(s)”, e perceção acerca das máscaras e das vacinas.....	254

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Interfaces e elementos de modelagem heurística da holopatogénese [retirado de Almeida Filho, N. (2020:104)].....	11
Quadro 2 - Síntese comparativa entre a perspectiva racionalista e sistémica [Elaboração a partir de Le Moigne, J.M. (1997). A teoria do Sistema Geral].....	16
Quadro 3 – Síntese das características da ciência antropocêntrica [Figueiredo, O. (2006:124)].....	21
Quadro 4 – Síntese das características da ciência ecocêntrica [Figueiredo, O. (2006:125)].....	21
Quadro 5 – Do pensamento cartesiano ao pensamento sistémico [F.Capra (1996: 27)].....	26
Quadro 6 – Desigualdades na distribuição da riqueza [WORLD INEQUALITY REPORT 2022. Coordenado por Lucas Chancel, Thomas Piketty, Emmanuel Saez, Gabriel Zucman].....	49
Quadro 7 – Percursos de sucesso no 3º Ciclo do Ensino Básico [Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (2016) Desigualdades Socioeconómicas e Resultados Escolares - 3o Ciclo do Ensino Público Geral].....	53
Quadro 8 – Modelo de Análise.....	66

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os efeitos múltiplos do confinamento em contexto de pandemia da Covid-19, abordando as diversas dimensões sociais e os intrincados desafios que essa situação coloca à sociedade e aos atores sociais. A pandemia transcendeu a sua origem como uma questão de saúde pública e tornou-se um "fato social total" na aceção de Mauss (1925), afetando e influenciando diversos aspetos da vida em sociedade, como a fisiologia, a biologia, a psicologia, a cultura, a política, a economia, os aspetos sociais, os jurídicos e os científicos. As consequências dessas interdependências complexas são de difícil compreensão.

A relevância social e política da pandemia é evidente, pois trata-se de um acontecimento inesperado que transformou completamente a nossa forma de nos relacionarmos com os outros, as nossas interações sociais e até mesmo a nossa maneira de pensar, tanto individual como coletivamente. Diante desse cenário, fomos obrigados a reformular os nossos comportamentos, modos de agir, a forma como trabalhamos e até mesmo a dinâmica das relações familiares.

Nesse contexto, as ciências sociais, em particular a sociologia, desempenham um papel fundamental na produção de conhecimento sobre os efeitos sociais dessa pandemia global na vida dos indivíduos e na organização das sociedades. É defendido que a produção científico-social sobre a crise pandémica pode desempenhar um papel crucial no apoio à formulação de políticas públicas que contribuam para a construção de sociedades mais dignas, justas e resilientes.

As principais questões que orientaram a investigação foram as seguintes: 1º De que forma o enfrentar da pandemia condiciona a vida dos indivíduos em sociedade? 2º Como podemos caracterizar as diversas formas de confinamento em contexto de pandemia? 3º E de que maneira a classe social, o género e a diversidade de estruturas familiares nos permitem compreender as diferentes experiências de confinamento nesse contexto?

Ao nível dos objetivos fundadores da investigação: 1º A busca de uma compreensão acerca da pandemia como uma provação / prova que participa da fabricação societal dos indivíduos; 2º A compreensão da pluralidade das experiências do confinamento em contexto de pandemia a partir da perspectiva dos atores; 3º Entender e conceber de que maneira os marcadores sociais como a classe social o género e a

diversidade de formas familiares nos permitem depreender acerca das formas plurais da experiência de confinamento em contexto de pandemia.

Por um lado, a pandemia da Covid-19 é um fenómeno social total que afetou profundamente a humanidade em diversas dimensões, ou seja, a pandemia não se limitou apenas aos aspetos médicos e de saúde pública, mas permeia e influencia todos os domínios da vida humana, desde o comportamento individual até às estruturas políticas e económicas. Marcel Mauss cunhou o conceito de "fenómeno social total" para descrever eventos que envolvem a totalidade da sociedade e estão interconectados de maneira complexa. Neste contexto, a pandemia de Covid-19 pode ser entendida como um fenómeno social total porque afeta todas as esferas da existência humana, moldando a vida familiar, o trabalho, a economia, a política, a cultura, as relações interpessoais, entre outras dimensões da vida em sociedade. Além disso, a pandemia apresenta características transdisciplinares, o que significa que ultrapassa as fronteiras disciplinares e requer uma abordagem integrada de várias áreas do conhecimento para a sua compreensão. A investigação sobre a Covid-19 envolve não apenas a epidemiologia e a medicina, mas também a sociologia, a economia, a psicologia, a antropologia, a comunicação e muitas outras disciplinas que contribuem para a análise desse fenómeno complexo. O conceito de "fenómeno complexo" e da "complexidade", à luz do pensamento sistémico, também se aplica ao estudo da pandemia. A Covid-19 é um exemplo clássico de um sistema complexo, onde inúmeras variáveis interagem entre si, e pequenas mudanças podem ter efeitos imprevisíveis e não-lineares no sistema como um todo. A compreensão da propagação do vírus, a dinâmica das infeções, a resposta das comunidades e governos, a evolução das medidas de contenção, tudo isso requer uma abordagem sistémica e a consideração de múltiplos fatores interconectados. Assim, a pandemia de Covid-19 revela-se como um fenómeno social total, com características transdisciplinares e uma complexidade intrínseca que exige uma análise abrangente e integrada. O seu impacto sobre a sociedade será estudado e discutido durante anos, oferecendo insights valiosos para abordar futuros desafios de forma mais informada e colaborativa.

Por outro lado, apesar de haver contribuições relevantes da sociologia contemporânea para a compreensão desse fenómeno, como os trabalhos de Beck (1992, 1999) sobre a "*Sociedade do Risco*" e a "*Sociedade Global do Risco*", Giddens (1990) e suas reflexões sobre as "*Consequências da Modernidade*", Elias (1970, 1987) e a sua análise das "*Configurações da Interdependência*", Sousa Santos (2020a, 2020b) com suas

obras "*A Cruel Pedagogia do Vírus*" e "*O Futuro Começa Agora*", Bernard Lahire (2001) "*O Homem Plural*" e sua abordagem do ator plural que transporta no seu corpo o social individualizado. A perspectiva de Danilo Martuccelli (2006, 2012) com as obras "*Forgé par l'Épreuve*" e a "*Sociologia da Individuação*" que explora o tema da individuação e de como os indivíduos são moldados e forjados por experiências de provação (provas) representa um constructo fundamental ao nível de uma perspectiva sociológica de análise. A provação / prova é um processo pelo qual os indivíduos passam para se tornarem sujeitos autónomos e únicos. É uma jornada pessoal que envolve enfrentar desafios e superar obstáculos, permitindo que os indivíduos se tornem mais conscientes de si mesmos e das suas capacidades. A provação / prova é um elemento central na construção da identidade individual e na formação de valores e crenças.

Analisando sobre essa "lente sociológica" vivemos um momento interessante em termos de relevância científica, o qual nos possibilita novas leituras da realidade coletiva, da vida comunitária e do universo social. Portanto, este estudo académico busca contribuir para um melhor entendimento dos impactos do confinamento em contexto de pandemia, podendo fornecer substância para a formulação de políticas públicas que promovam sociedades mais justas e resilientes, além de dialogar com os avanços teóricos da sociologia contemporânea.

A sociologia, como "desporto de combate" conforme elucidado por Pierre Bourdieu, é uma ciência social complexa que se dedica ao estudo das relações humanas e busca compreender os mecanismos de funcionamento da sociedade. Além disso, procura desvelar processos sociais para uma compreensão mais aprofundada, evidenciando o seu verdadeiro compromisso com a sociedade e seus problemas. Bourdieu acreditava que a Sociologia deveria ser uma ferramenta de resistência contra as injustiças e desigualdades presentes na sociedade. Para ele, o papel do sociólogo é semelhante ao de um lutador, que usa o seu conhecimento e habilidades para denunciar as estruturas de poder e lutar por mudanças sociais. Bourdieu problematizou sobre a permanência do status quo e buscou compreender por que as coisas não mudam e a quem interessa a inércia e a reprodução das desigualdades.

Ele comparava a Sociologia a um desporto de combate para refletir sobre as relações de poder no mundo social e académico e como elas influenciam a produção do conhecimento. Seus estudos sobre o campo académico procuravam mostrar a lógica de manutenção dos espaços sociais ocupados, mesmo diante de uma dinâmica de competição

constante. Bourdieu acreditava que o papel do sociólogo é mobilizar seus conhecimentos específicos para explicar os problemas sociais e políticos de seu tempo, o que muitas vezes o coloca em confronto com seus oponentes. A Sociologia expõe as estruturas de dominação e reprodução das desigualdades sociais, o que gera oposição e inimizades. Os grupos dominantes não têm interesse em formar cidadãos críticos que questionem suas próprias dominações, explorações e a estrutura social que permite a existência e manutenção dessas desigualdades.

Desde o momento em que escolhi o tema até o presente momento, tive a oportunidade e o privilégio de testemunhar a sociologia, tanto em âmbito nacional quanto internacional, assumir uma posição de destaque no campo das ciências sociais, ao buscar compreender a fenomenologia da pandemia em toda sua particularidade e generalidade, tanto no funcionamento da sociedade como no impacto dos indivíduos que a compõem, revelando aspectos latentes e subterrâneos que antes passavam despercebidos. A produção científica com enfoque sociológico aumentou de forma exponencial, mesmo que inexistente quando decidi abordar o tema. Esse aspecto da sociologia de abordar problemas emergentes e atuais, transformando-os em esferas compreensíveis que estavam ocultas, com o objetivo de aprimorar a sociedade humana e buscar a justiça social, de fato se alinha à noção de uma sociologia como um "desporto de combate".

A pandemia da Covid-19 representa uma das maiores crises dos tempos atuais, equiparável apenas ao período pós-guerra, com consequências multifacetadas e complexas, algumas mais evidentes e outras mais sutis. O impacto dessa crise profunda e singular ultrapassa a dimensão puramente sanitária, gerando profundas repercussões no tecido social e económico, devido aos períodos de confinamentos obrigatórios e impostos.

O ser humano, em sua essência, é um ser relacional. A relação com o outro, tanto de forma geral quanto íntima, no âmbito pessoal e profissional, é um elemento fundamental da natureza humana. Essas diversas experiências de relacionamento e socialização possibilitam o crescimento individual, bem como o desenvolvimento das personalidades dos agentes sociais, impulsionando seu crescimento pessoal e social. A interrupção da regularidade dos laços e das conexões sociais devido ao isolamento físico, mesmo que tenha sido uma medida necessária para o bem coletivo, gerou uma série de fenômenos disruptivos que é essencial compreender sob uma perspectiva sociológica. É importante explorar a possibilidade de tornar compreensível as diferentes formas que a

experiência plural do confinamento em contexto de pandemia pode assumir para os indivíduos.

Desta forma, este trabalho académico parte do pressuposto de compreender e aprofundar as implicações das experiências do confinamento durante a pandemia, levando em consideração as diversas dimensões sociais, económicas e relacionais envolvidas. Busca-se, assim, uma análise sociológica minuciosa e reflexiva acerca dos efeitos dessa experiência única, destacando sua relevância na compreensão da sociedade contemporânea e das dinâmicas de interação entre os indivíduos. Ao explorar esses aspetos, espera-se contribuir para um maior entendimento dos desafios enfrentados durante o período de confinamento e das implicações mais amplas dessa situação sem precedentes.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1.1. A PANDEMIA COMO FENÓMENO SOCIAL TOTAL

O termo “pandemia” refere-se a uma situação em que determinada doença tem uma distribuição em larga escala geográfica (em termos de espaço num tempo relativamente curto), com a sua disseminação por diversos países, e em mais do que um continente. A pandemia Covid-19 representa, pois, um fato social total na perspectiva de Marcel Mauss¹. Diz ele “*é uma atividade que tem implicações em toda a sociedade, nas esferas económicas, jurídicas, políticas e religiosas*” (Mauss, 2003:187). Uma facticidade com profunda e interdependente influência nas demais dimensões da vida, tanto individual como social, colocando conseqüentemente em ação a totalidade da sociedade e das suas instituições. Este “fato social total” é, então, *um conceito totalizante, entendido como realidade complexa, onde cada componente integrante só é significativa face a todas as outras e à realidade que integram, realidade essa unicamente separável por convenção* (Zilhão, 2013:3).

De acordo com a conceção de Marcel Mauss sobre factos sociais totais, a pandemia pode ser considerada um exemplo de facto social total. Marcel Mauss era um sociólogo francês que argumentava que certos fenómenos sociais eram caracterizados

¹ Este conceito foi teorizado por Marcel Mauss em análise do *potlatch*, que é uma prática observada em diversas regiões do mundo, que consiste numa cerimónia na qual dois clãs se desafiam, distribuindo ou destruindo bens materiais e obrigando o adversário a fazer o mesmo em igual quantidade, sob pena de ficar penalizado na hierarquia de poder ou de prestígio social.

pela sua abrangência, envolvendo todos os aspetos da vida social, e que não podiam ser compreendidos isoladamente. Uma pandemia, como a Covid-19, teve um impacto profundo em várias esferas da sociedade. Ela afeta não apenas a saúde e o bem-estar físico das pessoas, mas também tem consequências sociais, económicas e políticas significativas. Algumas características da pandemia que a tornam um facto social total incluem:

1. Abrangência: A pandemia afetou indivíduos e comunidades em todo o mundo, independentemente da sua localização geográfica, cultura ou posição social. Ela transcende fronteiras nacionais e afeta pessoas de diferentes origens.
2. Interconectividade: A pandemia revela a interconexão entre os seres humanos e as sociedades num mundo globalizado. O vírus pode espalhar-se rapidamente através de viagens e interações entre as pessoas, destacando como as ações individuais podem ter efeitos coletivos.
3. Transformação social: A pandemia tem causado mudanças significativas na vida quotidiana das pessoas, desde o distanciamento social até à adoção generalizada de medidas de saúde pública. Ela também expõe desigualdades sociais existentes e afeta diferentes grupos de formas distintas.
4. Respostas coletivas: A pandemia tem exigido uma resposta coletiva para mitigar a sua propagação e reduzir os seus impactos. Governos, organizações internacionais, profissionais de saúde e comunidades têm trabalhado em conjunto para desenvolver estratégias de contenção, fornecer assistência médica e promover medidas de prevenção.

Estes aspetos da pandemia demonstram como ela engloba múltiplos domínios da vida social e como as respostas individuais e coletivas são necessárias para enfrentá-la. Assim, a pandemia pode ser considerada um facto social total na aceção de Marcel Mauss.

Este trabalho visa tornar compreensível tanto quanto possível, a diversidade como a especificidade que a experiência do confinamento em contexto de pandemia (como facto social total) pode tomar para os atores, tanto numa perspetiva intra-subjetiva como inter-subjetiva. Em suma, quando José Ortega y Gasset (1914:43) refere que “*o homem é ele próprio e a sua circunstância*”², esse “eu circunstância” que é influenciado pelo meio

² “*Eu sou eu e a minha circunstância, e se não a salvo a ela, não me salvo a mim.*” A famosa frase foi proferida pelo filósofo espanhol José Ortega y Gasset em “*Meditações do Quixote*”, José Ortega y Gasset

ambiente assim como pelo contexto histórico poderá oferecer-nos uma metáfora interessante na busca de uma compreensão sobre a diversidade da experiência que o confinamento pode assumir para o sujeito. De que forma a nossa situação profissional poderá influenciar a experiência desse mesmo confinamento, assim como o nosso género, a estrutura e dimensão do agregado familiar, as condições de habitabilidade, a classe social, entre outros.

A pandemia Covid-19 apresenta-nos como um fenómeno complexo³, interdependente e multifatorial, e igualmente gerador de multifacetados problemas no mundo social e atores sociais.

Importa salientar que, apesar do fenómeno pandémico deter uma dimensão transdisciplinar, mas também da perspectiva da complexidade, e do paradigma ou olhar sistémico, o que significou em diversos momentos o resgate ou a mobilização de outros conhecimentos de diferentes disciplinas científicas, esta é uma investigação (dissertação) de natureza sociológica porque visa um melhor entendimento / aprofundamento de aspetos da sociedade humana, a sua estrutura, organização e dinâmica, tal como o seu intrínseco funcionamento, como por exemplo, as instituições sociais influenciam o comportamento humano.

desenvolve o conceito do "eu e da minha circunstância" ao longo de várias passagens e reflexões. Ela encapsula uma das ideias centrais do pensamento do filósofo.

Ortega y Gasset argumentava que a existência humana não pode ser compreendida isoladamente, mas sim em relação ao contexto em que se encontra. Ele acreditava que somos seres moldados e influenciados pela nossa circunstância, que inclui o ambiente social, cultural, histórico e político em que vivemos.

Segundo Ortega y Gasset, a circunstância não é algo externo a nós, mas algo intrínseco à nossa própria identidade. A nossa relação com a circunstância é fundamental para a nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Ele afirmava que não nos podemos separar da nossa circunstância, pois ela define-nos e nos molda.

Esta perspetiva enfatiza a importância de reconhecermos a influência do ambiente nas nossas vidas e conduz-nos a uma responsabilidade ativa em relação a ele. Ortega y Gasset defendia a necessidade de um envolvimento consciente e crítico com a nossa circunstância, a fim de nos compreendermos melhor e buscarmos uma vida autêntica e significativa.

Assim, a frase "Eu sou eu e a minha circunstância" lembra-nos que somos seres situados num contexto específico e que a nossa identidade e existência estão intimamente ligadas a essa circunstância. Ela convida-nos a refletir sobre como nossa relação com o mundo ao nosso redor influencia quem somos e como vivemos, incentivando-nos a assumir a responsabilidade pela nossa própria existência.

³ Para Morin (2000: 34) a noção de *complexus* – “aquilo que é tecido em conjunto: de fato, há complexidade quando os elementos diferentes são inseparáveis dos constitutivos do todo (como o económico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios da nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade.”

2.1.2. A PANDEMIA COMO FENÓMENO TRANSDISCIPLINAR

A pandemia Covid-19 pode e deve ser pensada como um fenômeno social com características que potenciam um olhar transdisciplinar, pois qualquer abordagem ou foco de análise isolada reflete uma parcela, ou um eixo de campo disciplinar inerente ao correspondente eixo teórico em causa.

A Transdisciplinaridade é tida como um grande desafio e oportunidade de aprendizagem através do diálogo, e na junção de várias disciplinas entre si. Mas torna-se importante, primeiramente, distinguir entre disciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Segundo Nicolescu (1996:10), *a pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo*". O autor refere que um quadro pode ser estudado pela ótica da história de arte, em conjunto com a física, a química, a história das religiões, a história de um determinado país assim como da geometria – sendo que esse mesmo objeto de estudo sairá enriquecido pelo cruzamento dos vários campos disciplinares – a abordagem pluridisciplinar ultrapassa as disciplinas, mas sua *finalidade continua inscrita na estrutura da pesquisa disciplinar*.

A interdisciplinaridade por seu turno diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra no qual se podem distinguir três graus: a) de aplicação (exemplo: métodos de física nuclear transferidos para a medicina levam a novas abordagens no tratamento para o cancro), b) de grau epistemológico (exemplo: a transferência de métodos da lógica formal para o campo do direito produz análises interessantes na epistemologia do direito) e, c) como gerador de novas disciplinas (exemplo, a transferência de métodos da matemática para a física gerou a física matemática, da física de partículas para a astrofísica a cosmologia quântica).

Tal como a pluri, a interdisciplinaridade busca ultrapassar as disciplinas, mas a *sua finalidade também permanece inscrita na pesquisa disciplinar*. (o aspeto c. da interdisciplinaridade contribui para o big-bang exponencial disciplinar).

A transdisciplinaridade, como evidência o prefixo “trans” denota, diz respeito a uma outra ordem sendo que, é aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas (através das diferentes disciplinas), mas igualmente além de qualquer disciplina. O seu

grande objetivo é a compreensão do mundo presente, dos fenómenos buscando imperativamente a unidade do conhecimento⁴.

Nicolescu (1996) pergunta se existe alguma coisa entre e através das disciplinas, e além delas? Na perspectiva clássica, não existe nada de forma absoluta. O referido autor reflete em tom de brincadeira que existe um vazio completo, tão vazio como o vazio da física clássica. O pensamento clássico recorre à ideia de cada disciplina como uma pirâmide distinta de conhecimento. Uma torre de babel, onde cada campo possui uma linguagem distinta, daí o carácter absurdo da transdisciplinaridade para o pensamento clássico. Por seu turno, para a perspectiva transdisciplinar o pensamento clássico não é absurdo, mas a sua aplicabilidade é considerada como restrita. A perspectiva transdisciplinar requer uma metodologia própria: a diversidade de níveis de realidade, a complexidade e a lógica do terceiro incluído⁵.

A carta da transdisciplinaridade foi criada como consequência do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade que se realizou em Portugal – Convento da Arrábida (2 a 7 de novembro de 1994), compreende 14 princípios e cuja redação constam os seguintes autores: Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu.

O epidemiologista Naomar Monteiro de Almeida Filho (2020) através da sua teoria geral da saúde que chamou “holopatogênese⁶” abriu o eixo de análise na

⁴ *Se as nossas pequenas mentes, por qualquer conveniência, dividirem este (...) Universo em partes – física, biologia, geologia, astronomia, psicologia e assim por adiantes – lembremo-nos que a Natureza o ignora! Por isso, tornemos a pôr tudo no lugar, sem nos esquecermos, em última instância, para que serve. Deixemo-lo dar-nos mais um derradeiro prazer: bebemo-lo todo e esqueçamo-nos de tudo!* (Richard P. Feynman, 1966, cit. por MacFarle (2002:142).

⁵ Acerca lógica do terceiro incluído, Nicolescu (2009) refere que, é um princípio lógico que afirma que uma proposição pode ser verdadeira, falsa ou pode estar em um estado indefinido ou desconhecido. É uma extensão do princípio clássico da lógica do terceiro excluído, que afirma que uma proposição só pode ser verdadeira ou falsa, sem possibilidade de um terceiro estado.

Na lógica clássica, toda proposição deve ser verdadeira ou falsa, e não há espaço para estados intermediários. No entanto, em algumas situações, pode ser difícil ou impossível determinar se uma proposição é verdadeira ou falsa de forma definitiva. A lógica do terceiro incluído permite que haja um terceiro estado, muitas vezes chamado de estado de indefinição, no qual a verdade ou falsidade da proposição não pode ser estabelecida com certeza.

Esse princípio é frequentemente aplicado em lógica difusa (fuzzy), que é uma abordagem que permite graus de verdade ou falsidade, em vez de uma simples dicotomia entre as duas opções. A lógica difusa (fuzzy) é utilizada em áreas como inteligência artificial, sistemas de controle, teoria de conjuntos e tomada de decisões, onde a incerteza e a imprecisão são comuns.

Em resumo, a lógica do terceiro incluído amplia a lógica clássica ao permitir um terceiro estado além de verdadeiro e falso, geralmente associado a situações em que a determinação definitiva da verdade ou falsidade não é possível.

⁶ A teoria da holopatogênese é uma abordagem desenvolvida por Naomar Monteiro de Almeida Filho (2020), médico e investigador brasileiro, que propõe uma compreensão mais abrangente dos processos de

compreensão da origem das doenças no conjunto das suas relações e efeitos, e não só por meio das suas causas mais evidentes. A sua proposta teórica tem origem na concepção de multiplanos e interfaces hierárquicas, bebendo uma maior influência do filósofo argentino Juan Samaja, mas igualmente com o contributo de pensadores de origem latino-americanos, Milton Santos (geógrafo baiano), Néstor García Canclini (antropólogo argentino), e Gilles Bibeau (antropólogo canadense).

Esta teoria diz que, qualquer doença expressa interações biológicas, ambientais, sociais e culturais, resultando assim ocorrências simultâneas em diversos planos: microestrutural, que diz respeito às reações moleculares e celulares; microssistémico, aliando metabolismo e tecido; subindividual, processos que ocorrem nos órgãos ou sistemas do corpo; individual, representando pela expressão médica casos clínicos, para designar pessoas atingidas por uma doença; epidemiológico, que inclui populações com maior propensão de alguma doença; ecossocial, que diz respeito a eventuais ou potenciais alterações ambientais ligadas à emergência de novas ou velhas doenças, e simbólico ou cultural. O mesmo autor refere que o grande desafio epistemológico desta abordagem é articular planos, níveis, dimensões e interfaces. O mesmo autor refere que a sua proposta é um esforço de compreensão teórica e que pode representar um esquema organizador do conhecimento transdisciplinar sobre a pandemia Covid-19.

saúde e doença. A palavra "holopatogénese" é derivada de "holos", que significa "todo" ou "inteiro", e "patogénese", que se refere ao desenvolvimento e progressão de doenças.

De acordo com a teoria da holopatogénese, a saúde e a doença são o resultado de um conjunto complexo de fatores biológicos, sociais, económicos, ambientais e culturais, que interagem dinamicamente ao longo da vida de um indivíduo. A abordagem holopatogénica considera que a saúde e a doença não são estados binários opostos, mas sim um contínuo que varia de acordo com a interação desses fatores.

Na teoria da holopatogénese, o foco está em compreender os determinantes sociais e ambientais da saúde, reconhecendo que fatores como rendimento, educação, acesso a serviços de saúde, ambiente físico e social, entre outros, desempenham um papel fundamental na saúde e na doença. Além disso, a teoria também enfatiza a importância da perspetiva individual e subjetiva na experiência da saúde e da doença.

Essa abordagem busca superar uma visão reducionista da saúde e da doença, que muitas vezes se baseia exclusivamente em fatores biológicos ou genéticos. A teoria da holopatogénese propõe uma compreensão mais ampla e integrada da saúde e da doença, que leve em consideração a complexidade e a multidimensionalidade desses fenómenos.

INTERFACES HIERÁRQUICAS	Objetos	Determinação	Modos de intervenção
Biomolecular // Clínica	SARS-CoV-2	Infecção	Imunização
Clínica // Epidemiológica	CoViD-19	Causa	Tratamentos
Epidemiológica // Eossocial	Pandemia	Risco	Vigilância
Eossocial // Tecnológica	Epidemias	Dano	Controle
Tecnológica // Econômica	Economia	Recessão	Proteção social
Econômica // Política	Estado	Crise	Legislação
Política // Simbólica	Infodemia	Disseminação	Mobilização

Quadro 1 – Interfaces e elementos de modelagem heurística da holopatogênese

Retirado de Almeida Filho, N. (2020:104)

2.1.3. – A PANDEMIA COMO FENÓMENO DA COMPLEXIDADE

Para pensar o fenômeno da pandemia Covid-19 sobre este paradigma necessitamos de forma irrefutável de quebrar a lógica cartesiana do racionalismo da fragmentação do conhecimento (separar para entender) e da dicotomia das dualidades.

Edgar Morin (1990) na sua obra *introdução ao pensamento complexo* inicia o seu argumento referindo como que uma “*inteligência cega*” que nos impossibilita uma tomada de consciência radical⁷. Todos esses erros são resultantes, na sua perspectiva, da forma mutiladora no qual o conhecimento está organizado como sistema lógico e operacional. Essa tipologia de organização de conhecimento que teve origem em Descartes (1637) na sua obra fundamental “*Discurso do Método*”⁸, que inaugurou e fez emergir o racionalismo designado por cartesiano (que bebe influência da lógica aristotélica) e que segundo Morin levou à noção de “patologia do saber” – que também

⁷Diz Morin (1990:9) “1. A causa profunda do erro não está no erro de facto (falsa percepção) ou no erro lógico (incoerência), mas no modo de organização do nosso saber em sistemas de ideias (teorias, ideologias); 2. Existe uma nova ignorância ligada ao desenvolvimento da própria ciência; 3. Existe uma nova cegueira ligada ao uso degradado da razão; 4. As ameaças mais graves em que a humanidade incorre estão ligadas ao progresso cego e descontrolado do conhecimento (armas termonucleares, manipulações de todas as espécies, desequilíbrio ecológico, etc.)”

⁸Refere Descartes (1979:30): “O primeiro princípio é nunca aceitar alguma coisa como verdadeira, sem a conhecer a forma evidente como tal, isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e o preconceito... O segundo, dividir no maior número possível de parcelas cada uma das dificuldades a examinar, tanto quanto for necessário para melhor as resolver. O terceiro, orientar ordenadamente os pensamentos, começando pelos objetivos mais simples e mais fáceis de compreender, para mostrar pouco a pouco, por graus sucessivos, como se chega ao conhecimento dos mais complexos... O quarto, fazer sempre levantamentos tão completos e apreciações tais gerais quanto possível de forma a assegurar que nada omito.”

designa por “*a inteligência cega*”⁹. Descartes ao separar o sujeito pensante (*ego cogitans*¹⁰) – da coisa extensa – ou seja, do objeto a estudar em termos científicos ou filosóficos (*res extensa*¹¹), criou como que um princípio de disjunção, de separabilidade, isolando os campos de conhecimento como unidades fechadas. Uma *hiperespecialização* que levou de facto a grandes avanços e progressos do conhecimento científico e a sua reflexão filosófica, mas cujas consequências nocivas (e com forte impacto na sociedade) apenas se começaram a revelar no século XX.

A noção de separabilidade sem qualquer diálogo entre campos do conhecimento científico e filosófico, negando à ciência a possibilidade de se conhecer melhor e a refletir sobre a sua natureza. O processo de simplificação de redução do complexo ao simples na forma da ciência operar, isolando os elementos em possível diálogo com outros sistemas da qual fazem parte e constituem. Por exemplo, a redução do biológico ao físico, do humano ao biológico. A *hiperespecialização* estatela, rompe e fragmenta o tecido complexo das realidades, fazendo crer que esse corte arbitrário que opera sobre o real é, portanto, essa mesma realidade, e que consiste na emergência, para além da complexidade dos fenómenos, de uma “*Ordem perfeita legislando uma máquina perpétua (o cosmos), ela própria feita dos microelementos (os átomos) reunidos diferentemente em objetos e sistemas*”.

Edgar Morin coloca o seu foco de análise sobre a questão no que respeita a uma mudança paradigmática. Ele refere:

“*O que afeta um paradigma, quer dizer, a pedra angular de qualquer sistema do pensamento, afeta simultaneamente a ontologia, a metodologia, a*

⁹De acordo com Edgar Morin (1990), o modelo atual de ensino leva a escola a negligenciar a formação integral e não prepara os alunos para mais tarde enfrentarem o imprevisto e a mudança, fatores importantes para o sucesso pessoal e profissional. Por sua vez o autor acredita que a excessiva especialização que se verifica em algumas profissões com áreas restritas de competência induz ao desinteresse cívico por parte do indivíduo.

Tudo isto produz aquilo a que Morin chama de “*inteligência cega*”, isto é, um conhecimento incapaz de gerar uma visão global da realidade. Essa “*cegueira*” constitui-se numa ameaça para a sobrevivência da humanidade e para a preservação dos equilíbrios naturais. A ciência e a tecnologia, com os seus benefícios, tornaram-se também em agentes de perigo da eliminação global da humanidade, seja através das armas de destruição maciça, seja através da possível rutura do ecossistema planetário.

Para este pensador, o paradigma tradicional da simplificação terá de dar lugar a um paradigma de complexidade. Dito de outra forma, temos de passar de um modelo de “*hiperespecialização*” científica (com custos “*dramáticos*” para a sociedade) para um outro que integre as várias áreas do conhecimento e permita o diálogo entre elas.

¹⁰ Morin (1990:11) *Res cogitans: espírito, psique, alma, eu, pessoa, sujeito, pensamento interior.*

¹¹ Morin (1990:11) *Res Extensa: matéria, físico, corpo, mundo, organismo, objeto, realidade, exterior.*

epistemologia, a lógica e conseqüentemente a prática, a sociedade, a política. A ontologia do Ocidente era baseada em entidades fechadas, como substância, identidade, causalidade (linear), sujeito, objeto. Estas entidades não comunicavam entre elas, as oposições provocavam a repulsa ou a anulação de um conceito pelo outro (como sujeito e objeto); a “realidade” podia, portanto, ser cercada por ideias claras e distintas” (Morin, 1990: 80).

“Acréscce que a concepção tecnoeconómica predominante privilegia o cálculo como modo de conhecimento das realidades humanas (taxa de crescimento, PIB, pesquisas de opinião etc.), ao passo que o sofrimento e a alegria, a infelicidade e a felicidade, o amor e o ódio são incalculáveis. Assim, o que nos cega não é apenas a ignorância, mas também o conhecimento”. (Morin, 2020: 35)

“As insuficiências e carências de conhecimento e pensamento durante a crise confirmam que precisamos de um modo de conhecimento e pensamento capaz de responder aos desafios das complexidades e aos desafios das incertezas. Não podemos conhecer o imprevisível, mas podemos prever sua eventualidade. Não devemos nos fiar nas probabilidades nem esquecer que todo acontecimento histórico transformador é imprevisto.” (Morin, 2020: 71)

Esse pensamento simples contrapõe-se ao pensamento complexo, pois é uma lógica que torna impossível de conceber a conjunção do uno e do múltiplo (*unitas multiplex*). A importância do rigor, do cálculo, da matematização e da formalização dotou a ciência e a sua forma de operar no sentido da destruição dos conjuntos e das totalidades. É, pois, uma ciência que tomou a forma pelo conteúdo e pelas suas demais relações entre si de sentido interconetivo, sendo que as realidades chave se desintegraram, nas palavras de Morin, essas mesmas realidades chave *“passam entre as fendas das disciplinas”*.

A propósito da pandemia Covid-19, Edgar Morin (2020) na obra *“É Hora de Mudarmos de Via: As Lições do Coronavírus”* apresenta uma reflexão sobre a história da humanidade e as lições que podemos aprender com a pandemia. Ele propõe uma reflexão de diversos temas tal como como a história da humanidade, a crise mundial de 1929, a Segunda Guerra Mundial, a crise ecológica, entre outros. Além disso, o livro apresenta

15¹² lições que podemos aprender com a pandemia, como a importância da solidariedade, da ciência e da tecnologia, da empatia e da humildade.

2.1.4. – A PANDEMIA À LUZ DO PENSAMENTO SISTÊMICO

Pensar a pandemia à luz do pensamento sistêmico implica, antes de formularmos as bases inerentes a esse corpo teórico, fazer um exercício sobre as suas consequências futuras. Segundo um estudo do *World Business Council for Sustainable Development* (2020) chega-se facilmente à conclusão de que a Covid-19 é a pior crise sistêmica já enfrentada. A pandemia claramente expôs: 1º a nossa dependência do crescimento econômico (achatar a curva de infecção inevitavelmente aumenta a curva de recessão econômica como expôs o economista da UC Berkeley, Pierre-Olivier Gourinchas); 2º altos níveis de desigualdade dentro dos países e entre eles; 3º a fragilidade das normas e instituições que promovem a coordenação e a colaboração; 4º a falta de investimento em sistemas de saúde, pesquisa científica e preparação; 5º foco excessivo das empresas na eficiência e no valor de curto prazo. Refere o estudo: *“Fica claro que a Covid-19 representa um perigo real e atual para populações do mundo inteiro. Mas isso também é verdade para outras emergências planetárias de lenta evolução – das mudanças climáticas à pobreza e às doenças não transmissíveis. A velocidade e a amplitude da resposta global à Covid-19 fazem-nos indagar o que seríamos capazes de fazer quando confrontados com essas outras emergências”* (p.10).

Na busca de entendimento sobre o paradigma de índole sistêmica deveremos ter em conta os históricos desse corpo teórico, tais como, Ludwig von Bertalanffy (Teoria Geral dos Sistemas ou Teoria do Sistema Geral), Norbert Wiener (Cibernética), McCulloch (Biónica/Inteligência Artificial) e J.W. Forrester (com a passagem da Sistêmica à Dinâmica Industrial). A Sistêmica é um utensílio conceptual relativamente novo, capaz de ajudar à resolução dos problemas complexos nos domínios mais diversos, desde os instrumentos da computação, à psicologia, à sociologia, à antropologia, entre outros.

¹² Morin (2020) enumera várias lições da pandemia: 1. Lição sobre nossa existência 2. Lição sobre a condição humana 3. Lição sobre a incerteza de nossa vida 4. Lição sobre nossa relação com a morte 5. Lição sobre nossa civilização 6. Lição sobre o despertar da solidariedade 7. Lição sobre a desigualdade social no isolamento 8. Lição sobre a diversidade das situações e da gestão da epidemia no mundo 9. Lição sobre a natureza de uma crise 10. Lição sobre a ciência e a medicina 11. Lição sobre a importância da tecnologia 12. Lição sobre as insuficiências de reflexão e ação política 13. Lição sobre deslocalizações e dependência nacional 14. Lição sobre a crise da Europa 15. Lição sobre o planeta em crise

O fenómeno pandémico trouxe profundas consequências sobre os sistemas sociais, e importa compreender tanto o comportamento destes, como dos seus subsistemas, e de como estes afetam os indivíduos profundamente, e de como estes últimos influenciam os sistemas que a eles pertencem. Poderíamos ir mais longe como fez Luhmann ao referir que não existem indivíduos, mas somente formas de comunicação, e fora disso tudo é ambiente. Não iremos por esse caminho. Mas importa destacar para a presente análise os fundamentos básicos daquilo que foi o seu ponto de partida, a teoria autopoietica de Humberto Maturana e Francisco Varela¹³.

Por sistemas^{14 15} (Durand, 1992: 13) podemos entender uma totalidade de

¹³ *Teoria Autopoietica - Teoria biológica dos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, enunciada em De máquinas y seres vivos (1972), e divulgada a partir de Autopoiesis and Cognition (1980). Teoria com bastante repercussão na epistemologia e nas áreas do saber humano, nomeadamente na literatura, como veremos. Principais influências: Ludwig Wittgenstein, a Cibernetica do Biological Computer Laboratory, o construtivismo biológico de Piaget e as concepções biológicas, antropológicas e ecológicas de Gregory Bateson. Pressupostos teóricos explicitados: "aprender é viver"; "tudo que é dito, é dito por um observador". Oposição total a concepções vitalistas e às informacionais. F. Varela tem trabalhado nos últimos anos na área do neo-coneoxionismo, no âmbito das redes neuronais artificiais construídas pela engenharia da computação. Tenta conciliar a investigação nesta área com a sabedoria ética de alguns pensadores orientais. H. Maturana tem vindo a ser solicitado em especial pela literatura e pela psicologia cognitivo-construtivista.*

Teoria formulada para responder à pergunta: qual a invariante que se mantém nos processos de adaptação ontogenéticos, e que nos permite identificar um organismo como uma unidade? A resposta: essa invariante é a autopoiesis desse ser vivo. Auto enquanto referenciado a si próprio; poiesis, de produção (poiein). Defende-se a clausura informacional dos sistemas vivos quanto à sua organização. São, pois, sistemas que se fazem sistemas e que não possuem nenhum elemento exterior como causa suficiente de modificações desses sistemas. A organização refere-se a uma espécie de padrão processual que cada organismo criou a partir de algumas influências genéticas e sobretudo a partir da sua ontogenia que é única e insubstituível em cada ser vivo. A estrutura de um sistema vivo refere-se à capacidade em transformar e integrar componentes e processos desencadeados por perturbações internas ou externas. Encontra-se subordinada à organização, mas esta, por seu lado, só pode auto manter-se devido aos elementos complexificadores aportados pela estrutura. Os seres vivos podem acopular-se (ou acoplar-se) estruturalmente entre si: a reprodução deve ser perspectivada dentro desta lógica; a espécie é um conceito observacional. Existem três tipos de seres vivos, sendo os de terceira ordem os que possuem uma organização social baseada em linguagens articuladas. Para que a autonomia de cada ser vivo não seja posta em causa nos processos de acoplamento (o que leva à doença ou à morte), a organização autopoética dos sistemas acoplados não pode opor-se à organização de cada um dos seres vivos que constituem a organização maior. Maturana dedicou-se especialmente às questões observacionais, e à explicação neurofisiológica destas questões" ("Biology of cognition", in Autopoiesis and Cognition) (Oliveira, s.d.: 1-2)

¹⁴ *Sistema é uma forma de apreensão da realidade. Ao se formular sistemas, não se busca um "reflexo profundo" do mundo real, mas sim a descrição ou destaque daqueles "traços" da realidade, cujo conjunto permite a percepção de uma condição de ordem e a proposição de uma forma operativa voltada para um dado objetivo. Nestes termos, pode-se definir sistema como uma "coleção de entidades" ou coisas, relacionadas ou conectadas de tal modo que "formam uma unidade ou um todo", ou que "propiciem a consecução de algum fim lógico a partir dessas interações conjuntas". Cada componente se relaciona pelo menos com alguns outros, direta ou indiretamente, de modo mais ou menos estável, dentro de um determinado período de tempo, formando uma rede causal. As entidades podem ser tanto pessoas, máquinas, objetos, informações ou mesmo outro sistema, no caso, subsistema." (Lieber, sd: 1)*

¹⁵ *Sistema: Uma classe de elementos comum conjunto coordenado de relações que um observador estabelece por contraposição a um cenário. (...) outros elementos constitutivos são: um estado inicial, um*

elementos ligados por um conjunto de relações. É manifesta a tônica sobre duas noções fundamentais: a de *interrelação* e a de *totalidade*. Outras definições podemos ter em conta, por exemplo, para Saussure (1995) (em linguística) realça a estrutura: “*Uma totalidade organizadora, feita de elementos solidários, só podendo ser definidos uns em relação aos outros em função do seu lugar nessa mesma totalidade*”. Joël de Rosnay (1966, 1979, 1989) coloca o assento na ideia de complementaridade “*um conjunto de elementos em interação dinâmica, organizados em função de uma finalidade*”. J. Ladrière (1973 cit. por Morin) coloca a ênfase na ideia de complexidade “*um objeto complexo, formado de componentes distintos ligados entre si por um certo número de relações*”. Finalmente, Edgar Morin coloca a tônica da definição de sistema na noção da organização “*uma unidade global organizada, de interrelações entre elementos, ações ou indivíduos*”.

Esquemáticamente, podemos na perspectiva de Jean-Marie Le Moigne (1997) (“A Teoria do Sistema Geral”), distinguir a ótica linear (cartesiana) à ótica sistémica da seguinte forma quanto aos seus princípios:

Racionalista	Sistémica
Evidência (consenso)	Pertinência (relativamente ao observador)
Reducionista (prioriza a análise, decomposição)	Globalista (prioriza o sistema, ou suprassistema)
Causalista (investiga as origens)	Teleológico (investiga o comportamento do sistema)
Exaustividade (do todo para a parte)	Agregatividade (com vista uma perspectiva simplificada, da parte para o todo)

Quadro 2 – Síntese comparativa entre a perspectiva racionalista e sistémica
(Elaboração a partir de Le Moigne, J.M. (1997). A teoria do Sistema Geral)

estado final, um número de etapas de desenvolvimento, e um conjunto de movimentos alternativos em cada etapa do desenvolvimento do sistema (Oliveira, 1999: 364)

No âmbito da reflexão sobre a complexidade e a transdisciplinaridade torna-se fundamental distinguir, segundo (Durand, 1992:15) **quatro conceitos** chave na teoria geral dos sistemas que passaremos a explicar:

A **Interação** entre dois elementos de um sistema é a ação recíproca que modifica o comportamento ou a natureza destes elementos. A relação entre dois elementos não é obrigatoriamente uma simples ação causal de um elemento A sobre um elemento B, essa relação pode comportar, e normalmente comporta uma dupla ação de A sobre B e de B sobre A. (Exemplo: causalidade linear - A afeta B ; causalidade circular – A afeta B, B afeta A.)

Existem essencialmente quatro tipos de interação, a saber: **Relação clássica**, dita de causa efeito: A produz B (a chuva molha). **Relação temporal**, onde um acontecimento A é seguido, com um certo desfasamento, de um acontecimento B (a luz solar bronzeia). **Relação dita de retroação** (feedback): onde a uma ação de A sobre B, se segue uma ação de B sobre A. Este conceito foi posto em evidência pela *cibernética*. Pode ser **amplificadora**, e neste caso estamos em presença de uma retroação *positiva*, ou **compensadora** (*reguladora*) e estamos então em presença da retroação negativa. **Interação indireta**: onde uma ação parte de A e passando pelos elementos B e C, volta a A, criando-se assim um ciclo mais ou menos longo e complicado.

A **Totalidade**: um sistema é como sabemos composto de elementos. Isso não significa, porém que o sistema seja a mera soma dos seus elementos, como o racionalismo cartesiano sempre sustentou. Bertalanffy demonstrou que um sistema é “*um todo não redutível às suas partes*”. A este todo que é mais do que a soma das partes designa-se igualmente por “*holos*” (holos em grego significa todo) (bebendo influência dos trabalhos de Arthur Koestler). O todo não é mais do que a globalidade que implica o aparecimento de qualidades emergentes que não possuem as suas partes, por exemplo: H₂O, não é a simples soma dos elementos (hidrogénio + oxigénio) que compõem a água, mas algo diferente que é independente das características de cada um dos seus componentes. Esta noção de emergência (na perspectiva de Edgar Morin), leva-nos à noção de hierarquia, igualmente uma característica de todos os sistemas, que possuem características que se complexificam à medida que se sobe no nível hierárquico. O exemplo anterior é também um exemplo da ideia de complexidade, na medida em que ao nível hierárquico dos elementos constitutivos, nunca será possível deduzir os atributos da água. Como diz Henri

Atlan: “não existe um código semântico equivalente, entre níveis lógicos diferentes”, elementos O e H – e totalidade – H20

A **Organização** é um conceito central da sistémica. Mas o que é efetivamente uma organização? Em primeiro lugar um arranjo de relações entre componentes ou indivíduos que produz uma nova unidade possuindo qualidades que não possuem os seus componentes. A organização é um dos aspetos essenciais do sistema. Para melhor se perceber a importância, podemos citar como exemplo os *isómeros* (*elementos que tem propriedades diferentes e composição idêntica*), que são compostos químicos que têm a mesma fórmula e a mesma massa, mas que tem arranjos estruturais diferentes e consequentemente comportamentos diferentes. A organização deve ser encarada sob dois pontos de vista, o *estrutural* e o *funcional*. O primeiro será geralmente representado sob a forma de organigrama, enquanto que o segundo é descrito sob a forma de programa. Deve-se ter em conta que estes dois aspetos são complementares, a sistémica põe a tónica sobre um ou sobre outro, consoante a perspectiva em que o observador se posicionar.

A Complexidade – A lógica cartesiana ensinou-nos a simplificar todos os fenómenos eliminando o desconhecido, o aleatório ou o incerto. Todavia a complexidade está em toda a parte, em todos os sistemas, e é necessário conservar esta complexidade, porque eliminá-la não permitiria apreender e compreender toda a sua riqueza. É importante reter que, *para quem observa um sistema complexo, quanto maior for a sua complexidade, tanto maior será a imprevisibilidade do seu comportamento.*

Daqui ressalta que, por exemplo, no que respeita à observação dos sistemas humanos, a postura heurística mais adequada deverá assentar no facto de que a “*melhor previsão é de que o comportamento é totalmente imprevisível*”. Quase todos nós, preferencialmente, sociólogos, antropólogos, psicólogos, psicoterapeutas entre outros, partilhamos a crença da previsibilidade dos comportamentos humanos, assim se criam, frequentemente, grandes equívocos, que em alguns casos podem ser engendrados de patologia mútua.

Não devemos confundir *complexidade* com *complicação*. A *complicação* é uma característica de um objeto ou de um sistema que apenas precisa de tempo para ser compreendida (exemplo: desentrelhar um novelo de lã enrodilhado). A *complexidade* requer, para ser assimilada, tempo, método e inteligência. O grau de complexidade de um sistema depende não só do número dos seus elementos, mas também do número e tipo de relação, que ligam estes elementos entre si. A *complexidade* caracteriza o que

habitualmente se designa por *originalidade* do sistema e mede a *riqueza da informação*, que ele contém. Podemos dizer que *um sistema é tanto mais complexo* (na ótica do observador) *quanto menos o conhecemos*, e quanto menos o conhecemos mais curiosidade temos em o conhecer; é nesta postura que assenta *a curiosidade do saber*.

A complexidade surge assim como uma dimensão essencial e universal dos sistemas. Joël de Rosnay (1975) (“*O Macroscópio*”), propõe como forma de observar a complexidade dos inumeráveis sistemas que nos rodeiam a que deu o nome de macroscópico, por analogia ao microscópio e o telescópio que surgiram, respetivamente, da necessidade de observar o infinitamente pequeno e o infinitamente grande.

2.2 – PERSPETIVAS (OLHARES) SOCIOLÓGICAS SOBRE O FENÓMENO PANDÉMICO

2.2.1 – A PERSPETIVA DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Boaventura de Sousa Santos (1987) no seu célebre livro “*Um discurso sobre as ciências*” lança uma forte crítica sobre a forma em que a ciência opera, denominando-a na forma de “*paradigma dominante*”. O autor reflete assim acerca da “*crise epistemológica*” em que deixa de haver sentido a distinção entre ciências naturais e sociais, sendo que a síntese entre elas tem como pólo catalisador as ciências sociais, que devem recusar todas as formas de positivismo lógico ou empírico ou de mecanicismo materialista ou idealista. O sentido profundo desta síntese não significa uma ciência unificada nem uma teoria geral. A emergência desta síntese, a distinção entre conhecimento científico versus conhecimento vulgar tenderia a desaparecer e a prática será o fazer e o dizer da filosofia da prática.

Segundo o modelo de racionalidade da ciência moderna que tem uma perspetiva global, é também um modelo totalitário negando o carácter racional de outras formas de conhecimento. O corpus matemático fornece à ciência moderna um instrumento privilegiado de análise e uma lógica da investigação sendo que o seu modelo de representação assenta nos seguintes pressupostos: conhecer significa quantificar; o método científico consiste na redução da complexidade – reduzir o todo em partes para o conhecer.

Dessa forma e como consequência: o que não é quantificável é cientificamente

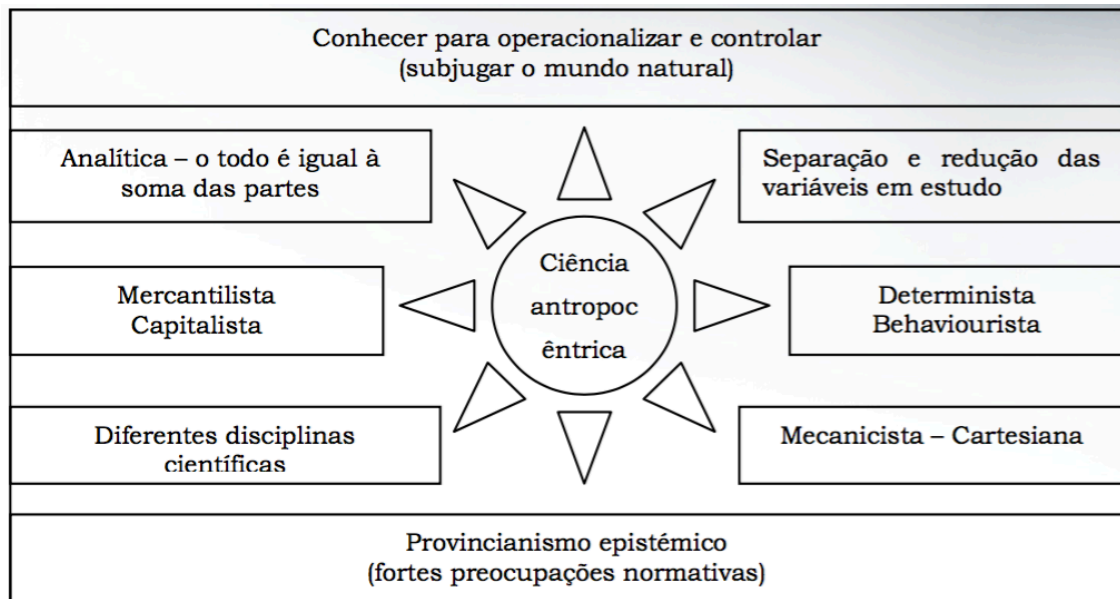
irrelevante; conhecer significa dividir, classificar e determinar relações sistemáticas entre as partes e o todo; a ideia do mundo-máquina se transforma na grande hipótese universal da época moderna; a consciência filosófica da ciência moderna (racionalismo cartesiano e empirismo baconiano) veio a condensar-se no positivismo.

A profunda crise do paradigma dominante é o resultado de uma pluralidade de condições: condições sociais (transformação da estrutura social com a conseqüente reconfiguração das classes sociais); e as próprias condições teóricas (a identificação dos próprios limites do paradigma científico moderno como resultado do grande avanço no conhecimento – sendo que este avanço revelou a fragilidade dos pilares em que se funda).

No que respeita às preposições teóricas que contribuíram para essa crise Boaventura de Sousa Santos (1987) enumera: primeiro, a teoria da relatividade de Einstein que relativizou as teses de Newton, segundo, a mecânica quântica de Heisenberg e Nils Bohr colocando em dúvida a intervenção imparcial do cientista (o observador ou investigador influencia o objeto de observação), terceiro, a incompletude da matemática proposta por Godel que coloca em causa o rigor imutável das leis da natureza, quatro, a noção de ordem a partir da desordem de Ilya Prigogine que coloca em dúvida a previsibilidade das ciências duras.

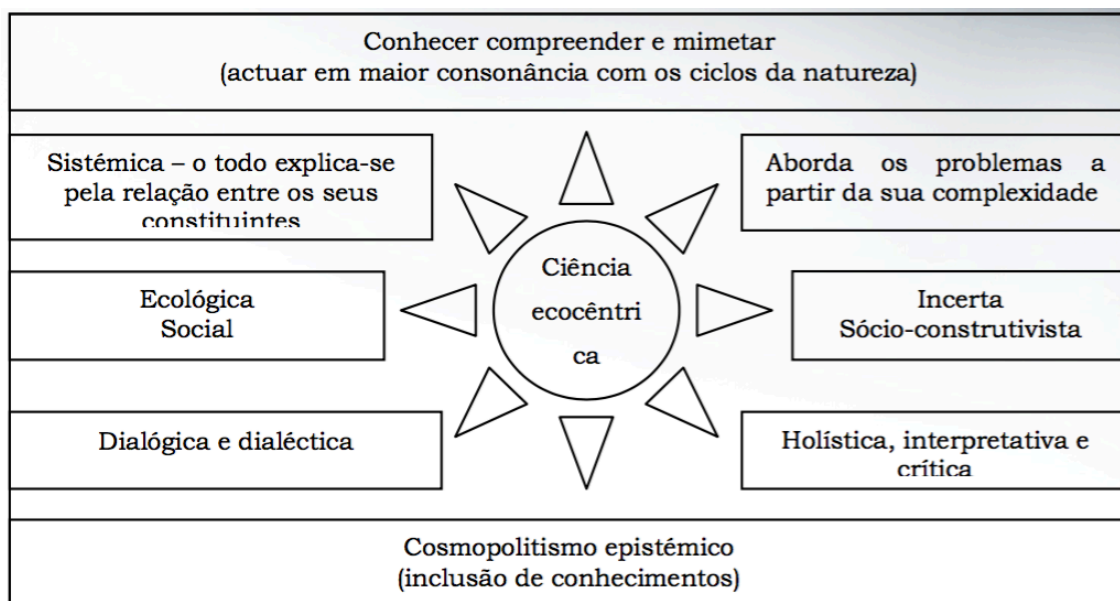
Como resultado dos fatores anteriormente enunciados refere Santos (1987:48): *Em vez da eternidade, a história. No lugar do determinismo, a imprevisibilidade. Em vez do mecanismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização. Em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução. Em vez da ordem, a desordem. Em vez da necessidade, a criatividade e o acidente.* Todas estas afirmações geram um sentimento de profunda insegurança, porque, afinal de contas, não há certezas nem verdade absolutas. Esta reflexão, levou-nos a uma mudança de enfoque, após a euforia perspétivada pelo positivismo, os cientistas procuram agora o conhecimento do conhecimento das coisas e da realidade (epistemologia).

Orlando Figueiredo (2006) faz uma síntese interessante entre duas tipologias científicas que bem poderiam sintetizar o pensamento de Boaventura de Sousa Santos: a ciência antropocêntrica, e a ciência ecocêntrica.



Quadro 3 – Síntese das características da ciência antropocêntrica

Figueiredo, O. (2006:124)



Quadro 4 – Síntese das características da ciência ecocêntrica

Figueiredo, O. (2006:125)

Ainda a reflexão abrangendo as questões que antes era deixada aos sociólogos, isto é, a compreensão da análise das condições sociais, dos contextos culturais, e dos modelos organizacionais da investigação científica. Boaventura de Sousa Santos (1989) na sua obra *“Introdução a uma Ciência pós-moderna”* desenvolve e amplia o corpo

teórico proposto em 1987 em “*Um discurso sobre as ciências*”¹⁶¹⁷, posteriormente em a “*Gramática do tempo*” (2006) desenvolve a ideia de Ecologia dos Saberes que é uma revolução epistemológica de fora para dentro da universidade e da academia onde refere (para o objetivo desta investigação) que “*só existe conhecimento em sociedade*” (p. 132).

Boaventura (2020a¹⁸, 2020b) explora, também, as implicações da pandemia do coronavírus nas sociedades e nos sistemas político-económicos. Algumas das principais

¹⁶Os quatro argumentos de Boaventura na referida obra:

1. Todo o conhecimento científico-natural é científico-social
2. Todo o conhecimento é local e total
3. Todo o conhecimento é autoconhecimento
4. Todo o conhecimento científico vida constituir-se em senso comum.

¹⁷ À luz da pandemia Covid-19 os quatro argumentos propostos na referida obra potenciam uma análise interessante pois: Todo o conhecimento científico natural é igualmente científico social – o conhecimento epidemiológico de vetores de contágio tem consequências reflexivas sobre o mundo social (por exemplo: a utilização de máscaras que reduzem as infeções); Todo o conhecimento é local e total: A forma como China controlou a epidemia local em Wuhan forneceu importantes *inputs* de conhecimento que foram posteriormente utilizadas noutras nações; Todo o conhecimento é autoconhecimento: À medida que se foi investigado a génese, o agente infeccioso, as consequências da infeção e a transmissão do SARS-CoV-2, essas tipologias de conhecimento foram sendo apropriadas pelos atores sociais produzindo (ou não) comportamentos que versavam atitudes protetoras face a contágio e transmissão; Todo o conhecimento visa constituir-se em senso comum: O conhecimento uma vez apropriado pelos atores sociais, produzindo e enraizando modificação atitudinal e comportamental de forma profunda vai afetar formas de conhecimento automáticas e normais de tipologia de senso comum, e com o tempo perpetuando-as de geração em geração (Apesar de no início da Pandemia elementos fundamentais do nosso sistema pericial, tal como a Senhora Diretora da Saúde Portuguesa, e mesmo o Director Geral da Organização Mundial de Saúde terem recomendado a não utilização de máscaras como medida protetora.

¹⁸ O autor discute várias lições que podem ser aprendidas com a pandemia do coronavírus e sobre as suas ramificações na sociedade contemporânea. Algumas das principais ideias incluem:

Tempo político e mediático: O autor observa como as crises graves e agudas, como a pandemia, recebem maior atenção dos media e dos poderes políticos, levando a respostas imediatas, enquanto crises mais lentas, como a crise ecológica, passam despercebidas apesar de terem consequências mais graves a longo prazo.

Discriminação nas pandemias: O autor destaca como as pandemias não afetam todos os grupos da mesma forma, tanto na prevenção quanto na mitigação. Grupos mais vulneráveis, como os idosos e pessoas em situações precárias, são mais impactados pela disseminação do vírus devido às suas condições de vida.

Crítica ao capitalismo e neoliberalismo: O autor argumenta que o modelo de sociedade dominante, o capitalismo neoliberal, contribui para crises como a pandemia e a crise climática. Ele critica a exploração ilimitada de recursos naturais, a degradação dos serviços públicos em nome do lucro e a falta de preparação do Estado para crises humanitárias.

Descrédito da extrema-direita e direita neoliberal: O autor aponta que a extrema-direita e a direita hiper-neoliberal foram descredenciadas durante a pandemia devido à má gestão da crise e ao desprezo pela ciência e pela saúde pública. Ele também critica a cooperação entre esses grupos e os partidos convencionais em defesa das políticas neoliberais.

Colonialismo e patriarcado: O autor destaca como a pandemia e outras crises afetam de forma desproporcional os grupos marginalizados, como comunidades racializadas e sexualizadas. Ele observa que essas crises revelam desigualdades profundas e perpetuam opressões históricas.

Retorno do Estado e da comunidade: O autor enfatiza a importância do papel do Estado e da comunidade na resposta a crises como a pandemia. Ele critica a privatização de serviços públicos e a mercantilização do Estado e argumenta que a prioridade dada ao mercado em detrimento do Estado e da comunidade é problemática.

ideias das obras são: Crise Permanente e Neoliberalismo: Destaca que a ideia de crise permanente, que se instalou desde o avanço do neoliberalismo, transformou-se em uma condição padrão, tornando difícil distinguir a normalidade da crise. A crise é usada como justificativa para medidas que perpetuam a desigualdade e minam soluções eficazes para problemas sociais e ambientais; Mudanças Drásticas Facilitadas pela Pandemia: A pandemia rompe com a rigidez das estruturas sociais ao impor mudanças drásticas nas formas de viver e antecipar a morte. Essas mudanças, que pareciam inatingíveis anteriormente, tornam-se possíveis e questionam o status quo imposto pelo capitalismo; Fragilidade Humana e Solidariedade: A pandemia evidencia a fragilidade das soluções sociais e a insegurança que muitas vezes está oculta em sistemas aparentemente estáveis. Ela também cria um sentido de pertença planetário, apesar do distanciamento físico necessário para conter o vírus; Impacto Ecológico e Prevenção: A diminuição da atividade econômica durante a pandemia leva a uma diminuição na poluição atmosférica. No entanto, o autor questiona-se que a humanidade perdeu a capacidade de agir preventivamente para evitar catástrofes ecológicas sem recorrer à destruição maciça da vida humana; Democracia e Respostas às Pandemias: Observa que, embora a China tenha adotado medidas rigorosas para controlar a pandemia, essas ações podem não ser aplicáveis em democracias. Sugere que as democracias devem buscar soluções participativas de nível comunitário, fortalecendo a solidariedade e cooperação; Narrativas Mediáticas e Guerra Econômica: Ele também destaca como a narrativa inicial da pandemia nos meios de comunicação ocidentais pode ter como objetivo demonizar a China, relacionando-a com o surto viral, abordando igualmente a guerra comercial entre China e EUA e suas implicações para a liderança em várias áreas; Invisibilidade e Desigualdades: Chama a atenção para as condições precárias em campos de refugiados e imigrantes na Europa e nos EUA, destacando a existência de uma "Europa invisível" e uma "América invisível". Ele sugere que zonas de invisibilidade podem multiplicar-se globalmente.

Por outro lado, as obras também referem que, a pandemia do coronavírus revelou a complexidade e as contradições das estruturas sociais e políticas, bem como a necessidade de repensar as interpretações e ações diante dessas situações excepcionais. Algumas das principais ideias têm em perspectiva: Invisibilidade e Onnipotência dos Sistemas: Aborda a invisibilidade e a onnipotência de sistemas como o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Esses sistemas têm a capacidade de se adaptar e sobreviver apesar das aparências de declínio, continuando a exercer influência na sociedade. Astúcia

dos Sistemas Dominantes: Ele destaca que a força desses sistemas não se baseia apenas na força bruta, mas também na astúcia que lhes permite desaparecer momentaneamente ou apresentar-se de forma enfraquecida. A dissimulação torna difícil a identificação e resistência contra esses sistemas. Paisagens Cruéis e Consequências: O texto examina as consequências visíveis dos sistemas de dominação. Ele concentra-se na concentração de riqueza e na extrema desigualdade social, bem como na destruição ambiental eminente. Essas paisagens brutais destacam os efeitos das ações desses sistemas. Excepcionalidade e Dificuldades de Teorização: Aponta que a pandemia trouxe uma realidade caótica que desafia as tentativas de análise tradicional. Os intelectuais também enfrentam desafios, pois suas teorias podem não se aplicar adequadamente a situações excepcionais. Ele destaca como alguns intelectuais fizeram declarações inadequadas no início da pandemia devido à falta de adaptação ao contexto. Função dos Intelectuais: Defende que os intelectuais devem se tornar intelectuais de retaguarda, ou seja, devem se conectar com as necessidades e aspirações dos cidadãos comuns e utilizar essas experiências para informar suas propostas teóricas. Isso ajudaria a evitar que movimentos radicalizados ou extremistas tornem-se a única voz compreensível para as pessoas.

2.2.2. – A PERSPETIVA DE FRITJOF CAPRA

Dentro de muitos outros autores que aqui poderíamos referir como essenciais para o estudo de uma sociologia de inspiração dos fenómenos de natureza pandémica é Fritjof Capra.

A sua obra encerra uma dinâmica extremamente profunda ao nível da ideia de interconexão e de integração num todo maior. O estudo das semelhanças entre a física de alta energia e o misticismo oriental no seu primeiro livro “*O Tao da Física*” (1975)¹⁹, a abordagem e reflexão transdisciplinar expressa na obra “*O Ponto de Mutação*” (1982)²⁰

¹⁹ “*Acredito que a visão do mundo transmitida pela física moderna é inconsistente com a nossa sociedade atual, o que não reflete a inter-relação que observamos na natureza. Para alcançar um estado de equilíbrio dinâmico, é necessária uma estrutura económica e social radicalmente diferente: Uma revolução cultural no verdadeiro sentido da palavra. A sobrevivência da toda a nossa civilização pode depender de sermos capazes de originar essa mudança*” (Capra, p.299, 1975).

“*Um dos paralelos mais fortes com o misticismo oriental tem sido o de os constituintes da matéria e os fenómenos básicos estarem interligados; o de não poderem ser compreendidos como entidades isoladas, mas apenas como partes integrantes de um todo unificado*” (Capra, 1975: 301).

²⁰ “*O objetivo da educação para a saúde será fazer com que as pessoas entendam como seu comportamento e o seu meio ambiente afetam sua saúde e ensiná-las a enfrentar o stress em sua vida quotidiana*” (Capra, 1982: 326).

onde é nos é sugerido a mudança para uma nova era ao nível da consciência global com fortes implicações na vida social como a sociologia a entende, saúde mental e na organização de comunidades, “*A Teia da Vida*” (1996)²¹ que é considerado o seu trabalho de referência por fornecer uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.

A perspetiva de Fritjof Capra é que o Homem e a sociedade em geral manifestam um profundo problema de perceção decorrente da complexidade dos problemas globais, com fortes implicações na biosfera, e que o enfoque de análise deveria ser sistémico e transdisciplinar na medida que os problemas não podem ser compreendidos isoladamente, pois são problemas que comportam muitas variáveis, e, portanto, interligados e interdependentes. Assim, ele teorizar sobre uma mudança de valores a que corresponde também uma mudança de paradigma na qual a visão do mundo e de ciência se desenvolve. Esse novo paradigma é alicerçado na visão do mundo holística e de sentido ecológico, no qual não se pode separar os seres humanos do seu meio ambiente natural (leia-se contexto), onde as perspetivas do eco feminismo (na qual se perspetiva a dominação patriarcal de mulheres por homens com forte implicações na dimensão hierárquica, militarista, capitalista e industrialista da sociedade) e da ecologia social (onde as estruturas sociais mainstream nada têm de comum com os processos da natureza com um reflexo profundo também ao nível da sociedade e da sustentabilidade) devem igualmente ser tidos em conta.

Uma outra dimensão a ter em conta, com fortes implicações na sociologia, prende-se com a ascensão do pensamento sistémico e com a sua metáfora de conhecimento passar da ideia de edifício em constante construção (mecanicista) substituída pela ideia de rede, bebendo influência da dimensão de conhecimento científico de concepções e de modelos inter-relacionados na qual nenhuma parte é mais importante do que as outras (Geoffrey Chew – filosofia bootstrap) e na perspetiva de diálogo entre diferentes campos de conhecimento, aquilo a que se tem designado por holismo epistemológico (Quine, 1981; Rorty, 1989 cit. por Oliveira, 2007).

²¹ “*A natureza cíclica dos processos ecológicos é um importante princípio da ecologia. Os laços de realimentação dos ecossistemas são as vias ao longo das quais os nutrientes são continuamente reciclados. Sendo sistemas abertos, todos os organismos de um ecossistema produzem resíduos, mas o que é resíduo para uma espécie é alimento para outra, de modo que o ecossistema como um todo permanece livre de resíduos. (...) Um dos principais desacordos entre a economia e a ecologia deriva do facto de que a natureza é cíclica, enquanto que os nossos sistemas industriais são lineares*” (Capra, 1996: 232).

A ideia de um novo pensamento e de novos valores na ciência é uma ideia central na obra de Fritjof Capra (1996). Eis a síntese:

Pensamento (de – para)

Autoafirmativo para Integrativo

Racional - Intuitivo

Análise - Síntese

Reducionista - Holístico

Linear - Não-linear

Valores (de – para)

Autoafirmativo para Integrativo

Expansão - Conservação

Competição - Cooperação

Quantidade - Qualidade

Dominação - Parceria

Quadro 5 – Do pensamento cartesiano ao pensamento sistémico
Capra (1996: 27)

2.2.3 – ULRICH BECK: A SOCIEDADE GLOBAL DE RISCO

Ulrich Beck²² foi um sociólogo que se dedicou exaustivamente ao estudo relacionado com a Globalização e a Modernidade; foi ele que procurou aprofundar o conceito da emergência em ligação com a Modernidade na obra (originalmente) lançada em 1986: “*Sociedade de Risco: Rumo a uma Outra Modernidade*”. Esta obra nutriu um impacto considerável não só na sociologia, mas convidou à reflexão diversas áreas científicas de excelência, das ciências sociais, às jurídicas, à engenharia (em comum, aliás, com a ideia de fato social total de Mauss) alertando até desde a esfera política ao público em geral as dimensões que concorrem e que colocam em perspectiva a noção de sociedade de risco. O facto da referida obra ter sido lançada imediatamente meses antes

²² Ulrich Beck foi o introdutor daquilo que hoje se designa a Sociologia do Risco.

do acidente de Chernobyl conferiu-lhe um tom como que profético, potenciando, por arrasto, a discussão das ideias de Beck a uma vastidão de públicos.

A premissa de que Beck parte, é que os riscos são cada vez mais individualizados. Ao contrário dos riscos tradicionais, como desastres naturais, que afetam grupos ou comunidades inteiras, os riscos modernos são mais difusos e afetam os indivíduos na sua vida cotidiana. Exemplos disso são os riscos associados à tecnologia, como a exposição a produtos químicos tóxicos ou a possibilidade de falhas em sistemas complexos.

A sociedade de risco coloca essa mesma ação do homem como gerador desses riscos, ao contrário dos outros que tinham causas estabelecidas e efeitos conhecidos, os riscos de hoje, pela ação do homem, são profundamente calculáveis e com consequências indeterminadas. A esta nova tipologia de riscos Ulrich Beck apelida-os de Riscos Manufaturados – que resultam do impacto da ação do nosso saber e tecnologia sobre o mundo natural.

O risco para Beck é o ponto intermédio entre a segurança e a destruição, e a própria perceção dos supostos riscos ameaçadores determina o pensamento e a ação sendo que, o passado perde o poder de determinar o presente. Assim, o futuro pelo seu carácter de algo em construção e pela suposta inovação, mas que ainda não existe inteiramente, é que determina a construção do presente resultando que, a noção de risco é local e global simultaneamente e detendo uma dimensão multi-escalar²³.

Desta forma, a noção de risco significa a característica fundamental da própria humanidade no início do século XXI, e que diz respeito a uma dimensão contextual de desconfiança devido à possibilidade eminente de desastres de diversas ordens e tipologias, pela não previsibilidade do seu impacto na sua totalidade.

Beck (1992) enumera a possibilidade de uma vasta gama de riscos: ecológicos, químicos, nucleares e genéticos, produzidos industrialmente, externalizados economicamente, individualizados juridicamente, legitimados cientificamente e minimizados politicamente. Incluiu também os riscos económicos que derivam do carácter não estável dos mercados financeiros internacionais, sendo que estes últimos, potenciam uma nova forma capitalismo, uma nova perspetiva global, uma tipologia nova

²³ Diz Beck (1999) “*Nas sociedades de risco as consequências dos êxitos da modernização se converteram, por causa de sua velocidade e radicalidade, em tema. O risco adquire um novo carácter porque parte das condições de seu cálculo e processamento institucional falha*”.

de sociedade que origina uma nova forma de vida pessoal.

Ulrich Beck procura caracterizar o risco com diferentes atributos. A deslocalização geográfica²⁴, a incalculabilidade²⁵, não compensabilidade²⁶, a dimensão cumulativa do tempo²⁷.

Beck (1992) associa o risco e a globalização tendo como ponto de partida teórico a modernização reflexiva propondo uma visão sombria da mesma – “Vulcão da Civilização”. Além dos riscos ecológicos, perspectiva-se uma crescente precarização e também massiva das condições de existência, a desigualdade social num enfoque individualista tendo características de incerteza no que respeita às condições de emprego resultando numa exposição aos riscos generalizada. O autor refere que estes riscos vão além das escalas normalmente em perspectiva detendo nuances transescalares sendo transversais a todas as classes sociais e contextos geográficos.

Assim sendo, Beck coloca em evidência como que uma noção de uma “*nova cegueira*” - alicerçado na importância do conhecimento – a radicalização da racionalização, e que a modernidade necessita de ser reflexiva para ter uma visão comum – recusando, pois, a separação entre peritos e cientistas e as visões de senso comum, tornando-se importante haver a consciência do risco mas numa análise de confronto entre as dimensões de afirmações concorrentes ou sobrepostas de racionalidade (como que uma ecologia política).

2.2.4 – AS CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE DE ANTHONY GIDDENS

Anthony Giddens (1990) perspectiva a globalização como consequência da modernidade, onde existiu uma separação entre o tradicional e moderno, sendo que essas “descontinuidades” são as características fundamentais dessa mesma modernidade. Eis algumas características que designa a modernidade: *o ritmo da mudança* (em velocidade extrema com notoriedade às tecnologias que afeta, portanto, todas as outras dimensões

²⁴ As suas consequências não estão limitadas a uma determinada localização ou espaço geográfico. Os riscos contemporâneos não conhecem fronteiras e ultrapassam, na maior parte dos casos, o âmbito do Estado-nação, acentuando a incapacidade deste para lutar sozinho contra as suas consequências.

²⁵ As suas consequências são imprevisíveis e incalculáveis e os mecanismos de avaliação de risco que possuímos atualmente só nos permitem traduzir o risco sob a forma de probabilidade.

²⁶ Os possíveis efeitos gerados pelos riscos rompem com todos os esquemas de segurança e compensação criados pela Modernidade Clássica. A dimensão que as suas consequências podem atingir faz com que seja impossível determinar uma forma de compensação adequada.

²⁷ O período de latência dos riscos faz com que as suas consequências efetivas não possam ser determinadas de acordo com um horizonte temporal estritamente definido.

que nela se interliga); *o alcance da mudança* (no diálogo entre diferentes zonas do mundo num plano interconetivo, onde as novas “ondas” de transformação penetram (virtualmente) em todas as outras zonas); *a natureza intrínseca das instituições modernas* (novas formas sociais modernas que não se encontram inscritas nos períodos históricos anteriores (por exemplo, o sistema Estado-Nação), sendo que outras apenas possuem uma continuidade ilusória de outras sociais pré-existentes, como por exemplo, a cidade).

Segundo Giddens (1990) as fontes que caracterizam a modernidade (ela, portanto, dinâmica e com descontinuidades) são: a separação do espaço e do tempo, a apropriação reflexiva do conhecimento, e o desenvolvimento de mecanismos de descontextualização (garantias simbólicas²⁸ e sistemas de peritos).

Nas sociedades ditas tradicionais, a noção de “tempo” era definida em justaposição à identificação de um determinado “espaço” (o “quando” relacionado com um “onde”). A invenção do relógio mecânico, por exemplo, e a sua massificação permitiu, para Giddens, uma separação fundamental entre o tempo e o espaço, onde existe uma dimensão de um tempo “vazio” quantificado, ritmicamente configurado numa métrica, que torna evidente uma clara designação precisa de “zonas” do dia (“a jornada de trabalho”). Esta dimensão de um tempo “vazio”, ou o designado “esvaziamento do tempo” que possibilita o “esvaziamento do espaço” sendo a sua pré-condição e tendo, portanto, prioridade causal sobre ele.

Esta ideia ao nível do espaço e do tempo importa guardar, e iremos procurar desenvolver posteriormente, poder-se-á ligar com a noção desenvolvida por Marc Augé em 1992 na sua obra *“Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade”*²⁹. A ideia de um sujeito que percorre não-lugares, espaços de passagem, nas palavras de Augé, “uma relação não contratual representada pelos símbolos da supermodernidade” - símbolos esses que na perspetiva de Giddens são as garantias simbólicas – meios de intercâmbio que podem circular sem considerar as

²⁸ “Symbolic Tokens” na versão original em inglês

²⁹ Eis a breve sinopse obra de Augé (2012) *“O não-lugar é diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado. É representado pelos espaços públicos de rápida circulação, como aeroportos, rodoviárias, estações de metro, e pelos meios de transporte – mas também pelas grandes cadeias de hotéis e supermercados. Só, mas junto com outros, o habitante do não-lugar mantém com este uma relação não contratual representada por símbolos da supermodernidade, seja um bilhete de metro ou avião, cartões de crédito ou o cartão telefónico, além de documentos – passaporte, carteira de motorista ou qualquer outro – símbolos que, enfim, permitem o acesso, comprovam a identidade, autorizam deslocamentos impessoais.”*

características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em uma situação particular (o dinheiro, os sistemas de crédito e débito)³⁰.

Os sistemas de peritos são sistemas de excelência técnica ou de competência profissional que procuram organizar certos ambientes sociais e materiais e que estão presentes em grande parte das ações do nosso cotidiano e que muitas vezes não nos damos conta – passar sobre uma ponte, andar num elevador, andar de carro – uma ação de rotina do nosso dia a dia que implique confiar numa determinada competência de conhecimento perito nem sempre acessível ao indivíduo³¹.

Diz Giddens (1990:132): *“Além de alterações na distribuição dos riscos, os mecanismos de descontextualização transformam a vivência do risco. A primeira delas seria o reconhecimento do risco enquanto risco: o cenário moderno que é predominantemente secular neutraliza o amparo psicológico que a magia e a religião ofereciam na pré-modernidade e impede que o risco seja percebido como destino. Uma segunda característica da vivência do risco na modernidade diz respeito à consciência dos riscos pelo público. Isto implica no reconhecimento por parte dos leigos de que todos os sistemas peritos possuem “lacunas de conhecimento” e que, portanto, não possuem controle pleno das consequências de suas decisões. A circunstância agravante surge quando um conjunto de riscos não é percebido por peritos, visto que não se problematiza apenas os limites do conhecimento perito, mas também a própria ideia de perícia.”*

Anthony Giddens (1990) refere na sua obra *“As consequências da Modernidade”* que qualquer tipo de confiança supõe em parte numa ação de “fê”, fazendo inclusive uma menção a George Simmel de que um “conhecimento indutivo fraco” está presente na confiança que protagonistas leigos mantêm em sistemas de peritos. Refere igualmente e que nos seja permitido sublinhar: *“Em acréscimo, há frequentemente forças reguladoras além e acima das associações profissionais com o intuito de proteger os consumidores de sistemas peritos — organismos que licenciam máquinas, mantêm*

³⁰Diz Giddens (1990) - *“Por garantias simbólicas quero significar meios de intercâmbio que podem ser “circulados” sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular. Vários tipos de garantias simbólicas podem ser distinguidos, tais como os meios de legitimação política; devo me concentrar aqui na garantia do dinheiro.”*

³¹Refere Giddens (1990) - *“Um sistema perito descontextualiza da mesma forma que uma garantia simbólica, fornecendo “garantias” de expectativas através de tempo-espaco distanciados. Este “alongamento” de sistemas sociais é conseguido por meio da natureza impessoal de testes aplicados para avaliar o conhecimento técnico e pela crítica pública (sobre a qual se baseia a produção do conhecimento técnico), usado para controlar sua forma.”*

vigilância sobre os padrões dos fabricantes de aeronaves, e assim por diante.” (Giddens, 1990:31) - Talvez seja importante questionarmo-nos se essas forças “além e acima das associações profissionais” não serão igualmente sistemas de peritos suprareguladores (ou de nível macro) que agem sobre outros sistemas de peritos (micro).

Giddens utiliza uma poderosa metáfora acerca do carro de Jagrená, um carro que segue desgovernado, do qual não temos o mínimo controlo, e cuja trajetória nos foge, e que apesar disso temos consciência, simplesmente não podemos saltar fora. Diferente, pois, da concepção iluminista cuja base é a “razão harmoniosa” que deveria produzir um mundo sujeito à exata noção de predição e controlo. Ele enumera duas causas para que tal aconteça, primeiro, os defeitos de concepção (a modernidade é indissociável dos sistemas abstratos que refletem e potenciam a descontextualização das relações sociais no espaço e no tempo e que maximizam tanto a natureza socializada como o próprio universo social), segundo, o que o autor designa por falhas de operação (e que se prende com dissociação entre os que concebem o sistema abstrato e os que o colocam em prática, e que os fazem funcionar, sendo que as falhas de operação propriamente dita, ao contrário das de concepção, são impossíveis de erradicar).

No entanto, Giddens refere que as causas fundamentais do carácter errático da modernidade são as consequências não pretendidas e a reflexividade ou circularidade do conhecimento social, cujo resultado nunca consegue ser totalmente previsto devido à complexidade dos sistemas e ações que compõem a sociedade mundial, pois o mundo social ou o seu conhecimento altera completamente a sua própria natureza. É pois a metáfora de um carro desgovernado no que diz respeito à modernidade, e é pois sob esse óculo que podemos perspetivar o fenómeno pandémico: Por exemplo, a metáfora da luta contra a pandemia covid-19 sob a ótica da ideia de uma guerra contra agentes invisíveis assente na ideia de risco, ou a aceção das diferentes entidades (políticas, de saúde, de autoridade) produzirem medidas em termos de concepção para prevenir e/ou mitigar fenómenos de contágio, na concepção de planos de contingência, na construção de matrizes de risco – com indicadores concretos da incidência (novos casos por 14 dias em relação a 100 000 habitantes) em relação com a taxa de transmissibilidade (a capacidade de uma pessoa infetada poder contagiar outra pessoa numa perspetiva exponencial). Por outro lado, os que operacionalizam o que foi concebido anteriormente, os que colocam em prática, podendo haver incongruência entre o teorizado e a sua aplicação prática, por uma enormidade de fatores, desde os contextos de aplicação

prática, até à própria natureza tanto dos sujeitos como das realidades sociais.

Diz Susan Sontag numa das suas obras de referência *Illness as a Metaphor and AIDS and it's Metaphors* em 1977:

“A doença é o lado sombrio da vida, uma cidadania bem pesada. Ao nascer, todos nós adquirimos uma dupla cidadania: a do reino da saúde e a do reino da doença. E muito embora todos preferíssemos usar o bom passaporte, mais tarde ou mais cedo cada um de nós se vê obrigado, ainda que não momentaneamente, a identificar-se como cidadão noutra zona. (...) A minha tese é que a doença não é uma metáfora, e o modo mais honesto de olhar a doença – e o modo mais sã de estar doente – é o olhar mais depurado, mais resistente ao pensamento metafórico. Mas é praticamente impossível fixarmos a residência no reino da doença incontaminados pelas metáforas que lhe desenharam a paisagem. Elucidar tais metáforas, sacudir o seu jugo, constitui o objetivo deste estudo.” (Sontag, 1977:11)

Pegando na premissa de Sontag torna-se importante refletir acerca do excesso de confiança no sistema de peritos como fator de risco às sociedades contemporâneas em diversas áreas de atuação.

Diz Mateus Jerónimo (2006:1144-1146)

“A reflexão sobre os conceitos de risco e incerteza convida, portanto, a pensar o lugar, o desempenho e o sentido da peritagem científica (...) A peritagem por ser chamada a fornecer informações técnicas sobre determinada ação, a pronunciar-se sobre a autenticação de um produto/obra ou sobre a apreciação de um caso específico (por exemplo, peritagem psiquiátrica ou judicial)”.

2.2.5 - AS CONFIGURAÇÕES DA INTERDEPENDÊNCIA: O CONTRIBUTO DE NORBERT ELIAS

A sociologia de Nobeert Elias (1970, 1987) contribuiu para o desenvolvimento de uma nova teoria social de carácter inovador porque visa a elucidação de processos sociais numa perspetiva de processos de interação humana na sociedade. É uma sociologia que busca analisar os processos sociais com base nas suas disposições básicas, na qual os indivíduos constroem teias de interdependência que dão origem a

configurações de diversas ordens: família, aldeia, cidade, estado, nações, entre outros. Este conceito pode ser aplicado onde se formem conexões e teias de interdependência humana, seja em grupos micro (pequenos) seja em conjuntos de populações de carácter mais macro (grandes), não aceitando o conceito de fronteiras e limites no que respeita ao conceito de sociedade, pois elas escapam a delimitações de definições abrangentes.

A procura de investigar essas configurações decorrem da complexidade da possibilidade de as cadeias de interdependência serem maiores e imensamente diferenciadas das mesmas configurações, ao qual ele denomina de estruturas, mas não na mesma perspectiva de uma sociologia de carácter funcionalista ou estruturalista. Diz Elias (1970:147) *“O conceito de configuração coloca o problema das interdependências humanas no centro da teoria sociológica. O que faz que as pessoas se liguem umas às outras e sejam dependentes umas das outras? Este problema é demasiado lato e multifacetado para o podemos abordar totalmente nesta obra. As dependências recíprocas das pessoas não são obviamente sempre as mesmas em todas as sociedades nos seus vários estados de desenvolvimento”*.

A teoria das figurações coloca a tónica nos processos de interdependência³² nos indivíduos em várias configurações, mas numa base de processo social com base nas suas atividades em função das suas disposições básicas (ou necessidades). Podemos perspetivar este olhar sociológico de Elias de modo multifocal, numa teia na qual estamos todos ligados e que, conseqüentemente, emerge uma autonomia, mas essa mesma autonomia emerge na dependência de configurações do social. Em contexto de pandemia, essas configurações mudaram de tempo e de espaço, do sujeito social relacional passou-se para um sujeito social virtual e confinado, das interdependências que fazem a totalidade do mundo social, a totalidade do mundo social emerge agora numa perspectiva fragmentada e amputada, mediada por meios digitais, da relação face a face nas teias das nossas relações sociais, criou-se a relação écran a écran, tanto na nossa

³² *“Fazendo um paralelismo em relação à noção de interdependência na perspectiva científica alicerçada pela física quântica, podemos dizer que esta revela o mundo como uma teia intrincada de eventos relacionados de maneiras misteriosas e previamente inimagináveis. As correlações instantâneas entre partículas distantes mostram que, apesar das aparências, a natureza é um todo inseparável, não uma mera coleção de partes. As partículas elementares podem ser transformadas umas nas outras, bem como em energia pura. Num certo sentido, cada partícula contém implicitamente todas as outras. O espectro total de partículas representa o conjunto de estados possíveis de um único campo de matéria.”* (McFarle. 2002:139).

relação com a família, com os nossos superiores hierárquicos, colegas, amigos.

De um ponto de vista complementar ao modelo teórico proposto por Elias, diz Fritjof Capra (1996: 231-232)

“Reconectar-se com a teia da vida significa construir, nutrir e educar comunidades sustentáveis, nas quais podemos satisfazer nossas aspirações e nossas necessidades sem diminuir as chances das gerações futuras. (...) O primeiro desses princípios é a interdependência. Todos os membros de uma comunidade ecológica estão interligados numa vasta e intrincada rede de relações, a teia da vida. Eles derivam suas propriedades essenciais, e, na verdade, na sua própria existência, de suas relações com outras coisas. A interdependência – a dependência mútua de todos os processos vitais dos organismos – é a natureza de todas as relações ecológicas. O comportamento de cada membro vivo do ecossistema depende do sucesso de cada um de seus membros, enquanto o sucesso de cada membro depende do sucesso da comunidade como um todo.”

2.2.6 – OS PATRIMÓNIOS INDIVIDUAIS DE DISPOSIÇÕES E A SOCIOLOGIA À ESCALA INDIVIDUAL DE BERNARD LAHIRE

O contributo de Bernard Lahire (2003, 2004, 2005) para uma leitura sociológica à escala individual sobre a diversidade de tipologias de experiências sociais de natureza pandémica revela-se-nos importante. Este autor coloca o seu foco numa apreensão do social mas de uma forma individualizada, ou dito de outra forma, uma microsociologia apoiada metodologicamente nos retratos sociológicos, disposições e variações individuais (história de vida e entrevista aprofundada).

Bernard Lahire em *“Patrimónios individuais de disposições – Para uma sociologia à escala individual”* (2005) inicia o seu artigo com uma questão fundamental, indagando-se sobre a possibilidade de existir *“objetos mais sociais do que outros”*, pergunta-se igualmente *“onde e como apreender o social?”*, procurando quebrar a barreira epistemológica de que alguns objetos do mundo são sociais, e outros não o são, ou são-no menos. De que o social (*“os movimentos coletivos, os grupos, as classes, as instituições”*) diz respeito às ciências sociais, e de que os comportamentos de um indivíduo nas suas diversas aceções (*“as neuroses, as depressões, os sonhos, as emoções”*) devem ser estudados somente por ciências ou cientistas que encerram uma dimensão mais individual, tal como psicólogos, psicanalistas, médicos, engenheiros,

especialistas em ergonomia, entre outros. Lahire afirma de que numa práxis científica verdadeira, na sua aceção mais positiva, essas barreiras disciplinares de um ponto de vista prático são fortemente quebradas, lembrando-nos a perspectiva de Sausurre de que o ponto de vista é que cria o objeto e não o objeto que espera tranquilamente sobre a sua revelação num ponto de vista igualmente científico.

A proposta de estudar o social individualizado, o social refratado num corpo individual tem a particularidade de atravessar diversas dimensões (instituições, grupos, campos de forças e de lutas ou cenas diferentes), e é a procura de estudar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada. Daí que para o autor o indivíduo é produto de diversos processos de socialização em diversos contextos múltiplos e heterogéneos, privilegiando a análise de casos em que os atores distanciam-se de hábitos únicos e sistemáticos.

Diz Lahire (2005:14): *“Como é que a realidade exterior, mais ou menos heterogénea, se faz corpo? Como é que as experiências socializadoras múltiplas podem (co)habitar (n)o mesmo corpo? Como é que as experiências se instalam de modo mais ou menos duradouro em cada corpo e como é que elas intervêm nos diferentes momentos da vida social ou da biografia de um indivíduo?”*

“Nessa versão “dobrada” da realidade que pretendo elaborar, o indivíduo não é redutível a seu protestantismo, ao seu pertencimento de classe, a seu nível cultural ou a seu sexo. É definindo pelo conjunto das suas relações, compromissos, pertencimentos e propriedades, passados e presentes. Nele sintetizam-se ou se combatem combinam-se ou se contradizem, articulam-se harmonicamente ou coexistem de forma mais ou menos pacífica, elementos e dimensões de sua cultura (no sentido amplo do termo) que, em geral, são estudados separadamente pelos pesquisadores na área das ciências sociais: tendo passado pela escola, os sociólogos ou historiadores da educação poderão falar de práticas escolares que conheceram, dos saberes que desejaram lhes inculcar, dos métodos aplicados para fazer isto, etc.; (...) O mundo social é construído de tal maneira que não segue essas mesmas divisões científico-institucionais; o mesmo indivíduo é, ao mesmo tempo, escolarizado, protestante, artesão e por aí adiante. “Cada indivíduo”, escreveu Ervin Goffman, “diferencia-se de todos os outros” e “em torno desses elementos de diferenciação há um registo único e ininterrupto de fatos sociais ligados a eles, como a “barbe à papa”, como uma substância pegajosa à qual são colados incessantemente novos detalhes biográficos” Lahire (2004:6).

Assim sendo, o programa de uma sociologia à escala individual visa compreender os efeitos identitários dos diferentes contextos na incorporação das disposições heterogêneas, por vezes de carácter contraditório, na sua forma de interiorização e de exteriorização dos comportamentos na sua variante intraindividual e interindividual, procurando um renovado diálogo com a história e da prática da biografia histórica nas suas diversas aceções e não rejeitando dados aparentemente contraditórios e biográficos mas reveladores do carácter por vezes paradoxal das disposições heterógenas.

Bernard Lahire procura compreender o social num corpo individual – numa dimensão que as suas disposições e competências são submetidas a diferentes a forças de influência diferentes, sendo que a ativação das disposições é operacionalizada em função dos diversos contextos por onde o individuo interage, e que tem origem na experiência de socialização passadas, que resulta de uma melhor ou menor apetência para a mesma vida das disposições. O ser humano (o individuo) é, portanto, na perspetiva de Lahire, *multissocializado* e igualmente *multideterminado* ainda que não esteja completamente consciente dos seus metadeterminismos intrínsecos, daí a noção do indivíduo como portador de pluralidades porque sobre ele é exercido diferentes forças e contextos de que bebe influencia, daí:

“Finalmente, é 1) porque cada um de nós pode ser portador de uma multiplicidade de disposições que não encontram sempre os contextos da sua atualização (pluralidade interna satisfeita), 2) porque podemos ser desprovidos de boas disposições permitindo fazer face a certas situações mais ou menos inevitáveis no nosso mundo social multidiferenciado (pluralidade externa problemática), 3) porque os nossos múltiplos investimentos sociais (familiares, profissionais, amicais...) objetivamente possíveis, podem tornar-se, ao fim ao cabo, incompatíveis (pluralidade de investimentos ou de envolvimentos problemática), que podemos viver inquietações, crises ou desencontros pessoais com o mundo social.” Lahire (2005:37).

2.2.7 - A SOCIOLOGIA DA INDIVIDUAÇÃO DE DANILO MARTUCCELLI E A EXPERIÊNCIA DA PANDEMIA COMO PROVAÇÃO.

Daniilo Martuccelli (2012) concebe a sua sociologia do individuo numa ótica macrossociológica nas quais as experiências do individuo foram constantemente deslocadas para o centro da vida em sociedade, nas palavras de Martins (2019) uma

renovação de quadros conceptuais para buscar dar conta da inteligibilidade do social à escala individual.

Refere Martins (2019:63): *“Trata-se, portanto, de fazer a defesa da necessidade de uma sociologia dos indivíduos que não descure aquilo que consideramos uma matéria prima essencial da análise sociológica, as existências individuais dos atores sociais, as suas subjetividades, as suas maneiras de pensar, sentir e agir, inclusivamente, nas formas mais íntimas da sua vivência social, e que permita a partir daí, fazer uma leitura do social à escala macrossociológica.”*

Ao invés da tradição disposicionalista que enfoca acerca dos condicionamentos sociais, na dialética interiorização/externalização, mas efetivamente no trabalho realizado pelos indivíduos sobre a sociedade e sobre si mesmos diante das provas sociais a que são sujeitos num determinado continuum histórico-temporal.

Se por um lado Martuccelli pretende compreender as estruturas sociais que caracterizam o social, tem sempre em vista como essas mesmas estruturas se ligam às vidas individuais que são reveladoras dos diversificados tipos de individuação pelos quais os indivíduos são forjados e testados com base no conceito de prova (provação) a se produzirem a si mesmos como resultado de uma determinada dinâmica societal produzida histórica e socialmente.

O mesmo autor procura ir além da sociologia da socialização de que Bourdieu nos brindou através do seu estruturalismo construtivista e da sua trilogia: estruturas, habitus, práticas. Sendo que o ator social, de tão social que é conceptualizado, perde o seu fulcral *individuus* (do latim - raiz etimológica de individuo – indivisível). Na busca de identificação das estruturas, Martuccelli nota que esses processos são perspetivados como experiências que compõem as vidas dos indivíduos e das suas biografias numa base transversal à sociedade não se limitando a um só domínio em termos de dimensão.

Assim sendo, na experiência da pandemia como provação o individuo tem múltiplas provas em domínios transversais que o colocam em prova, o domínio do trabalho e da pressão resultado de um tempo exigente e adverso, a dimensão família com as múltiplas exigências que podem assumir, tratar dos filhos e a ajuda em contexto de ensino à distancia, dar o suporte necessário aos familiares com mais idade, pela questão do risco pandémico face à idade, as idas ao supermercado, os deslocamentos à farmácia, o acompanhar a consultas médicas, o lidar com as instituições de carácter burocrático,

entre outros.

Esses momentos de provação num tempo e num espaço delimitado são as expressões ou os sintomas das estruturas sociais, e denotam os traços das mesmas configurações históricas que possibilita à sociedade ser o que ela exatamente é. Na análise aos elementos comuns dos relatos emerge verdadeiramente o que é o conceito de prova social, nas quais essas mesmas experiências são a chave compreensível à possibilidade de acesso às estruturas da sociedade. Então, torna-se compreensível não o caso individual em si mesmo, mas a diversidade de experiências que os inquiridos apresentaram assim como das suas vivências. E compreende-se a tipologia de indivíduo que a sociedade exige, ou seja, a produção societal dos indivíduos em contexto de pandemia global e por outro lado, partindo da imersão nas vivências das existências e das provas comuns que os mesmos enfrentam, a estrutura societal dessas mesmas sociedades.

Refere Martins (2019:72): As provas têm quatro grandes características:

1. a) *Elas são inseparáveis de uma narrativa particular, a de pôr à prova, o que permite dar um espaço ao indivíduo na tradição sociológica;*
2. b) *Toda a prova aparece como um exame, um teste, com o qual cada um de nós se confronta e através do qual se efetua uma seleção social;*
3. c) *As provas designam os grandes desafios sociais às quais são submetidos de maneira constrangente os indivíduos e que são variáveis em função das sociedades e dos períodos históricos;*
4. d) *É próprio de cada prova o desafiar a nossa resistência e as nossas capacidades de lhe fazer frente, o que remete para uma conceção particular de ator social.* (Martins, 2014; Martuccelli, 2010a).

Martuccelli (2006) elenca oito tipologias de provas / provações / testes, a partir da análise da sociedade francesa, nos quais os indivíduos são constrangidos a enfrentar. As oito tipologias de prova perspetivam, pois, um operador analítico interessante do estudo sociológico sobre os indivíduos:

Prova 1: A Escola – O percurso escolar: prova-tipo - seleção social e confiança institucional em si mesmo (Martuccelli, 2006: 37). *A natureza da prova escolar envolve a articulação do papel fundamental da escola na seleção social e na*

consideração da marca, mais ou menos duradoura, que o julgamento escolar inscreve em si mesmo. Devido à sua idade, as pessoas vivenciaram o momento em que essa lógica de seleção se tornou cada vez mais visível, mas também o momento da erosão relativa do monopólio dos diplomas e da sua rentabilidade esperada. Aos olhos de muitos atores, o sistema de educação e formação determina mais do que nunca o nível de emprego e até mesmo o destino social, mesmo que as áreas de sombra comecem a surgir: quebra do pacto entre gerações, emergência de uma concorrência internacional que gradualmente pode resultar em uma desclassificação dos diplomas nacionais, aumento e, portanto, competição das certificações escolares por meio de procedimentos de validação de competências ou pela expansão da formação contínua. A massificação e o prolongamento dos estudos transformaram o significado da prova escolar. O aumento considerável do número de certificações escolares distribuídas e o desenvolvimento das qualificações profissionais mudaram o significado dos diplomas e sua utilidade social, mas também seu impacto subjetivo. Ao deixar de ser um bem relativamente raro, o diploma tornou-se indispensável e a sua ausência uma verdadeira desvantagem. A escolaridade organiza-se segundo um mecanismo sutil de fracassos relativos, pelo jogo graduado de orientações sucessivas que muitas vezes se apresentam como escolhas negativas. Na medida em que é o desempenho que determina, em princípio, a orientação, os indivíduos não podem mais atribuir diretamente seus fracassos a causas sociais objetivas, eles os atribuem a si mesmos, não sem frustrações e arrependimentos. E a importância da seleção escolar, ao aumentar o peso social e subjetivo de seu veredicto, faz da escola uma organização capaz de transmitir ou não uma forma particular de confiança institucional em si mesma. Para todos, a escola é ao mesmo tempo uma corrida e uma máquina de julgamento.

Prova 2: O trabalho ou o gênio dos modernos - prova-tipo: virtude e recompensa (Martuccelli, 2006: 75). *O trabalho sempre foi uma realidade singular, e o atual processo de globalização, bem como as transformações tecnológicas, apenas o tornaram ainda mais singular. No entanto, é possível fazer a hipótese de que algo é comum às diferentes atividades de trabalho, por mais diversas que sejam as organizações, experiências ou relações sociais em ação. Essa semelhança não está nas características dos trabalhadores, mas na dinâmica entre virtude e recompensa, que constitui a prova-tipo. O trabalho já não tem um significado transcendente, nem mesmo uma relação específica com a objetividade do mundo. Mas permite realizar as*

capacidades pessoais e utilizá-las da melhor forma possível. É um critério tanto óbvio quanto subterrâneo a partir do qual os indivíduos, mas não as organizações, avaliam seu trabalho. Por outro lado, nas sociedades atuais, o trabalho aparece como uma prestação remunerada, enquadrada pelo direito, assumindo a forma de uma relação de emprego para quase 90% das pessoas ativas em França ou de uma relação específica de troca no mercado. É a coerção primeira e fundamental de uma sociedade capitalista. Na sociedade capitalista, a virtude profissional está indissociavelmente ligada à sua incorporação numa troca monetária, uma vez que é isso que transforma, para muitos, uma atividade em trabalho - ainda mais nos serviços, onde a fronteira entre atividades domésticas e atividades remuneradas é muitas vezes ténue. Mas, por outro lado, essa virtude frequentemente ultrapassa, sempre no horizonte dessa mesma sociedade, sua tradução monetária em um determinado momento. O trabalho é o lugar de realização de uma forma específica de excelência pessoal, cujo julgamento possui uma valência subjetiva irreduzível, mas que, quando medida e confrontada com avaliações intersubjetivas, abre caminho para diversas insatisfações.

Prova 3: A Cidade – Nas ruas da cidade - prova-tipo: enraizamento e mobilidade (Martuccelli, 2006: 123). *No coração das cidades, a nossa relação com o espaço e o tempo diário mudou, ou seja, as nossas próprias vidas. A sociedade tem sido caracterizada há muito tempo pela concentração das populações em torno de alguns pontos de alta densidade e estimulação nervosa, e pela vontade de ligar lugares cada vez mais distantes entre si. Mas levando em conta a diferença em seus ritmos temporais de vida e atividade, uma prova confronta os indivíduos com a tensão entre enraizamento e mobilidade. O bem-estar urbano depende da sua dinâmica. A cidade é um magma que simultaneamente inclui tendências de homogeneização e mistura urbana, aumento da densidade e dispersão, mistura de funções e especialização monofuncional. É ao mesmo tempo um lugar de integração, até mesmo da assimilação cultural de um novo tipo, e o espaço por excelência da segregação e fragmentação. É principalmente o lugar de tendências contraditórias e simultâneas de privatização (com o surgimento, em várias formas, de condomínios fechados), desestruturação e cruzamento de diferenças... Desde sempre, sinónimo espacial do turbilhão da modernidade, também é um dos locais da dinâmica entre o global e o local, às vezes até mesmo de "fluxos" desprovidos de qualquer encarnação urbana e elementos locais, exigindo uma inscrição física e um raio de atividade mais ou menos próximos. No cotidiano de nossas vidas, agora somos obrigados*

a aprender a gerenciar tanto o nosso enraizamento (nos lugares que acabamos por investir afetivamente) quanto a mobilidade (a quase imperiosa necessidade, tanto por razões económicas quanto existenciais, de podermos deslocarmos-nos enquanto permanecemos conectados). A cidade é, desde sempre, o encontro entre a casa e a rua, entre um lar e um outro lugar. A prova urbana resume de sua maneira e nesse aspeto o problema particular da globalização, entre a mobilidade espacial e seu controle, e por outro lado, o envolvimento e a integração no local.

Prova 4: A família – As vias de família - prova-tipo: obrigações morais e fidelidades éticas (Martuccelli, 2006: 159). *A família é hoje múltipla em suas formas, mas também nas perspectivas de interpretação a que está sujeita. Mesmo dentro de uma única disciplina, como a sociologia, as visões mais opostas se confrontam entre aqueles que vêm na família a célula social básica da socialização normativa, o cerne da dominação patriarcal, uma rede intergeracional de transmissão e de memória, o local por excelência da construção da identidade íntima, um laboratório de produção jurídica em consonância com a individualização crescente dos percursos de vida, um domínio de forte tensão entre as representações igualitárias e as resistências dos hábitos, ou ainda todos aqueles que destacam sobretudo a sexualidade em ação no casal. O reconhecimento da proliferação de modelos familiares (casamentos, uniões estáveis, famílias reconstituídas, famílias homossexuais, monoparentais, casais não coabitantes...) e das perspectivas de interpretação não deve fazer com que abandonemos a pretensão de encontrar uma tensão capaz de dar conta disso. Mas qual característica central devemos destacar? A prova-tipo não tem a intenção de ser exaustivamente descritiva, mas limita-se a destacar, em um movimento duplo indissociavelmente indutivo e normativo, o que, de várias maneiras, permite assegurar a unidade da análise e das experiências sociais. A família coloca o indivíduo em uma tensão entre as obrigações morais e as fidelidades éticas. Embora essa tensão não seja nova em si mesma, como evidencia a literatura, o que muda é o caráter cada vez mais aberto da resposta. No passado, as obrigações morais inscritas tanto na ordem social quanto na memória de uma linhagem prevaleciam. Apesar da profundidade dos conflitos internos, o desfecho era inevitável e fatal, e todas as histórias de amor estavam lá para lembrar disso. No entanto, não estamos testemunhando o triunfo unilateral do amor. A consistência da vida social, e todas as inércias das quais ela é feita, não se acomodam bem a uma fórmula simplista desse tipo. O que mudou é o peso relativo dos dois elementos da prova, levando*

a articulações mais contingentes. Os remorsos e arrependimentos se aprofundam, de um lado e do outro, independentemente da resposta dada. A tensão entre obrigações e fidelidades terá primeiro afetado o casal, a dívida para com os mais velhos em seguida, e finalmente a relação com os filhos. Ou em outras palavras: o dever da esposa, o dever da filha e o dever da mãe.

Prova 5: A história (dos indivíduos) – prova-tipo: sentido e movimento

(Martuccelli, 2006: 211). *Falaremos sobre a história vivida, dos eventos considerados históricos no horizonte de uma vida; mas também, e principalmente, sobre a história experimentada, sobre como os indivíduos a apropriam à luz de uma consciência histórica. Aliás, é em grande parte da dissociação dessas duas ordens que provém a nova forma da relação dos contemporâneos com a história. De qualquer forma, não há uma relação direta entre os eventos efetivamente vividos e aqueles a partir dos quais um indivíduo consegue ou não historicizar sua experiência. Essa prova, aliás, é objeto de reflexões historiográficas ou filosóficas, mas raramente, e equivocadamente, objeto de pesquisas sociológicas. Como se a relação com a história não pudesse ser compreendida a partir da voz de indivíduos comuns. A prova-tipo da relação com a história inclui dois grandes elementos. Por um lado, o sentido atribuído aos fatos históricos: o problema de saber como ocorre a passagem entre os eventos coletivos e sua inserção em um discurso global e coerente, mesmo antes de se desdobrar em uma narrativa histórica no sentido preciso do termo. É somente quando os eventos vividos individualmente conseguem se inserir em uma linguagem coletiva que lhes dita, em grande parte, seu significado político e sua inteligência histórica, que a história faz sentido. Por outro lado, a prova é definida pelo peso atribuído ao movimento da história. Os eventos são compreendidos sob a influência da mudança e de sua velocidade, em um mundo de constante renovação. É somente quando a experiência individual se insere nesse movimento que a história é movimento. E somente quando esses dois elementos estão conectados é que a história (sentido e movimento) é verdadeiramente experimentada como história. A consciência histórica contemporânea tem dificuldade em historicizar a experiência presente, por meio da interação entre sentido e movimento. O mecanismo coletivo pelo qual os eventos vividos são hierarquizados e organizados está passando por grandes mudanças. Embora atribuamos, em grande parte por convenção social, um sentido histórico a certos eventos, integralmente incorporados em uma narrativa coletiva produzida pelo trabalho dos historiadores e pela construção institucional de uma memória, frequentemente somos*

incapazes de restituir em termos pessoais o movimento desses mesmos eventos, aos quais, no entanto, prontamente reconhecemos uma natureza histórica.

Prova 6: A relação com o coletivo / sociedade – prova-tipo: participação e desconfiança (Martuccelli, 2006: 243). *A relação com o coletivo é profundamente marcada por um sentimento geral de desconfiança em meio a condutas de participação igualmente generalizadas. Estabelece-se uma atitude bifacetada, que pode ser observada em vários níveis da vida social: o nível do consumo e sua litania de frustrações cíclicas agora tão criticada; o nível político e o sentimento fundamental contínuo de decepção que sustenta a alternância política e, a longo prazo, a democracia - momentos de comunhão coletiva intensos, mas breves e destinados ao declínio, ou a experiência banal de nossa incapacidade em alterar o curso dos eventos. A participação e a desconfiança coexistem permanentemente. Se esse par define melhor a prova de nossa relação com o coletivo, é porque é mais comum e constante do que a tensão entre desilusão e envolvimento. A desilusão não é, nem uma tragédia inevitável, nem um drama que surpreende os atores. É, em vez disso, um horizonte consciente da ação que não impede, de forma alguma, o envolvimento. Agora, antecipamo-la mesmo antes de tê-la experimentado. Os indivíduos perderam definitivamente toda ingenuidade grupal. Mas as críticas generalizadas ao egoísmo ou ao individualismo não acertam o alvo: essa desconfiança é expressa, às vezes até principalmente, por indivíduos que possuem um envolvimento de natureza cívica, sindical ou política. Assim, forja-se uma nova relação. Estamos envolvidos em coletivos, ao mesmo tempo em que estamos desapontados com eles, estruturalmente desapontados, mas ainda pertencendo a eles. Nesse sentido, nem a afirmação da natureza indissociável do envolvimento e do desapego, nem a tese muito mais clássica da privatização ou da retirada dos indivíduos captam a estrutura real dessa prova. A relação com o coletivo agora passa por uma gestão, sem crise, de uma ambivalência vivida como insuperável. Os indivíduos se inserem em coletivos por meio da dupla via da participação defeituosa e do envolvimento desconfiado.*

Prova 7: A relação com os Outros – O labirinto da alteridade (diferença) - prova-tipo: civilidade e distância (Martuccelli, 2006: 279). *A condição moderna tem sido palco de um longo aprendizado de natureza estritamente interativa. A proliferação de relações com desconhecidos, em meio a sociedades igualitárias, produziu um desenvolvimento específico e acentuado de nossas habilidades. A transição de uma sociedade hierárquica para uma sociedade de classes, e depois para uma sociedade cada*

vez mais individualista e horizontal em suas aspirações relacionais, problematizou o espaço de um encontro face a face que tende a se tornar altamente dramático. Para caracterizá-lo, tem-se falado de incerteza. No entanto, o comportamento dos outros muitas vezes é previsível e está de acordo com nossas expectativas. Os papéis sociais organizam e orientam sempre nossas ações individuais. Assim, a preocupação recai menos na opacidade do ser do outro ou na generalização da guerra de olhares e mais na forma como devemos conduzir nossos relacionamentos com eles. A prova é menos trágica e, sobretudo, intelectualmente menos excitante do que a oposição radical de consciência própria à dialética hegeliana do mestre e do escravo, e todas as suas variações posteriores. No entanto, ela não deixa de ser real, múltipla e, fundamentalmente, mais difícil, uma vez que, não sendo um jogo de soma zero, não tem uma solução definitiva. Por outro lado, as relações humanas são pensadas como desprovidas de moralidade, segundo alguns, ou expostas a um desarranjo generalizado das distâncias relacionais, segundo outros. Ao grito de Sartre - "o inferno são os outros" - opõem-se então diferentes figuras comuns do purgatório relacional, onde se misturam o desejo impossível de comunhão e a aspiração igualmente impossível de fuga. A singularização complexifica nossas relações com os outros em duas grandes direções. Por um lado, o conjunto de códigos e regras de civilidade aos quais nossas trocas estão sujeitas passa por transformações significativas. Por outro lado, à medida que a civilidade se modifica ou enfraquece, a reflexividade, ganhando mais peso, organiza-se em torno da exigência agonística de dominar as distâncias com os outros. É por meio dessa dialética entre civilidade e distância que hoje se desdobra o labirinto da alteridade.

Prova 8: A prova de si mesmo - prova-tipo: existência e individualidade

(Martuccelli, 2006: 325). O estudo sociológico da individuação não pode dispensar uma indagação existencial. Na verdade, a prova com a qual os indivíduos se confrontam nesse sentido se apresenta como uma tensão entre desafios existenciais próprios da condição humana (mas revistos, corrigidos ou acentuados pelas especificidades da condição moderna) e uma forma peculiar de preocupação com a individualidade. A existência, ou seja, a experiência de "ek-sistere", de estar fora, marcada por uma distância e uma falta, e remetida, para enfrentá-la, a diversas competências reflexivas. Se os desafios existenciais ultrapassam a condição moderna, esse sentimento peculiar de estranheza ou distância em relação ao mundo, de viver em meio a uma fase interminável de transição, em meio a uma lacuna irreduzível entre o objetivo e o subjetivo, é próprio da

modernidade. A aspiração geral à individualidade, por sua vez, designa, em um movimento paradoxal, uma tendência propriamente moderna, desenvolvendo-se por meio de materiais amplamente pré-modernos e assumindo a forma de uma camada de diversas texturas culturais, sedimentadas pela história e objeto de novas contribuições e bricolagens. A individualidade, portanto, pode ser lida como uma exigência coletiva que leva a um novo universalismo. Mas, nas manifestações mais comuns da vida, ela é antes uma força de divisão. Ela se forja na interseção de uma série de experiências pessoais que acentuam a singularidade dos indivíduos e de um conjunto de processos coletivos que destacam, inversamente, sua profunda socialização. A relação consigo mesmo é aprisionada entre esses dois fatores. Ela mistura, de acordo com as circunstâncias, questões propriamente existenciais, um tanto atemporais, com uma preocupação com a individualidade no horizonte de uma vida pessoal sempre contingente. É o encontro entre eles que assina para sempre sua especificidade radical.

A declinação das provas: A variação das provas (Martuccelli, 2006: 365). *O processo de individuação é o princípio de unidade analítica da sociedade. No entanto, a variação das provas - sua intensidade, ritmo e sucessão - nunca é unívoca. Embora o sistema padronizado de provas defina um estado da sociedade, o estudo de sua diferenciação na vida dos indivíduos revela os percursos efetivos de individuação. Em outras palavras, é necessário, em primeiro lugar, como já fizemos, privilegiar o estudo das provas e, em segundo momento, interessar-se pelas formas como elas se difratam na vida social. Por muito tempo, as vidas individuais foram lidas pela sociologia como inseridas em grupos sociais que garantiam a interligação entre cultura, organização social e personalidade. As posições socioprofissionais, especialmente as dos homens, eram assim a chave de abóbada de todo o sistema de interpretação: elas explicavam as condutas dos indivíduos, literalmente moldadas por esses arranjos estruturais. Cada indivíduo tem um lugar social, e esse lugar o torna um exemplar único e típico, mas acima de tudo, típico das diferentes camadas sociais. A formação dos indivíduos assume, então, a forma de perfis séries mais ou menos divergentes. É aqui que o olhar sociológico deve passar por uma profunda atualização intelectual. A vida social não é uma massa de cera maleável à vontade, na qual as provas se inscrevem de forma homogênea de acordo com os lugares. Mas a vida social também não é o teatro de uma entropia generalizada de perfis unicamente individuais que impedem qualquer emergência de coordenadas gerais. Elemento indispensável do círculo hermenêutico em si, não existe análise*

sociológica sem o pressuposto de um espaço social mais ou menos delimitado, ao qual o estudo atribui certas qualidades distintas. Frequentemente interpretado como um domínio homogêneo com funcionamento coerente (como evidencia a ideia de sociedade ou seus equivalentes funcionais em outras escalas de análise), pode-se esquecer que se trata apenas de uma construção intelectual. O perigo de reificação conceitual é constante, fazendo-nos esquecer o quanto a onipotência e o determinismo das forças sociais nunca são realmente rigorosos. As provas não se difundem diretamente na vida social, mas são filtradas, ou seja, refratadas e desviadas por uma série de processos frequentemente opacos, que explicam sua declinação social e temporal. Os lugares sociais dos indivíduos, por mais importantes que sejam do ponto de vista heurístico, são apenas um quadro de análise, uma construção que articula processos económicos, sociais e culturais em uma matriz sujeita a várias elasticidades. Assim, eles devem ser compreendidos como um momento dinâmico da análise, e não como uma estrutura fixa. E embora essa estrutura geral ultrapasse, por definição, o trabalho de campo propriamente dito, ela ainda é o horizonte indispensável para sua compreensão.

Danilo Martuccelli (2021) expõe, também, uma análise crítica da gestão tecnocrática da pandemia de covid-19. Concentra-se nas estratégias de quarentena e distanciamento, sem discutir os resultados específicos a nível nacional, mas explorando os pressupostos sociais subjacentes às decisões tomadas. Critica a uniformização das medidas adotadas, sem considerar os contextos locais, e examina a tensão entre interações presenciais e virtuais, e como isso afeta os padrões sociais e hierarquias profissionais. Denuncia a abordagem como não sociológica e descontextualizada, considerando-a um conjunto absurdo de ideias, tendências e medidas.

Santiago e Martuccelli (2022) analisam a importância do enfoque do estudo sociológico sobre o indivíduo e o seu papel na sociedade. Inicialmente, muitas abordagens sociológicas deram mais ênfase a estruturas sociais do que aos indivíduos. Autores como Durkheim e Marx consideraram os indivíduos como parte de um sistema coletivo, enquadrando-os dentro do "modelo do caráter social". Porém, com Weber e Simmel, houve uma mudança. Eles se afastaram da visão de sociedade totalizante e focaram-se mais nos indivíduos. Weber destacou o significado subjetivo que as pessoas atribuem às ações e introduziu tipos ideais de ação social. Simmel destacou a dinâmica das relações sociais e a diversidade das formas de interação. A sociologia clássica gerou debates, como a relação entre estrutura e ação. Teóricos contemporâneos, como Giddens e Bourdieu,

trataram os indivíduos como agentes que influenciam estruturas sociais. No entanto, suas teorias não formaram uma "sociologia do indivíduo".

Abordagens micro, como as microssociologias e o individualismo metodológico, enfocam o indivíduo como ferramenta para entender a sociedade. Mas, no atual contexto de individuação, a sociologia deve considerar mais profundamente os indivíduos. Algumas abordagens, como o disposicionalismo e o novo individualismo institucional, tentam lidar com essa necessidade. No entanto, existe o risco de focar demais no indivíduo ou nas instituições.

A sociologia dos julgamentos sociais tenta entender as mudanças sociais a partir das experiências individuais, mas não aborda claramente a relação entre essas dimensões. Há uma variedade de abordagens, mas todas concordam que compreender os indivíduos é crucial para entender as sociedades contemporâneas. Os indivíduos estão se tornando mais importantes nas ciências sociais, especialmente quando se busca representar as experiências individuais.

2.3 – AS CONSEQUÊNCIAS SOCIETAIS DA PANDEMIA: BREVE REVISITAÇÃO DO ESTADO DA QUESTÃO.

A pandemia de Covid-19 trouxe consigo uma série de desafios sociais que merecem uma análise aprofundada. Neste contexto, optamos por direcionar a nossa análise teórica para três dimensões fundamentais que capturam aspectos cruciais das consequências sociais da pandemia.

Em primeiro lugar, a saliência das desigualdades sociais tornou-se mais evidente do que nunca durante a pandemia. Observamos que grupos vulneráveis, como pessoas de baixos rendimentos, trabalhadores informais e minorias étnicas, sofreram de maneira desproporcional os impactos da doença e das medidas de contenção. Essas desigualdades não apenas afetaram a saúde, mas também se estenderam a áreas como o acesso a recursos essenciais, oportunidades de emprego e até mesmo a capacidade de seguir medidas de distanciamento social. Investigar como a pandemia intensificou as disparidades sociais e as implicações destas para a coesão social é de grande importância.

Em segundo lugar, a pandemia teve um impacto significativo na escolarização de crianças e jovens. O encerramento de escolas, a transição para o ensino online e as

desigualdades no acesso à tecnologia educacional tiveram repercussões profundas na educação. As lacunas de aprendizagens resultantes podem ter efeitos de longo prazo nos percursos educacionais e nas perspectivas de vida das novas gerações. Investigar como as escolas, os alunos e as famílias lidaram com essas mudanças é essencial para compreender o futuro da educação.

Por fim, a pandemia também influenciou os modos de vida e as subjetividades das pessoas. As restrições de mobilidade, o distanciamento social e a incerteza constante afetaram a forma como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam. A transformação das interações sociais, a busca por novos significados e valores, bem como o impacto na saúde mental são áreas de pesquisa cruciais para entendermos como a sociedade adapta-se a essa nova realidade.

Portanto, ao escolhermos essas três dimensões de análise - desigualdades sociais, educação e modos de vida - estamos buscando explorar as múltiplas facetas das consequências sociais da pandemia. Essas áreas críticas permitem-nos compreender as dinâmicas sociais que foram moldadas e transformadas por esse evento global sem precedentes. Ao fazê-lo, esperamos contribuir para uma visão mais completa e informada das implicações de longo prazo da pandemia em nossa sociedade.

2.3.1. A SALIÊNCIA DAS DESIGUALDADES

Quando a pandemia popularmente designada por Covid-19 se instala à escala global, o mundo social já era atravessado por desigualdades múltiplas (Dubet, 2001) que nas suas diferentes formas sociais estruturavam as sociedades contemporâneas. Estas desigualdades com carácter sistémico, estrutural e multidimensional, tornaram-se salientes com o confinamento decretado nos primeiros meses de 2020 de uma forma que as fez constituir-se como “problema social”.

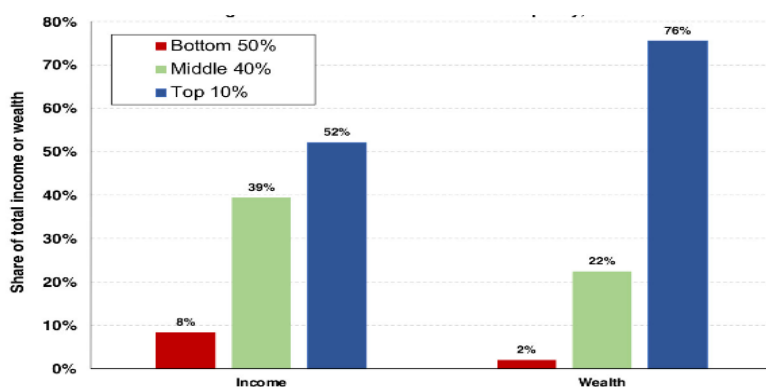
Segundo François Dubet (2020) o confinamento abrupto em resultado da pandemia fez exacerbar sobretudo as “pequenas desigualdades” que antes não constituíam problema de maior e faziam parte da ordem natural das coisas do viver em sociedade. A pandemia, dando origem a uma retração económica, fez com que estas pequenas desigualdades se tornassem insuportáveis.

De repente, o facto de uma parte da população ser obrigada a trabalhar enquanto outros ficavam confinados, ter acesso a um computador portátil e estar conectado em rede, ou não ter acesso à rede e estar desconectado, ter condições e capacidades para

ajudar as crianças a fazer escola em casa ou não ter essas condições e capacidades, poder ficar em teletrabalho e manter os rendimentos ou perder o emprego em razão da pandemia, trouxe ao de cima a forma como as nossas sociedades estão desigualmente estruturadas e oferecem desiguais oportunidades de vida aos indivíduos e às diferentes categorias e classes sociais.

Quando às grandes desigualdades dados do relatório World Inequality Report de 2022 ilustram bem como as desigualdades na distribuição do rendimento e da riqueza são no contexto global contemporâneo profundamente assimétricas.

Os 50% mais pobres possuem 8% do rendimento total medido pela Paridade do Poder de Compra (PPC). Os 10% mais ricos possuem 76% do total da riqueza doméstica e capturam 52% do rendimento total em 2021.



Quadro 6 – Desigualdades na distribuição da riqueza

(Fonte: WORLD INEQUALITY REPORT 2022. Coordenado por Lucas Chancel (Lead author), Thomas Piketty, Emmanuel Saez, Gabriel Zucman)

Em Portugal, um estudo do economista Eugénio Rosa permitiu constatar, segundo o próprio, que a pandemia agravou as desigualdades salariais e as desigualdades na repartição da riqueza. Diz-nos o autor:

“A grave crise económica e social causada pela pandemia, que obrigou ao confinamento e ao fecho, nomeadamente nos sectores mais débeis da economia, com perdas de emprego, de rendimentos e fecho de empresas, está a agravar ainda mais as desigualdades que já eram enormes no nosso país antes da Covid.” (Rosa, 2021)

Segundo Rosa (2021) dados oficiais, do Instituto Nacional de Estatística, permitem dizer que 4,6%, que Eugénio Rosa denomina os “donos do capital”, apropriaram-se de 41% da riqueza nacional.

Uma das mais importantes consequências sociais da pandemia é, portanto, a saliência das desigualdades sociais. Refere Firmino da Costa (2020) que quando a pandemia covid-19 se foi espalhando pelas diversas faces do globo, a sociedade humana debatia-se com uma panóplia de desigualdades sociais acentuadas e múltiplas: económicas, educativas, de género, étnico-raciais, desigualdades no trabalho, nas liberdades, nos direitos, de cidadania, entre outras.

Diz-nos este autor que além do seu carácter múltiplo, a forma como as desigualdades se interligam de modo complexo e até paradoxal parece configurar um crescente e marcado aumento e que a pandemia contribuiu também para a desigualdade de rendimentos e para as desigualdades de riqueza no conjunto da população mundial.

Diz o autor “*os mais desfavorecidos e vulneráveis estão a ficar mais desfavorecidos e mais vulneráveis*” (p.6), e que os casos mais preocupantes, do ponto de vista das desigualdades globais, são particularmente a América Latina, a Ásia e África com a justificação de serem populações de rendimentos muito baixos, níveis reduzidos de escolaridade, atividade profissional informal ou com pouco enquadramento legal, condições de habitação precárias, sistemas de proteção social muito limitados e sistemas de saúde igualmente muito limitados.

Ao nível de Portugal, o autor verifica o aumento das desigualdades sociais de forma evidente e preocupante, havendo novas configurações situacionais das mesmas em diversas categorias sociais, particularmente os trabalhadores de baixas remunerações e baixas qualificações, com situações contratuais precárias e na economia informal, com diversas implicações, tanto pela possibilidade de propagação da infeção, como pelas respostas imediatas de saúde pública ao nível do confinamento mas que surtiu efeitos negativos no aspeto económico ao nível destas categorias sociais, trabalhadores manuais e de serviços, operários industriais, trabalhadores dos transportes, da construção civil, da manutenção urbana, dos serviços pessoais (Costa, 2020).

Firmino da Costa refere ainda outras categorias sociais afetadas pela pandemia, todas elas com as suas especificidades e marcadas pelos fenómenos da precariedade, pela pobreza ou pelo desemprego, os jovens adultos, os trabalhadores independentes, os idosos.

Costa (2020: 7) refere também que os mais vulneráveis são os “*imigrantes, de grupos étnicos minoritários e pessoas alvo de estigmatização racista*”. Sobre esta última

categoria social, ganhou visibilidade mediática em Portugal, a situação do caso do surto pandémico em Odemira, junto dos trabalhadores sul-asiáticos, em que a situação da crise sanitária ao nível da covid-19 colocou em evidencia um conjunto de situações de manifesta vulnerabilidade social em que estas pessoas viviam, aglomeradas em habitações sem o mínimo de condições de vida condignas.

A pandemia tornou manifesto um conjunto de situações sociais que estavam latentes, tais como a violação dos mais elementares direitos humanos, situações de tráfico de seres humanos, de condições de habitabilidade sem salubridade e sobrelotação, com um risco enorme para a saúde pública.

Dados divulgados pelo INE no final de 2021, a partir do Inquérito às Condições de Vida e Rendimento permitem constatar que a taxa de pobreza em Portugal subiu de 16,2% em 2019 para 18,4% em 2020. O coeficiente de Gini é agora de 33,0%, subindo 1,8% pontos percentuais em relação a 2019. O rácio S80/S20 subiu de 5% em 2019 para 5,7% em 2020 e o rácio S90/S10 subiu de 8,1% em 2019, para 9,8% em 2020. Do ponto de vista das desigualdades territoriais o Algarve é a região do país com a maior subida da taxa de pobreza (mais 3,9 pontos percentuais).

Seguindo a análise de Aboim (2021:141) podemos constatar que uma outra categoria social muito afetada pela pandemia foram as mulheres, o que confere uma importante saliência das desigualdades de género na crise pandémica.

As mulheres estão na linha da frente da luta contra o vírus, uma vez que a maioria dos profissionais de saúde são mulheres. Segundo o relatório da ONU divulgado no ano 2020 e intitulado “*Mulheres no centro da luta contra a crise Covid-19*”, 70% dos trabalhadores da área da saúde em todo o mundo são mulheres, fato que as expõe a um maior risco de infeção pela Covid-19³³.

³³ – 70% dos trabalhadores da área da saúde em todo o mundo são mulheres, fato que as expõe a um maior risco de infeção pela Covid-19;

– Com o isolamento social, os índices de violência doméstica e feminicídio têm aumentado no mundo. Como as mulheres estão confinadas com seus agressores e distantes do ciclo social, os riscos são cada vez mais elevados;

– Entre os idosos, há mais mulheres vivendo sozinhas e com baixos rendimentos;

– As trabalhadoras do setor de saúde, as domésticas e as trabalhadoras do setor informal serão as mais afetadas pelos efeitos da pandemia;

– No setor têxtil, um dos mais afetados da indústria em todo mundo e paralisado por causa do trabalho temporário de lojas, as mulheres são 75% dos trabalhadores no mundo.

– Com a pandemia, mulheres têm de se dividir entre diversas atividades, como emprego fora de casa, trabalhos domésticos, cuidados com filhos, educação escolar em casa e assistência a idosos;

– Antes da Covid-19, as mulheres desempenhavam três vezes mais trabalhos não remunerados do que os homens. Com o isolamento, a estimativa é que este número triplique;

Para além disso e apesar disso, continuam a ser as mulheres a assumir a maioria das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. O confinamento foi particularmente penoso para as mulheres que quando por exemplo em situação de teletrabalho e com filhos em ensino à distância foram particularmente penalizadas.

O aumento do risco de pobreza, em Portugal, foi mais severo nas mulheres, aumentando de 16,7% em 2019 para 19,2% em 2020 e em particular no caso das mulheres mais idosas, passando de 19,5% em 2019 para 22,5% em 2020 (INE, ICOR, 2021).

As mulheres são também especialmente afetadas pelos fenómenos de violência doméstica que em situação de confinamento ganharam condições de se manifestarem com mais intensidade.

2.3.2 – AS CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA NA ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS.

Quando a pandemia se instala em Portugal em Março de 2020, a escolarização das crianças e dos jovens no nosso país já era marcada por fortes desigualdades educativas e sociais e a instituição escolar era atravessada por fortes dinâmicas de reprodução social.

Estudos da Direcção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência, publicados em 2016 para o Ensino Básico permitem-nos concluir que à data, para o terceiro ciclo, os percursos escolares de sucesso dos alunos estavam fortemente correlacionados com o capital escolar das mães. Como ilustra o gráfico em baixo, há uma correlação clara entre o capital escolar das famílias, aqui medido pelo nível de habilitação das mães dos alunos e o seu percurso de sucesso escolar, sendo que como podemos constatar quanto maior o nível de escolarização das mães maior o percurso de sucesso dos seus filhos, variando os resultados de 14% quando as mães não têm uma escolaridade sequer ao nível do primeiro ciclo, 19% quando têm o 1o ciclo completo e 71% quando as mães têm Licenciatura/Bacharelato, aumentando ainda para 75% quando as habilitações escolares das mães têm o Mestrado/Doutoramento.

– Mulheres não estão na esfera de poder de decisão na pandemia. Elas são 25% dos parlamentares no mundo e menos de 10% dos chefes de Estado ou de governo.



Quadro 7 – Percursos de sucesso no 3º Ciclo do Ensino Básico

Fonte: Direcção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (2016)
Desigualdades Socioeconómicas e Resultados Escolares - 3o Ciclo do Ensino Público Geral

No mesmo ano a Direcção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência fez sair resultados para o 2º ciclo do Ensino Básico e as tendências evidenciadas entre o capital escolar das mães e os percursos de sucesso dos seus filhos assemelhavam-se aos padrões de regularidade para o 3o ciclo. A sociologia da educação à escala nacional e internacional tem sido fértil na demonstração destes padrões de desigualdade educativa que atravessam as instituições escolares na contemporaneidade.

O fecho das escolas derivado das medidas preventivas de saúde pública para fazer face ao contágio pandémico veio agravar e tornar mais salientes estas desigualdades. Quanto às consequências da pandemia na escolarização de crianças e jovens, um estudo realizado em Portugal pela *Nova School of Business and Economics* (Reis et al, 2020), concluiu que o ensino à distância agravou as desigualdades no que concerne ao aproveitamento escolar das crianças, prejudicando as famílias mais desfavorecidas, e colocou em evidência a desigualdade existente no sistema educativo português pré-pandemia e que a condição da situação pandémica claramente amplificou.

O estudo correlaciona as condições de habitabilidade das famílias ao sucesso (ou não) do ensino à distância, e refere o Algarve como a região mais preocupante com 34,2% de crianças a viverem em casas com telhados e estruturas húmidas ou mesmo apodrecidas e 2.5% sem instalações de banho ou duche no interior.

Martins & Silva (2021) referem um outro estudo recente, levado a cabo pelo IAVE (Instituto de Avaliação Educativa) em Portugal, onde se chega à conclusão de que os alunos de condição socioeconómica desfavorecida têm piores resultados do que os alunos

de condição económica favorecida, mesmo quando os primeiros têm acesso aos meios digitais para efetuar a sua aprendizagem.

A partir das provas de aferição dos alunos dos 3º, 6º e 9º anos procurou-se avaliar a literacia em leitura, ciências e matemática e foram feitas por aproximadamente 24 mil alunos de 313 escolas. O cruzamento do desempenho dos alunos com as suas condições socioeconómicas veio novamente confirmar a forte influência do estatuto socioeconómico no sucesso escolar dos alunos.

Os resultados dos alunos que não recebem Ação Social Escolar (ASE) são sempre superiores aos dos alunos com ASE, em todas as literacias e em todos os anos de escolaridade estudados. Às desigualdades de acesso aos meios digitais acumulam-se as desvantagens de capital económico e cultural bem conhecidas dos sociólogos da educação.

Voltando a citar Aboim (2021:143),

“Para segmentos mais empobrecidos, os quartos com casa de banho privada onde o familiar infetado convalesce não abundarão, as possibilidades de teletrabalho não existem e os telemóveis e computadores portáteis com ligação segura à internet estarão em falta. Com efeito, a desigualdade das famílias face à educação das crianças é gritante. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística, divulgados em novembro de 2019, cerca de 5,5% dos agregados familiares com crianças até aos 15 anos afirmavam não ter acesso à internet em casa. Mais, um quarto dos alunos do primeiro ciclo da rede escolar pública de Lisboa não tem meios digitais para estudar em casa.”

2.3.3 – AS CONSEQUÊNCIAS E EFEITOS NOS MODOS DE VIDA E NAS SUBJETIVIDADES

Um outro conjunto de efeitos importantes da pandemia Covid-19 manifesta-se de forma muito expressiva nos modos de vida e nas subjetividades individuais. Passámos da proximidade inerente às relações sociais face a face à exigência da distância física (mais comumente e erradamente designada distância social). As relações de intimidade alteraram-se profundamente, aspetos como o beijar, o toque, o abraço, a sexualidade, o cumprimento pelo tradicional aperto de mão, foram suspensos da vida quotidiana.

As classes sociais de “colarinho branco” foram para casa teletrabalhar. As crianças e jovens afastaram-se fisicamente dos seus professores e foram fazer escola para casa e ver o mundo aos quadrinhos em plataformas informáticas como o Colibri Zoom. As caras passaram a estar parcialmente cobertas com máscaras. A vivência diária ficou marcada pelo medo do contágio no contacto com os outros e os objetos quotidianos. O espaço doméstico em contexto de teletrabalho e de risco pandémico reconfigurou-se. Os hábitos de consumo, de lazer e as relações de sociabilidade alteraram-se profundamente.

O poder do Estado com medidas de controlo social como as que foram decretadas em Estado de Emergência entrou de forma intensiva nas subjetividades individuais, proibindo condutas e práticas sociais, regulando outras ou ainda com prescrições e recomendações que condicionam decisivamente as ações e as decisões individuais e levantam enormes desafios ao Estado de Direito e às democracias (por exemplo, o que se passou em França com o apelo do Presidente da República à exclusão dos não vacinados da vida social).

A mobilidade dos indivíduos foi fortemente condicionada (por exemplo com as cercas sanitárias a determinados territórios, proibições de entrar e sair ao fim de semana na cidade de Lisboa, fecho de fronteiras, etc). Ao nível das consequências nas subjetividades individuais destaca-se ainda o impacto na saúde mental das crianças, jovens e adultos, uma vez que as vivências e as rotinas quotidianas foram profundamente perturbadas.

Todas estas alterações bruscas, dotadas de incerteza e de imprevisibilidade que romperam com as rotinas do quotidiano da vida de todos os dias, tiveram também efeitos de sentido negativo na saúde mental de uma parte significativa da população portuguesa. Um estudo efetuado por uma equipa do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge^{34 35} (2020) e coordenado pela Dra. Teresa Caldas de Almeida intitulado “Saúde Mental em Tempos de Pandemia³⁶” permitiu constatar que 25% dos inquiridos apresentou sintomas moderados a graves de ansiedade, depressão e stress pós-traumático.

³⁴ <https://sm-covid19.pt/>

³⁵ <http://hdl.handle.net/10400.18/7245>

³⁶ 34% dos indivíduos da população geral e 45% dos profissionais de saúde inquiridos apresentavam sinais de sofrimento psicológico no decurso dos 15 dias anteriores à participação no estudo;
27% dos inquiridos da população geral indicaram ter sintomas moderados a graves de ansiedade, 26% sintomas de depressão e 26% sintomas de perturbação de stress pós-traumático;

Os resultados deste estudo vão ao encontro dos resultados de outros estudos realizados noutros países que permitem dizer que a rutura brusca nos modos de vida e nos quotidianos dos indivíduos e das suas famílias em resultado da pandemia Covid-19, tiveram impactos na saúde e no seu bem-estar, afetando de forma mais intensa as categorias sociais e profissionais que estiveram na primeira linha do combate à pandemia.

Entre os profissionais de saúde e em específico, aqueles que estiveram a tratar os doentes infetados, são os que apresentam percentagens mais altas de ansiedade moderada a grave (42%) assim como níveis de exaustão física e emocional mais elevados. Os jovens adultos e as mulheres também foram afetadas de forma expressiva pelos sintomas de ansiedade e depressão moderada a grave.

Quando se tem em conta a situação face ao trabalho, ao rendimento e ao emprego, percebe-se que são sobretudo aqueles que têm um rendimento mais baixo (29%) e os que se encontram em situação de desemprego (39%) os que mais sofrem os sintomas da depressão. O estudo revela ainda como a incerteza face ao futuro é central na preocupação da população inquirida, com 79% a mostrar preocupação com o facto da sua forma de viver não voltar a ser como o era antes da pandemia e 96% preocupados com a possibilidade de o país entrar numa grave crise económica.

Um outro estudo realizado por uma equipa de investigação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra liderado pela Professora Doutora Ana Paula Matos (2020) no âmbito do projeto “Sucesso, Mente e Saúde”³⁷ sobre

São sobretudo as mulheres, os inquiridos entre os 18 e os 29 anos, os desempregados e os indivíduos com mais baixo rendimento quem apresenta mais frequentemente sintomas de sofrimento psicológico moderado a grave, ansiedade, depressão ou perturbação de stress pós-traumático;

Nos profissionais de saúde, os resultados mostram percentagens mais elevadas de sofrimento psicológico relativamente à população geral, nomeadamente no que se refere a ansiedade moderada a grave. Os mais afetados são os que estão a tratar doentes com COVID-19, com um risco de sofrimento psicológico 2,5 vezes superior aos que não estão a tratar esses doentes. É também neste grupo de profissionais de saúde que os níveis de “*burnout*” (exaustão física e emocional) são mais elevados (43%);

A dificuldade na conciliação trabalho-família, a preocupação com a manutenção do trabalho ou preservação do rendimento, a perceção de menos apoio social ou familiar e a preocupação relativamente ao futuro são determinantes relevantes de problemas de saúde mental na população geral;

Por outro lado, a resiliência, bem como a manutenção de passatempos/hobbies, de rotinas diárias e/ou de atividade física, têm um efeito protetor do bem-estar psicológico e estão associadas a um risco diminuído de sintomas de ansiedade, depressão ou stress pós-traumático;

Nos indivíduos que indicaram estar ou ter estado em quarentena, em isolamento ou já recuperados da Covid-19, 72% reportaram sofrimento psicológico e mais de metade referiu sintomas de depressão moderada a grave. Dos indivíduos infetados que estiveram em internamento hospitalar ou em cuidados intensivos, a maioria (92%) refere sintomas de ansiedade moderada a grave.

(Boletim Epidemiológico Observações. 2020, 2ª série, Vol. 9 (Supl 12) COVID-19).

³⁷ <https://esms.dei.uc.pt/>

o impacto da pandemia na saúde mental dos jovens concluiu por um aumento de emoções negativas, tais como tristeza, medo e raiva, encontrando uma diferença de género significativa nos resultados uma vez que as raparigas estiveram em desvantagem, com níveis significativamente mais elevados que os rapazes quanto aos sentimentos acima referidos.

3. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO E MODELO DE ANÁLISE

Em termos de metodologia de investigação pretendeu-se um enfoque de carácter qualitativo, descritiva e de índole indutiva. Busca-se, essencialmente aspectos qualitativos da atividade humana e da experiência: levantar informação, descrever, procurar explicar a experiência humana constantemente orientado pelos dados (primários) e permanentemente reformulável. Esta perspetiva que versa a qualidade dos dados, em que os mesmos são recolhidos de forma natural (não manipulados), e que tem como resultado a busca de descrições textuais, assim como as explicações e as interpretações.

Importa referir que a investigação versa uma perspetiva de descoberta, ainda que se parta de questões de investigação assim como objetivos concretos, na forma de hipóteses, ou de aspectos relacionados (por exemplo, de que forma a experiência pandémica, e de confinamento, afirma-se para os atores como uma autêntica prova e com impacto social, a forma desigualitária como a pandemia afetou as pessoas com diferentes características e marcadores sociais, explorar as diferentes formas que a pandemia condicionou a experiência social ao nível do confinamento: ao nível do género, da estrutura do agregado familiar, da classe social, entre outros aspectos que se vieram a revelar e com considerável relevância em termos sociológicos).

Tendo como perspetiva que a(s) realidade(s) é um fenómeno construído, não percebível de forma direta. A realidade social assenta, pois, sob dimensões individuais, contextuais e históricas únicas. As perturbações dos sistemas sociais produzem igualmente perturbações nos atores que deles fazem parte, construindo estas realidades individuais alicerçadas, tanto no eixo histórico-temporal, como nos contextos sociais a que pertencem.

Ao nível da abordagem metodológica para a interpretação e análise sociológica: Propõe-se uma análise dos efeitos do confinamento em contexto de Covid-19. Para alcançar esse objetivo, recorreremos a técnicas de recolha de dados através de entrevistas

exploratórias e entrevistas semiestruturadas, que se revelaram como entrevistas em profundidade. Além disso, realizamos uma análise temático-categorial de conteúdo, na aceção de Bardin (2020) com base nas informações obtidas durante as entrevistas. Essa abordagem metodológica permitiu-nos investigar e compreender de forma aprofundada as experiências e percepções em profundidade dos participantes.

Amostra e Estruturação da População Alvo: Para selecionar os participantes da pesquisa, estruturamos a população-alvo considerando critérios socioeconómicos, faixa etária, estado civil, profissão e escolaridade. Essa estruturação permitiu-nos obter uma amostra diversificada, simbólica e que englobasse diferentes perspetivas e realidades sociais.

Em relação aos níveis socioeconómicos, buscamos abranger uma ampla gama de estatutos socioeconómicos, incluindo participantes das diferentes classes sociais. Isso permitiu-nos analisar como o confinamento afetou pessoas de diferentes contextos económicos.

Quanto à faixa etária, focamos especificamente em entrevistar indivíduos com idades entre 39 e 55 anos. Essa faixa etária foi selecionada com base na premissa de que esses participantes teriam acumulado experiências e responsabilidades significativas nas suas vidas, o que poderia influenciar suas percepções sobre os efeitos do confinamento.

Em relação ao estado civil, estabelecemos uma distribuição equitativa de participantes solteiros, casados e em uniões de fato. Essa categorização nos permitiu explorar como o confinamento afetou as relações pessoais e familiares desses diferentes grupos.

No que diz respeito à profissão³⁸, selecionamos participantes com uma ampla variedade de profissões e também não empregados, como analista de dados, bolseira em gestão e tecnologia, produtor musical e sonoplasta, desempregada, administrativa, gestora, advogada, assistente operacional do Sistema Nacional de Saúde, coordenadora, comercial, gestor de marketing online e redes sociais, nutricionista do Sistema Nacional de Saúde, investigador, skipper e técnico de manutenção. A diversidade profissional

³⁸ A escolha dos segmentos profissionais não foi ingénua, mas atenta às particularidades do contexto da região do Algarve, nomeadamente, profissões ligadas ao Turismo (empresa de restauração, empresa marítimo turística, técnico de manutenção ligado a alojamentos locais e unidades hoteleiras), ao nível do Sistema Nacional de Saúde, ao nível das artes e espetáculos, ao nível do comércio, as “e-profissões” mais ligadas ao trabalho via internet e que possibilitaram a modalidade de trabalho remoto.

permitiu-nos compreender os efeitos do confinamento em diferentes setores de trabalho e áreas de atuação, nomeadamente trabalhadores afetos ao Sistema Nacional de Saúde, e de como cada segmento de natureza laboral enfatizou determinada problematização ao nível dos problemas específicos de cada área de trabalho, sendo outro exemplo, a área do turismo em segmentos diversificados.

Por fim, levamos em consideração a escolaridade dos participantes, visando incluir pessoas com diferentes níveis educacionais. Essa abordagem nos permitiu analisar como a educação e o nível de conhecimento afetaram as experiências e percepções dos participantes durante o confinamento.

Recolha de Dados: Inicialmente, realizamos três entrevistas exploratórias para compreender os principais temas e questões relacionadas ao confinamento em contexto de Covid-19. Essas entrevistas foram conduzidas de forma mais aberta, permitindo aos participantes partilhar suas experiências e pontos de vista livremente. Posteriormente, foram feitas mais onze entrevistas semiestruturadas, perfazendo um total de catorze entrevistas.

A sociologia, como disciplina dedicada ao estudo dos fenómenos sociais, desempenha um papel fundamental na compreensão dos efeitos do confinamento durante a pandemia de Covid-19. Ao adotar um olhar sociológico, é possível analisar de forma aprofundada os impactos do confinamento nas estruturas e dinâmicas sociais, levando em consideração tanto perspetivas sincrónicas quanto diacrónicas.

A perspetiva sincrónica (metáfora da fotografia – instante) enfoca o presente, permitindo uma análise das interações sociais, práticas e estruturas sociais emergentes durante o confinamento. Ao examinar os efeitos imediatos e visíveis dessa medida restritiva, a perspetiva sincrónica revela as mudanças nas relações familiares, dinâmicas sociais e comunitárias e comportamentos coletivos. Por meio dessa análise, é possível compreender como as pessoas se adaptam ao confinamento, desenvolvendo estratégias de confronto com novas dinâmicas sociais e reconfigurando as suas vidas cotidianas em resposta a essa nova realidade. No entanto, a perspetiva diacrónica (metáfora filme – constante) é igualmente essencial para uma compreensão completa do fenómeno. Ao adotar uma visão de longo prazo, é possível examinar a evolução do confinamento ao longo do tempo e suas consequências a longo prazo. Isso envolve investigar as mudanças sociais e estruturais resultantes do confinamento, como a reorganização das relações de

trabalho, as transformações nas políticas públicas e os efeitos duradouros nas percepções e atitudes sociais.

A justificação para a integração de perspetivas sincrónicas e diacrónicas no olhar sociológico sobre os efeitos do confinamento reside na necessidade de compreender a complexidade desse fenómeno. O confinamento não é apenas uma medida isolada, mas um processo em constante evolução que impacta tanto a vida individual quanto a coletiva. Ao considerar simultaneamente as dimensões temporais, somos capazes de capturar as nuances das experiências vividas pelos indivíduos durante o confinamento e entender as mudanças sociais mais amplas que ocorrem como resultado. Além disso, a integração de perspetivas sincrónicas e diacrónicas permite uma análise mais completa das desigualdades e disparidades sociais que são acentuadas durante o confinamento. Ao examinar tanto os efeitos imediatos quanto as consequências a médio e longo prazo, podemos identificar como certos grupos sociais são desproporcionalmente afetados e quais estruturas sociais contribuem para essas disparidades.

A opção metodológica que busca os olhares e entendimentos sincrónicos³⁹ e diacrónicos⁴⁰ explica a utilização dos discursos (excertos de entrevistas) de uma forma mais extensa no trabalho de investigação, permitindo não descontextualizar o fenómeno no “aqui e no agora”, mas buscando leituras ao longo do tempo acerca do mesmo, considerando a sua mudança, evolução e transformação histórica, sobretudo de acordo com a realidade individual e social dos entrevistados. A utilização de excertos de entrevistas mais extensos é uma estratégia valiosa para garantir que a linguagem dos entrevistados não seja descontextualizada e para permitir uma compreensão mais abrangente do fenómeno ao longo do tempo, bem como uma perspetiva mais livre das experiências dos participantes. Essa abordagem oferece uma oportunidade única para

³⁹ As entrevistas com uma perspetiva sincrónica são úteis para obter informações sobre a situação atual de um fenómeno ou contexto específico. Ao conduzir entrevistas com indivíduos ou grupos num determinado momento, os investigadores podem recolher dados sobre suas experiências, percepções, opiniões e práticas atuais. Isso permite uma análise detalhada das dinâmicas e estruturas que estão presentes naquele momento, sem necessariamente se aprofundar nas mudanças históricas que levaram a essa situação.

⁴⁰ As entrevistas com uma perspetiva diacrónica são adequadas para investigar mudanças, desenvolvimentos e transformações ocorridas ao longo do tempo. Nesse caso, os investigadores podem realizar entrevistas com diferentes gerações ou grupos que experimentaram e vivenciaram o fenómeno em momentos distintos. Essa abordagem permite traçar a evolução histórica, identificar padrões de mudança e compreender as razões por trás das transformações ocorridas.

capturar a complexidade e a riqueza das narrativas dos entrevistados, fornecendo uma visão mais detalhada e precisa dos temas em estudo.

1. Preservação do contexto e significado: Ao utilizar excertos mais extensos, os investigadores evitam selecionar apenas fragmentos isolados da entrevista, o que poderia levar a uma perda de contexto e, conseqüentemente, a uma possível distorção do significado das palavras dos entrevistados. Ao incluir excertos mais longos, é possível entender melhor as conexões entre as ideias expressas e a forma como elas se encaixam na narrativa geral do entrevistado. Dessa forma, os resultados da investigação são mais fiéis às perspectivas dos participantes, garantindo que suas vozes e experiências sejam representadas de maneira precisa.
2. Compreensão do fenômeno ao longo do tempo: A utilização de excertos mais extensos de entrevistas permite que os investigadores analisem a evolução e a dinâmica do fenômeno em estudo ao longo do tempo. É possível identificar mudanças, padrões e tendências que não seriam evidentes se apenas excertos isolados fossem utilizados. Isso contribui para uma compreensão mais profunda dos fatores que influenciaram a transformação do fenômeno, proporcionando uma perspectiva diacrônica enriquecedora para a investigação.
3. Liberdade narrativa e interpretação: A utilização de excertos mais extensos também permite uma interpretação mais livre e aberta dos dados. A investigação pode explorar as nuances e ambigüidades presentes nas respostas dos entrevistados, em vez de simplificar ou reduzir a complexidade das narrativas. Isso promove uma análise mais reflexiva e crítica, incentivando a descoberta de informações inesperadas ou subtextos relevantes que podem ser perdidos quando os dados são tratados de forma mais fragmentada.

Além disso, ao proporcionar uma visão mais abrangente das experiências e perspectivas dos entrevistados, essa abordagem ajuda a evitar generalizações excessivas ou estereotipadas que poderiam surgir de uma análise superficial das respostas.

Em suma, ao utilizar excertos de entrevistas mais extensos, o investigador tem a oportunidade de preservar o contexto e o significado do discurso dos entrevistados, compreender o fenômeno ao longo do tempo e interpretar os dados de maneira mais livre e reflexiva. Essa abordagem enriquece a pesquisa, permitindo que as vozes dos

participantes sejam ouvidas e compreendidas em toda a sua complexidade e autenticidade.

Portanto, uma abordagem do olhar sociológico que integra perspectivas sincrónicas e diacrónicas permite uma compreensão mais profunda dos efeitos do confinamento durante a pandemia de Covid-19. Essa integração é fundamental para capturar a complexidade desse fenómeno, analisando tanto as interações sociais imediatas quanto as mudanças estruturais a médio e longo prazo, proporcionando insights valiosos sobre as dinâmicas sociais e as consequências socioeconómicas desse período desafiador.

A busca de um entendimento sociológico cientificamente fundamentado e eticamente responsável, deve assentar na busca de um olhar “cinematográfico” e dinâmico – ao longo de um tempo determinado, que se move dinamicamente de trás para a frente (diacrónico), conjugado com um olhar “fotográfico” (sincrónico), o olhar de um mero “instante”, que fragmenta para compreender, que isola para entender, perspetivando os sentidos latentes (os significados), a sua história e o seu contexto. Qualquer manifestação de realidade social numa perspetiva dos atores sociais tende a ser plural, mas igualmente singular e diversa, ancorada num contexto pessoal e familiar, e num determinado ambiente social, cultural e interacionista.

Tendo como ponto de partida teórico e empírico que a *linguagem cria a realidade*, a entrevista (que se revelou em entrevista em profundidade) assumiu desde o início do desenho de investigação a técnica por excelência de recolha de dados. A linguagem faz estruturar as regras lógicas, descritivas e explicativas, através dos quais compreendemos a nós mesmos e aos outros. Por outro lado, *a mente é social*: os fenómenos mentais refletem fenómenos sociais por excelência, sendo resultado e produto de um jogo de estruturas interpessoais num determinado contexto particular.

Revela-se importante ainda acrescentar em relação à técnica da entrevista aprofundada que numa comunicação entre entrevistador e entrevistado existe uma perturbação bidirecional entre eles. Assim sendo observador e observado, ou entrevistador e entrevistado, constituem no ato de entrevista uma única realidade, complementar e coevolutiva que, além disso, tem ou pode ter a capacidade de observar-se a si mesma na sua evolução e na dinâmica das suas perturbações. Esta dependência recíproca determina as condições entre ambos, mantém-se uma relação complementar entre estabilidade e mudança.

A entrevista em profundidade como instrumento de recolha de informação através de entrevistas semiestruturadas apresenta-se-nos como a mais justificável, pois permite eixos de compreensão em torno das dinâmicas individuais sem nunca perder o olhar macrossocial sobre a evolução das estruturas sociais, a busca das suas motivações, sentimentos, e os valores em torno à heterogeneidade das suas experiências que relatam. Por outro lado, permite, também explorar as mudanças significativas das suas condições de vida, e as vivências passadas, e presentes face ao contexto presente. A obra *A Entrevista Compreensiva* (Kaufmann, 2013) parece-nos oferecer um excelente referencial para o tipo de entrevistas pretendidas na medida que, sendo a entrevista a principal ferramenta de trabalho na busca de dados, e a procura de uma lógica e sentido interior dos sujeitos entrevistados, permitirá uma escuta ativa por parte do entrevistador, sempre ancorado no método compreensivo. Por outro lado, a adoção também ao nível da entrevista dos referenciais teóricos de Carl Rogers (2009) designada por “entrevista não-diretiva” ou “entrevista centrada no cliente”, onde o entrevistador adota uma postura de imensa empatia e aceitação incondicional em relação ao entrevistado.

A entrevista de Carl Rogers caracteriza-se pelos seguintes aspetos:

1. Empatia: O entrevistador esforça-se para compreender e experimentar o mundo interno do entrevistado. Ele procura-se colocar no lugar do entrevistado e entender a sua perspectiva única.
2. Aceitação incondicional: O entrevistador demonstra aceitação completa e positiva em relação ao entrevistado, independentemente de suas atitudes, pensamentos ou comportamentos. Não há julgamento ou crítica.
3. Congruência: O entrevistador é autêntico e genuíno nas suas interações com o cliente. Ele partilha suas próprias experiências e sentimentos de forma a criar uma atmosfera de confiança e sinceridade.
4. Escuta ativa: O entrevistador concentra-se em ouvir e compreender o entrevistado, permitindo que ele expresse seus pensamentos, sentimentos e preocupações livremente.

Torna-se importante referir que toda a técnica de entrevista versou como que uma atitude que buscou sempre compreender a natureza da experiência por parte do ator social, isto é, além da técnica de entrevista, uma atitude sociológica de “entrar na vida das pessoas” buscando a essência e a autenticidade das experiências e dos significados

profundos que eles têm para os sujeitos. Igualmente de referir que após o momento de entrevista quase todos os inquiridos referiram que a entrevista foi importante na verbalização acerca das situações por que que haviam passado, de que certos acontecimentos ao serem descritos verbalmente, existe como que uma reflexividade imanente ao que é dito. Uns referiram um “carater terapêutico”, outros referiram um “carater libertador e catártico” pós-entrevista. Esses feedbacks posteriores às entrevistas levaram o entrevistador, após a transcrição das entrevistas, a devolverem as mesmas aos entrevistados sob a forma de um texto, ora enviado através de email, ora devolvido presencialmente, e que posteriormente levou a uma perspectiva *follow-up* (seguimento) em relação aos assuntos em questão nas entrevistas.

A(s) experiência(s) de “entrevista” provocaram igualmente uma profunda modificação no entrevistador, obrigando-o, por vezes, a deixar o seu ângulo de análise e permitindo-se espreitar pelas lentes dos entrevistados no que respeita às suas dificuldades, desafios e provas fundamentais.

No contexto do ato de conhecer, a técnica de entrevista semiestruturada (versando a profundidade da experiência e dos dados) busca compreender como a consciência se relaciona com o objeto de conhecimento e como a experiência e o conhecimento é socialmente constituído. Uma boa entrevista pode investigar tanto o conhecimento sensorial, baseado na perceção e nos sentidos, quanto o conhecimento intelectual, fundamentado na razão e na reflexão.

A primazia da entrevista enfatiza a subjetividade e a intencionalidade da consciência. Isso significa que o conhecimento não é visto como um processo passivo de absorção de informações, mas como uma atividade ativa em que a consciência se dirige intencionalmente para o objeto de conhecimento. O ato de conhecer envolve a consciência que se estende em direção ao objeto, apreendendo-o e constituindo-o em sua própria experiência.

A entrevista na aceção de Kaufmann (2013) e de Rogers (2009) reconhece que o ato de conhecer em entrevista não ocorre em um vácuo, mas está inserido em um horizonte de significados prévios e numa rede de relações. Esses significados prévios e relações moldam a forma como percebemos e interpretamos o mundo, influenciando o processo de conhecimento. Além disso, a atitude do entrevistador também destaca a importância da corporeidade na experiência do conhecimento, reconhecendo que o corpo desempenha um papel fundamental na nossa interação com o mundo e na construção do conhecimento.

Outro aspeto relevante na análise à técnica de entrevista é a noção de intuição. A intuição, nesse contexto, refere-se a uma apreensão imediata e pré-reflexiva do objeto de conhecimento. É uma forma de conhecimento que não depende exclusivamente da análise conceitual ou da inferência lógica, mas que surge diretamente da experiência vivida.

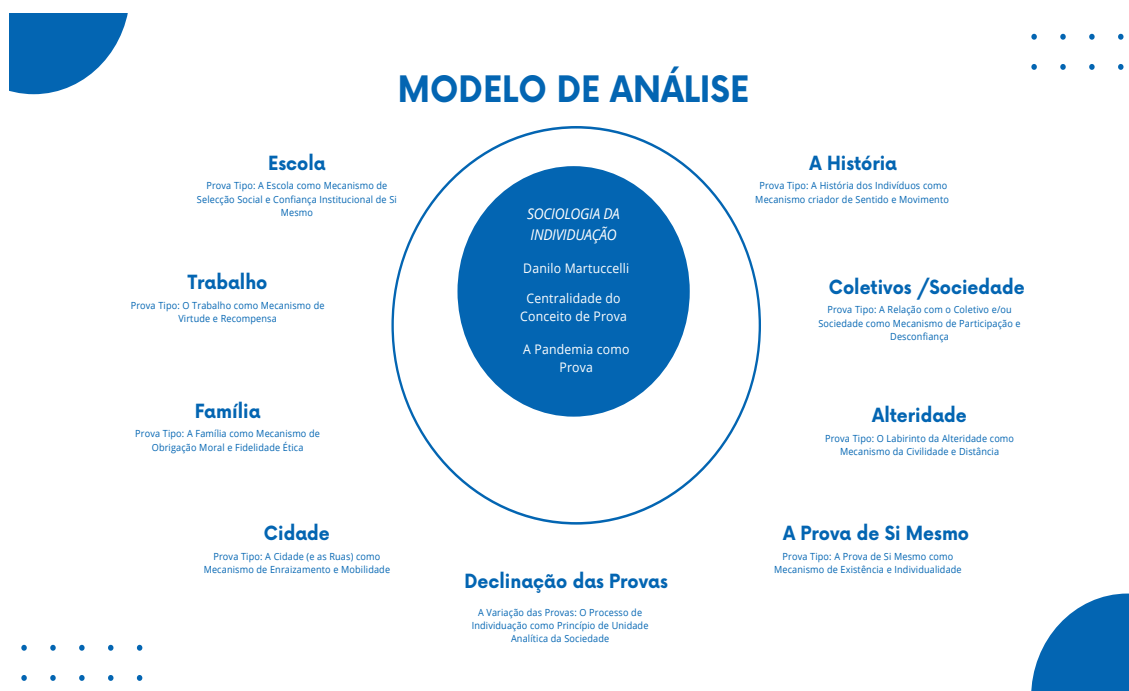
Uma entrevista que "entra na vida das pessoas" refere-se a uma abordagem de entrevista em que o entrevistador busca obter uma compreensão profunda e significativa da vida, experiências, perspectivas e emoções do entrevistado. O objetivo é ir além das respostas superficiais e explorar os aspetos mais profundos da vida e dos aspetos integracionistas, contextuais e relacionais da pessoa entrevistada. Esta abordagem de entrevista geralmente envolve questões abertas, permitindo que o entrevistado partilhe livremente suas experiências e pensamentos. O entrevistador deve demonstrar empatia, escuta ativa e interesse genuíno para estabelecer um ambiente acolhedor e encorajador, no qual o entrevistado se sinta à vontade para partilhar informações pessoais. Durante a entrevista, o entrevistador pode buscar compreender aspetos da história de vida do entrevistado, os seus valores, crenças, desafios enfrentados (as provas), conquistas, relacionamentos, sonhos e aspirações. O objetivo é criar um diálogo significativo e permitir que o entrevistado se expresse plenamente, promovendo uma compreensão mais profunda da sua vida e das suas experiências.

É importante ressaltar que uma entrevista que "entra na vida das pessoas" requer sensibilidade, respeito e sobretudo ética. O entrevistador deve estar ciente dos limites e da privacidade do entrevistado, garantindo que todas as informações fornecidas sejam tratadas com confidencialidade e respeito. Essa abordagem de entrevista é comumente utilizada em contextos terapêuticos, pesquisas qualitativas, jornalismo de investigação e outras situações em que é necessário obter uma compreensão aprofundada da vida e das experiências de uma pessoa.

No que respeita ao modelo de análise, o mesmo tem em perspectiva as 8 tipologias de provas segundo o autor Danilo Martuccelli⁴¹: A escola, o trabalho, a cidade, a família, a história (e como, sobretudo o indivíduo a perspectiva e a vive), a relação com os coletivos, a alteridade, e a prova de si mesmo. Apresentando-se, pois, as características e os eixos do modelo de análise, fazendo menção às provas / provações / testes que podem assumir,

⁴¹ Ver página 47-54 onde é descrito exhaustivamente as tipologias de(as) provas / provações segundo o autor.

assim como a sua ligação com o confinamento em contexto de pandemia, e a sua ligação com o trabalho empírico da investigação o qual se justifica e articula nas notas em rodapé.



Quadro 8 - Modelo de análise

Prova 1: A Escola – O percurso escolar é uma prova que reflete a seleção social e a confiança institucional em si mesmo. O sistema de educação e formação é visto como determinante para o emprego e o destino social, embora surjam algumas preocupações, como a quebra do pacto entre gerações e a competição internacional que pode levar à desvalorização dos diplomas nacionais.

A massificação e o prolongamento dos estudos mudaram o significado da prova escolar, tornando o diploma indispensável e sua ausência uma desvantagem. A escolaridade é organizada através de um mecanismo subtil de fracassos relativos, onde as orientações escolares muitas vezes se apresentam como escolhas negativas. O desempenho passa a determinar as orientações, levando os indivíduos a atribuírem seus fracassos a si mesmos, gerando frustrações e arrependimentos.

A seleção escolar aumenta o peso social e subjetivo de seu veredicto, tornando a escola uma organização capaz de transmitir ou não uma forma particular de confiança institucional em si mesma. Para todos, a escola é simultaneamente uma corrida e uma máquina de julgamento.

Prova 2: O Trabalho – O trabalho no contexto da globalização e das transformações tecnológicas tornou-se singular, mas há algo comum a todas as atividades de trabalho: a

dinâmica entre virtude e recompensa, que constitui a "prova-tipo". O trabalho não tem mais um significado transcendente, mas permite a realização das capacidades pessoais de forma eficiente. Os indivíduos avaliam seu trabalho a partir desse critério, que é subterrâneo e óbvio para eles.

Nas sociedades atuais, o trabalho é visto como uma prestação remunerada e uma relação de emprego, especialmente no contexto capitalista, onde a virtude profissional está ligada à sua remuneração monetária. No entanto, essa virtude muitas vezes ultrapassa sua tradução monetária e se manifesta como uma forma de excelência pessoal, o que pode levar a diversas insatisfações quando confrontada com avaliações intersubjetivas.

O objetivo não é abordar as diferentes experiências de trabalho em setores, qualificações ou estatutos, mas sim entender a prova-tipo e suas consequências na formação dos indivíduos. A análise é desdobrada por meio de um movimento sinusoidal para compreender a articulação específica entre virtude e recompensa na sociedade capitalista.

Prova 3: A Cidade – Nas ruas da cidade, a nossa relação com o espaço e o tempo diário mudou, afetando as nossas vidas de várias formas. A sociedade há muito tempo é caracterizada pela concentração de pessoas em pontos de alta densidade e pela vontade de conectar lugares distantes entre si. Porém, essa realidade coloca os indivíduos diante da tensão entre enraizamento e mobilidade.

A cidade é um ambiente complexo que mistura tendências de homogeneização e mistura urbana, aumento da densidade e dispersão, e mistura de funções e especialização monofuncional. Ela pode ser um lugar de integração e assimilação cultural, mas também de segregação e fragmentação. A cidade representa tendências contraditórias de privatização, desestruturação e cruzamento de diferenças.

A vida urbana exige que aprendamos a gerir o nosso enraizamento emocional nos lugares que afetivamente investimos, bem como a mobilidade, devido à necessidade imperiosa de nos deslocarmos por razões económicas e existenciais, mantendo-nos conectados.

A cidade é o encontro entre a casa e a rua, representando o desafio da globalização, entre a mobilidade espacial e o seu controle, e o envolvimento e a integração local. O bem-estar urbano depende dessa dinâmica entre enraizamento e mobilidade.

Prova 4: A Família – A família hoje possui diversas formas e perspectivas de interpretação. Dentro da sociologia, há visões opostas que veem a família como a célula social básica da socialização normativa, o cerne da dominação patriarcal, uma rede intergeracional de transmissão e memória, o local da construção da identidade íntima, um laboratório de produção jurídica alinhado com a individualização crescente dos percursos de vida, e também aqueles que destacam a sexualidade atuando no casal.

Apesar da proliferação de modelos familiares e das diversas perspectivas, a prova-tipo destaca a tensão central entre as obrigações morais e as fidelidades éticas que colocam o indivíduo em situações desafiadoras. Anteriormente, as obrigações morais prevaleciam de forma mais rígida, mas hoje a resposta tornou-se mais aberta e contingente.

Essa tensão afeta primeiro o casal, seguido da dívida para com os mais velhos e, por fim, a relação com os filhos. Os remorsos e arrependimentos surgem, independente da resposta dada, e o peso relativo entre obrigações e fidelidades se torna mais complexo nas relações familiares. A esposa, a filha e a mãe sentem essa tensão entre deveres e fidelidades em suas vidas familiares.

Prova 5: A História – Aborda-se a história vivida pelos eventos considerados históricos em uma vida, mas também como os indivíduos a apropriam com sua consciência histórica. A relação dos contemporâneos com a história é influenciada pela dissociação entre eventos efetivamente vividos e a capacidade de historicizá-los. O sentido atribuído aos fatos históricos e o peso dado ao movimento da história são elementos fundamentais nessa relação.

O sentido é compreendido pela passagem dos eventos coletivos para uma linguagem coletiva, determinando seu significado político e inteligência histórica. Já o movimento da história é entendido em relação à mudança e à velocidade dos eventos, em um mundo constantemente renovado. A verdadeira experiência histórica acontece quando a consciência contemporânea consegue conectar sentido e movimento.

Contudo, a dificuldade de historicizar a experiência presente surge na forma como os eventos vividos são hierarquizados e organizados coletivamente, o que está passando por grandes mudanças. Embora certos eventos tenham sentido histórico atribuído socialmente, muitas vezes é difícil para os indivíduos pessoalmente restituírem o movimento desses eventos, apesar de reconhecerem sua natureza histórica. Essa interação

entre sentido e movimento na consciência histórica contemporânea é objeto de reflexões historiográficas e filosóficas, porém, ainda pouco explorada pela pesquisa sociológica.

Prova 6: O Coletivo / A Sociedade – A relação com o coletivo é marcada por um sentimento generalizado de desconfiança, apesar de existirem condutas de participação igualmente generalizadas. Essa atitude bifacetada pode ser observada em vários níveis da vida social: no consumo, na política e na experiência de não conseguir alterar o curso dos eventos.

A participação e a desconfiança coexistem permanentemente, definindo melhor a prova da nossa relação com o coletivo do que a tensão entre desilusão e envolvimento. A desilusão não é uma tragédia inevitável nem um drama surpreendente para os atores sociais, mas sim um horizonte consciente da ação que não impede o envolvimento.

Os indivíduos perderam a ingenuidade em relação aos grupos, mas essa desconfiança é expressa, às vezes principalmente, por aqueles que possuem um envolvimento cívico, sindical ou político. Isso cria uma nova relação onde estamos envolvidos em coletivos, mas ao mesmo tempo estamos desapontados com eles, mantendo uma ambivalência que parece insuperável.

A relação com o coletivo / com a sociedade agora é gerida de forma não crítica, combinando participação defeituosa e o envolvimento desconfiado. Não se trata apenas de afirmar que o envolvimento e o desapego são indissociáveis, nem de argumentar que os indivíduos estão se retirando dos coletivos, mas sim de entender essa complexa ambivalência vivida pelos indivíduos.

Prova 7: A Relação com os Outros – A condição moderna tem sido um longo aprendizado de interação social. Com a proliferação de relações com desconhecidos em sociedades igualitárias, desenvolvemos habilidades específicas. A transição de uma sociedade hierárquica para uma sociedade de classes e, em seguida, para uma sociedade cada vez mais individualista e horizontal, tornou os encontros face a face altamente problemáticos.

Esse encontro é caracterizado pela incerteza, mas o comportamento dos outros muitas vezes é previsível e de acordo com nossas expectativas, pois os papéis sociais orientam nossas ações individuais. A preocupação não está tanto na opacidade do ser do outro, mas sim em como conduzir nossos relacionamentos com eles. Essa prova é menos trágica e

menos intelectualmente excitante do que a oposição radical da dialética hegeliana do mestre e do escravo, mas ainda é real e mais difícil, pois não tem uma solução definitiva.

As relações humanas são pensadas como desprovidas de moralidade para alguns, enquanto outros veem um desarranjo generalizado das distâncias relacionais. O labirinto da alteridade é marcado por diferentes figuras comuns de purgatório relacional, onde se misturam o desejo impossível de comunhão e a aspiração igualmente impossível de fuga.

A singularização complexifica nossas relações com os outros em duas direções principais. Por um lado, os códigos e regras de civilidade pelos quais as nossas trocas são regidas passam por transformações significativas. Por outro lado, à medida que a civilidade se modifica ou enfraquece, a reflexividade ganha mais peso e se organiza em torno da exigência agônica de dominar as distâncias com os outros. É nessa dialética entre civilidade e distância que o labirinto da alteridade se desdobra nos dias de hoje.

Prova 8: A Prova de Si Mesmo – O estudo sociológico da individuação não pode dispensar uma indagação existencial. Os indivíduos enfrentam uma tensão entre os desafios existenciais próprios da condição humana (mas influenciados pelas especificidades da condição moderna) e uma preocupação peculiar com a individualidade.

A existência, marcada pela experiência de "ek-sistere", de estar fora e enfrentar distância e falta, remete a várias competências reflexivas. Esses desafios existenciais ultrapassam a condição moderna, mas a sensação peculiar de estranheza em relação ao mundo, de viver em uma fase interminável de transição, é própria da modernidade.

A aspiração geral à individualidade é uma tendência propriamente moderna, embora se desenvolva com materiais pré-modernos e assumam várias texturas culturais. A individualidade pode ser vista como uma exigência coletiva que leva a um novo universalismo. No entanto, nas manifestações mais comuns da vida, ela é uma força de divisão, forjada na interseção de experiências pessoais que acentuam a singularidade dos indivíduos e de processos coletivos que destacam sua profunda socialização.

A relação consigo mesmo é aprisionada entre esses dois fatores, misturando questões existenciais atemporais com preocupações com a individualidade em uma vida pessoal sempre contingente. O encontro entre esses elementos assina a especificidade radical da prova de si mesmo.

A variação e a declinação das provas: A individuação é o princípio de unidade analítica da sociedade, mas a variação das provas - intensidade, ritmo e sucessão - nunca é unívoca. As vidas individuais não podem ser simplesmente vistas como inseridas em grupos sociais que determinam suas condutas. Os lugares sociais dos indivíduos são importantes do ponto de vista analítico, mas não devem ser considerados como estruturas fixas. A vida social não é homogênea, nem um teatro de perfis unicamente individuais. A análise sociológica requer um espírito crítico em relação ao pressuposto de uma sociedade homogênea e coerente, pois as forças sociais não são onipotentes ou determinísticas. As provas não se difundem diretamente na vida social, mas são filtradas por diversos processos opacos, explicando sua variação social e temporal. Os lugares sociais devem ser entendidos como momentos dinâmicos da análise e não como estruturas fixas. Embora a estrutura geral da sociedade seja um horizonte indispensável para a compreensão, é necessário privilegiar o estudo das provas e sua diversificação na vida social.

4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS EMPÍRICOS

Nesta seção pretende-se expor os resultados que derivam do trabalho de campo, que foram selecionados e previamente analisados, com posterior interpretação, e que resultaram nos seguintes blocos temáticos: representações sociais da pandemia, consequências sociais da pandemia, gestão política da pandemia, confinamento: uma experiência plural e por último, a pandemia como prova.

4.1 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PANDEMIA

Neste bloco temático perspetivamos as percepções e representações sociais dos atores em relação à pandemia. As representações sociais são conjuntos de conhecimentos, opiniões e imagens que permitem evocar um determinado acontecimento.

Segundo Moscovici (1961), a representação social é uma forma de conhecimento que visa a transformar o que é estranho em familiar, por meio da agregação da novidade a estruturas de conhecimento já existentes e dotadas de certa estabilidade. Segundo Jodelet (2001:22), a representação social, "é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social".

Da análise de conteúdo e temática-categorial das entrevistas chegou-se a três blocos temáticos ao nível das representações sociais:

Primeiramente, em maior número ao nível das entrevistas, aqueles que perspetivam a pandemia como um fenómeno impensável e imprevisível, de algo inesperado que aconteceu, como que uma surpresa ao nível do desconhecido. Uma situação complexa ao nível de flagelo e de tragédia que afetou todas as áreas da sociedade, com consequências já manifestas e outras latentes que se vão descortinando num *continuum* espaço-temporal que se vai desenrolando de forma diacrónica, como que um acontecimento biológico que alterou profundamente as configurações sociais.

Segundo, e em menor número nas entrevistas, os que remetem as suas representações sociais ao nível do carater cíclico das pandemias fortemente marcado pela dimensão histórica das mesmas, e, portanto, de carater periódico, intermitente e alternado.

Em terceiro, por último, e em muito menor número nas entrevistas, os que perspetivam a pandemia como uma oportunidade de vida (vista à luz das suas características pessoais), podendo esta ser interpretada à luz dos marcadores de entendimento ao nível da biografia dos indivíduos. Este ponto de vista confere uma representação ao nível do particular e sob a ótica da vida pessoal e dos acontecimentos de vida dos atores sociais.

4.1.1 – UM FENÓMENO IMPENSÁVEL E IMPREVISÍVEL

Um dos eixos de análise a destacar neste estudo seria buscar entender o que pensam os atores sociais acerca da pandemia, como a perspetivam, e explorar a representação social dos entrevistados em relação a esse fenómeno que, de uma forma ou de outra, por todos perpassou.

Pela análise das entrevistas torna-se claro que a maior parte dos entrevistados concebem a pandemia como algo inesperado, da qual não estavam à espera. Existe claramente nos discursos dos entrevistados o sentido da surpresa, do desconhecimento, tanto da origem como da natureza⁴², no fenómeno pandémico que provocou alterações na vida do dia-a-dia dos atores sociais.

⁴² A utilização de sublinhados visa destacar, tanto no corpo de texto como nos excertos de entrevistas, de aspetos de importância fundamental para a análise e compreensão sociológica. Tais podem assumir o

De forma similar, a perspectiva da pandemia como um filme ao nível cinematográfico que nos empurra ao nível da semiologia para uma dimensão do irreal / surreal ao nível da subjetividade / interioridade na qual os atores sociais interpretam a realidade externa.

“Foi uma situação que veio a alterar as nossas vidas profundamente. Uma situação que nunca pensávamos que viria a acontecer... Quando começou... eu pensava que estávamos a viver um filme. O medo do desconhecido... não sabíamos o que se estava a passar... o pânico generalizado... eu acordava de manhã e pensava... será que está tudo bem... e não está.” (entrevistada 4 – Élia)

“Fomos todos apanhados de surpresa, medo. Ficamos todos sem expectativas, não sabíamos o que ia acontecer a seguir.” (entrevistada 5 – Bela Cabanas)

“Foi uma coisa que ninguém estava à espera, eu na altura eu estava grávida. Aliás quando eu engravidei depois começou-se a falar disso no final do ano, mas nunca pensamos que chegasse cá.” (entrevistado 9 – Rumilda Marley)

“No fundo era uma situação desconhecida” (...) Ao princípio naturalmente estávamos todos naquela de: *“o que é que se está a passar?”* ... *“o que é isto?”* ... *“isto é uma coisa nova!”* (entrevistado 12 – Fernando Martial)

“Queres que eu diga mesmo? É uma doença que não se sabe a origem” (Entrevistado 13 – Marcolino Belo)

As interpretações fornecidas pelos entrevistados permitem vislumbrar um quadro de enorme complexidade em termos das experiências dos indivíduos, pois levam à influência do fenómeno pandémico nas mais diversificadas áreas da sociedade, com o subsequente efeito, a perturbação da ordem e da harmonia do universo social. Esta possibilidade de reformulação sob forma de novas configurações do social está imanente nos discursos dos atores sociais, colocando de forma clara a perspectiva de diferentes níveis e diferentes escalas, e de como um simples acontecimento biológico opera uma metamorfose no tempo social (dos atores sociais) nas suas mais diversificadas aceções.

A experiência de complexidade em termos humanitários, e consequente mortalidade associada, e as consequências também no tecido social e na sociedade em geral figuram nos discursos. Implicitamente, o conceito de fato social total na aceção de Mauss está presente nas seguintes entrevistas através das seguintes passagens que se sublinha (por uma economia de texto) e que nos leva ao carater totalizante inscrito no fenómeno pandémico afetando a sociedade como um todo nas mais diversificadas esferas e eixos societais.

“Foi um... grande flagelo para a humanidade. A situação humanitária mais complexa que eu já vivi. Que trouxe muitas mortes, muitos problemas em todas as áreas da sociedade e

destaque de palavras-chave ou de termos essenciais que ajudem chamar a atenção ao leitor para conceitos ou ideias centrais.

afetou milhões de pessoas. Efeitos esses que continuam a se sentir em todas as partes da sociedade, e esperemos que como uma sociedade unida possamos sair desta situação brevemente.” (entrevistado 1 – Gio Gilmour)

“Eeias!... Penso muitas coisas! Tem muitos quadrantes distintos... (risos) é um vírus que não sei a origem e que perturbou a humanidade do planeta todo. Isso é mais ou menos um dado adquirido. Pois, penso também que este pequeno acontecimento biológico revolucionou o nosso universo social, e aí o que penso da pandemia é algo que já não cabe nesta entrevista...” (entrevistado 3 – Frei Loki)

4.1.2 – UMA PANDEMIA ENTRE OUTRAS

De forma inversa, alguns entrevistados referem o caráter cíclico e histórico das pandemias. De salientar que a pandemia Covid-19 representa o grande fenómeno mundial e global desde a segunda guerra mundial com repercussões das mais diversas ordens. Sendo um acontecimento com ciclos historicamente marcados nota-se nos discursos essa influência periódica, constante, regular, frequente, habitual e recorrente.

“É uma situação cíclica... houve há uns anos a gripe espanhola.” (...) “É uma situação que se vai refletir na sociedade, e com as alterações ambientais vão surgir novos desafios para a ciência, para a medicina...” (entrevistada 2 – Joana M)

“O que é que eu penso... Eu penso que é uma realidade, é uma coisa que de facto aconteceu... é algo que aconteceu, mas que podirão vir a acontecer outras. Para além de que as pandemias fazem parte do nosso passado, sempre aconteceram... a ciência avançou, nomeadamente a medicina, muitas foram controladas, mas o natural é que para além desta, futuramente outras iram chegar.” (Entrevistada 6 – Carlota)

“ou melhor, meia dúzia de considerados “malucos” tinham antevisto, mas nunca ninguém lhes tinha dado ouvidos suficientemente...” (entrevistado 3 – Frei Loki)

Uma entrevistada menciona a gripe espanhola como um exemplo de situação cíclica o que nos sugere que perspetiva a pandemia como um evento recorrente na história, relata também as alterações ambientais como fator de novos desafios à ciência e à medicina. Uma outra entrevistada reconhece a realidade das pandemias como algo presente no nosso passado histórico, referindo também que estas foram controladas graças aos avanços científicos e médicos, acrescenta também que é natural que ocorram mais no futuro. O último entrevistado referido afirma que algumas pessoas consideradas “malucas” anteciparam a ocorrência de pandemias, mas que, no entanto, não foram ouvidas. A sua afirmação sugere que ele perspetiva a falta de atenção ou importância dados a esses alertas como problemas.

Na busca de semelhanças nos discursos, todos os discursos reconhecem a presença de pandemias no passado e consideram possível que elas venham a ocorrer mais no futuro, ambos reconhecem o papel da ciência e da medicina para enfrentar situações pandémicas futuramente.

4.1.3 – A PANDEMIA COMO OPORTUNIDADE DE VIDA (A PANDEMIA À LUZ DAS CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DOS ATORES)

É interessante notar que da totalidade dos entrevistados, surgem dois na qual a pandemia representou uma oportunidade de vida, uma mudança efetiva que pode potenciar uma leitura analítica em correspondência com as características pessoais dos entrevistados. A transfiguração de um fenómeno com características negativas em algo de pendor positivo pode ser encarada à luz de um enfoque ao nível das particularidades dos sujeitos, das suas peculiaridades, individualidades, idiossincrasias – com ligação a traços biográficos ou de história de vida pessoais. Uma entrevistada saída de um divórcio complicado e que a pandemia funcionou a seu favor, e um outro que arranhou trabalho numa altura de contraciclo em termos de empregabilidade laboral (precisamente numa altura em que houve bastantes despedimentos e “*layoff*’s”). Curiosamente arranhou trabalho no Sistema Nacional de Saúde, e na linha da frente à resposta pandémica – profissão de risco pandémico.

“Como tudo teve o lado o bom e o lado mau. Para mim foi um período que se tornou favorável apesar das contingências da doença. Mas na saída de um divórcio foi uma maneira de eu descansar, portanto, aproveitei a situação a meu favor. Aproveitei para me atualizar, fiz formações, estudei, li... e foi isso. Bem aproveitado em casa.”

(...)

“Eu posso dizer que foi de forma positiva, isto ao contrário do que muita gente pode dizer, mas foi... foi positivo por esse motivo.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

“O meu trabalho, neste momento, tive a sorte de arranjar trabalho no ramo da saúde. Na vacinação, tive nos tratamentos respiratórios, tive formações nesse sentido. E no contacto com os médicos e enfermeiros fizeram-me ver, e mesmo com a estrutura geral toda, que era um trabalho digno e neste momento era urgente. Para mim foi uma sorte, estava desempregado.” (entrevistado 8 – Armindo Lua)

4.2 – CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DA PANDEMIA

Ao nível da abordagem temático-categorial resultante da análise de conteúdo das entrevistas foi possível perspetivar 6 grandes eixos ao nível dos significados relacionados com as consequências da pandemia: 1º No mundo do trabalho e económicas; 2º Na saúde individual e pública; 3º Nos sistemas familiares e nas relações sociais; 4º Nas crianças e nos jovens; 5º Na reorganização do espaço doméstico; e, por último, 6º Nas subjetividades individuais.

4.2.1 – CONSEQUÊNCIAS NO MUNDO DO TRABALHO E CONSEQUÊNCIAS ECONÓMICAS

No contexto do mundo do trabalho, a pandemia da Covid-19 causou profundas mudanças e teve consequências económicas em diversas áreas. Os estratos sociais mais baixos foram particularmente afetados, sofrendo com a perda de empregos e a falta de apoio financeiro. Trabalhadores manuais e de serviços, muitas vezes com empregos precários, foram duramente atingidos pela crise, enfrentando desemprego, subemprego e precariedade, além de estarem mais expostos à infecção.

No setor das artes e dos ofícios, a pandemia teve um impacto significativo, com o cancelamento de eventos culturais e a impossibilidade de realização de atividades presenciais, como espetáculos, visitas a museus e exposições. Muitos profissionais desse setor, como técnicos de som e artistas, viram seus trabalhos interrompidos e tiveram dificuldade em encontrar alternativas de trabalho. As restrições também afetaram as empresas do setor da restauração, levando a encerramentos temporários ou definitivos e resultando em demissões em massa.

No campo do Direito e das profissões jurídicas, as restrições e o encerrar dos tribunais levaram ao adiamento de diligências e processos, gerando acúmulo de trabalho e incerteza para muitos profissionais. O setor comercial, que depende de deslocações e interações presenciais, enfrentou transformações significativas, levando muitos trabalhadores a adotarem o teletrabalho e lidarem com incertezas e quebras de faturação.

No setor da saúde, houve uma focalização nos problemas relacionados à Covid-19, deixando em segundo plano outras questões de saúde. O trabalho nesse setor foi direcionado quase exclusivamente para lidar com a pandemia, afetando a resposta a outras necessidades de saúde. Além disso, houve casos de trabalhadores em teletrabalho e perda de empregos, gerando ansiedade e impactos negativos no bem-estar.

Em resumo, as consequências no mundo do trabalho e económicas da pandemia da Covid-19 foram amplas e afetaram diferentes setores, especialmente os estratos sociais mais baixos, as artes, a restauração, o Direito, o setor comercial e os cuidados de saúde. As mudanças resultantes da pandemia continuaram a impactar essas áreas, causando incerteza e desafios significativos.

Um aspeto a realçar prende-se com a totalidade dos entrevistados terem referido profundas mudanças no mundo do trabalho (tipologia de prova: trabalho) assim como consequências ao nível económico nas mais diversas áreas.

“Mas, todos aqueles que eu conheço de uma classe social mais baixa, onde ao contrário de mim, quando lhes foi tirado o tapete para trabalhar, uma classe social mais baixa, mas não só...”

(...)

Das faixas sociais mais pobres, isso... então foi brutal, naquela altura quando tudo confinou havia aqui uma obrzinha aqui ao pé de mim, que tem 2 trabalhadores, e aqui na cidade nada acontecia, e aquela obra continuava a trabalhar porque aqueles tipos recebem ao dia, e se não trabalharem não comem e portanto, a forma que eles tinham de jantar, era irem trabalhar... e estes eu via-os a trabalhar, porque havia uma catrefada de obras que fecharam, e o pessoal nesses casos que estavam a receber ao dia deixou de receber dinheiro...”

(...)

“e agora até me estou a lembrar de outra: na altura até havia o meme do pedreiro com a betoneira em casa em teletrabalho não é...?”

(entrevistado 3 – Frei Loki)

A citação traz à tona importantes questões sociais que merecem uma análise e interpretação sociológica. Ela aborda a desigualdade socioeconómica e as disparidades de classe presentes na sociedade. Durante o período de confinamento relacionado com a pandemia, as pessoas de classes sociais mais baixas enfrentaram dificuldades consideráveis em comparação com aquelas mais privilegiadas.

A citação menciona um exemplo específico de uma obra próxima ao entrevistado, na qual os trabalhadores continuaram a trabalhar para garantir sua subsistência. Essa situação destaca a vulnerabilidade desses trabalhadores de baixos rendimentos, que dependem dos salários diários para sustentar suas necessidades elementares e básicas. A falta de segurança no emprego e a precariedade das condições de trabalho tornam essas pessoas especialmente suscetíveis a crises económicas e períodos de instabilidade, como o confinamento. Além disso, é mencionado um meme humorístico de um pedreiro trabalhando em casa por meio do teletrabalho. Essa observação irónica revela as diferenças nas realidades vivenciadas por pessoas das diferentes classes sociais durante a pandemia. Enquanto que alguns indivíduos tiveram a oportunidade de se adaptar ao trabalho remoto, outros não tiveram escolha senão continuar trabalhando em ambientes de risco, a fim de garantir sua subsistência (variabilidade da provação no que respeita ao trabalho).

Essa análise sociológica destaca a importância de políticas e medidas sociais que abordem as desigualdades estruturais existentes na sociedade. É fundamental que sejam implementadas políticas que ofereçam proteção e suporte adequados às pessoas em

situações socioeconómicas desfavorecidas durante crises, garantindo assim um maior equilíbrio e justiça social.

Este entrevistado faz uma alusão aos estratos sociais mais baixos, o que liga ao que Firmino da Costa refere na obra *“Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro – Desigualdades Sociais e Pandemia”* (2020:7):

“Desde logo, a categoria social dos trabalhadores de baixas remunerações e baixas qualificações. Muitos deles, com situações contratuais precárias ou mesmo na economia informal, eram à partida os mais mal situados na escala das desigualdades sociais, e estão agora a ser dos mais atingidos, quer pelos impactos diretos da crise pandémica, em termos de propagação da infeção, quer por impactos económicos que decorreram das respostas imediatas de contenção à pandemia, respostas indispensáveis do ponto de vista da saúde pública, mas com consequências económicas muito negativas, e que provavelmente se irão prolongar bastante.

São trabalhadores manuais e de serviços – operários industriais, trabalhadores dos transportes, da construção civil, da manutenção urbana, dos serviços pessoais – em geral com baixas remunerações, muitas vezes com situações de emprego precárias. Parte deles, com frequência os mais vulneráveis, são imigrantes, de grupos étnicos minoritários e pessoas alvo de estigmatização racista.

Na crise pandémica, e perante as suas consequências económicas e sociais, eles têm vindo a ser atingidos pelo agravamento das desigualdades. Aliás, de forma paradoxal: muitos deles são afetados fortemente por desemprego, subemprego, trabalho temporário, precariedade, risco de pobreza; e muitos deles prosseguem atividades que asseguram o funcionamento de estruturas, abastecimentos e cuidados de base – sem recurso ao teletrabalho, por razões inerentes a essas atividades. Tem sido usada, a respeito deles, a categoria de “trabalhadores essenciais”, e eles têm sido dos mais expostos à infeção e à doença, tendo ao mesmo tempo baixas remunerações e baixas garantias contratuais no emprego.”

Ao nível do setor das artes e dos ofícios que foi uma das áreas ao nível do trabalho mais afetadas pela pandemia: a impossibilidade de haver eventos de carácter cultural, pela impossibilidade de ajuntamentos de pessoas, das mais diversas tipologias, das mais performativas, às visuais, da visita a monumentos, a exposições ou a museus, à não frequência física de bibliotecas e arquivos, o encerrar das livrarias. De lembrar igualmente as frequentes tomadas de posição dos trabalhadores das artes e dos espetáculos pelos poucos apoios recebidos aquando dos grandes confinamentos, e da impossibilidade de trabalho fruto das medidas em contexto de estado de emergência nacional⁴³. A citação seguinte ilustra o relato de prova no que respeita ao trabalho do entrevistado.

“Eu antes desse período estava a trabalhar como técnico de som de espetáculos ao vivo que, pura e simplesmente deixaram de acontecer! Com alguma sorte na minha vida, estas minhas competências ao nível do áudio que eu fui reunido ao longo da vida, servem para mais coisas, e tive uma sorte gigantesca, quando depois de 3 semanas de tudo ter parado na altura, fui convidado para produzir uma banda sonora para um filme que estava a ser rodado nessa altura. Isso depois também deu bronca mais pra frente, porque as rodagens tiveram de parar e tal... devido à pandemia. Depois surgiu uma companhia de teatro à qual eu comecei a fazer sonoplastia e a produção de uma peça, e isso safou-me durante o momento em que não havia espetáculos ao vivo. Mais um lado acerca do que é que eu acho que penso sobre pandemia...”

(...)

“Foi o trabalho que andava a fazer nos últimos anos... deixei de poder fazer... como técnico de som ao vivo. Felizmente consegui-me safar ainda na área da produção musical com as minhas competências

(...)

Sendo que grande parte dos meus projetos de vida nos últimos anos passam por associações culturais, que desenvolvem cultura e eventos culturais na cidade, e isso também foi obrigado a ser calado por completo por 2 anos. Assim no meu círculo próximo onde eu interajo regularmente foi como mais me afetou a pandemia...”

(...)

“houve uma data de profissionais do espetáculo que viram os espetáculos findarem durante 2 anos, não aconteceram... e eles não tiveram alternativas para trabalhar durante esse processo, os apoios foram mínimos, e o mercado de trabalho reduziu gigantesicamente, eu tive sorte de me safar noutra contexto, mas mesmo no meu contexto de trabalho houve muita gente que deixou de conseguir fazer dinheiro, ponto... pessoal que voltou pra ir morar com os pais.” (entrevistado 3 – Frei Loki)

Numa outra entrevista também se evidencia a questão das profissões ligados à cultura, e às artes e ofícios, das dificuldades evidenciadas e das perdas de rendimentos. Uma vez mais o relato indireto do carácter de prova no que respeita ao trabalho.

“Querida acrescentar mais uma coisa. O meu namorado também tinha outros problemas, porque não estava a trabalhar. Os contratos que ele tinha da faculdade eram de pouco tempo, e não lhe dava para ele tocar... e da cultura veio 257 euros... e tive de gerir a questão de ele se sentir muito frustrado... e ele sentia que a restauração estava a ser muito ajudado quando ele não tinha nada... e ninguém o ajudava. Isso também fez parte do dia a dia. Ele também foi delapidando tudo o que tinha, o tal fundo que ele tinha para a eventualidade, a eventualidade foi a Covid-19.” (entrevistada 6 – Carlota)

⁴³ Ver Carmo, Renato Miguel do; Inês Tavares; e Ana Filipa Cândido (orgs.) (2020), *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-ISCTE. – João Soares Neves “O setor artístico e cultural, impactos e desafios da crise provocada pela Covid-19” (p. 83).

A análise do relatado pelos entrevistados revela os impactos sociais da pandemia na área de trabalho de profissionais do setor cultural, especialmente no campo dos espetáculos ao vivo. Alguns aspetos sociológicos importantes podem ser identificados:

1. Dependência de eventos ao vivo: Os entrevistados mencionam como a interrupção dos espetáculos ao vivo afetou diretamente suas carreiras. Isso destaca a dependência desses profissionais em relação à realização desses eventos para obterem rendimento e sustentarem as suas atividades profissionais.
2. Adaptabilidade e diversificação de habilidades: Os relatos ressaltam a sorte dos entrevistados em terem competências relacionadas ao áudio e produção musical, que lhes permitiram encontrar oportunidades em outros contextos, como a produção de bandas sonoras para filmes e a sonoplastia em peças teatrais. Essa adaptabilidade e diversificação de habilidades são fundamentais para enfrentar situações adversas e explorar novas oportunidades de trabalho.
3. Desigualdades no acesso a apoio financeiro: Os entrevistados mencionam a falta de alternativas de trabalho e os apoios financeiros limitados disponíveis para os profissionais do setor cultural durante a pandemia. Essa situação resalta as desigualdades existentes, onde aqueles com menos recursos enfrentam maiores dificuldades em manterem-se financeiramente durante crises.
4. Redução do mercado de trabalho e apoio familiar: A interrupção dos espetáculos ao vivo resultou em uma redução significativa do mercado de trabalho para os profissionais do setor cultural. Muitos indivíduos foram obrigados a regressar a casa dos pais e das suas famílias como forma de apoio financeiro e suporte emocional.
5. Frustração e injustiça: Além das implicações financeiras, a pandemia gerou sentimentos de frustração e injustiça entre os entrevistados. Alguns mencionaram a percepção de que a indústria da restauração recebeu mais apoio em comparação à cultura, o que gerou sentimentos de desvalorização e falta de reconhecimento.

Estes aspetos sociológicos destacam as complexas consequências da pandemia na área da cultura e nas vidas dos profissionais entrevistados. Eles apontam desafios estruturais, desigualdades no acesso a recursos e apoio, além dos impactos emocionais resultantes da interrupção das atividades profissionais e da incerteza em relação ao futuro.

Uma análise sociológica mais aprofundada poderia explorar essas questões em maior detalhe, considerando também a interseccionalidade de outras dimensões sociais, como género, raça e classe.

Outra área fortemente afetada, aludindo novamente ao fenómeno de prova / provação ao nível do trabalho, desta vez, ao nível da restauração:

“Afetou a minha vida acima de tudo profissional, claro que isso se reflete a nível pessoal. Mas a nível profissional porque tive de tomar muitas decisões devido à posição que tinha, não podia ver essas decisões de forma passiva, e ver o que era possível fazer e tinha de minimizar os estragos... devido à incerteza. Não sabia o que iria acontecer. Os restaurantes tinham vários funcionários, e um volume grande de funcionários... e essas decisões afetaram-me a nível emocional, e claro que isso se transporta para a vida pessoal com um grande clima de incerteza.”

(...)

“E depois... também se reflete na questão dos restaurantes... nunca me foi permitido relaxar... e pensar não há nada que eu posso fazer, e tenho de aguardar que alguém faça por mim. Portanto, esse papel ao nível das empresas era meu. Eu resolvi encerrar os restaurantes uns dias antes do tal decreto de encerramento, mas quando mandei as pessoas para casa, eu não sabia quanto tempo era, se mandava eles de férias... passados uns dias saíram essas medidas, os apoios... foi um tempo em que tive muito concentrada a estudar os apoios, a tentar pesquisar... a minha situação não era isolada, pois afetava toda a gente... as vezes era difícil conseguir saber da informação. Grande parte do tempo do confinamento eu tive reservada a pesquisar, e a ler artigos. Normalmente os contabilistas dão algum apoio nestas questões, mas isto para ela era tudo novo também, ela não sabia, era tudo novo... eu vi-me condicionada porque não podia fazer a minha vida normal, e não me podia relaxar... eu não podia fazer as atividades que a maior parte das pessoas dizia que faziam, ver a Netflix, e aproveitar o terraço, e tudo o mais... porque me encontrava dedicada a tentar encontrar um caminho.” (entrevistado 6 – Carlota)

A área da restauração foi de fato das mais crucialmente afetadas, ora empurrando para o regime de “layoff” inúmeros trabalhadores, outros despedidos como consequência de encerramentos de empresas resultantes da quebra de atividade comercial. Nem todos os estabelecimentos ao nível da restauração aderiram aos regimes de “take away” não conseguindo, portanto, conseguir gerar receitas. A restauração/alojamento toma uma posição de destaque tanto nos encerramentos (temporários e definitivos) como na quebra de receita gerada pela sua atividade comercial.

Ao nível dos tribunais, do direito e das profissões jurídicas⁴⁴ havendo uma panóplia complexa cronológica de portarias excecionais e decretos de lei com impacto direto tanto nas diligências como nos processos como se pode notar no excerto subsequente, e novamente o carácter da prova do trabalho emerge:

“Claro que foi... porque muitas diligências foram adiadas, os tribunais ficaram fechados, o trabalho acumulou-se, muita gente entrou em pânico e muitas pessoas entraram em acordos nessa altura... porque não queriam estar à espera de uma decisão... é terrível. E as coisas foram assim... afetou e bastante.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

⁴⁴ <https://portal.oa.pt/publicacoes/informacao-juridica/covid-19/assuntos/medidas-na-justica/>

O trabalho de índole comercial que supõe amplas deslocções de automóvel e andar na rua teve como resultado a transfiguração do espaço exterior ao nível da dimensão espaço-tempo empurrando para o espaço doméstico muitos trabalhadores que se viram agora em teletrabalho, e com a incerteza como única certeza, ao nível dos papéis idiossincráticos na especificidade de ser um trabalhador de natureza comercial, e com profundos reflexos ao nível económico. A entrevistada refere também quebra de faturação na sua empresa em termos económicos.

“Acho que a pandemia com o fecho de tudo, aqui no algarve, foi muito mau. Vivemos do turismo, não é? Tenho amigos que têm negócios e que tiveram que fechar... ou mandar toda a gente para casa. Ao nível da minha empresa, no meu trabalho, viemos todos pra casa também. Eu sou comercial e eu tenho de andar na rua. E trouxe muitas incertezas, onde é que estava o nosso papel uma vez que sou comercial e estava tudo fechado. No entanto a minha empresa sempre foi muito resiliente e sempre achou que iríamos dar a volta. Eu, no entanto, estava de baixa quando fechamos tudo, ia sabendo pelos meus colegas a situação... depois quando voltei, em termos da minha zona, Algarve e Alentejo... estava a vender pela metade em termos de faturação... muitos parceiros também fecharam. Também ganhei menos também, claro. Mas sim, veio a trazer muitas incertezas, e ainda não recuperamos... apesar de agora já estar tudo aberto. A nível económico é tudo muito complicado, as pessoas estão com o pé atrás, já não querem gastar tanto... a nível económico foi mesmo muito mau.” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

Ao nível das profissões ligadas à medicina e aos serviços de cuidados de saúde (muito ao nível do Sistema Nacional de Saúde) com uma focalização singular nas problemáticas da covid-19, colocando em segundo plano todas as outras problemáticas ao nível dos cuidados de saúde. A entrevistada refere ainda para as consequências da pandemia ao nível do trabalho, alguns ficando em teletrabalho, outros perdendo-o, referindo também o profundo mau estar resultante do fenómeno de problemática pandémica.

“O trabalho foi sempre condicionado pela pandemia, deixou de se dar resposta a outros problemas de saúde, porque foi tudo direcionado para a pandemia, em termos de tempo, recursos, dinheiro. Tudo... e depois para toda a gente que nós conhecemos, amigos que têm negócios particulares ou empregos, que tiveram que estar em teletrabalho e alguns até perderam o emprego... pessoas que começaram a passar mal... com muita ansiedade... ou porque têm Covid-19 ou porque não têm... ou ficar em isolamento...” (entrevistada 11 – Marisa Bifa)

E adianta a transmutação do seu papel como trabalhadora especializada em nutrição no Sistema Nacional de Saúde, ora sendo colocada em contextos fora da sua área de atuação, quer na saúde pública, quer à porta do centro de saúde rastreando as entradas no cumprimento das medidas profiláticas ao nível dos rastreio epidemiológicos e sintomatológicos (as questões do protocolo: febre, tosse, dores no corpo, entre outras com a posterior mensuração de temperatura corporal com o auxílio de um termómetro infravermelhos), havendo, portanto, menos referências ao nível da nutrição e consequentemente menos consultas.

“Sim, muito do trabalho que fazia era a nível comunitário e isso deixou de ser feito ao nível da prevenção e da saúde. Houve dias em que tive de dar apoio à unidade de saúde pública” (...)
No trabalho na mesma, mas houve menos consultas e houve menos referências, e também os doentes tinham receio de ir ao centro de saúde.

(...)

No trabalho anteriormente era a rotina das consultas. Tive de dar apoio a áreas fora do meu contexto como nutricionista. Às vezes ao nível da saúde pública, às vezes ajudar na entrada do centro de saúde. Mas pessoalmente ainda consegui manter muito do meu trabalho clínico como nutricionista.” (entrevistada 11 – Marisa Bifa)

A propósito do anterior referido é possível fazer uma ponte ao que Tiago Correia refere (2020:26):

“Percebe-se que tem havido descompensação no acompanhamento de doenças crónicas, na produção de diagnósticos e no agravamento da saúde mental. Parece óbvio que precisamos de atingir um ponto de equilíbrio. É tão grave um “óbito Covid-19” como um “óbito não-Covid-19” e é tão grave falhar o rastreio da Covid-19 como falhar o rastreio de outras doenças infecciosas e crónicas.”

Mas destaca (2020:27):

“Em resumo, os principais motivos de mudança que considero existirem no sistema de saúde não dizem respeito à Covid-19, mas às indefinições e bloqueios que o sistema de saúde tem vindo a sofrer no campo político. O tempo passa sem que o sistema de saúde esteja a ser adaptado à realidade epidemiológica, social e demográfica do país.”

Não deixa de ser interessante como uma obra lançada anteriormente coloca o “dedo na ferida” face ao momento atual do Sistema Nacional de Saúde e dos seus profissionais (2020:28)

“Mas mesmo que estas lacunas sejam corrigidas, importa perceber que a capacidade dos sistemas de saúde para lidar com a magnitude de contágios que tivemos com o SARS-CoV-2 será sempre limitada. O sistema de saúde representa apenas uma das componentes para a gestão de uma epidemia e se nada for feito noutros domínios, o resultado será certamente o colapso das infraestruturas e dos profissionais de saúde.”

Ao nível da área da investigação científica o entrevistado refere a quebra dos laços sociais de proximidade física existente nos anteriores habituais congressos, dos encontros científicos, das reuniões e dos almoços que resultavam em contatos que potenciavam

ideias de projetos de investigação e mesmo de colaborações. Alude igualmente a uma transformação da natureza social do contato entre investigadores, que nalguns casos foi totalmente perdida e novamente a temática da prova ligada ao trabalho emerge:

“A produção científica diminuiu bastante. Outra coisa que nós temos no nosso trabalho é a pressão, que não é criada pelo nosso chefe, a pressão é criada pelos congressos, coisas que surjam para rever... e deixou de haver isso, deixou de haver aquela pressão.”

(...)

“Não podia trabalhar, deixei de ter reuniões, encontros, almoços, tudo isso que tinha a ver com o meu trabalho. As viagens que eu fazia muitas vezes por ano em trabalho, não as tive... eu tinha coisas marcadas até nos meses seguintes ao primeiro confinamento Março de 2020..., mas foi tudo cancelado, e perdi todo esse contacto com as pessoas que estavam longe e que afetou também o trabalho naturalmente.”

(...)

“mas tinha a ver com a minha dinâmica de trabalho, com a dinâmica de cada um, tudo o que eu fazia em termos de produção eu podia fazer em casa, e fiz em casa, ou tentei fazer em casa, mas depois existe a parte social de contacto com as pessoas que estão longe e que se perdeu, e que afetou bastante” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

A situação atual apresenta uma diminuição significativa na produção de natureza científica. Além disso, no contexto do trabalho, há uma ausência de pressão por parte do chefe, sendo que a pressão agora é criada pelos congressos e eventos relacionados ao trabalho. Essa mudança resultou em uma falta de estímulos e pressões para produzir resultados científicos.

As restrições impostas pela pandemia também tiveram um impacto negativo na dinâmica de trabalho. O entrevistado relata a interrupção de reuniões, encontros e viagens de trabalho, que eram fundamentais para o desenvolvimento profissional. As viagens frequentes permitiam a interação com pessoas distantes, o estabelecimento de conexões e colaborações, bem como a participação em eventos relevantes. A suspensão dessas atividades resultou em um déficit de contato social e no enfraquecimento das relações profissionais.

As mudanças referidas revelam aspetos que se refletem nos efeitos da pandemia na produção científica e nas dinâmicas de trabalho. A ausência de interações presenciais, o cancelamento de eventos e a falta de viagens afetaram negativamente a sociabilidade profissional, a troca de conhecimento e a produtividade científica. É importante reconhecer que a interação social e o ambiente colaborativo desempenham um papel fundamental no avanço científico e no sucesso profissional.

E adianta em entrevista mais à frente, a cruel possibilidade do “ponto de não retorno” face ao trabalho científico perdido, e a contingência ou probabilidade da não recuperação desse tempo perdido, e a eventualidade de ter de recomeçar de novo:

“Naquela parte do trabalho... o que eu faço não implica eu estar com outras pessoas, mas existe ali pequenos pontos, pequenos intervalos em que exige... ou pelo menos é bom estar junto das pessoas. Porque senão não existe ideias, não existe discussão de ideias e não existe nada. Nesse aspeto condicionou-me bastante, cortou-me logo: para Maio tinha marcado viagem de 15 dias a França, ia estar com um colega, ia à faculdade, ia fazer uma palestra, depois disso íamos tentar preparar artigos, discutir ideias... e foi imediatamente cancelado. E isso foi o que estava marcado depois tínhamos outras coisas posteriores. E tudo isso condicionou... e nos últimos 2 anos a minha produção científica foi muito reduzida e agora não sei se agora conseguirei recuperar, é muito difícil, é quase como começar de novo.” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

E a conclusão a que chega com a reflexão sobre a precariedade dos vínculos laborais ligados à área da investigação, e a noção de que fruto da pandemia o entrevistado poderá ter perdido dois anos importantes, e as consequências que agora chegam dessa mesma pandemia.

“Uma pergunta complicada, mas... sim... eu tenho sempre. Eu não tenho um trabalho fixo, eu tenho sempre contratos a prazo. portanto, tenho sempre... claro que isto colocou-me mais (incerteza) porque... apesar de tudo, eu tinha alguns planos para estes anos enquanto tenho contrato, e isto atrasou tudo... foram dois anos perdidos, tenho que... sem saber... não sabemos o que fazer com esta situação... e agora viu-se... a pandemia praticamente acabou e estamos a sofrer as consequências que já se esperava. Que é bem pior se calhar” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

Ao nível das atividades marítimo-turísticas que empurrou para a tipologia de “layoff” um entrevistado cuja profissão era skipper e que sofreu uma enorme quebra de rendimentos. Novamente a alusão ao turismo, desta vez, num estrato social mais baixo, tendo esse trabalhador ido trabalhar para a construção civil para fazer face à quebra de rendimentos.

“Felizmente consegui arranjar trabalho na construção civil com um amigo meu e com o meu tio. Como eram poucas pessoas na obra deu para ir trabalhar.”

(...)

“Os voos fecharam, o turismo parado, os hotéis fechados, e assim sem clientes, ficamos sem trabalho.” (entrevistado 13 – Marcolino Belo)

Ao nível das consequências económicas as entrevistas revelam uma considerável e brutal queda dos rendimentos na quase totalidade dos entrevistados.

Refere um entrevistado, profissional de análise de dados a teletrabalhar de Portugal (Algarve) para Inglaterra:

“De abril a agosto, 4 meses, em que a minha empresa sugeriu um sacrifício salarial de 25%, e que eu saiba ninguém se opôs. Acho que a aceitação geral era de que vivíamos uma situação extraordinária, e nesse sentido, as pessoas se colocaram no lado da empresa que tentou zelar pela continuação do negócio, e acho nesse sentido as pessoas aceitaram a situação, e aceitaram o sacrifício salarial, e que com surpresa agora em dezembro e depois de ter tido um ano particularmente bom dadas as circunstâncias, a empresa decidiu pagar esse sacrifício em retroativos durante os 4 meses, de dezembro a março. Tive um sacrifício salarial, mas que está a ser agora reposto pela empresa, não sei se o governo tem alguma mão nisto, mas que eu saiba não.” (entrevistado 1 – Gio Gilmour)

Técnico de som, profissional das artes e dos espetáculos:

“Perdi, depois arranjei vias alternativas de conseguir rendimentos..., mas os que tinha antes dos confinamentos impostos pela pandemia... sim... perdi.” (entrevistado 3 – Frei Loki)

Gestora de empresa familiar ao nível da restauração:

“Perdi muitos, a nível pessoal, a nível das empresas, tive que fazer contas à vida. Encerrei, em 2020, uma das empresas, porque suspeitei que vinha um outro confinamento, que não tinha como aguentar, tive de tomar a decisão de fazer um despedimento coletivo... essa decisão custou-me muito... de comunicar às pessoas essa decisão, pessoas que trabalhavam comigo há 20 anos...”

(...)

“Eu acho que toda a gente compreendeu, pelo menos foi o que me deram a entender... também pelo compromisso que tenho pela empresa... não sou uma pessoa que diz uma coisa e faz outra... tentei fazer as coisas às claras, fazer acordos... não era por minha vontade de fazer os despedimentos... a decisão... era por necessidade. Nunca seria melhor eu manter... e depois chegar ao fim e não ter como pagar... tive de pensar... tive de pensar... qual o melhor caminho a tomar. Claro que algumas pessoas pensaram... que trabalho aqui há tantos anos, e agora isto... as empresas, elas têm um fundo, e se entra zero... é complicado. Nós tínhamos uma empresa com 15 funcionários, isso é um custo de 20 e tal mil euros por mês... não é? Alguns acordos que tive de pagar, facilmente fiquei delapidada. Mas se entrasse um outro confinamento iria ser mais do que isso. E então tive de tomar essa decisão.” (entrevistada 6 – Carlota)

Skipper em “layoff” que se virou em termos de trabalho temporariamente para a construção civil:

“Alguns, porque com 1 ordenado a pagar as compras, e depois baixaram os ordenados e muita gente não conseguiu lidar com isso.” (entrevistado 13 – Marcolino Belo)

Encarregado de manutenção que acumulava profissionalmente a gestão da loja de sua mãe de artesanato que fechou definitivamente derivado à quebra de atividade do turismo:

“sim. (...) tem a parte da loja que fechou, e isso foi os danos colaterais da coisa.”

(...)

“A loja iria passar para o meu nome. Isso era um objetivo meu de ficar com a loja, mas talvez isso não fosse uma boa opção, eu continuava a fazer os meus trabalhos de construção, mas a loja também consome muito porque não é algo das 9 às 5. Existe os clientes, os fornecedores, a limpeza, a contabilidade, as contas, ir buscar o barro, depois o forno também avaria... é algo 24 horas por dia, durante 7 dias por semana.”

(...)

“a loja fechou devido ao turismo.”

(entrevistado 14 – Miguel Rachmaninov)

Comercial de profissão em situação clínica de baixa de gravidez de alto risco:

“No meu caso não, porque eu estava de baixa e estava a receber da segurança social, mas depois da licença sim, perdi metade dos meus rendimentos. Eu tenho ordenado base e depois tenho mais comissões, sobre as vendas, as vendas ao caírem para metade, sim... perdi rendimentos” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

Curiosamente, os dois entrevistados alusivos ao tema – representações sociais da pandemia, na respetiva categoria: a pandemia como oportunidade de vida: 1º Uma perdeu

rendimentos, mas não dando importância face ao que ganhou, disponibilidade de tempo para si, ainda por mais, depois de um processo complicado de divórcio. 2º O outro entrevistado, tendo-se empregado no Sistema Nacional de Saúde, ganhou rendimentos.

“Sim, como toda a gente perdeu. Claro que sim. Mas ganhei noutras coisas. Não é propriamente perder, é uma quantia monetária que se perde, mas ganhou-se noutras facetas.”
(entrevistada 7 – Joana Lex)

“Acabei por ganhar”

(...)

“Sou assistente operacional numa ACES, neste caso, no algarve – sotavento, e damos apoio aos médicos e enfermeiros e a tudo. Em tudo, limpeza, manutenção das coisas... tudo em geral.” (entrevistado 8 – Armindo Lua)

As entrevistas fornecem insights sobre as consequências sociais e económicas da pandemia de Covid-19 em Portugal. Podemos identificar várias questões sociais e impactos económicos significativos com base nas declarações dos entrevistados:

1. Perda de emprego e rendimentos: Muitos entrevistados mencionaram ter perdido empregos ou sofrido redução de rendimentos devido ao encerramento de setores como turismo, construção civil e comércio. Alguns precisaram fechar as suas empresas e realizar demissões coletivas, o que causou angústia emocional.
2. Aceitação de cortes salariais: Alguns entrevistados relataram ter aceitado reduções salariais propostas por suas empresas durante a crise, compreendendo a situação excepcional. No entanto, um entrevistado ficou surpreso quando a sua empresa decidiu pagar retroativamente os valores cortados.
3. Impacto no turismo e comércio: O setor do turismo foi particularmente afetado, resultando no encerramento de hotéis, falta de clientes e, conseqüentemente, perda de empregos. Isso também teve um impacto nas lojas, levando ao encerramento de estabelecimentos comerciais.
4. Dificuldades financeiras e decisões difíceis: Alguns entrevistados enfrentaram dificuldades financeiras e foram obrigados a tomar decisões difíceis, como encerrar empresas ou demitir funcionários em massa para evitar a falência. Essas decisões foram tomadas visando a sobrevivência dos negócios.
5. Diversidade de reações emocionais: As reações emocionais dos entrevistados variaram, desde a compreensão da situação excepcional e aceitação dos sacrifícios

até sentimentos de tristeza, frustração e preocupação com a perda de empregos e rendimentos.

6. Ganhos em outras áreas: Alguns entrevistados mencionaram que, apesar das perdas financeiras, também tiveram ganhos em outras áreas de suas vidas, como valorizar aspetos não monetários, como saúde, família e solidariedade.

Estas passagens destacam as desigualdades socioeconómicas e as diferentes formas como as pessoas foram afetadas fundamentalmente pela pandemia. É importante considerar essas perspetivas individuais ao analisar o impacto mais amplo da crise e ao desenvolver políticas de recuperação e de apoio às comunidades mais afetadas.

A pandemia da Covid-19 teve impactos significativos na sociedade portuguesa, especialmente no âmbito socioeconómico. Vários entrevistados partilharam as suas experiências, abordando temas como a perda de emprego, o sacrifício salarial, o encerramento de empresas, as dificuldades financeiras e as reduções de rendimentos. Além disso, alguns entrevistados mencionaram perspetivas positivas e ganhos em outras áreas, bem como o papel de apoio desempenhado por algumas pessoas na área da saúde.

4.2.2. – CONSEQUÊNCIAS NA SAÚDE INDIVIDUAL E NA SAÚDE PÚBLICA

São vastas as descrições dos entrevistados sobre as consequências em termos de saúde, tanto individual como pública. As questões de saúde mental autopercebida evidenciam-se nos discursos, tanto na primeira pessoa, como na referência a terceiros. Em certos excertos opta-se metodologicamente por colocar-se as interações dialógicas e comunicacionais entre entrevistados e entrevistador para permitir ao leitor um maior dinamismo e uma melhor leitura sociológica da particularidade, da singularidade, e do caráter individual das situações conforme o universo dos perfis situacionais dos atores sociais. A saúde mental autopercebida emerge como grande consequência dos confinamentos forçados pela pandemia covid-19, por outro lado, o reflexo patente nos discursos da necessidade de reajustar o viver do dia-a-dia face a familiares em situações de vulnerabilidade social e até de saúde física, a inexistência de laços sociais quebrados e proibidos por lei por parte de pessoas que viviam sozinhas, da inacessibilidade aos serviços de saúde público convencionais pelo direcionamento quase total à problemática

pandémica ao esforço hercúleo dos trabalhadores do Sistema Nacional de Saúde perante tanta solicitação em tempos de emergência sanitária nacional.

“houve momentos de bastante exposição e que depois dão origem a desencontros... e necessidades de reajuste e de rearticulação adicional que já era de si normal... é pesado, sim... e requer muito suporte... eventualmente suporte psicológico... eu também tive de recorrer a suporte psicológico e não tenho nenhum vergonha em admitir isso... e... só me orgulho disso. Uma parte importante das consequências desta pandemia são exatamente as questões de saúde mental... e fortes são os que recorrem...e fortes são os que... Sim sim... porque existe muito o mito associado à saúde mental como algo de fraqueza... quando é exatamente o contrário... quando tens um problema de saúde física vais ao médico e ponto final...e com a saúde mental deveria exatamente ser a mesma coisa... infelizmente não é... aliás muitos problemas de saúde física advém de problemáticas de saúde mental... A psicossomática... sim a psicossomática... exatamente... e muitas vezes estes tratamentos preventivos... e para meu espanto o centro de saúde de Tavira tem psicólogo... são muito poucos os centros de saúde que tem consultas de psicologia...” (entrevistada 2 – Joana M)

A pandemia resultou em momentos de exposição física ao vírus, levando a necessidades de reajuste e rearticulação adicionais nas vidas das pessoas. Essas mudanças podem ser difíceis e pesadas, exigindo suporte emocional e, em alguns casos, suporte psicológico. As consequências da pandemia incluem questões significativas de saúde mental. É mencionada a importância de suporte psicológico e como é essencial recorrer a ajuda nesses casos. No entanto, há ainda um estigma em torno da saúde mental, com o mito de que é um sinal de fraqueza. É destacado que a saúde mental deve ser tratada da mesma forma que a saúde física, mas nem sempre é o caso na prática.

É ressaltada a importância de tratar a saúde mental da mesma forma que a saúde física, eliminando o estigma associado ao tema. A saúde mental autopercebida é destacada como uma das consequências significativas da pandemia, afetando diversas áreas da vida das pessoas. A preocupação com a saúde mental é mencionada em conjunto com as consequências sociais, económicas e outros desafios de saúde. A psicossomática é citada como uma relação em que problemas de saúde mental podem levar a problemas de saúde física num processo de somatização.

“Obviamente, em termos de saúde todos conhecemos os números, são milhões de mortes, milhões de infetados, milhões de pessoas que sentiram em primeira mão esta pandemia, mas é claro, as ramificações em termos sociais, económicos, e outras aflições de saúde, nomeadamente em termos de saúde mental são claramente visíveis na sociedade de hoje, e terão repercussões durante muitos anos que estão para vir.” (entrevistado 1 – Gio Gilmour)

“Tive colegas também afetados, com os pais nos lares, tenho uma colega que tem o marido na oncologia, e ela quando era para fazer serviços de apoio ao Covid-19 ela entrava em pânico, a pensar que poderia levar o bicho para casa, ela desinfetava-se duas ou 3 vezes, tomava 2 ou 3 duchas, ela estava a entrar em paranoia.” (entrevistado 8 – Armindo Lua)

“Quem conheço lidou com isto também da mesma forma, um sentimento de frustração. Não conheço ninguém diretamente, mas sei que existiu pessoas que ficaram psicologicamente afetados, quem vivia sozinho... não tinha companheiro, um filho, ou familiar próximo. Amigas

que moram sozinhas, e sei que não foi fácil para elas em termos psicológicos.” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

“mas eu tive a situação da minha mulher... ela sentiu-se mal algumas vezes e desistimos de ir às urgências... puseram-nos tantas complicações tantas complicações que desistimos de ir ao hospital em duas ocasiões... ela sentiu-se mal, mas ela tem um problema e sabemos como controlar... mas agora imagina alguém que... com uma surpresa... um AVC ou um enfarte... e com essas dificuldades todas... os questionários à entrada, meia hora a fazer perguntas... agora imagino o que pode ter acontecido a essas pessoas.” (entrevistado 13 – Fernando Martial)

Uma leitura mais fina dos excertos anteriores permite-nos distinguir um conjunto de ideias chave no que respeita à saúde individual e à saúde pública tanto em dimensões sociais como emocionais relacionadas com a pandemia Covid-19. Aspectos mais importantes a ter em conta e que se destacam nos discursos dos entrevistados:

Impacto multidimensional: A pandemia não afetou apenas a saúde física das pessoas, mas também teve ramificações sociais, económicas e na saúde mental. Isso destaca a interconexão entre diferentes aspetos da vida das pessoas e como a pandemia afetou todas essas esferas; Preocupações com a saúde e o trabalho: As citações mencionam as pessoas afetadas pela pandemia de várias maneiras. Isso inclui colegas que têm familiares em lares de idosos e oncologia, que enfrentaram medos e ansiedades ao lidar com o vírus e a possibilidade de transmiti-lo para suas famílias. Além disso, a citação de Fernando Martial destaca as dificuldades enfrentadas ao buscar atendimento médico para problemas de saúde não relacionados à Covid-19, devido aos protocolos e procedimentos adicionais implementados durante a pandemia; Impacto psicológico e solidão: A solidão e o isolamento social afetaram negativamente a saúde mental de pessoas que vivem sozinhas, sem companheiros ou familiares próximos. Isso pode levar a um sentimento de frustração e dificuldades emocionais, como referido pela entrevistada Rumilda Marley; Desafios no sistema de saúde: As citações mencionam a desistência de recorrer ao atendimento médico devido a complicações e protocolos excessivos, como questionários extensos e longas esperas. Isso destaca os desafios enfrentados pelas pessoas no acesso aos serviços de saúde durante a pandemia, bem como as preocupações com a qualidade e a eficiência do sistema de saúde; Repercussões futuras: É referido que as repercussões sociais, económicas e de saúde mental da pandemia serão duradouras e continuarão a ser sentidas por muitos anos. Isso destaca a necessidade de atenção contínua e apoio para lidar com as consequências de longo prazo da crise.

Estes aspetos refletem as experiências e as preocupações sociais relacionadas com a pandemia de Covid-19, enfatizando a importância de abordar questões de saúde mental, solidão, acesso aos serviços de saúde e os efeitos duradouros da crise na sociedade.

Além disso, as entrevistas abordam as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de saúde, bem como o impacto nas famílias dos entrevistados. Menciona-se o medo de levar o vírus para casa, a necessidade de precauções e as restrições de acesso aos serviços de saúde. Também são destacados os desafios enfrentados por pessoas com doenças pré-existentes e as complicações adicionais causadas pela pandemia. Em relação ao sistema de saúde, há menções positivas sobre o atendimento recebido no serviço público, destacando a preferência pelo Sistema Nacional de Saúde em vez de instituições privadas. Os entrevistados expressam a admiração assim como o reconhecimento pelo trabalho dos profissionais de saúde durante a pandemia, apesar das dificuldades enfrentadas pelo Sistema Nacional de Saúde.

Em resumo, os excertos das entrevistas revelam as consequências abrangentes da pandemia, com destaque para os impactos na saúde mental autopercebida, desafios enfrentados pelos profissionais de saúde e dificuldades enfrentadas pelas famílias. Também são mencionadas experiências individuais e observações sobre a importância do suporte psicológico, bem como a necessidade de tratar a saúde mental com a mesma seriedade que a saúde física.

“Ninguém teve nada, mas tiveram a vida condicionada. Mil cuidados. O meu pai tem 80 anos e a minha mãe 76. Na minha mãe a situação agravou-se porque teve... tem um cancro. É entre o vírus, a doença e as visitas ao hospital para tratamentos foi complicado. Mas sim, conseguiram superar.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

“O centro de saúde estava completamente inacessível, só por email. A minha mãe precisava de medicação... tentar organizar... tentar organizar tudo... conseguir falar com alguém no centro de saúde, mandar emails a pedir a medicação ao médico, passar na farmácia, ficar numa fila interminável, tentar falar com uma amiga que trabalha na farmácia para organizar tudo.” (entrevistada 6 – Bela Cabanas)

“Sim, completamente. Isso é verdade. Muitos menos casos de pessoas com problemas complicados ao nível pulmonar. No meu caso de covid19 a doença nunca desceu aos pulmões, eu tive sintomas, mas somente a tosse na garganta e foi como que uma gripe. A vacina previne o Estado de gastar mais dinheiro. É muito complicado trabalhar na saúde. A gente não faz ideia ao que esta gente passou... quem teve efetivamente nesta guerra foram os médicos, os enfermeiros, e auxiliares... e contra todas as dificuldades que tiveram... num SNS depauperado. Sabes, eu já tive um seguro de saúde privado, já fui 2 ou 3 ao hospital privado, e não gostei... prefiro mil vezes o hospital público e os centros de saúde... o nosso SNS. Mesmo se houver algum problema numa operação no privado, mandam para o hospital público. Mandam chamar a ambulância e vai... tenho ouvido muitos casos... mandam a pessoa de barriga aberta... e o Estado que tome conta de ti” (entrevistada 7 – Joana Lex)

“Como foi com a sua família mais próxima? A minha mãe não apanhou Covid até à data, a minha irmã apanhou, mas não quis saber nem sequer fez teste, o meu cunhado apanhou e está na boa, a minha sobrinha nem apanhou sequer, e a minha família basicamente é isso.”
(entrevistado 14 – Miguel Rachmaninov)

Nas entrevistas anteriores permite-se evidenciar que a pandemia teve um impacto significativo na saúde das pessoas, com milhões de mortes e infeções em todo o mundo. Além dos aspetos físicos da doença, as repercussões sociais e de saúde mental também são claramente visíveis na sociedade. Durante a pandemia, muitas pessoas enfrentaram dificuldades no acesso aos serviços de saúde. Os relatos destacam a inacessibilidade dos centros de saúde, a necessidade da dificuldade de contato por e-mail e as complicações enfrentadas para obter medicação e cuidados médicos necessários. Algumas pessoas expressaram a sua preferência pelo sistema de saúde público em comparação com o privado. Apesar das suas limitações, eles destacam a confiança e a preferência pelos hospitais públicos e centros de saúde, enfatizando sua importância e valor. As experiências relacionadas à pandemia variam bastante dentro das famílias. Alguns membros podem ter sido infetados, enquanto outros escaparam da doença. Isso ilustra a panóplia de diversidade de atitudes e comportamentos em relação à Covid-19 dentro dos contextos familiares.

A totalidade dos entrevistados referiram problemáticas com profundo impacto ao nível da saúde mental. Do total isolamento, ao retraimento ou ao exílio referenciado por alguns entrevistados, à evidência da necessidade humana daquilo que nos torna humanos, um abraço, um beijo, do convívio social que foi brutalmente quebrado. Uma entrevistada igualmente refere um familiar próximo que não aguentou o fato do marido estar no estrangeiro a trabalhar, tendo ficado “preso” nesse país, não podendo voltar, tendo ela posteriormente despedindo-se (modalidade teletrabalho), com 2 crianças a cargo para dar auxílio, e entrado conseqüentemente num processo complicado de saúde mental ao nível de um esgotamento e depressão grave.

As entrevistas destacam o impacto psicológico da pandemia e do confinamento em diferentes pessoas. A primeira entrevistada menciona alguém que levou a pandemia muito a sério, tornando-se obsessiva e isolada, o que afetou sua saúde mental. Essa pessoa vive sozinha e “atualmente” está com Covid-19, tendo passado por mudanças significativas ao nível da sua personalidade. Por outro lado, a segunda entrevistada fala sobre sua prima, que enfrentou um esgotamento e uma depressão grave devido à pandemia, ao confinamento e ao fato de seu marido estar no exterior e incapaz de retornar.

Ela ficou de baixa médica por um longo período, deixou o emprego e seguiu um novo caminho na vida. A terceira entrevista menciona um amigo que quebrou os confinamentos devido à solidão e ao isolamento extremo. Esse amigo, que estava acostumado a interações sociais diárias no trabalho, ficou sozinho por semanas dentro da sua casa. Embora ele tenha lidado bem com a situação, é mencionado que pessoas com neuroses (patologias) anteriores podem ter reagido de maneira ainda mais desafiadora.

Em resumo, as entrevistas destacam os efeitos psicológicos negativos da pandemia e do confinamento em diferentes pessoas, incluindo mudanças de personalidade, esgotamento, depressão e solidão intensificada. Cada pessoa reagiu de maneira única, dependendo de suas circunstâncias e características individuais, mas também sociais e da sua saúde mental pré-existente.

“Existem pessoas que viveram muito intensamente, e as afetou de forma psicológica, tornaram-se mais obsessivas e isolaram-me muito. Uma dessas pessoas vive sozinha, e acho que o confinamento e o facto de ser uma pessoa picuinhas com as coisas, eu levei a sério a pandemia, mas essa pessoa levou tão mais a sério, teve mais medo, e o facto de estar sozinha a afetou muito psicologicamente, e hoje dia está uma pessoa diferente, por acaso agora até tem Covid. Mas mudou muito... mas também conheço outros exemplos o oposto, que não eram negacionistas, mas acharam que isto era um erro, os confinamentos, os cuidados, que isto foi tudo uma palhaçada, porque bichos no ar sempre houve, o que acontece acontece, mas as pessoas precisam de conviver, precisam de abraços, de beijinhos e de carinho... e que passaram mal, porque sentiam que não havia correspondência por partes dos outros em relação ao que sentia, sentiu-se rejeitada. E ela é uma pessoa muito efusiva, muito alegre e bem-disposta... as vezes também tinha algumas coisas obsessivas, e tinha também acompanhamento em termos psicológicos, um psicólogo, para gerir algumas coisas... ela não é uma pessoa depressiva... e foi uma das pessoas na qual a pandemia lhe deixou marcas mas de forma muito diferente das outras...” (entrevistada 6 – Carlota)

“Tenho o caso da minha prima que por causa da pandemia, do confinamento e do facto do seu marido estar no estrangeiro e não puder voltar, ela com 2 miúdos pequenos, acabou por ter um esgotamento e uma depressão grave... que afetou a vida toda dela. Ela acabou por ficar de baixa muito tempo, acabou por despedir-se do trabalho e seguir um outro rumo de vida... não quer dizer que tenha sido diretamente por causa disso, mas... foi a gota de água, ter que estar em casa com os miúdos e a trabalhar... ela trabalhava em “layoff” então foi muito complicado.”

(...)

“O meu primo que não podia voltar, ele queria voltar para estar com os filhos, e estava preso em França.” (entrevistada 4 – Élia)

“Eu tive um amigo, às vezes ele vinha cá jantar até nos confinamentos... ele furava os confinamentos porque ele dizia-me não saia de casa há duas semanas, foi uma vez às compras. Ele trabalha numa multinacional, estava habituado a todos os dias a ver gente, a ter almoços de trabalho... e de repente viu-se sozinho, ele é divorciado e sem filhos, viu-se fechado em casa durante semanas a fio. Por acaso ele é uma pessoa com a cabeça bem arrumada e não teve grandes problemas, mas agora imagina outras pessoas com algumas neuroses anteriores imagina como devem ter reagido a uma situação dessas...” (entrevistado 13 – Fernando Martial)

Nos excertos das entrevistas, encontramos relatos que destacam as repercussões psicológicas e emocionais da pandemia, revelando as diferentes formas como as pessoas foram afetadas. Algumas ideias relevantes do ponto de vista sociológico incluem:

Impacto psicológico intenso: Para algumas pessoas, a pandemia teve um impacto significativo na sua saúde mental, levando a comportamentos obsessivos e ao isolamento social. O confinamento e o medo da contaminação afetaram especialmente aqueles que viviam sozinhos, resultando em mudanças psicológicas notáveis; Diferentes respostas à pandemia: Existem diferentes atitudes em relação à crise sanitária. Alguns indivíduos seguiram as medidas restritivas de forma rigorosa, experimentando de forma intensa a ansiedade e a preocupação excessiva. Por outro lado, existem aqueles que minimizaram a gravidade da situação, questionando os confinamentos e a importância dos cuidados, sentindo-se rejeitados e afetados pela falta de compreensão dos outros; Sobrecarga e exaustão: O confinamento e as restrições associadas à pandemia levaram à exaustão emocional e física. Pessoas com responsabilidades familiares, como criar filhos sozinhas ou lidar com a ausência do parceiro de relação afetiva devido a restrições de viagem, enfrentaram dificuldades adicionais, resultando em esgotamento e, em alguns casos, depressão.

Estes relatos ilustram de forma inegável como a pandemia afetou o bem-estar psicológico das pessoas das maneiras mais variadas. Alguns experimentaram mudanças comportamentais e psicológicas significativas, enquanto outros enfrentaram crises emocionais e exaustão devido às pressões adicionais impostas pelas restrições e pela situação em geral. As experiências evidenciam a importância de considerar os aspectos psicossociais ao abordar as consequências da pandemia e a necessidade de apoio adequado em termos de saúde mental para mitigar os impactos negativos.

4.2.3 – CONSEQUÊNCIAS NOS SISTEMAS FAMILIARES E NAS RELAÇÕES SOCIAIS (RECONFIGURAÇÕES)

São diversos e amplos os relatos nas entrevistas, sobre as consequências, tanto nos sistemas familiares como nas relações sociais, o que resultou em grande parte dos casos em processos de profunda reconfiguração social. Nos excertos revela-se a relação entre um lado de cariz mais biográfico dos atores e a tensão social e histórica na diversidade das situações e contextos em tempo de pandemia que permite uma visão mais piramidal da ordem social (Martuccelli, 2010).

Se por um lado é possível vislumbrar a reconfiguração das relações sociais face às suas teorias implícitas (conjuntos de crenças, ontológica e conceituais que orientam as predições, os juízos, as interpretações, assim como as suas decisões e ações, tendo

igualmente reflexo nas verbalizações dos atores sociais). Uns com uma postura mais flexível em termos de comportamentos em relação à pandemia, outros mais assustados e assim com um resguardo físico de maior afastamento, afastamento que gerou total isolamento nalguns casos.

São vários os entrevistados que referem os diversos afastamentos, ou até desaparecimentos em termos sociais, físicos e virtuais. Noutra perspetiva alguns referem as consequências nos sistemas sociais na sua reconfiguração, até em perspetivas laborais. As referências a situações incomuns perpassam os discursos evidenciando claramente profundas alterações tanto no modo como na forma dos desafios histórico-contextuais subjacentes em tempo de pandemia.

São inúmeros os relatos de complexidade das situações de prova singular em contextos que os atores sociais realmente realizam o seu processo de individuação. Esta noção de prova permite ter uma análise sociológica não abdicando de uma visão estrutural como Martuccelli (2010) advoga.

“Como foi com a sua família mais próxima? Isso está no guião (risos)? Está. Eu sou filho de pais divorciados... ahh o meu pai bastante assustado, o que é talvez um traço que eu nunca vi. Nunca tinhas visto com esta dimensão? Não... Não. Sim assustado, receoso até pela sua vida, até pela sua idade... pela sua faixa etária mais avançada. A minha mãe um pouco mais jovem, mas com uma postura oposta à do meu pai. Ela defende muito as medicinas alternativas, e nesse sentido sim... e nunca deu demasiada importância ao vírus nem às vacinas que depois se seguiram. Mas usava máscara? Ahhh forçada, sim.”

(...)

“Sim, houve todo um espectro disso... Por exemplo, tenho uma amiga que cuidava do avô e estava-se a isolar bastante. Interessante é que agora que as coisas... há vacinas... hmmm... acho que ela se continuou a isolar desde então... porque continuei sem vê-la. Outros amigos um pouco mais relaxados isto já numa altura diferente... Portanto sim, isso apresentou um desafio. Tentar perceber onde é que as pessoas estão... e sim, desde então, muitas relações não digo que tenham desaparecido, mas foram afetadas, foram afetadas... porque agora que as coisas já estão a voltar ao normal, há pessoas que continuam-se a isolar bastante, e, portanto, isso foi também um desafio, sim, especialmente eu estando uma situação um pouco mais neutra, sempre fui seguidor das regras e das “guidelines”, mas também sempre fui apologista que, pronto, com um nível de cuidado, as pessoas deveriam continuar a viver de alguma forma, e a ter contacto social, com o devido distanciamento, mas muito dos meus amigos não eram apologistas dessa ideia, e houve bastante afastamento.”(entrevistado 1 – Gio Gilmour)

Nesta passagem da entrevista, é possível observar e notar as diferentes dinâmicas e reações dentro da família mais próxima em relação à pandemia. Há uma divergência de posturas entre os pais do entrevistado, sendo que o pai demonstra estar bastante assustado e receoso em relação à pandemia, especialmente devido à sua faixa etária mais avançada. Por outro lado, a mãe adota uma postura oposta, valorizando mais as medicinas alternativas e não dando muita importância ao vírus e às vacinas, embora utilize máscara de forma forçada. Além disso, o entrevistado menciona uma amiga que se isolou bastante

durante a pandemia, mesmo após a disponibilidade de vacinas. Essa atitude de isolamento continuou mesmo quando as coisas começaram a voltar ao normal, resultando em um distanciamento entre eles. Outros amigos também apresentaram posturas diferentes em relação às precauções, o que afetou as relações sociais. O entrevistado destaca que muitas relações foram afetadas, pois algumas pessoas optaram por continuar se isolando, mesmo com a normalização das atividades sociais.

Da interpretação da entrevista ressalta a manifesta diversidade de reações e comportamentos das pessoas em relação à pandemia. Ela revela-nos a influência das visões individuais, crenças e valores na forma como as pessoas lidam com a situação de exceção provocada pela pandemia e pelo confinamento decretado e forçado. Além disso, destaca o impacto da mesma pandemia nas relações sociais, com algumas pessoas optando por isolarem-se mais e outras afastando-se devido a diferentes abordagens de precaução e atitudes em relação à volta à “normalidade”. Essas dinâmicas sociais complexas enfatizam a importância de compreender as diferentes perspectivas e necessidades das pessoas diante de uma crise global como a pandemia.

“E como foi com sua família mais próxima? Uma comunicação muito intensa via telefone, via chats, via skype... o vemos-mos também... porque só o falar... e todo aquele suporte familiar que fica tão distante... o não conseguirmos alcançar fisicamente a pessoa parece que o suporte familiar se vai... parece que está no outro lado do mundo... ainda mais sendo um país tão pequeno. Acho que foi muito pesado para eles também, para os mais velhos... para o meu pai foi muito pesado, ele foi completamente abaixo... completamente fora da caixa.

*E como foi com a família mais alargada? Manteve contacto? Tiveste que dar assistência a algum familiar? Sim, ao meu pai e à minha mãe..., mas mais ao meu pai... mesmo com todos os meus “handycaps” ... ainda consegui prestar alguma assistência. **E como foi essa gestão? Uma teleassistência?**... foi muito complexa... foi uma teleassistência, mas também o esforço para estar presencialmente... estamos a falar de cerca de 600 quilómetros... não é... daqui a Coimbra... fazer isto com uma criança é....”*

(...)

*“Houve perda de contacto e de interações mais próximas... nem foi isso... foi perda de uma interação mais presencial... está-me a faltar as palavras... **Mais face to face?** Isso mesmo, face to face... parece que criou-se um distanciamento com alguém, com pessoas e colegas de trabalho que já havia uma dinâmica muito pessoal e uma relação muito mais ágil... parece que o afastamento se instalou mais... É incrível isso porque eu que tive um entrevistado que me disse exatamente a mesma coisa. Ele tinha muitos amigos, e houve muitos amigos que simplesmente desapareceram... ou no contacto as relações ficaram mais frias ... Sim, mais distantes... o distanciamento físico e o interpessoal... as pessoas tornaram-se mais desconfiadas... aí.. aquela tosse, então está infetado...(risos) é inevitável!*“

(...)

“estar agora 6 horas, ou 7 horas a trabalhar e não ter tempo para um café e um sol antes de me enclausurar... porque eu chegava a não almoçar, ou comia uma sandes em frente ao computador... e trabalhar em casa... O teletrabalho é subjetivo... é uma escravidão... incrível. Nós não criamos apenas a desconfiança em relação ao vizinho no que respeita ao vírus... criamos a desconfiança em relação aos colegas quanto à quantidade de trabalho... e ao que se desenvolve no trabalho... criou-se uma concorrência laboral desenfreada... e isso liga àquele tema do maior afastamento dos colegas...” (entrevistado 2 – Joana M)

No anterior excerto de entrevista, é descrito o impacto da pandemia na comunicação e no suporte familiar. A entrevistada relata que houve uma intensificação das interações virtuais, como telefonemas, chats e videochamadas, uma vez que o contato físico se tornou impossível. Essa distância física afetou o sentimento de suporte familiar, dando a sensação de que o apoio estava distante, mesmo vivendo num país pequeno. O pai da entrevistada foi especialmente afetado, chegando a ter problemáticas de saúde mental e emocional durante esse período.

No que diz respeito à família mais ampla, a entrevistada menciona que prestou assistência principalmente ao seu pai, apesar das suas próprias dificuldades. Essa assistência ocorreu tanto por meio de teleassistência quanto de esforços para estar presente fisicamente, mesmo com uma grande distância geográfica. A gestão dessas demandas foi complexa, especialmente considerando a distância e as restrições impostas pela pandemia.

A entrevistada também destaca a perda de interações presenciais e a criação de um distanciamento entre pessoas, incluindo colegas de trabalho. Ela menciona que algumas relações se tornaram mais frias e distantes, criando uma atmosfera de desconfiança e competição. Essa dinâmica é associada ao teletrabalho, que a entrevistada descreve como uma forma de escravidão, levando a uma desconfiança em relação à carga de trabalho e às atividades desenvolvidas pelos colegas. A pandemia também intensificou a desconfiança em relação à saúde, como o medo de tosses serem sinais de infecção.

Além disso, a entrevistada menciona as dificuldades em conciliar o trabalho remoto com a falta de tempo para pausas, como tomar um café ou aproveitar o sol antes de se recolher novamente. Ela descreve o teletrabalho como uma experiência subjetiva e destaca o surgimento de uma competição desenfreada no ambiente profissional, o que contribuiu para o distanciamento entre colegas.

A análise das entrevistas evidencia os impactos emocionais, sociais e laborais da pandemia. Destaca fundamentalmente a importância das interações presenciais e do suporte familiar, que foram afetados pela impossibilidade do contato físico. Além disso, mostra como a distância social gerou desconfiança e competição nas relações interpessoais, tanto no ambiente de trabalho quanto nas interações cotidianas. A compreensão dessas dinâmicas é fundamental para compreender os efeitos sociais mais amplos da pandemia e suas implicações nas relações humanas.

“mas tem sempre uma parte interessante que gostava de falar... tive a sorte da minha vovó falecer antes disto tudo começar... e consegui fazer o último adeus a ela digno da senhora que foi... (pedia-te uma pausa se faz favor)” (entrevistado 8 – Armindo Lua)

“Mudou apenas na gestão do dia a dia, porque como tenho uma mãe idosa tinha que garantir que enquanto tivesse fora tínhamos tudo o necessário em casa, para ela não sair e se expusesse. Organizar tudo, o pão, as compras e tudo. A parte social foi um grande choque, de repente só podemos falar com os nossos amigos via telefone e redes sociais.”

(...)

“Passar mais tempo em casa, e depois as relações familiares, de saturação de tempo conjunto, é mesmo uma questão de feitos, acabam por gerar conflito. As mesmas pessoas no mesmo espaço muitas horas... Houve muitos divórcios durante a pandemia (risos). E quem só namorava... e depois: ahh já que estamos em confinamento, vamos morar juntos... e depois percebem que não funcionou. O espaço individual é superimportante.” (entrevistado 5 – Bela Cabanas)

Um dos entrevistados menciona a “sorte” de sua avó ter falecido antes do início da pandemia, permitindo-lhe prestar um último adeus digno. Esse momento destaca a importância das despedidas e das práticas funerárias como parte do processo de luto e do cuidado com os entes queridos.

Outro entrevistado destaca a mudança na gestão do dia a dia, especialmente por ter uma mãe idosa. Ele teve que se certificar de que todos os itens necessários estivessem em casa, evitando que sua mãe saísse e se expusesse ao risco. Essa responsabilidade adicionada à dinâmica familiar demonstra a preocupação em proteger os membros mais vulneráveis durante a pandemia.

Em relação à parte social, o entrevistado enfatiza o choque de repentinamente só poder se comunicar com amigos por telefone e redes sociais. Essa restrição das interações presenciais teve um impacto significativo nas relações sociais, exigindo adaptação e buscando meios alternativos de conexão.

A convivência intensificada no espaço doméstico também é mencionada por um entrevistado. A mudança de passar mais tempo em casa e o aumento da saturação de tempo conjunto com os membros da família podem gerar conflitos. Essa convivência mais próxima e prolongada desafiou a dinâmica familiar, resultando em tensões e, em alguns casos, até mesmo divórcios. O espaço individual é destacado como uma necessidade importante dentro das relações familiares, reforçando a importância de limites e autonomia para um convívio saudável.

A interpretação e análise sociológica desoculta as diferentes dimensões das experiências familiares durante a pandemia. Ela evidencia as práticas funerárias e o luto, o papel do cuidado e da proteção dos entes queridos mais vulneráveis, a mudança nas

interações sociais e a convivência intensificada no ambiente familiar. Esses aspectos ressaltam as adaptações necessárias assim como os desafios enfrentados pelas famílias durante esse período excepcional, além de revelar a importância de espaços individuais para a manutenção do equilíbrio e da harmonia no convívio familiar.

“O meu namorado trabalha fora, dá aulas na universidade, ou tem concertos... isso acabou. Passamos a viver juntos permanentemente, foi uma coisa que nunca tinha acontecido. Foi uma descoberta de uma realidade nova. E a nível da minha família, dos meus pais, não tinha qualquer contacto com eles. Eu é que fazia as compras para eles no início, e que as ia levar, álcool gel em todo o lado... na altura não havia máscaras... o que apareceu foi as viseiras... fui a olhar que era onde havia... eu comprei um saco grande... distribuí algumas na casa dos meus pais, depois ele começou a ir às compras... mas nunca estávamos juntos... quando começamos a aproximarmos-nos, eles vivem num condomínio, metíamos as mesas e as cadeiras cá fora, nós ficávamos numa mesa, eu e o meu namorado, e os meus pais noutra mesa bem afastados, a uns bons metros, não nos cruzávamos... isto para eles não se sentirem sozinhos.. a minha mãe tem alguns problemas de saúde e é meio depressiva, e então fizemos isso para lhe darmos alguma companhia... mas sempre no exterior. Isto já passados uns meses... e quando já havia algumas estratégias.” (entrevistada 6 – Carlota)

“A minha mãe... se calhar foi outra pessoa... apesar de não ter estado doente... e estar vacinada... se calhar foi das pessoas da minha família que a pandemia mais afetou pelo seu isolamento, a minha mãe mora sozinha, é professora... e enquanto professora ia todos os dias para a escola trabalhar.. coisa que deixou de acontecer durante o confinamento e... portanto, e isso e mais o medo do contacto externo... e isolou-se por completo em casa durante uns meses, falava com aqueles serviços de compras do continente para lhe irem levar as compras a casa... trabalhava a partir de casa, e basicamente não saía de casa para nada... o que para uma pessoa de 64 anos não é uma prática nada recomendável..” (entrevistado 3 – Frei Loki)

Uma entrevistada menciona como a convivência com o namorado mudou drasticamente durante a pandemia. Anteriormente, eles viviam separadamente devido aos compromissos profissionais do namorado, mas a necessidade de isolamento social fez com que passassem a viver juntos permanentemente. Essa mudança representou uma descoberta de uma nova realidade e exigiu adaptação ao convívio constante. No que diz respeito à família, a mesma entrevistada relata que não tinha contato direto com os pais durante o início da pandemia. Ela era responsável por fazer as compras para eles, garantindo a segurança com o uso de álcool gel. Mais tarde, quando começaram a se aproximar, eles mantinham um distanciamento seguro, sentando-se em mesas separadas ao ar livre para que seus pais não se sentissem sozinhos. Essas estratégias foram adotadas para proteger a saúde dos seus pais, especialmente devido aos problemas de saúde da sua mãe.

Outro entrevistado destaca o impacto do isolamento na mãe, que mora sozinha e é professora. Durante o confinamento, ela deixou de ir à escola e passou a trabalhar em casa. Além disso, devido ao medo do contato externo, ela se isolou completamente por meses, solicitando serviços de entrega de compras em casa. Essa situação de completo

isolamento afetou significativamente a mãe, causando impacto em sua saúde mental e física.

A pandemia afetou a convivência familiar e as relações sociais dos entrevistados. Elas evidenciam a problemática de adaptarem-se ao partilhar o mesmo espaço de forma intensificada, a busca por maneiras criativas de estar próximo sem comprometer a segurança, a solidão enfrentada por pessoas que vivem sozinhas e o impacto psicológico do isolamento prolongado. Essas experiências pessoais refletem os desafios sociais e emocionais enfrentados por muitas pessoas durante esse período excepcional.

“Foi difícil, só com a mamã. Depois adaptamo-nos bem. Eu inicialmente é que fazia as compras, ela fazia a listagem, e até ela me dizia onde estavam as coisas nas prateleiras. Lembro-me quando houve eleições, que as pessoas levavam as luvas vestidas para ir votar nas urnas de voto, pegar na caneta e assinar o boletim de voto” (entrevistado 8 – Armindo Lua)

“O meu irmão ficou fechado na sua casa com a minha cunhada e com os filhos. Os meus pais ficaram fechados também na sua casa... e falávamos por videochamada. Íamos comunicando... conseguimos manter o contacto.” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

Durante a pandemia, algumas famílias enfrentaram desafios na convivência diária, enquanto outras conseguiram adaptar-se bem às novas circunstâncias. Um entrevistado relata que ele e sua mãe conseguiram ajustar-se à nova dinâmica, com ele sendo responsável pelas compras e a sua mãe fornecendo orientações detalhadas sobre os itens a comprar nas prateleiras no supermercado. Outra entrevistada menciona que a sua família manteve contato por videochamadas, com o seu irmão, a cunhada e os sobrinhos permanecendo em sua casa enquanto os seus pais ficavam na deles. Essas estratégias de comunicação foram essenciais para manter os laços familiares durante o período de isolamento social.

“Cada um naquelas alturas dos confinamentos não nos víamos. Lá está, no primeiro confinamento eu não tinha muito cuidado comigo, mas naturalmente pensei mais nos meus pais, com 70 e tal anos, é preciso ter algum cuidado e nessas semanas não fui vê-los, mas nessa altura o meu pai estava vivo, eles dois entendiam-se, iam às compras, estavam em casa, a minha irmã também estava perto se fosse preciso alguma coisa, ela é casada e tem um filho, portanto, neste núcleo familiar ninguém estava sozinho o que também foi bom. Mal as coisas relaxaram um pouco, reunimo-nos imediatamente todos outra vez sem problemas, pelo menos eu e a minha irmã sempre pensámos que tínhamos de dar atenção à nossa própria saúde por causa dos nossos pais, não tínhamos cuidado connosco, mas tínhamos cuidado com os nossos pais.” (entrevistado 13 – Fernando Martial)

*“**E com a sua família mais alargada como foi? Manteve contacto? Teve de dar apoio a algum deles?** Como a minha família vive quase toda no estrangeiro... quase a não a vi nos últimos anos. O meu pai não vejo há 3 anos, a minha mãe via, mas com menos frequência. A minha mãe nem pode ir ao funeral do seu pai por causa das regras das quarentenas de 15 dias...e por aí fora.” (entrevistada 11 – Marisa Bifa)*

As famílias mantiveram uma distância física para proteger os seus entes queridos mais vulneráveis. Um entrevistado relata que, mesmo estando preocupado com a saúde dos seus pais idosos, eles não se encontraram fisicamente durante as semanas de confinamento. No entanto, assim que as restrições foram relaxadas, eles se reuniram novamente. Essa atitude reflete a preocupação em cuidar da saúde dos pais, mesmo que isso signifique abrir mão de encontros familiares temporariamente. Já outra entrevistada menciona que a sua família mora principalmente no exterior, e ela não os viu nos últimos anos. Devido às restrições e às quarentenas exigidas, a sua mãe não pôde comparecer ao funeral de seu pai. Isso destaca como as restrições de viagem e as medidas de isolamento afetaram as relações familiares, especialmente para aqueles que têm entes queridos distantes.

Essas experiências ilustram como as restrições e medidas de segurança adotadas durante a pandemia impactaram a dinâmica familiar, resultando em distanciamento físico e limitações nos encontros presenciais.

4.2.4 – CONSEQUÊNCIAS NAS CRIANÇAS E DOS JOVENS – “É PRECISO UMA ALDEIA INTEIRA PARA CRIAR UMA CRIANÇA... É UMA ÚNICA PESSOA NÃO CRIA UMA CRIANÇA”

Os relatos dos entrevistados com bebês, crianças e jovens a cargo permitem uma leitura claramente densa aquando das experiências dos intervenientes:

Do fecho das escolas, passando pela experiência de isolamento de uma mãe solteira com uma bebé a cargo, relatando teleassistência ao seu pai com problemas graves de saúde numa distância geográfica grande, e a dificuldade a tomar conta de tudo ao mesmo tempo, ao mesmo tempo que trabalhava a partir de casa, chegando à conclusão da complicada provação de que é criar um bebé sozinha, pelas mais variadas razões – as necessidades de validação das opções tomadas, das segundas opiniões, à inevitabilidade de uma socialização de caráter alargado no que respeita às necessidades de qualquer criança em desenvolvimento e crescimento.

Uma outra entrevistada com gravidez de alto risco clínico, em elevado estado de ansiedade não sabendo o que iria acontecer futuramente aquando do parto, não conseguindo fazer um planeamento com precisão sobre esse momento chave, influenciando um estado que já de si é de grande vulnerabilidade, delicadeza e fragilidade,

e que se materializou concretamente, aquando do nascimento do bebé sem a presença do seu companheiro, portanto, nesse momento sozinha.

“Foi difícil, tenho 2 sobrinhas pequeninas, têm de fazer testes. As escolas primárias e as creches a fecharem. Os casos, o pânico, os funcionários a irem para aqui e para ali e sem fazerem testes. E foi o caos.” (entrevista 10 – António Semente)

“Olha eu já sou uma pessoa tão... isolada. Convivo de forma... não é que não seja social, mas tenho uma tendência para um autoisolamento, ou auto confinamento já natural, mas não desta forma... acho que isto é violento e excessivo. Mas... foi difícil não digo que não... especialmente com uma criança pequenina. Com uma criança tão pequenina é demasiado violento... ainda bem que houve uma redução de tempo de isolamento em casos de possível contacto. Eu cheguei a passar 15 ou... 20 dias fechada com uma criança pequena... é de dar em doidos.”

(...)

“Eu quando me vi sozinha a trabalhar, porque tenho de dar respostas, com uma criança pequena, sempre de olho, a tomar conta da casa, com tudo para pagar, e com o meu pai com problemas graves, e a tomar conta de tudo ao mesmo tempo.”

(...)

“Duplamente, intensamente sozinha... não tenhamos dúvidas... que a solidão não só pelo confinamento e pela necessidade de ter uma validação também nas opções que faço com a educação da Ana. Aliás, diz-se... e os ditados populares são muito verdade: É preciso uma aldeia inteira para criar uma criança... e uma única pessoa não cria uma criança... e é contraproducente... e é extremamente agressivo para a criança e para a pessoa que está responsável... Essa necessidade de apoio e de validação e de recorrer a uma segunda opinião... ou pelo menos saber se a tua decisão... ainda a semana passada me aconteceu isso... olha ainda agora... que atitude, que postura devo eu tomar... Não quer dizer que uma relação a 2 vá ajudar... não quer dizer que o parceiro fosse ter uma interferência melhor, não quer dizer que isso acontecesse... Acho que a metáfora ajusta perfeitamente.... Sim, encaixa perfeitamente, sim, sim...”

(...)

“Uma coisa são os cuidados que tens quando tens uma criança que está sobre a tua alçada... e às vezes quando estamos libertos... como agora... oh pá vamos... houve dias... e não era sempre...houve momentos que largava a Ana... e dizia para mim: eu não aguento...”

(entrevistada 2 – Joana M)

Com base nas informações fornecidas pelas entrevistas, podemos aferir sobre as dificuldades enfrentadas pelos entrevistados durante o período de fecho das escolas e creches devido à pandemia. Ambos os entrevistados mencionam a dificuldade de lidar com crianças muito pequenas durante esse período.

O entrevistado António Semente destaca a falta de testagem adequada e o caos que ocorreu nos estabelecimentos de ensino e creches. Essa situação gerou preocupação e pânico entre os funcionários, afetando a rotina das famílias que dependiam dessas instituições para cuidar de seus filhos. O fecho das escolas e creches impactou diretamente a vida das pessoas, especialmente aquelas com crianças pequenas, que precisavam encontrar soluções alternativas para o cuidado dos filhos.

A entrevistada Joana M expressa que, embora seja naturalmente mais inclinada ao isolamento social, considerou o confinamento excessivo e violento. Ela ressalta a

dificuldade de lidar com uma criança pequena em um contexto de isolamento prolongado, mencionando ter passado até 20 dias trancada em casa com a filha. A falta de interação social e o isolamento afetaram negativamente a sua saúde mental autopercebida, a sua autoestima e intensificando a sensação de solidão.

Ambos os entrevistados destacam a importância do apoio social e da validação nas decisões relacionadas à educação das crianças. Joana M menciona o ditado popular "é preciso uma aldeia inteira para criar uma criança", destacando a necessidade de uma rede de apoio e de partilhar responsabilidades na criação dos filhos. A falta desse suporte pode ser extremamente agressiva tanto para a criança quanto para o adulto responsável.

Essas experiências refletem as consequências sociais da pandemia e das medidas de isolamento. O encerramento de escolas e creches impactou negativamente a vida das famílias, especialmente aquelas com crianças pequenas. A solidão, a sobrecarga de tarefas e a falta de apoio social afetaram a saúde mental autopercebida e emocional das pessoas, evidenciando a importância do suporte social e de políticas que levem em consideração o bem-estar das famílias durante situações de crise.

“Tive momentos de grande ansiedade, eu via as notícias e não sabia o que iria acontecer... não sabia o que ia acontecer quando tivesse que dar à luz!!! O parto... o que iria acontecer... tive de dar à luz sozinha... sem ninguém no hospital... sem o meu marido. O meu marido deixou-nos à porta, e depois foi-nos buscar passado uns dias depois por causa das restrições. Claro que isso foi tudo muito doloroso para mim, a maternidade costuma ser uma experiência única na vida... e isso sempre me causou muita ansiedade, desde o início. Estar grávida e pensar que isso poderia acontecer... e depois realmente ter acontecido mesmo. E irmos para casa e continuarmos em confinamento... nesta incerteza e com um filho... isso causou-me grande ansiedade.”

(...)

“Eu estava grávida, estava com o meu marido. Foi assim um estado ansioso, estava ansiosa com tudo. Não estava muito ativa, porque estava fechada em casa... não temos jardim. Tínhamos medo de sair à rua, não podia ir às compras... o meu marido é que ia ao supermercado, e tratava da logística da casa. Eu estava mais resguardada, não queríamos pôr em risco nem a mim nem ao bebé... e foi muito frustrante... e com muita ansiedade também”

(entrevistada 9 – Rumilda Marley)

“É complicado não só por elas não terem a escola onde passar uma boa parte do dia, é o não poder serem visitadas por familiares nem amigos, não podemos deixar elas com algum familiar durante algum tempo... e logo por nos sentirmos impedidos nesse aspeto ficamos como que alguma ansiedade digamos assim.”

(entrevistado 10 – António Semente)

Com base nas entrevistas de Rumilda Marley e António Semente, podemos perspetivar claramente acerca dos sentimentos de ansiedade experimentados durante a pandemia, especificamente relacionados à maternidade e ao cuidado das crianças.

Rumilda descreve uma intensa ansiedade ao não saber o que aconteceria durante sua gravidez e parto. Ela teve de enfrentar a situação de dar à luz sozinha, sem a presença do marido, devido às restrições impostas pela pandemia. Essa experiência dolorosa deixou-a ansiosa, já que a maternidade é uma experiência única e significativa na vida de uma mulher. Além disso, a necessidade de continuar em confinamento após o parto, com a incerteza e a responsabilidade de cuidar de um recém-nascido, gerou grande ansiedade.

Por sua vez, Antônio Semente destaca a ansiedade relacionada ao cuidado das crianças durante a pandemia. Ele menciona a dificuldade de não poder contar com a escola como um lugar onde as crianças passavam parte do dia e a impossibilidade de receber visitas de familiares ou amigos. Essas restrições geram uma sensação de ansiedade, especialmente pelo fato de não poder deixar as crianças com outros familiares por um tempo.

Essas narrativas revelam como a pandemia afetou emocionalmente as pessoas em relação à maternidade, ao parto e ao cuidado infantil. A incerteza, o isolamento social e as restrições impostas levaram a um aumento significativo da ansiedade. A falta de apoio emocional e a impossibilidade de contar com as redes de suporte habituais contribuíram para esses sentimentos.

Essas experiências destacam a importância de abordar os aspectos emocionais e sociais da maternidade e do cuidado infantil durante períodos de crise. É fundamental fornecer apoio psicológico, informações claras e medidas de suporte para ajudar as pessoas a lidarem com a ansiedade e o estresse associados à pandemia. Além disso, políticas e programas que promovam o cuidado infantil e o suporte social são essenciais para mitigar os impactos negativos dessas circunstâncias.

“Estes últimos 2 anos... temos 3 crianças que não tiveram oportunidades de fazer muitas atividades nem estar com outras pessoas.”

(...)

“mas fechar escolas e obrigar as crianças a terem aulas em casa, ou impor o uso de máscaras a toda a população nunca fez sentido a longo prazo.”

(...)

“Foi difícil, porque a família é importante estarem juntas, mas também é importante terem o seu espaço e os seus pontos de interesse diferentes. E as pessoas também precisam de socializar fora da sua família, uma família toda num T3 as vezes o espaço era sufocante sendo uma família numerosa. O que vale é que saímos muito e fazíamos caminhadas, e passeávamos de carro, não podíamos ir a parques, mas passeávamos a pé. Mas era difícil, e com o estudo em casa, também foi uma experiência muito difícil, sobretudo o primeiro confinamento. O segundo confinamento já se sabia como é que era, e a nossa filha também como é um pouco mais velha já foi mais fácil.”

(entrevistada 11 – Marisa Bifa)

“mas quem foram mais afetados foram as crianças sem dúvida... eu vejo pelos meus sobrinhos... ficaram inquietos... eles, os miúdos, precisam de extravasar... de sair por aí... durante o confinamento foi muito complicado para eles. Para as crianças foi a pior faixa etária afetada pela pandemia.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

Ambas as entrevistas destacam a privação de oportunidades para as crianças nos últimos dois anos. Marisa menciona que as crianças não tiveram muitas oportunidades de fazer atividades ou estar com outras pessoas. Ela enfatiza a importância de as crianças terem seu próprio espaço e interesses individuais, além da necessidade de socializar fora da família. Ela também menciona que o espaço limitado em casa, especialmente para famílias numerosas, pode ser sufocante. No entanto, ela destaca que a família tentou compensar isso fazendo caminhadas e passeios de carro.

Joana ressalta que as crianças foram as mais afetadas pela pandemia, mostrando-se inquietas e necessitando extravasar e explorar o mundo ao seu redor. Ela enfatiza que o confinamento foi especialmente complicado para as crianças, pois elas precisam sair e interagir com o ambiente e outras pessoas para o seu desenvolvimento.

As narrativas evidenciam o impacto negativo da pandemia nas oportunidades de socialização e atividades das crianças. O encerrar das escolas e as restrições impostas às interações sociais afetaram significativamente o seu desenvolvimento emocional, físico e social. A falta de contato com os colegas de escola, amigos e familiares, bem como a limitação das atividades ao ar livre, causou frustração e inquietação nas crianças.

As restrições também podem ter impactos a longo prazo no desenvolvimento das crianças, tanto no aspeto social quanto no aspeto educacional. A interação com os pares, a aprendizagem presencial e a exposição a diferentes experiências são elementos essenciais para o crescimento saudável das crianças. As experiências ressaltam a importância de considerar o bem-estar das crianças e suas necessidades durante crises como a pandemia. É fundamental garantir oportunidades de socialização, atividades recreativas e educação adequada, mesmo em tempos de restrições. Além disso, a criação de ambientes seguros e saudáveis para as crianças explorarem e interagirem é essencial para o seu desenvolvimento pleno.

O relato importante proveniente de uma entrevistada com família numerosa relatando os momentos de caos, de sufoco, da não socialização saudável ao nível do desenvolvimento das crianças, num contexto doméstico apesar de grande (casa de modalidade T3) mas limitado geograficamente, gerando ansiedade nos pais. A terminar,

a conclusão a que uma entrevistada chega que a faixa etária mais afetada foram, exatamente, as crianças.

4.2.5 – CONSEQUÊNCIAS NA REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DOMÉSTICO

A pandemia covid-19 foi empurrando os atores sociais para espaços de caráter mais doméstico e provocou conseqüentemente uma reorganização no espaço “dito” caseiro, tendo vários entrevistados relatado os investimentos efetuados em tornar esse mesmo espaço mais aprazível nas mais diversas modalidades.

Numa aceção de casa como prolongamento da sua singularidade e/ou diversidade (casa como extensão de si), vários relataram alterações das mais diversas ordens, das de acordo com as suas particularidades individuais, ou dito por outras palavras, o seu caráter singular (*singularis* de raiz ao nível do latim = único, solitário).

O confinamento permitiu a descoberta e a utilização das casas de caráter doméstico de formas muitas vezes criativas, uns descobriram a necessidade de terem varandas que permitiam apanhar ar fresco, dos terraços nunca antes utilizados que foram potenciadas por grelhadores, da reconfiguração do quarto como “pavilhão multiusos”, da cozinha como escritório e sala de reuniões, da deslocação geográfica do local de trabalho, até da descoberta de capacidades gastronómicas até então desconhecidas dos atores sociais pelo confinamento caseiro, e pela necessidade de confeção de refeições igualmente em casa, ainda que essa adaptação por um agregado familiar numerosa (2 bebés gémeas de 2 anos e 1 criança de 7 anos) tenha levado a uma saturação derivado dos longos tempos de confinamento em que já não era saudável para ninguém.

“Eu investi muito em instrumentos musicais e em refazer o meu estúdio musical...tanto em termos estéticos como em termos equipamento novo... e não só. O meu quarto também... investi tempo e dinheiro em tornar o meu habitat mais... mais... mais acolhedor e divertido... não diria que tenha feito outras alterações suponho que muitas pessoas reformularam a cozinha e a sala... não essas coisas não fiz... mas em termos recreativos e conforto investi muito dinheiro no meu habitat para o tornar mais acolhedor.” (entrevistado 1 – Gio Gilmour)

“O meu espaço doméstico foi construído desde o início (risos)... para mim fez todo o sentido 1 ano a construir casa não é... basicamente levei 1 ano a construir o meu espaço... para agora... Para agora abandonar... depois de ter de estar instalado abandonar... é irónico e engraçado a vida dá voltas...” (entrevistada 2 – Joana M)

“Eu acho que as pessoas começaram a valorizar o conforto das casas, começaram a passar mais tempo em casa, e como tal, a usufruir muito mais isso, o sentir-se bem em casa. E cada pessoa que tinha um espaço exterior, eu tenho um terraço, que nunca foi utilizado, no primeiro confinamento pintámos aquilo, compramos um grelhador.”

(...)

“A mim o estar em casa não me preocupa nada. No início isso dava-me alento. O comer em casa... essa parte até gostei. O estar em casa, usufruir do espaço doméstico.” (entrevistada 6 – Carlota)

Com base nas entrevistas podemos perceber as transformações ocorridas nos espaços domésticos durante o período de confinamento, bem como o investimento feito pelos entrevistados para tornar suas casas mais acolhedoras e confortáveis dos quais se podem distinguir os seguintes aspetos: Valorização do conforto e tempo em casa: Durante os períodos de confinamento, as pessoas passaram a valorizar mais o conforto de suas casas, uma vez que passaram a passar mais tempo nelas. Isso pode ser atribuído à restrição de atividades externas e à necessidade de adaptar-se ao novo contexto. A casa deixou de ser apenas um lugar para dormir e descansar, tornando-se um refúgio seguro e confortável onde as pessoas poderiam passar a maior parte do tempo; Investimento em espaços domésticos: Os entrevistados mencionaram ter investido tanto tempo quanto dinheiro em melhorar seus espaços domésticos. Isso inclui a reforma de estúdios musicais, quartos e até mesmo espaços ao ar livre, como terraços. Esses investimentos refletem o desejo de tornar o ambiente doméstico mais acolhedor, funcional e adequado às necessidades e preferências pessoais. Essas ações também podem ser entendidas como uma maneira de aumentar a satisfação e o bem-estar durante o confinamento; Reconhecimento da importância do espaço doméstico: O confinamento levou as pessoas a reconhecerem a importância de seu espaço doméstico como um local de refúgio e bem-estar. A possibilidade de desfrutar do conforto da casa, incluindo a capacidade de cozinhar, descansar e utilizar espaços externos, tornou-se uma fonte de alívio e prazer. Esse reconhecimento pode indicar uma mudança de perspectiva em relação ao lar, onde as pessoas começaram a apreciar mais a sua importância para o seu bem-estar geral; Sentimentos contraditórios sobre estar em casa: Embora alguns entrevistados tenham expressado apreciação e prazer em passar tempo em casa durante o confinamento, outros sentiram ter sentido falta da interação social e da variedade de experiências proporcionadas por atividades fora de casa. É importante reconhecer que as reações individuais podem variar e que o contexto pessoal e as circunstâncias específicas desempenham um papel importante na forma como cada indivíduo vivenciou o confinamento.

A interpretação e análise sociológica destaca como o contexto do confinamento afetou a relação das pessoas com seus espaços domésticos, levando a investimentos e valorização de conforto e prazer em estar em casa. No entanto, é importante lembrar que

essas observações se baseiam nas entrevistas específicas e podem não representar a experiência de todas as pessoas durante esse período.

“No meu caso passou a ser o meu local de trabalho, porque eu apesar de ter um escritório em Tavira que já uso pouco, que é mais arquivo do que escritório... passei a orientar-me muito mais aqui em casa... como faço muito trabalho de bastidores trabalho maioritariamente em casa. Faço muito melhor aqui do que num escritório noutra sítio qualquer” (entrevistada 7 – Joana Lex)

“Comecei a trabalhar mais em casa... a minha função dá-me para fazer algum trabalho em casa. A minha mesa da cozinha dá para tudo... para trabalhar e para comer... basicamente é isso.” (entrevistada 9 - Rumilda Marley)

“No meu caso, foi só fazermos limpeza e arrumarmos a casa. Eu tento ver as coisas pelo lado positivo. Montei a casa de banho na casa da minha mãe. Fiz o poliban, foi uma altura proactiva.” (entrevistado 14 – Miguel Rachmaninov)

Podemos igualmente elaborar um exercício de reflexão adicional em relação ao trabalho remoto e à adaptação dos espaços domésticos para atender às necessidades profissionais com base nas entrevistas efetuadas, e que se prende na metamorfose do espaço doméstico para um espaço multiusos e multifunções: Transformação do lar em local de trabalho: Durante o período de confinamento, muitas pessoas tiveram que adaptar seus espaços domésticos para se tornarem ambientes de trabalho adequados. Os entrevistados mencionaram ter começado a trabalhar mais em casa e apreciaram a conveniência de ter um espaço doméstico onde pudessem realizar suas tarefas profissionais. Essa mudança reflete a transição para o trabalho remoto, que se tornou uma prática mais comum durante o confinamento; Utilização multifuncional dos espaços domésticos: Os entrevistados mencionaram que seus espaços domésticos foram adaptados para desempenhar várias funções. Por exemplo, a mesa da cozinha foi usada tanto para trabalhar quanto para comer. Essa adaptação destaca a flexibilidade dos espaços domésticos e a capacidade de acomodar diferentes atividades de acordo com as necessidades dos indivíduos; Proatividade e melhorias no ambiente doméstico: Alguns entrevistados mencionaram que aproveitaram o período de confinamento para realizar limpeza, arrumação e até mesmo melhorias físicas em suas casas, como referido a montagem de uma casa de banho. A proatividade pode ser entendida como uma forma de aproveitar o tempo em casa de maneira construtiva, buscando melhorar o ambiente doméstico e criar um sentido de realização pessoal.

Da análise das entrevistas destaca-se, a adaptação dos espaços domésticos para acomodar o trabalho remoto e a multifuncionalidade dos ambientes. Além disso, destaca-se a busca por melhorias no lar e o aproveitamento do tempo em casa de forma produtiva. Estas mudanças refletem a necessidade de adaptação durante o confinamento e a

importância do ambiente doméstico como um local versátil que atende às necessidades pessoais e profissionais.

“Sem dúvida... principalmente no início, foi o que sucedeu... a casa realmente passou a servir para tudo, nós até raramente utilizávamos as nossas varandas, e passamos a utilizar muitos mais, e até as ajeitamos para ficarem mais acolhedoras... de resto... passamos a cozinhar muito mais em casa... os primeiros meses praticamente tudo o que comemos foi cozinhado por nós em casa, desenvolvemos novas rotinas que até então não tínhamos... a casa foi usada para trabalhar, para educarmos as crianças, para cozinhar, e para os nossos tempos livres...”

(...)

“No início adaptei-me bem sim... não me custou muito a adaptar... lá está... pessoalmente se fosse só eu, não só me tinha adaptado bem, como isso teria continuado nos meses seguintes... por não ser só eu, adaptei-me bem, mas não foi uma adaptação pacífica porque passado uns meses chegou a um ponto em que, realmente, notava-se já não era saudável para ninguém, e por muito boa a adaptação, não a vemos como algo positivo...”

(entrevistado 10 – António Semente)

“Eu gosto de estar em casa por isso... quando muito tornei a casa mais bonita. Passsei tempo a pô-la mais bonita e organizada.” (entrevistada 11 – Marisa Bifa)

Este subsequente entrevistado referiu que o seu quarto passou a ser o “pavilhão multiusos” fruto da sua atividade profissional como produtor de áudio, sonoplasta e técnico de som. Faz, no entanto, uma ressalva importante referindo que, não sendo a sua família pobre de forma alguma, sentiu-se a inexistência de computadores que dessem para os seus dois irmãos. Refere que se à sua família criou algumas problemáticas, de certo houve outras famílias mais pobres que o estudo em casa foi impossibilitado pela ausência de computadores.

“O quarto passou a ser o pavilhão multiusos para toda a gente, passamos a ver concertos em casa, a trabalhar em casa, a comer em casa... a fazer a vida social em casa... foi um pouco nesse sentido. O meu espaço, o meu quarto não mudou muito... é esta bagunça que está a ver... tenho aqui uma cama e as máquinas por todo o sítio... o sítio onde durmo é o sítio onde produzo música... também trabalho fora daqui... mas na verdade isto não mudou muito aqui... mas para a maioria das pessoas sim... e mesmo cá em casa, com 2 irmãos a estudarem, e 1 pai a trabalhar... nós não temos assim tantos computadores... e havia alturas onde era preciso alguém não fazer o que estava a fazer para alguém ter uma aula ou algo do género... e nós não somos propriamente uma família pobre.. nem de perto nem de longe... mas até a nós isso fez diferença... foi notório para muitas, muitas famílias... o facto de estudar à distância e trabalhar à distância e os recursos necessários para fazer isso... se aqui deu problemas, houve muitos sítios onde impossibilitou...” (entrevistado 3 – Frei Loki)

Noutro entrevistado o reconfigurar do espaço doméstico não sofreu nenhuma alteração ou reconfiguração.

“Não sei, no meu caso, já tive períodos em que trabalhava muito em casa, portanto, não houve uma grande alteração, eu tenho aqui isto montado, as duas secretárias, o computador, os livros... sempre tive este espaço montado, não alterou grande coisa, mesmo quando estava no (xxx – Lugar de trabalho) à noite vinha para aqui trabalhar, não alterou grande coisa.”

(...)

“Sim... bem, não foi só no espaço doméstico, como já te disse, eu ia muito à rua, eu fazia questão de estar pelo menos uma hora na rua a passear, com o cão e com a minha mulher, e a fazer exercício. As primeiras semanas aguentava-se bem, depois a partir de certa altura é que já foi... começou a ser insuportável... a adaptação é que... uma pessoa adapta-se, mas não se adapta para sempre, adapta-se, mas tem que ser uma coisa temporária. Adaptamos, mas com a esperança

de que um dia tudo volte à normalidade, e quando passa meses, ou um ano, ou 2 anos... e não há maneira de voltar à normalidade, ou volta sempre aqueles dias mais duros, é complicado.”
(entrevista 12 – Fernando Martial)

4.2.6 – CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA NAS SUBJETIVIDADES INDIVIDUAIS

São diversos e amplos os relatos nas entrevistas das consequências, tanto nos sistemas familiares como nas relações sociais, que resultaram, em grande parte dos casos, em processos reconfiguração social. Nos discursos transcritos e interpretados nota-se:

Os que sofreram a perda de familiares, amigos e conhecidos. A adaptação a algo inédito e de caráter assustador, o situacional aflitivo de faltar produtos nas grandes superfícies comerciais, o estar confinado não sabendo bem as regras. Um entrevistado (com família numerosa) refere que todas as pessoas que têm crianças a seu cargo, tiveram de uma forma ou de outra forma dificuldades em lidarem com a situação. Na verdade, as entrevistas provam esse relato. A ausência do toque, do abraço ao beijinho, o expressar do afeto ritualizado através do “toque” – algo de que a entrevistada diz ser tão português. Do “socializar” que ficou profundamente afetado (noutras entrevistas esta é uma dimensão que é diversas vezes abordada) à ritualização pormenorizada (num primeiro momento) da utilização das máscaras.

O ambiente de medo de uma grávida de risco clínico em final de gravidez que ainda teve de se deslocar sozinha para ecografias e exames e, que, quando tudo fechou não conseguiu comprar tudo o que necessitava para o momento posterior ao parto. Outra entrevistada relata histórias de pessoas que não aguentaram este momento de confinamento pandémico, tendo-se ido abaixo. Relatou ainda muitas separações, mas igualmente superações. O relato da metamorfose em termos sociais por parte de algumas pessoas, pessoas que entraram em pânico, pessoas que perderam o trabalho assim como negócios próprios, pessoas que foram empreendedores num momento complicado vendo o risco como oportunidade, pessoas que se viraram para a terra, e pessoas que se tornaram mais agressivas com o próximo.

“Primeiro, aqueles que perderam entes queridos... é obvio, não é? Foi um trambolhão gigante na vida de qualquer um deles, não é? Esses são os primeiros que me vêm à memória...”
(entrevistado 3 – Frei Loki)

“Pois... passar pelo meu primeiro confinamento que alguma vez senti na minha vida foi uma situação inédita e assustadora. Foi uma situação que nos tivemos que adaptar, de uma forma inicial muito bruscamente, e depois, como é normal no ser humano, começamos a nos habituar, mas prontos... digamos, o primeiro confinamento e não puder sair... vários produtos a faltarem nos supermercados... foi uma situação aflitiva... e de alguma forma, sim... bastante assustadora..

e dessa forma, sim... o confinamento, o estar confinado, o não poder sair de casa... às vezes nem sabendo muito bem quais são as regras hmm.... afetou-me de uma forma bastante, bastante... forte, especialmente no início da pandemia.” (entrevistado 1 – Gio Gilmour)

“Não sei se vou dizer alguma coisa fora... não vai ser muito diferente daquilo que os outros se condicionaram... um abraço... um beijo... um carinho... um colo... eu acho... aquilo que caracteriza o português... e eu já viajei muito pelo mundo... o português é um ser muito dado ao toque... mais do qualquer outro ser... não conheço o mundo, mas conheço algumas sociedades... sei lá...” (entrevistado 2 – Joana M)

Os relatos das experiências descritas pelos entrevistados revelam alguns aspetos importantes sobre a sociedade portuguesa durante a pandemia. A perda de entes queridos teve um impacto significativo na vida das pessoas. Um entrevistado menciona as perdas pessoais, o que destaca a magnitude do impacto emocional e social causado pela morte de familiares e amigos. Essa perda não afeta apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas também suas comunidades e redes de apoio. Um outro entrevistado partilha a sua experiência de confinamento, descrevendo-a como uma situação inédita e assustadora. Ele destaca a necessidade de se adaptar rapidamente a essa nova realidade, o que sugere que o confinamento teve um impacto significativo nas rotinas e na liberdade de movimento das pessoas. A escassez de produtos nos supermercados também é mencionada, o que evidencia as dificuldades enfrentadas em termos de acesso a recursos básicos durante o confinamento. A entrevistada Joana M menciona a importância do toque na cultura portuguesa, descrevendo-o como algo característico do povo português. Ela enfatiza a falta de contato físico durante a pandemia, como abraços, beijos e carinhos, o que destaca a importância do toque como forma de expressão afetiva e conexão social. A restrição desse contato físico pode ter tido um impacto emocional e psicológico na sociedade, especialmente para aqueles que valorizam essas expressões de afeto.

No geral, essas experiências destacam o impacto emocional, social e económico da pandemia na sociedade portuguesa. As restrições de mobilidade, a perda de entes queridos e a falta de contato físico foram aspetos que afetaram profundamente a vida das pessoas durante esse período. Essas experiências também podem levar a reflexões sobre as mudanças nas dinâmicas sociais e nas relações interpessoais no contexto pós-pandemia.

“Ainda há receio em socializar. Essa parte ficou afetada. E essa parte é muito importante na nossa vida.”
(...)

*“**Lembra-se nos primeiros tempos da ritualização e no cuidado pormenorizado no uso da máscara?** Eu no outro dia estava a pensar nisso... hoje em dia já metemos a máscara em todo o lado. Lembro-me de ir ao dentista logo no início da pandemia...e de ter tirado a máscara... e o dentista disse-me: *prontos, já está contaminada...* e eu: *o quê???* Mas como? E ele respondeu: *você já meteu as mãos nos elásticos. E eu por amor de deus!!!! Era um exagero.*”*

(entrevistada 8 – Joana Lex)

“Só o facto de fechar tudo, na altura estava grávida, estava fechada em casa... saía só para o necessário, ecografias e tudo o mais... mesmo assim foi um ambiente de medo, eu tinha de ir sozinha, o meu marido não me podia acompanhar porque estava a trabalhar na altura. E no final quando isto fechou tudo... na reta final de uma gravidez que eu tinha de ter tudo preparado limitou-me aqui algumas coisas, tive de encomendar online. Tive de me voltar para essa parte. E sim, condicionou a minha liberdade, de ir ao café e de passear” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

“Sim, afetou naquela perspetiva das restrições que foram colocadas afetar a vida das pessoas, não propriamente de ter visto alguém meu conhecido que o vírus tenha causado dano físico, nem permanente nem transitório. Tenho um amigo que deixou de trabalhar porque não gostava de usar a máscara, achava que não tinha de o fazer... ter de usar a máscara todo o dia no trabalho, e por isso deixou de trabalhar durante 1 ano na altura... e outras pessoas que eu conheço que tenham causado impacto, penso que todas as pessoas que têm crianças a cargo principalmente, tiveram algumas dificuldades a lidar com a situação.” (entrevistado 10 – Armindo Semente)

As entrevistas anteriores oferecem insights relevantes sobre as consequências da pandemia na vida social e individual das pessoas: Uma entrevistada destaca o receio em socializar que ainda persiste após a pandemia. Ela ressalta a importância dessa dimensão social em nossas vidas e como foi afetada pelo contexto da pandemia. A necessidade de distanciamento físico e social e as restrições impostas criaram um impacto significativo nas interações sociais, deixando um receio residual mesmo com a flexibilização das medidas de confinamento. Igualmente, a ritualização do uso de máscaras é mencionada pela mesma entrevistada. No início da pandemia, as pessoas adotaram cuidados meticulosos ao usar máscaras, com preocupações excessivas em evitar a contaminação. No entanto, ao longo do tempo, o uso da máscara tornou-se mais comum e menos rigoroso. Essa mudança pode ser interpretada como uma adaptação à nova realidade e à sátira de que a contaminação “não ocorre apenas pelo contato com os elásticos da máscara” conforme ironizou um dentista em contexto de consulta dentária com uma entrevistada.

Uma outra entrevistada relata como a gravidez durante a pandemia a limitou em relação às atividades externas. Ela menciona que teve que recorrer às compras online e foi privada da liberdade de sair para ir a cafés e passear. Isso ressalta as restrições que afetaram a liberdade de movimento e o acesso a espaços públicos durante a pandemia, especialmente para grupos vulneráveis, como gestantes. Por outro lado, António Semente enfatiza o impacto das restrições na vida das pessoas. Ele menciona um amigo que deixou de trabalhar porque não queria usar máscara, ilustrando como as medidas de segurança afetaram a vida profissional de algumas pessoas. Além disso, ele destaca que aqueles que têm crianças a cargo enfrentaram dificuldades adicionais em lidar com a situação,

sugerindo que a pandemia teve um impacto particularmente significativo nas famílias com crianças.

As citações destacam as implicações sociais da pandemia, como o receio de socializar, a mudança de comportamento em relação ao uso de máscaras, as restrições que afetaram a liberdade individual e a vida profissional, e as dificuldades enfrentadas por famílias com crianças. Essas experiências refletem a complexidade dos efeitos da pandemia nas interações sociais, nas práticas diárias e no bem-estar emocional e psicológico das pessoas.

“Conheço muitas pessoas que deixaram de ter uma vida social por causa da pandemia. Limitaram muito a sua vida familiar, no círculo de amigos, passaram a estar mais sozinhos, conheço muita gente que se foi abaixo, conheço muitas pessoas que se separaram... e também muitas pessoas que se superaram.” (entrevistada 11 – Marisa Bifa)

“Houve pessoas amigas que simplesmente mudaram completamente, tanto a nível pessoal, que cortaram relações, que entraram num estado de medo, de pânico. Eu hoje falei com uma amiga que ela continua a evitar sair de casa por causa da pandemia, como conheço pessoas que perderam o trabalho, como conheço pessoas que foram empreendedoras, temos os dois lados... o positivo e o negativo. Temos para todos os gostos. Pessoas que tiveram de fechar os negócios, pessoas que reaprenderam e viraram-se para a terra. Para não serem tão dependentes do mundo do consumismo. Como expectava que as pessoas ficassem mais humildes, mais resilientes... outras pessoas fecharam-se e tornaram-se mais agressivas com o próximo.” (entrevistada 5 – Bela Cabanas)

Para alguns a pandemia representa um momento de reflexão profundo acerca da sociedade e da economia, da dependência externa em relação a outros países.

“Para mim foi uma experiência... uma experiência do... O “abre olhos” ... o “abre olhos” ... para a sociedade e para a economia... porque dependemos muito dos outros países para tudo... energia, alimentação e medicamentos... isso para o governo deveria ser um abre olhos porque dependemos muito de outros países como a China.” (entrevistado 13 – Marcolino Belo)

Para esta entrevistada a pandemia criou estratégias de funcionalidade da sociedade, mas também permitiu uma reflexão profunda acerca das questões ambientais, recordando os momentos em pleno primeiro confinamento o repovoar das espécies antigas, os peixes que voltavam aos rios, e o impacto da mão humana sobre a natureza, e o repensar do papel da tecnologia (também da comunicação à distância) que poderá permitir um impacto ao nível da ecologia.

“Também nos leva a reavaliar e a reajustar novas estratégias de funcionalidade e de atuação... e também ... esta pandemia também tem uma coisa muito interessante... reavivou de alguma forma as questões ambientais...foi uma situação que estava... que se tornou moda... e por se tornar moda... acabou por se tornar um hábito e não uma responsabilidade mas se calhar as pessoas agora começam a olhar para essa nova perspetiva... esse novo modelo com uma visão diferente porque houve... esse estagnar da atividade social mundial teve reflexos muito importantes e muito visíveis... que as pessoas conseguiram vivenciar e espero que se lembrem deles...Sim muitas vezes o homem pensa que vive separado da natureza, mas não, ele é parte da natureza, e a natureza tem um ascendente sobre ele como é obvio, mas nesta sociedade pensa-se que não, nós dominamos, precisamos de recursos naturais e vamos, destruímos as matas e os”

oceanos e está tudo interdependente... Sim, sim... aquela situação dos canais de Veneza em que já não se viam os fundos, e de repente, começa-se a ver novas espécies, e as espécies antigas a voltarem, o impacto da poluição e que a nossa ação tem... e aquilo que os cientistas diziam... as reduções de emissões com impacto mundial e ninguém acreditava... dizia-se era tudo teoria... mas viu-se mesmo... mas existe uma outra coisa interessante... a tecnologia que já era posta à prova, e ainda foi mais posta em prova... e trouxe uma nova perspetiva de comunicação à distancia com fortes impactes também ecológicos... que se calhar agora terão outro peso...” (entrevistada 2 – Joana M)

O entrevistado subsequente enceta uma reflexão interessante acerca das vacinas, justificando a sua não vacinação, e dando como exemplo a explicação do porquê de alguns países não terem vacinado as suas crianças.

“E agora sempre pensei que... por exemplo... um idoso, 85 anos... a taxa de letalidade nos casos deles no início era de 10%, ou seja, o que é que uma pessoa pensa, bem... se eu apanhar a doença tenho uma possibilidade de morrer em 1 em 10 de morrer, uma probabilidade relevante, mesmo que a vacina tenha efeitos secundários vale mais a pena tomar a vacina, agora uma pessoa com 30 ou 40 anos, em que a probabilidade de morrer é de acordo com os estudos efetuados é de 0,0001% é tomar uma vacina que pode alterar para sempre o nosso organismo... eu lembro-me o caso da vacina contra a gripe A, a vacina chamada Pandemrix, foi por isso que os Suecos e os Noruegueses decidiram não vacinar as crianças desta vez, que depois foi dado em 2009, e nos anos seguintes começou-se a notar casos de apneia de sono em adolescentes que eram crianças quando foram vacinadas, e determinou-se, em que foi feito muitos estudos, determinaram uma relação entre a vacinação e os casos de distúrbios de sono que é uma coisa que afeta a vida para sempre, não tem cura e afeta a qualidade de vida para sempre das pessoas, não mata, mas aqueles 2 ou 3% de crianças que desenvolveram aquele problema tem a sua vida afetada para sempre, desta vez os nórdicos quando chegou às crianças pararam... não quiseram arriscar.” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

4.3 – GESTÃO POLÍTICA DA PANDEMIA

No tema Gestão Política da Pandemia, obteve-se as seguintes categorias fundamentais: 1º As respostas políticas à pandemia; 2º As medidas políticas no seguimento das internacionais; 3º As restrições decretadas pela pandemia; 4º O desconhecimento / Ausência de informação

4.3.1 – AS RESPOSTAS POLÍTICAS À PANDEMIA

Ao nível das repostas políticas da pandemia grande parte dos entrevistados referiram que elas não foram particularmente bem desenhadas⁴⁵, mas tendo em conta a não preparação dos sistemas governativos para o acaso, a incerteza, ou um fenómeno de natureza desconhecida até correram relativamente bem. Mesmo ao nível dos sistemas de

⁴⁵ Vide – Cádima, F.R. (2021). COVID-19 em Portugal: do “negacionismo” e da negligência ao estado de emergência. In F. R. Cádima & I. Ferreira (Coords.), *Perspetivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de Pandemia* (Vol I, pp. 6-29). Coleção ICNOVA.

saúde mais bem organizados e eficientes, quando se deu o pico das vagas de contágio, de infeção e de doença, todos eles sofreram consideravelmente de forma negativa. Um entrevistado refere igualmente o cruzamento do acontecimento pandemia com o acontecimento eleições (legislativas e autárquicas) que poderá permitir uma leitura caricatural de toda a situação, e que deu azo a mudanças de discursos (*zig-zag*) por parte dos políticos. Na perspetiva de um entrevistado os políticos disseram o que a população queria ouvir. Uma outra entrevistada refere as motivações e estratégias políticas por detrás de algumas decisões relatando jogos de interesses, dando como exemplo, o caso do turismo.

“Uma trapalhada... Mas tendo em conta a preparação para este tipo de circunstâncias era uma trapalhada inevitável! Ninguém naquelas circunstâncias com o tipo de preparação que tínhamos para isto podia fazer muito melhor do que isto. Mas foi uma trapalhada, foram diretrizes umas atrás das outras, incoerentes, desconcordantes, mas eu acho que não dava para fazer muito melhor, não tínhamos capacidades para tal... Mesmo os países com maior organização, com os melhores sistemas de saúde, quando apertou... todos eles abanaram e tremeram como varas verdes, meteram os pés pelas mãos... porque não dava para mais... mas mesmo isso, o esforço, a balburdia, as decisões num período grande, eu acho que muitos resultados se conseguiram, e apesar da trapalhada, salvou-se muita gente, e passamos, conseguimos passar esse período negro, com perdas, mas... a humanidade ainda está cá. O covid também, mas agora parece que já menos...”

(...)

“Sim, acho... especialmente em Portugal onde o facto de haver eleições não dava muito jeito fazer cara de mau... não, de jeito nenhum! A um país que já tinha um sistema de saúde periclitante e que não quis tomar medidas preventivas mais a sério com medo de sujar a cara politicamente. Houve eleições para 2 coisas durante o período de pandemia, municipais (prás camaras) e legislativas. Houve muita... para gerir a pandemia era preciso tomar medidas pouco populares, não é fácil agradar a toda a gente quando lhes estás a tirar direitos que eles tinham sempre... mas era preciso na altura, eram os métodos que se tinha na altura, os governantes tinham à sua disposição para conseguir gerir a situação, e teriam feito mais atempadamente caso não tivessem numa altura que tivessem de mostrar os seus atos mais bonitos porque estavam em campanha eleitoral... eu acho que isto politicamente foi muito mau. Tirando isso, acho que houve mais trapalhadas políticas relacionados com a má preparação com os sistemas para a pandemia em si... o único erro que deveria ter sido evitado seria não dizerem aquilo que precisavam de se dizer, porque dava jeito dizer outras coisas na campanha na altura...”

(entrevistado 3 – Frei Loki)

“Obviamente existe sempre estratégias políticas e notou-se... aquela questão com a Inglaterra foi obvio... há sempre interesses, jogos de interesses como em tudo... e isso é lamentável... no turismo também. Mas acho que compete à sociedade, uma sociedade mais ativa e mais interventiva que não somos... e que também tem a capacidade de definir essas atuações políticas e essas reações políticas... e que o nosso sistema está cada vez mais minado...”

(entrevistada 2 – Joana M)

Da interpretação sociológica das entrevistas existe uma abordagem de questões importantes relacionadas à gestão da pandemia de Covid-19. Em primeiro lugar, destaca-se a falta de preparação adequada e coordenação eficiente para lidar com uma crise dessa magnitude. O entrevistado argumenta que, dadas as circunstâncias e a preparação disponível, era inevitável que ocorressem problemas e diretrizes incoerentes. Ressalta a

importância da preparação prévia e da capacidade de resposta do sistema diante de crises de grande escala. Além disso, as declarações apontam para a influência das considerações políticas na gestão da pandemia. Menciona-se a realização de eleições durante esse período, o que pode ter levado os governantes a hesitarem em adotar medidas impopulares, temendo prejudicar as suas oportunidades eleitorais. Isto levanta questões sobre a priorização dos interesses políticos em detrimento da saúde pública e do bem-estar da população.

Outro aspecto ressaltado é a existência de jogos de interesses, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Sugere-se que as decisões e estratégias políticas podem ser influenciadas por interesses económicos e outros fatores que vão além da saúde pública. Essa dinâmica pode afetar negativamente as respostas e a cooperação global na gestão da pandemia. Por fim, destaca-se a importância de uma sociedade mais ativa e interventiva na definição das ações políticas e reações diante de crises. Argumenta-se que a sociedade tem a capacidade de moldar e influenciar as decisões políticas, mas muitas vezes não a utiliza de forma efetiva. Isso levanta questões sobre o nível do envolvimento cívico e da participação da população nas questões sociais e políticas.

As declarações também revelam uma falta de confiança no sistema político e nas instituições responsáveis pela gestão da crise. O que sugere uma perda de confiança nas instituições e na sua capacidade de responder às necessidades da sociedade.

Os excertos ressaltam a importância da preparação adequada, da transparência política, do envolvimento cívico e da confiança nas instituições para enfrentar desafios como uma pandemia global. Além disso, aponta para a necessidade de uma abordagem mais holística e colaborativa, considerando não apenas os aspectos de saúde, mas também os interesses políticos e económicos em jogo.

Nessa linha, uma entrevistada refere a confiança no sistema de peritos (ou a sua negação) como Giddens (1991) teorizou como sendo uma característica central da modernidade. Num primeiro momento os conselhos ou advertências dos sistemas de peritos (governantes, agências de saúde, “*big pharma*”) tendiam a uma determinada direção unívoca, por exemplo: o não uso de máscaras por parte da Organização Mundial de Saúde que posteriormente passou a recomendar o seu contrário: a utilização massiva de máscaras. De recordar igualmente as palavras que a Senhora Diretora-Geral da Saúde

de Portugal⁴⁶ referiu: “*Não há grande probabilidade de chegar um vírus destes a Portugal*”; sobre a possibilidade de um potencial contágio em massa fruto de um alerta da Organização Mundial de Saúde emitido refere “*É um bocadinho excessivo, obviamente há sempre esse potencial na natureza, mas neste caso não há evidência de contágio entre pessoas, sem a qual não pode existir essa massificação. A eventual propagação não é uma hipótese neste momento a ser equacionada*”. E termina: “*Neste momento não há nenhum motivo para alarme nem sequer para alerta*”. Num momento posterior adverte também sobre a não utilização de máscaras, diz a Dra. Graça Freitas⁴⁷: “*Não use máscara, é falsa sensação de segurança*”

“Acho que houve várias coisas... lembro-me do caso das máscaras no início, que diziam que até era prejudicial, para não usarmos máscaras, nem luvas, depois já tínhamos de usar máscaras, depois já era obrigatório, variadíssimas contradições...mas tem a ver com o facto de que no início ninguém sabia ao certo o que se estava a passar... claro que depois as pessoas ficavam ainda mais em pânico... ou a duvidar... como ninguém sabia o que se estava a passar... nem os cientistas... havia esse desfasamento... entre o que nos pediam para fazer muitas vezes... e que depois passados 2 dias já era outra coisa... e passados 3 dias mudavam... andávamos como baratas tontas...” (entrevistada 4 – Élia)

“Na gestão política (risos)? Sim... ai ai... ahh sim... (...) E depois terem colocado um militar a coordenar a vacinação, acho que até correu bem. Até foi um exemplo no mundo... mas nós também todos que sim, somos facilmente manipulados e controláveis... nós concordamos com tudo. Houve uma situação que me chocou um pouco, porque as pessoas têm direito a ter uma opinião. E houve discriminação... os negacionistas quer a gente concorde quer não... eles têm o direito a ter a sua opinião. Houve uma situação que me chocou... os médicos que se revoltaram com esta situação, os médicos pela verdade, e eles foram punidos... mas punidos porquê? Que crime é que esta gente cometeu? Eles alertaram sobre o que é a sua Verdade... não obrigaram ninguém... portanto acho que houve uns abusos. Em termos legais é excessivo e assustador.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

É mencionado o fato de um militar ter sido colocado para coordenar a vacinação, o que, segundo a entrevistada, foi um exemplo bem-sucedido e até mesmo um modelo para o mundo. Isso levanta questões sobre a escolha de liderança e a eficácia da abordagem militar na gestão de uma crise de saúde pública. Em seguida, a entrevistada ressalta a facilidade com que as pessoas são manipuladas e controladas. Isso levanta questões sobre a influência dos média e dos discursos políticos na formação de opiniões públicas e na aceitação de medidas governamentais.

A entrevistada também menciona a discriminação e a punição de médicos que expressaram opiniões contrárias à narrativa oficial. Ela argumenta que esses médicos têm o direito de ter sua própria opinião e que puni-los é um abuso legal excessivo e assustador. Isso levanta questões sobre a liberdade de expressão e o direito das pessoas de questionar

⁴⁶ (TVI, 15/1/2020)

⁴⁷ (Jornal de Notícias, 22/3/2020)

e de expressar opiniões divergentes. Em resumo, as declarações da entrevistada destacam a importância da escolha de liderança, a influência dos média e dos discursos políticos, a facilidade de manipulação da opinião pública, a liberdade de expressão e o direito das pessoas de expressar opiniões divergentes durante a pandemia. Esses aspetos são essenciais para compreender os desafios e as dinâmicas sociopolíticas relacionadas à gestão da crise de saúde pública.

“Sim, sem dúvida, houve muita coisa que não correu bem. Neste momento não me consigo recordar de todas, mas ao longo destes últimos 2 anos, quase todas as semanas de certeza conseguiria salientar algo que não havia corrido bem nessa semana, porque constantemente havia algo que não corria bem, no meu ponto de vista, algumas eram mais óbvias do que outras, algumas acho toda a gente se apercebeu delas, outras apenas uma minoria, mas no fundo, houve várias situações... assim que me lembre de repente, para salientar alguma... não consigo porque... ao serem várias tenho receio de me lembrar uma, e depois deixar outras que realmente eram importantes... foram tantas!” (entrevistado 10 – António Semente)

“Foi um desastre, vamos ver o plano geral, não vamos criticar todas as medidas... tal como as que acabámos de falar, certas coisas absurdas que recordo... iam buscar comida a algum sítio e não podíamos levar água, ou uma vez estava no supermercado às compras, cheguei às 7 e meia, e ia pagar, era 8 horas e 5 minutos, e tinha uma garrafa de vinho no cesto e não pude trazê-la, foram coisas absurdas... e isso foi a resposta política, isso foi da responsabilidade dos políticos. Existem coisas que eles podem justificar, que não sabiam..., mas existem coisas que são completamente absurdas, e que são inexplicáveis.” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

*“**Teve algum tipo de suporte social?** Recebi 60 euros da segurança social durante os 2 anos de pandemia, e nem sei bem como, fui ao multibanco e vi 60 euros da segurança social e disse: está tudo maluco! Mas a minha mãe não recebeu nada, ela tinha uma loja de artesanato e não recebeu nem um apoio. Isso foi a parte que a pandemia me afetou.” (entrevistado 14 – Miguel Rachmaninov)*

O entrevistado Fernando Martial menciona medidas com características discriminatórias e inconsistentes adotadas pelos políticos, como restrições de transporte a água ou a proibição de comprar uma garrafa de vinho alguns minutos após o horário estabelecido. Isso aponta para a falta de coerência e justificação em algumas ações políticas, o que levou à frustração e à perceção de um desastre em termos de desorganização na gestão da pandemia. Além disso, o entrevistado Miguel Rachmaninov ressalta a questão do suporte social durante a pandemia. Ele recebeu um valor monetário pequeno da segurança social, enquanto sua mãe, que tinha uma loja de artesanato, não recebeu nenhum apoio. Essa discrepância na assistência social evidencia a desigualdade no acesso a recursos e apoio financeiro durante a crise, afetando de forma desproporcional aqueles que mais necessitam.

Em resumo, a análise das declarações destaca a perceção de medidas políticas discriminatórias e inconsistentes, bem como a desigualdade no suporte social durante a pandemia. Esses aspetos demonstram a importância de uma gestão eficaz, coerente e

equitativa da crise, levando em consideração as necessidades e realidades diversas da população afetada.

Os entrevistados que citamos em baixo referem como que uma escolha política ao nível da gestão do Sistema Nacional de Saúde, numa perspetiva de direcionamento total do sistema de saúde público à problemática Covid-19, deixando para trás, ou colocando em segundo plano, outras problemáticas ao nível da saúde, de rastreios, de meios de diagnóstico e terapêutica, cirurgias, internamentos.

“Muitas coisas que não correram bem na gestão política da pandemia. E já não vamos falar na gestão do Sistema Nacional de Saúde, porque o que se passou foi que, houve uma escolha política entre de quem podia morrer e entre quem merecia viver... ninguém vai conseguir limpar isso, nem limpar o que aconteceu. E tem de se continuar a insistir... que houve um conjunto de pessoas que morreram porque não foram tratadas, porque houve uma prioridade a uma doença com uma determinada gravidade, especialmente com o correr do tempo a gravidade da doença diminuiu bastante, independentemente do porquê, se foi das vacinas, ou se foi da evolução natural do vírus, mas a gravidade da doença diminuiu bastante, e continuou-se a insistir, especialmente no segundo confinamento, passado um ano... e se uma pessoa tivesse um problema... eu não tive essa situação.” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

Opinião idêntica profere uma outra entrevistada que trabalha no Sistema Nacional de Saúde fazendo uma clara distinção entre o conceito de política e ciência.

“Foram políticas e não foram de ciência. Algumas até poderiam fazer sentido, mas a maior parte não, e não durante o tempo todo que foi.”

(...)

“Tanta coisa... gastou-se tanto dinheiro a fazer testes. Muitas outras pessoas acabaram de ter, com problemas de saúde já, a sua saúde piorada tanto em termos de acesso como de cuidados. Porque estava tudo direcionado para a pandemia. Foram canceladas cirurgias, tratamentos, internamentos... muita gente teve efeitos colaterais na gestão da pandemia... houve muitos danos colaterais... e muita gente morreu de Covid na mesma.” (entrevistada 11 – Marisa Bifa)

Os excertos das entrevistas destacam críticas à gestão política da pandemia de Covid-19, revelando aspetos sociológicos relevantes. Um entrevistado menciona que houve uma escolha política em relação a quem poderia viver e quem poderia morrer, insinuando uma falta de igualdade no acesso aos cuidados de saúde. Essa perceção levanta questões sobre a priorização de recursos e tratamentos, bem como a possível falta de atendimento adequado para certos grupos vulneráveis. A falta de tratamento para outras condições de saúde também é mencionada, com a concentração de recursos e atenção na pandemia, o que resultou em efeitos colaterais prejudiciais e até mesmo mortes relacionadas a outras doenças. Um das entrevistadas critica a abordagem política adotada durante a pandemia, afirmando que muitas das políticas não se basearam em evidências científicas consistentes. Ela menciona os gastos excessivos com testes, enquanto outros aspetos essenciais da saúde foram negligenciados, resultando em efeitos colaterais e

danos para aqueles que precisavam de atendimento médico para condições não relacionadas à Covid-19.

Essas declarações ressaltam a importância da gestão baseada em evidências científicas, da igualdade no acesso aos cuidados de saúde e da consideração dos efeitos colaterais e consequências não intencionais das medidas adotadas durante a pandemia. A análise sociológica desses excertos destaca a necessidade de uma abordagem holística e equilibrada, e que leve em consideração tanto os aspetos da pandemia quanto outras necessidades de saúde da população.

Outros entrevistados colocam-se num meio termo ao nível da sua avaliação da gestão política da pandemia e das suas respostas.

“Algumas foram boas, outras nem tanto.

(...)

Muita coisa, mas... quando chega o inverno existe a pandemia e as pessoas ficam em casa, no verão eles dizem que os números baixam e abrem tudo, é pela economia.” (entrevistado 13 – Marcolino Belo)

“Foram certas, dentro do razoável.

(...)

Sim, muitas. Enumera-las teria de escrever um livro. A certa altura, aquele senhor em termos militares a coisa mudou, deveria ter sido logo colocado no início. Em termos de guerra tem de se usar militares.” (entrevistado 8 – Armindo Lua)

Outros entrevistados consideram que as respostas políticas à pandemia foram positivas de um modo geral, se bem que existiram, na opinião dos entrevistados, situações que não correram assim tão bem como se exemplifica em baixo.

“Eu acho que foram positivas de um modo geral, perfeitas nunca são. Mas acho que foram dados muitos apoios. É normal que se ache os apoios insuficientes porque são sempre uma parte, e quando não entra nada, não é? As pessoas tiveram todas tiveram uma quebra nos rendimentos, não é? Mas de alguma maneira os custos de vida reduziram quando tiveram confinados, deixaram de sair, de gastar combustível, deixaram de comer fora, deixaram uma série de coisas... aqui comigo era uma preocupação diferente, porque eu tinha compromissos, de pagar a funcionários, de pagar outros custos fixos que iam surgindo e que não eram cobridos pelas medidas. Mas os apoios foram bons, mas também acho insuficientes porque... isto foi uma surpresa para todos e ninguém tinha forma de se preparar... mas não houve uma perspectiva de ver caso a caso, houve pessoas que se aproveitaram dos apoios, e para outras foi insuficientes... mas é normal... isto tem medidas de exigibilidade. Não foi o meu caso, mas sei de empresas que tinham apenas 1 ano de funcionamento, e como não tinham histórico, não tiveram acesso a nada.”

(...)

Seguramente terá havido, terei é que pensar... lembro-me de uma situação, as festas natalícias e da passagem de ano de 2020. Havia uma grande necessidade de se percecionar que estava tudo a correr bem, que estava tudo a normalizar, a recuperar a economia, havia interesses maiores... a informação nunca é dada de forma completa... tem de se gerir a informação. E nessa altura foram dadas muitas benesses, e depois meteu-se água... no sector da restauração por exemplo, lixou-nos bem. O restaurante foi sempre uma atividade que teve muitas medidas, as máscaras, as limpezas, desinfecções... e tudo o mais... que não se via noutras atividades... e as medidas condicionavam a atividade da restauração... os restaurantes eram vistos como os maiores focos de contágio... que é algo que discordo completamente. Andamos a fazer contas à vida... e a ver como sobrevivemos... e depois... acho que foi um grande erro político. Devia de ter sido mais contido, quando primeiro estava tudo muito bem, e vamos ficar todos bem... e depois

vamos todos pra casa novamente. Essa decisão nunca deveria de ter sido tomado de animo leve, isto piorou muito, e depois acabou por prejudicar muita gente. Passou-se do oito para o oitenta. Achei que ia dar asneira... e acabou por dar.” (entrevistada 6 – Carlota)

“Acho que o governo lidou bem com isto, acho que fez os passos necessários... tendo em conta outros países acho que tivemos até mais liberdade do que eles... por isso acho que sim, até concordo com as medidas que foram tomadas

(...)

A limitação de horários, nomeadamente em alguns estabelecimentos, os supermercados... causou algumas confusões. Sim, em termos de horários e de alguns estabelecimentos encerrados que não fazia sentido.” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

Uma entrevistada revela a sua total concordância com as respostas políticas do governo.

“Eu acho que o Sr. Costa se portou muito bem, tirando a ministra da saúde de vez em quando umas escapadelas... mas tivemos bem, do ponto de vista internacional fomos um país de referência, sem dívida.

(...)

De início... ahhh... o governo foi muito equilibrado... as pessoas é que entraram num estado de loucura... eu aí mostro o grau educacional e moral das pessoas... eu levo pra mim e os outros que se lixem..., mas acho que o governo teve muito bem.” (entrevistada 5 – Bela Cabanas)

4.3.2 – AS MEDIDAS POLÍTICAS NO SEGUIMENTO DAS INTERNACIONAIS

Alguns entrevistados referiram que as formas de respostas políticas no combate à pandemia Covid-19 em Portugal derivaram da tendência e do padrão das normas internacionais em vigência:

“Eu acho que as respostas políticas em Portugal vieram em seguimento do que se passava a nível europeu. Nós víamos o que se estava a passar nos outros países e acabamos por tomar as mesmas medidas de precaução que se estavam a tomar nos países à nossa volta... não discordo. Acho que mesmo assim conseguimos conter a pandemia até termos as vacinas até podermos voltar, pouco a pouco, à normalidade.” (entrevistada 4 – Élia)

“Na minha opinião as respostas políticas, se estivermos a falar a nível nacional, seguiram no fundo, as indicações que foram dadas em termos internacionais, ou globais, em que todos os países, sem exceção, seguiram a mesma linha de pensamento, e compreendo que os governos não quisessem fugir muito a essa linha, pois arriscavam-se a uma crítica com mais argumentos na altura, pois havia mais um respaldo dessa imposição de restrições mais rigorosa.” (entrevistado 10 – Armindo Semente)

As respostas dos entrevistados destacam a influência das respostas políticas em Portugal em relação à pandemia, com base no contexto europeu e global. Ambos concordam que as medidas adotadas seguiram as indicações e diretrizes internacionais, a fim de evitar críticas e garantir uma abordagem consistente em todo o mundo. A entrevistada Élia menciona que as respostas políticas em Portugal foram influenciadas pelo que estava acontecendo em outros países europeus. Isso sugere que o governo português estava atento às ações tomadas pelos países vizinhos e adotou medidas semelhantes como uma medida de precaução. Também destaca que essas medidas foram

eficazes em conter a pandemia até a chegada das vacinas, permitindo um retorno gradual à normalidade. Um outro entrevistado expressa uma opinião semelhante, afirmando que as respostas políticas em nível nacional seguiram as indicações internacionais ou globais. Menciona também que todos os países seguiram uma linha de pensamento semelhante e que os governos não quiseram se desviar muito dessa abordagem para evitar críticas mais contundentes na época.

As respostas indicam uma percepção de que as respostas políticas em Portugal foram influenciadas por fatores externos, como o contexto europeu e global, e que a procura de uma consistência na abordagem adotada pelos diferentes países era valorizada para evitar críticas e garantir a eficácia das restrições impostas. As respostas dadas pelos entrevistados igualmente sugerem que as decisões políticas relacionadas à pandemia são moldadas por uma combinação de fatores, incluindo pressões internacionais, considerações de saúde pública e preocupações políticas. Os governos muitas vezes buscavam alinhar as suas ações com as tendências globais para evitar críticas e demonstrar uma abordagem coerente na luta contra a pandemia.

No entanto, importa dizer que as respostas políticas à pandemia à escala internacional não foram de todo homogêneas, com cada sociedade nacional a apropriar-se diferencialmente das medidas da Organização das Nações Unidas. Para um melhor entendimento concreto acerca das medidas políticas no caso português consultar o artigo: *Portugal: From Exception to the Epicentre* (Carvalho, 2023)

4.3.3. – AS RESTRIÇÕES DECRETADAS NA PANDEMIA (E OS DIREITOS?)

Pela análise das entrevistas efetuadas foi possível descortinar diversas tomadas de posição no que respeita às restrições que foram decretadas. As restrições ao nível dos confinamentos forçam as experiências dos atores sociais ao nível das relações sociais de diversas formas, as íntimas também, num ponto que até pode se tornar sufocante, e o que, num primeiro momento parecia um momento relacional idílico se pode tornar numa rutura afetiva.

“O facto de não pudermos sair de casa. Na altura tivemos que nos conformar... implicou a nível pessoal também várias... uma situação... na altura eu fui viver com o meu namorado, e com o amigo dele, e não queria viver sozinha em casa... por causa deste receio todo. O facto de vermos os telejornais acompanhados e discutíamos as coisas... não estarmos sós, para não entrar em paranoia. Mas isso depois também teve o reverso da medalha, conviver com pessoas que não estás habitada todos os dias, e estares ali muito próximo porque estás fechada em casa com essas pessoas, embora o meu namorado estava sempre a trabalhar, psicologicamente não estávamos bem, o que também implicou influenciar as nossas relações de forma negativa. Na altura o meu

namorado ia sabendo de amigos que ficaram infectados, e depois ele não me contava, e ficava um ambiente muito pesado, e é também aquele receio dos nossos pais poderem ficar infectados... o medo generalizado.”

(...)

“durante a rutura com o meu namorado foi mesmo durante o segundo confinamento, e aí foi mesmo... difícil, mesmo assim tive o apoio dos meus amigos apesar de estarmos confinados.”

(...)

“Um momento muito complicado teve a ver com a separação, em relação ao meu namorado, no segundo confinamento, além da tristeza toda da separação, havia o facto de não poder estar com os meus amigos, não poder sair, não poder distrair, e foram momentos difíceis”
(entrevistada 4 – Élia)

O relato de Élia pode abordar algumas questões relacionadas ao impacto do confinamento causado pela pandemia de Covid-19 a nível pessoal e nas relações interpessoais: Conformidade e adaptação: Menciona que foi necessário conformar-se com a situação de não poder sair de casa durante o confinamento. Isso revela a necessidade de adaptação e aceitação das restrições impostas pelas autoridades, que afetaram significativamente a rotina e as liberdades individuais das pessoas; Convivência e relacionamentos interpessoais: O fato de ter ido morar com o namorado e um amigo durante o confinamento ilustra a forma como algumas das pessoas buscaram companhia e evitar o isolamento social completo. No entanto, essa convivência constante e a proximidade forçada podem ter gerado tensões e impactado negativamente as relações, como mencionado pela entrevistada; Impacto psicológico: Relata que, mesmo com a presença de outras pessoas em casa, ela e o namorado não estavam psicologicamente bem durante o confinamento. O medo da infeção, notícias sobre amigos infectados e preocupações com a saúde dos pais contribuíram para um ambiente pesado e ansiedade generalizada. Isso evidencia o impacto psicológico significativo da pandemia e das restrições impostas sobre o bem-estar emocional e mental das pessoas; Rutura e isolamento social: Menciona que passou por uma separação (do namorado do qual havia ido morar junto) durante o segundo confinamento, o que tornou a situação ainda mais difícil devido à falta de contato pessoal com amigos e a impossibilidade de distrações externas. Isso ressalta o isolamento social que muitas pessoas enfrentaram durante a pandemia, dificultando ainda mais a superação de eventos pessoais traumáticos e a busca de apoio social.

O tempo decorrente dos diversos confinamentos provocou como que a emergência comportamental de fazer o contrário do que era pedido, e se esses pedidos eram devidamente justificados cientificamente, ou justificados politicamente.

“No seguimento da pergunta anterior, no primeiro mês lidei bem, na primeira e na segunda semana se calhar até considerei de que deveriam mais restritivas do que foram, muita

gente talvez não se recorde, mas, no início até não havia um rigor tão grande quanto o 6 mês ou 12 meses depois do início na pandemia. Portanto eu nessa altura lidei bem com a situação, até me pareceu que se justificava tudo o que se pediu, depois, a partir do primeiro e segundo mês, passei realmente a questionar até que ponto aquilo que nos era pedido justificava, e não prevariquei muitas vezes mas, a vontade era mais aquela de fugir à normativa do que segui-la." (entrevistado 10 – António Semente)

"Mal, porque nunca concordei com elas... e como nunca concordei foi mais difícil aceitá-las. Principalmente quando muitas delas eram por política e não por ciência, algumas até podiam fazer algum sentido em termos de hospitais e de centros de saúde, e medidas de proteção nesses contextos (...) impor o uso de máscaras a toda a população nunca fez sentido a longo prazo." (entrevistada 11 – Marisa Bifa)

Da interpretação das entrevistas de António Semente e Marisa Bifa, neste segmento específico, estas revelam perspetivas críticas em relação às medidas restritivas impostas durante a pandemia de Covid-19. A interpretação sociológica pode abordar os seguintes pontos: Perceção da necessidade das restrições: Menciona que no início da pandemia, lidou bem com as restrições e considerou que elas deveriam ter sido ainda mais rigorosas. Isso sugere uma perceção de que as medidas eram necessárias e justificadas para controlar a propagação do vírus. No entanto, essa perceção mudou ao longo do tempo, e ele começou a questionar a justificação por trás das restrições; Desafio de aderir às restrições: Também menciona que sentiu vontade de "fugir à norma" e não seguir as restrições, embora não tenha infringido muitas vezes. Isso reflete a tensão entre a adesão às medidas impostas e o desejo de agir de acordo com a própria vontade, evidenciando a dificuldade que algumas pessoas enfrentaram em aderir completamente às restrições; Ceticismo em relação às medidas: Por outro lado, a entrevistada expressa um ceticismo em relação às medidas restritivas durante a pandemia. Afirma que não concordava com elas desde o início e que algumas medidas eram baseadas em políticas e não em ciência. Isso pode refletir uma desconfiança em relação às autoridades e uma visão crítica sobre as decisões tomadas no combate à pandemia; Consideração das medidas em termos de eficácia: Menciona também que algumas medidas faziam sentido em contextos específicos, como hospitais e centros de saúde, mas impor o uso de máscaras a toda a população a longo prazo não fazia sentido para ela. Esta visão destaca a importância de considerar a eficácia e a adequação das medidas adotadas, levando em conta o contexto social, económico e sanitário.

Em resumo, essas passagens revelam diferentes perspetivas em relação às medidas restritivas durante a pandemia de Covid-19. Enquanto António Semente inicialmente aceitou as restrições, mas posteriormente começou a questionar a sua justificação e necessidade, Marisa Bifa expressa o seu desacordo desde o início. Estas visões destacam

a complexidade das respostas sociais à pandemia e a diversidade de opiniões e atitudes em relação às medidas impostas.

Outra entrevistada refere o desconhecimento da situação, a ausência de informação com as imagens de Itália a percorrer o mundo de forma global, entrando nas nossas televisões, percorrendo os nossos nervos óticos com representações de morte e destruição da vida humana, atingindo particularmente os médicos numa decisão de escolher entre quem morre e quem vive (a escolha de Sofia)^{48 49}.

“Acatei. Eu acho que naquela fase do início havia um grande receio, pois era uma coisa desconhecida, não se sabia como era o contágio. Chegávamos as imagens de Itália onde aquilo estava caótico, e havia muita falta de informação. Eu acho geri isso bem, acho que houve mais medidas do que aquelas que eram exigidas. Eu acho que nos comportamos bem, como cordeirinhos cumprimos tudo, e mais do que tudo.” (entrevistada 6 – Carlota)

“Senti-me um pouco frustrada, não é? Para haver aquelas restrições quer dizer que alguma coisa de grave se passava, não é? E isso criou o medo, o medo do desconhecido. Senti-me sem liberdade e frustrada em relação a isso.” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

“Tive de as aceitar, cumpri. Poderia não ter concordado com algumas medidas..., mas cumpri e não me custou nada.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

Outros entrevistados procuraram ser criativos no que respeita às restrições decretadas, cumprindo-as, mas contornando-as inteligentemente, no sentido de manter a sua saúde mental. Um dos entrevistados passou o seu confinamento em Portugal, estando em teletrabalho para Inglaterra, mas permitindo uma comparação entre o confinar em Portugal e o confinar em Inglaterra.

“Sim, bom... em Portugal acho que não quebrei nenhuma lei do confinamento, acho não... não quebrei. Mas em Portugal, achei que na altura que cá estive que foi no verão, mas cá não diria que tive confinado, portanto, estava em teletrabalho em Estoi, na casa da minha mãe, e

⁴⁸ O conceito da "Escolha de Sofia" refere-se a uma situação extremamente angustiante e difícil em que alguém é forçado a fazer uma escolha impossível, onde todas as opções apresentam consequências graves e dolorosas. Esse termo tem origem no romance "A Escolha de Sofia" de William Styron e no filme homónimo dirigido por Alan J. Pakula.

A protagonista, Sofia Zawistowski, uma sobrevivente do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial, é levada a um campo de concentração nazi com seus dois filhos pequenos. Em um momento de crueldade, os oficiais nazis a obrigam a fazer uma escolha terrível: seleccionar qual de seus filhos será enviado para a morte imediata e qual ficará com ela. É uma decisão impossível de ser tomada, pois qualquer opção resultará em grande sofrimento.

A "Escolha de Sofia" simboliza o dilema emocional e moral extremo que uma pessoa pode enfrentar ao ser confrontada com circunstâncias desumanas, onde todas as alternativas disponíveis são insuportáveis. Esse conceito levanta questões complexas sobre a natureza da sobrevivência, a culpa de sobreviventes em tragédias, o sacrifício e as consequências devastadoras de decisões trágicas.

Ao longo do tempo, a expressão "Escolha de Sofia" passou a ser usada de forma mais ampla para descrever qualquer situação em que uma pessoa se encontra diante de escolhas difíceis, com implicações emocionais ou morais profundas, nas quais todas as alternativas possíveis são difíceis ou dolorosas de alguma forma. É um lembrete poderoso da complexidade da condição humana e das dificuldades que podem surgir ao tomar decisões cruciais em momentos de extrema adversidade.

⁴⁹ Sobre a escolha de Sofia vide: <https://meusitejuridico.editorajuspodivm.com.br/2020/03/25/o-coronavirus-o-direito-penal-e-escolha-de-sofia-medicina-de-catastrofe/>

chegava ao fim de semana e ia ter com um ou 2 amigos e jantávamos... e portanto... Em Portugal as coisas estavam bem... Em Inglaterra tive mesmo confinado... e houve vários níveis de confinamento... havia regras que poderiam ser manobradas... por exemplo... só haviam 2 razões para sair... uma, para ir às compras ou duas, para fazer exercício físico. O exercício físico pode ser dar uma volta ao quarteirão, ou pode ser ir dar um passeio.... eu acho que inicialmente não saía do quarteirão... mas depois... pronto. Quando me comecei a aperceber para a minha sanidade mental era importante sair e apanhar ar fresco, e sair daquelas 4 paredes, os passeios começaram a ficar maiores, obviamente com todos os cuidados... e acho que não fui o único.... até posso adicionar um facto, os parques naturais em Inglaterra nunca tiveram tantos números de visitantes como tiveram naquela altura, especialmente nos períodos de sol. Agosto, setembro e outubro... cheios de pessoas, havia distanciamento e com segurança. Lugares de eleição, esses passeios que também passaram a ser parte da minha rotina e que foram muito importantes para a saúde mental.” (entrevistado 1 – Gio Gilmour)

No segmento anterior de entrevista, podemos fazer uma interpretação singular, mas singular, focada nas experiências de confinamento durante a pandemia de Covid-19. Eis as principais ideias a destacar: Adesão às restrições: O entrevistado menciona que cumpriu as restrições de confinamento em Portugal e não quebrou nenhuma lei. Isso sugere que existiu uma adesão às medidas impostas pelas autoridades, provavelmente motivada pelo respeito às normas sociais e pelo desejo de conter a propagação do vírus; Diferenças entre os confinamentos: O entrevistado destaca a diferença entre o confinamento em Portugal e no Reino Unido. Enquanto em Portugal ele não se sentiu completamente confinado e teve a oportunidade de trabalhar remotamente e encontrar-se com alguns amigos, no Reino Unido houve diferentes níveis de confinamento, com regras mais rígidas, como sair apenas para compras ou exercício físico. Essas diferenças refletem a variabilidade das medidas restritivas adotadas em diferentes países e podem ter impactado a experiência do confinamento; Impacto na saúde mental e busca por ar fresco: O entrevistado ressalta a importância de sair e apanhar ar fresco para a saúde mental durante o confinamento. Inicialmente, ele restringiu seus passeios ao quarteirão, mas à medida que percebeu a importância do cuidado com a saúde mental, começou a realizar caminhadas mais longas. Isso indica que o contato com a natureza e o espaço físico desempenham um papel fundamental na busca pelo bem-estar emocional durante o confinamento; Afluência em parques naturais: O entrevistado menciona que os parques naturais no Reino Unido registaram um grande aumento de visitantes durante o confinamento, especialmente em períodos ensolarados. Isso mostra a busca das pessoas por atividades ao ar livre e contato com a natureza como uma maneira de equilibrar o cumprimento das restrições com a necessidade de bem-estar físico e emocional.

Em resumo, a interpretação destaca a adesão às restrições, as diferenças entre os confinamentos em diferentes países, o impacto na saúde mental e a busca por atividades

ao ar livre durante o confinamento. Esses aspetos revelam a complexidade das respostas individuais e sociais às medidas restritivas impostas pela pandemia de Covid-19, bem como a importância de encontrar estratégias para preservar a saúde mental e o bem-estar emocional em tempos desafiadores.

“Acho que as restrições foram muito bem aplicadas, e temos de respeitar, mas existem determinadas situações em que temos de sair fora da caixa para mantermos a nossa saúde mental” (entrevistada 4 – Bela Cabanas)

O entrevistado mencionado subsequentemente refere que não cumpriu nenhuma das restrições decretadas.

“Sinceramente não cumpri praticamente nenhuma. Quer dizer, aquelas que tinha de cumprir... não tinha nada a fazer, as pessoas estavam fechadas. Eu saía à rua, como tenho cão, e aí não tinha alternativa sequer, uma pessoa com cão tem de sair à rua, e aproveitava também para dar grandes passeios, ia 3, 4 ou 5 quilómetros de casa, e aí ninguém me incomodava com o cão. Aproveitava as voltas com o cão para andar, e como estava tudo fechado não podia fazer nada. Tive algumas reuniões com amigos, eles vinham cá a casa, ou ia eu lá a casa deles, enfim... tentávamos fazer a vida normal de acordo com as restrições em vigor... porque as coisas estavam fechadas, não havia muita coisa a fazer, não se podia viajar, não se podia jantar fora, isto na parte do confinamento mais dura em que os restaurantes e as lojas... acho que as lojas nunca fecharam, mas os restaurantes e os bares estavam fechados. A vida social tentávamos fazer em casa.” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

O entrevistado relata a sua experiência durante o confinamento relacionado com a pandemia de Covid-19. Ele afirma que não cumpriu praticamente nenhuma das restrições impostas, saindo à rua com seu cão e realizando longas caminhadas. Também menciona ter tido reuniões com amigos em sua casa ou visitando a casa deles, buscando manter de alguma forma a vida social e, que, devido ao encerramento dos restaurantes e dos bares, as opções de lazer eram limitadas. Apesar de não aderir às restrições de forma rigorosa, ele tentava adaptar-se às circunstâncias e manter uma vida normal dentro das restrições em vigor. Essa não conformidade com as restrições, a busca por alternativas sociais e a adaptação às limitações revelam as diferentes formas de lidar com o confinamento e refletem a complexidade das respostas individuais durante a pandemia.

Uma outra entrevistada faz adiante um parenteses interessante quanto à supressão dos direitos fundamentais que importa destacar.

“Os confinamentos foram uma restrição dos nossos direitos em primeiro lugar, não é? E nesse prisma foi negativo para as nossas vidas e que será aproveitada noutras situações presumo. Nunca irá voltar... não vamos voltar a ter aquela sensação, um pouco tola, de ter termos todas as nossas liberdades... que nunca temos! Eu acho que foi uma maneira de nos experimentarem até ao limite... para verem os nossos limites, para verem o quanto conseguimos aguentar as restrições de liberdades... e não é à toa que surge uma guerra na Europa.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

A entrevistada expressa uma visão crítica em relação aos confinamentos durante a pandemia de Covid-19 e faz uma interpretação sobre os seus efeitos e consequências.

Podemos destacar os seguintes pontos: Restrição dos direitos: Enfatiza que os confinamentos representaram uma restrição dos direitos individuais. Percebe essa restrição como negativa, implicando uma perda de liberdades que normalmente não temos, mas que se tornou mais evidente durante a pandemia; Aproveitamento em outras situações: Presume que a experiência dos confinamentos pode ser aproveitada em outras situações, indicando que restrições semelhantes podem ser aplicadas no futuro. Isso sugere uma preocupação com a possibilidade de que medidas restritivas sejam adotadas em diferentes contextos, extrapolando o período da pandemia; Experimentação dos limites: Levanta a ideia de que os confinamentos foram uma forma de experimentar até que ponto as pessoas poderiam suportar restrições de liberdades. Essa perspectiva sugere a existência de um interesse em testar os limites da população e observar suas reações diante das restrições impostas.

A sua interpretação revela uma visão crítica sobre os confinamentos durante a pandemia, apontando para a restrição de direitos, a possibilidade de utilização dessas medidas em outros contextos, a experimentação dos limites da população e a possível emergência de conflitos sociais. Estas percepções evidenciam as diferentes interpretações e reações das pessoas diante das medidas restritivas impostas durante a pandemia de Covid-19, bem como as reflexões sobre os impactos dessas restrições na sociedade em geral.

E num momento de entrevista aprofundada, o entrevistador saí da sua condição neutral para contextualizar a supressão de direitos, que motiva uma ligação da entrevistada entre fenómeno pandémico e a guerra. E refere, com o anteriormente enunciado, a possibilidade de uma “supressão de direitos à seria”

“Eu acho que andamos todos a ser testados, para uma verdadeira e eventual restrição de direitos à séria... a guerra é aproveitada nesse sentido...isto vai-se alastrar... acho que depois da Ucrânia vão outros países... vai alastrar... chame-se o que se quiser... terceira guerra mundial..., mas sim, vai alastrar... acho. Infelizmente para nós... para toda a gente.”
(entrevistada 7 – Joana Lex)

A sua análise revela a percepção da entrevistada sobre a utilização de estratégias e linguagem de guerra para justificar as restrições de direitos durante a pandemia. Ela destaca a importância de estar atento ao uso dessas metáforas e sugere uma preocupação com o possível impacto dessas restrições e com a evolução da situação em um contexto mais amplo. Suas observações apontam para a necessidade de uma reflexão crítica sobre as consequências sociais e políticas das medidas adotadas durante a pandemia e suas possíveis ramificações no futuro.

4.3.4 – O DESCONHECIMENTO / AUSÊNCIA DE INFORMAÇÃO

Vários entrevistados notaram que as medidas políticas foram as possíveis face ao desconhecimento existente face a um fenómeno novo. As mesmas medidas foram legitimadas tanto pelo desconhecimento como pela ausência de informação face a uma situação de emergência eminente.

*“Achas que existiu alguma coisa que não correu bem na gestão política da pandemia? Acho que já foquei isso nas questões anteriores... existe aquelas coisas mais evidentes... não sei se foi uma gestão estratégica... não havia informação... **Não houve preparação.** Nada... Eu quando começou a pandemia a primeira coisa que fiz... eu estava grávida não é... como estava a Rita... ninguém sabia de nada... O que é que a China está a fazer... Eles estão muito mais à frente de nós... Então eles estão a isolar-se... lavam tudo... depois eu vi uma entrevista com portugueses a viver na china... como é que eles estavam a reagir... eles iam às compras todos equipados, chegavam a casa, tiravam tudo... tudo dentro do saco... descalçavam tudo... no banho... lavavam tudo com uma solução de lixívia e vinagre... e eram essas as medidas que na gravidez eu estava a adotar... toda a gente me dizia que eu era doida... mas a minha mãe dizia-me para fazer o que a consciência te diz... ninguém sabe nada, segui o que havia... ninguém entrava na minha casa... as compras eram poisadas à porta... eu só as recolhia quando a pessoa se ia embora... eu estava grávida... uma gravidez de risco.. então eu ia-me expor... deus me livre...”* (entrevistada 2 – Joana M)

“No início havia um grande desconhecimento, primeiro a DGS dizia que as máscaras não eram efetivas, não eram importantes... não havia máscaras nem luvas... não havia nada não é! Nessa altura os contactos com qualquer pessoa deixaram de existir, só havia contactos com as pessoas que coabitava. Assim que houve máscara passei a usar, o álcool gel era para tudo... para as compras e para tudo, não tocava em nada. Havia um grande receio para tudo e mais alguma coisa. Ia às compras, e barrava as compras. O álcool estava caríssimo, mas não importava, usava para tudo e mais alguma coisa. Era uma questão de vida ou morte. Agora estou convencida de que, não sou cientista, que não é por aí, se fosse por aí... já passamos pelos confinamentos, já todos nos sentamos nos mesmos sítios... estávamos todos tramados. Já se compreendeu que é por contacto direto, o contágio. Usei sempre a máscara. O álcool gel só me durou no primeiro confinamento, de vez em quando ia comer... nós não podemos viver num ambiente sem bactérias, e sem vírus porque senão perdemos a nossa imunidade. Sempre houve bichos no ar e nas superfícies. Agora já não estou focada nisso, se for preciso mexo na mesa, e depois levo a mão à boca. No início havia uma grande metodologia de usar a máscara, com os dedos e com muito cuidado... hoje em dia parece que é mais show-off porque ninguém respeita a forma como as máscaras devem ser utilizadas. Basicamente eu uso a máscara quando a devo usar. Tenho as 3 vacinas, acredito na medicina. Não vou ter estes cuidados da pandemia a minha vida toda. É pouco provável que apanhe outra... é pouco provável. Estar vivo é também conviver, não podemos estar neste stress uma vida inteira” (entrevistada 6 – Carlota)

“Foi urgente, havia pouca informação, e foi o que teve de ser feito. O estado de emergência e essas medidas todas, pois foi o que teve de ser feito.” (entrevistado 8 – Armindo Lua)

“não fomos só nós apanhados de surpresa, mas os governos também. Sim, foi tudo muito instável e não poderia ter sido de outra forma. Não havia informação sobre este vírus. Acho que as coisas até nem correram assim tão mal.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

*“Como perspectiva aquilo que foram as respostas políticas à pandemia? Eu sou apolítico por isso eu não ligo muito.... **Sim, mas não deve deixar de ter uma opinião sobre essas respostas.** Malformada..., **mas é a sua opinião e isso conta.** Toda a gente tentou fazer o melhor... a DGS, a delegada de saúde..., mas era uma doença desconhecida e ninguém sabia qual era o próximo passo. Essa é a minha opinião, mas acho que toda a gente tentou dar o seu melhor, seja o primeiro-ministro, ou a diretora geral da saúde.*

Acha que houve alguma coisa que não correu bem na gestão política da pandemia? Sim, várias coisas. Por essa ignorância, ou essa falta de conhecimento.” (entrevistado 12 – Miguel Rachamaninov)

Os entrevistados expressaram preocupação com a falta de informação e de preparação no início da pandemia. Mencionaram que as autoridades de saúde, como a Direção-Geral de Saúde (DGS) em Portugal, inicialmente desaconselharam o uso de máscaras e houve escassez de equipamentos de proteção individual, como máscaras e luvas. Esta falta de informação e de preparação levou a medidas restritivas, como o distanciamento físico e o confinamento, que afetaram as interações sociais. Alguns entrevistados relataram ter adotado precauções extremas, como higienizar tudo com álcool gel e evitar o contato com outras pessoas, principalmente durante situações de gravidez. No entanto, ao longo do tempo, alguns deles reconsideraram a necessidade dessas medidas extremas, reconhecendo que o contágio ocorre principalmente por meio do contato direto e que a vida não pode ser vivida em constante stress.

Algumas críticas também foram direcionadas à falta de conhecimento inicial sobre o vírus e à incerteza quanto às respostas e medidas adequadas. Os governos foram mencionados como tendo sido apanhados de surpresa e agindo com base nas informações disponíveis. No entanto, os entrevistados também reconheceram que todos tentaram fazer o melhor possível, incluindo autoridades de saúde e políticos.

Em resumo, as percepções sobre a gestão política da pandemia variam entre a crítica à falta de informação e preparação inicial e o reconhecimento de que a situação era desconhecida e desafiadora para todos. Alguns entrevistados expressaram confiança nas medidas adotadas posteriormente, como o uso de máscaras e o desenvolvimento de vacinas. No entanto, as opiniões sobre a gestão política da pandemia são diversas e refletem as experiências e perspectivas individuais dos entrevistados.

4.4. – O CONFINAMENTO: UMA EXPERIÊNCIA PLURAL

4.4.1 – O CONFINAMENTO NA PERSPETIVA DOS ATORES SOCIAIS

Nas declarações fornecidas pelos diferentes entrevistados em relação às suas opiniões sobre os confinamentos e suas experiências sociais, existem perspectivas e atitudes variadas em relação à necessidade e eficácia das medidas de confinamento. A

análise e interpretação sociológica tem como objetivo examinar as implicações sociais mais amplas e os fatores subjacentes relacionados a esses pontos de vista.

1. Opiniões Divergentes:

- Opiniões sobre a eficácia do confinamento: As entrevistas mostram que existem visões diferentes sobre a eficácia do confinamento. Algumas pessoas acreditam que foi necessário e benéfico no início da pandemia, enquanto outras acreditam que os confinamentos posteriores foram excessivos e desnecessários.
- Confiança no sistema de proteção: Algumas pessoas expressam confiança no sistema e acreditam que as medidas de confinamento são necessárias para proteger a sociedade como um todo. No entanto, há também aqueles que expressam preocupações em relação à invasão da privacidade e às restrições impostas durante os confinamentos.
- Experiências individuais: As experiências pessoais durante o confinamento variam. Alguns consideram a experiência negativa e desagradável, enquanto outros afirmam que não foram afetados significativamente devido a seu estilo de vida pré-existente.
- Pressão social e influência dos media: Algumas pessoas acreditam que os confinamentos foram impostos devido à pressão social e à influência dos media, ao invés de serem baseados em evidências científicas ou necessidades reais.

2. Fatores Sociais:

- Percepção de risco: A maneira como as pessoas percebem o risco da doença pode influenciar as suas opiniões sobre a necessidade e a eficácia dos confinamentos. Aqueles que consideram a doença como uma ameaça significativa são mais propensos a apoiar medidas mais rigorosas.
- Confiança nas autoridades e no sistema: A confiança nas autoridades governamentais e no sistema de saúde pode afetar a aceitação das medidas de confinamento. Aqueles que confiam nas autoridades estão mais propensos a aceitar as restrições impostas.

- Condições sociais e económicas: As condições sociais e económicas das pessoas também podem influenciar suas perspetivas. Aqueles que enfrentam dificuldades financeiras ou que têm empregos que não podem ser realizados em casa podem ter opiniões diferentes sobre os confinamentos.
- Valores individuais e coletivos: As opiniões sobre os confinamentos também estão relacionadas aos valores individuais e coletivos das pessoas. Alguns indivíduos podem priorizar a proteção da saúde pública, enquanto outros podem enfatizar a importância da liberdade individual e da autonomia.

“Nesse contexto tiveram o tratamento e a evolução necessária... sim, não sou da área... tenho de confiar que o sistema está lá para nos proteger e é isso que custa, mas tenho de aceitar para bem da sociedade. É que uma questão de consciência, individual e coletiva.” (entrevistada 2 – Joana M)

“Acho que era a melhor ferramenta que estava à mão naquela altura, e que continua a ser útil e viável. Dá pra ver, na China, eles têm essa capacidade de mobilização, cada vez que têm um surto maior num sítio qualquer, confinam 10 milhões de pessoas num local qualquer e aquilo passa...” (entrevista 3 – Frei Loki)

“Eu creio que foram necessários no início. Creio que pode ter havido um pânico generalizado em demasia. Mas olhando para os números, penso que tinha de ser... e não foi só Portugal, mas no mundo todo. Mas espero bem que não haja mais confinamentos, espero bem que não surja outra doença que tenhamos que pôr em prática essas medidas outra vez... parecia que estávamos em guerra... o recolher obrigatório. A polícia mandávamos parar e tínhamos de justificar... havia países que tinha de ter um papel ou uma declaração a justificar... e é um pouco uma invasão da nossa privacidade.” (entrevistada 4 – Élia)

“Eu acho que o confinamento fez todo o sentido porque era uma doença nova... uma novidade no mundo científico... tal como a gripe espanhola, já na altura diziam que a melhor prevenção era evitar contacto social, e aqui mais uma vez veio a provar-se que sim” (entrevistada 5 – Bela Cabanas)

“Eu acho que não havia outra maneira, pelo bem comum, por um bem maior. Cada um tem a sua opinião, mas se correr mal, vamos todos parar ao mesmo sítio. Se tivermos problemas de saúde vamos todos para o hospital. Foi um mal necessário.”

(...)

“Como foi a experiência de confinamento no seu caso? A minha foi negativa, negativa. Uma chatice. De tudo se pode tirar ensinamentos, mas não é preciso partir uma perna para descobrimos que temos outra. (risos) Não foi uma boa experiência.” (entrevistada 6 – Carlota)

“O primeiro acho que sim... foi necessário, os restantes eu acho que já... foi por pressão social, por pressão dos media. Estava mais do que provado que conseguíamos lidar com isto. E acho que os outros foram desnecessários.” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

“É uma forma de controlar as cenas, e acho que é uma solução.” (entrevistado 13 – Marcolino Belo)

As opiniões sobre os confinamentos são multifacetadas e influenciadas por fatores sociais, económicos e individuais. Compreender esses fatores é fundamental para entender as atitudes da sociedade em relação às medidas de confinamento e para informar decisões futuras relacionadas à saúde pública.

Outros entrevistados possuem uma opinião menos positiva quanto aos confinamentos e à sua natureza.

“É um atraso de vida.” (entrevistado 14 – Miguel Rachmaninov)

“Os confinamentos, como já referi, deveriam ser mais para uma determinada faixa etária, ou para pessoas com mais problemas de saúde, que poderiam ser mais negativamente afetadas... A forma como lidei com eles, pessoalmente, nunca me fez grande diferença ter que ficar fechado mais tempo em casa, porque sempre fui uma pessoa que sempre esteve habituado a passar muito tempo em casa, em termos de vida social também foi numa altura da minha vida em que já não fazia aquela vida de estar muito tempo fora de casa, portanto também não me afetou assim tanto. No entanto, é sempre diferente uma pessoa quando quer sair a qualquer sítio puder, sem ter de pensar assim tanto... posso salientar aquela impossibilidade de passar de um concelho para outro, que houve durante uns quantos meses, e que o objetivo raramente era cumprido na minha opinião, e era uma restrição que não se devia ser ter aplicado como foi a toda a gente sem exceção.” (entrevistado 10 – António Semente)

“Também mal. Porque não era a forma... podia-se resolver a curto prazo, mas não era uma solução a longo prazo. Penso que a partir do momento em que as pessoas começassem a sair outra vez, claro que iria começar a haver mais casos, e o que interessava não era os casos, mas os que necessitavam cuidados médicos. Esta pandemia sempre foi à base de casos, o que realmente interessava era as pessoas doentes.” (entrevistada 11 – Marisa Bifa)

“Acho que eventualmente em março de 2020 se podia justificar pelo desconhecimento, da doença e da taxa de letalidade, acho que depois posteriormente no segundo confinamento acho que foi um exagero, e acho que não me parece que tenha sido razoável.” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

Das declarações fornecidas pelos entrevistados sobre os confinamentos revelam diferentes perspetivas e preocupações relacionadas a essas medidas. Alguns pontos-chave referidos:

Eficácia e necessidade dos confinamentos: Alguns entrevistados acreditam que os confinamentos foram necessários e eficazes, especialmente no início da pandemia, quando havia pouco conhecimento sobre a doença e sua taxa de mortalidade. No entanto, outros questionam a eficácia dos confinamentos, argumentando que eles podem não ter sido a solução a longo prazo e que poderiam ter sido mais direcionados para grupos de maior risco;

Impacto na qualidade de vida e liberdade individual: Algumas pessoas expressam uma visão negativa sobre os confinamentos, descrevendo-os como um "atraso de vida" e afirmando que afetaram negativamente a sua qualidade de vida. Há preocupações sobre

a restrição da liberdade individual, como a impossibilidade de se deslocar livremente entre concelhos ou a sensação de invasão da privacidade;

Confiança nas autoridades e nos media: A confiança nas autoridades governamentais e nos media desempenha um papel na aceitação ou questionamento dos confinamentos. Alguns entrevistados expressam preocupação com a influência dos media e a pressão social na implementação das medidas;

Segmentação e enfoque nos casos graves: Alguns entrevistados sugerem que os confinamentos poderiam ter sido direcionados a grupos mais vulneráveis, como faixas etárias mais altas ou pessoas com problemas de saúde, a fim de minimizar os impactos negativos para a população em geral. A atenção aos casos graves e àqueles que necessitam de cuidados médicos é mencionada como uma prioridade, em vez de focar exclusivamente na quantidade de casos registados.

4.4.2 – O MUNDO EXTERIOR NA PERSPETIVA DO CONFINADO / O MEDO DO OUTRO

É possível identificar várias perceções e reacções em relação à pandemia de Covid-19. Algumas observações seguem-se sobre as perspetivas sociais e comportamentais expressas pelos entrevistados:

Medo inicial e precauções: Vários entrevistados mencionaram ter sentido medo no início da pandemia devido à natureza desconhecida do vírus. Eles adotaram medidas de precaução, como o uso de máscaras e a utilização frequente de desinfetantes para as mãos. Essas precauções foram consideradas necessárias, especialmente para proteger as pessoas vulneráveis.

Redução gradual do medo: Ao longo do tempo, à medida que a interação com outras pessoas aumentava, o medo mencionado pelos entrevistados foi diminuindo. Eles passaram a sentir-se mais seguros e confortáveis, especialmente aqueles que adquiriram imunidade natural por terem sido infetados anteriormente. No entanto, eles permaneceram conscientes da situação global e preocupados com os mais vulneráveis.

Variação na adesão às restrições: Alguns entrevistados afirmaram ter seguido rigorosamente as medidas restritivas, enquanto outros admitiram ter sido menos cuidadosos em certas situações, principalmente quando não estavam acompanhados. No entanto, a consciência das regras de segurança era considerada importante, mesmo que nem sempre fossem totalmente cumpridas.

Manutenção de distância física: Vários entrevistados mencionaram a importância de manter a distância física e evitar aglomerações, mesmo quando as restrições diminuíram. Essa mudança de comportamento foi descrita como um novo hábito adquirido e uma forma de respeitar o espaço pessoal dos outros.

Percepção de falhas e falta de conformidade: Alguns entrevistados expressaram sua percepção de que muitas pessoas não seguiam as regras básicas de segurança, mesmo durante a pandemia. Eles observaram comportamentos inadequados no cumprimento das medidas de prevenção, o que levou a preocupações adicionais.

“Sim, toda a gente. Toda a gente sentiu isso acho eu. No período inicial, bastante medo. O gel de mãos, o gel de luvas, muitos cuidados, que eu não diria excessivos..., mas um vírus desconhecido, que nós sabemos que pode estar a afetar pessoas vulneráveis, não é? Havia o medo... o medo do desconhecido..., mas pronto... foi um medo que, pouco a pouco, e lá está. Cada vez o meu contato com as pessoas foi sendo maior, esse medo foi dissipando... E agora, que me sinto...sinto seguro e confortável... especialmente ainda por cima agora (risos) tendo imunidade natural, os anticorpos... mas o meu receio pelos meus vulneráveis continua a ser, apesar de eu ser menos vulnerável, continuo a ter uma atenção reforçada sobre os que são menos vulneráveis...não é. Pronto, tento que não domine a minha vida... o estar em constante contacto com os números e as estatísticas... eu sigo com alguma frequência mas...Neste momento existe vacinas, eu tenho os anticorpos... mas.. continuo muito consciente que existem pessoas a morrer, e que tenho de fazer o que está ao meu alcance para que não aconteça nada a essas pessoas.” (entrevistado 1 – Gio Gilmour)

“Portanto no início quando sentia isso, tive realmente alguns cuidados... e sentia que até prova em contrário justificava-se o excesso de zelo, verdade seja dita que retirou-nos a liberdades, mas por muitas liberdades que nos possam tirar não nos custava nada aquelas 2, 4 ou 6 semanas a pessoa fazer o esforço... a partir daí quando percebi que não era caso para tanto... passei a ter os cuidados mínimos, não vou dizer que não ia a festas, porque não as havia onde pudesse ir... se as houvesse aí poderia não fui a elas... não havia possibilidade de grande socialização a esse nível... e desde os primeiros dias que se podia ir aos restaurantes, fui aos restaurantes... e tinha apenas o cuidado no supermercado, fazer as compras o mais rápido possível, umas compras que se fazia em 40 minutos, eu fazia 15 ou 20, tentava apressar tudo nesse aspeto...” (entrevistado 10 – António Semente)

“Eu nunca tive problema em... tomar as minhas posições de... por a máscara... não conheço ponho a máscara...independentemente de conhecer ou não... não me sentia estigmatizada em relação a isso... sei que existiam que eram sensíveis à minha postura. Cada um absorve a sua responsabilidade pessoal e social como quer... isto é um pouco livre de escolha... e as minhas tomadas de... colmatando a pergunta anterior... quando não estava com a Ana... se calhar relaxava um pouco mais... precisava daquele momento de relaxe... se calhar tirava a máscara para apanhar um pouco de sol... à mesa da esplanada não deixava de estar atenta mas se calhar um pouco mais relaxada do que o normal... se bem que quando estás a tomar conta de uma criança o nível de atenção também é um pouco subjetivo sobre o que te rodeia. Não tenho consciência se era mais cuidadosa sozinha ou se com a Ana... Eu tenho a percepção de que muita coisa falhava. Não faziam parte da nossa rotina... de certeza... muitas regras de segurança básicas falhavam...” (entrevistada 2 – Joana M)

“Sentia medo sim, sentia receio. Esperava que as pessoas... no supermercado... e ainda hoje faço isso. Eu nunca gostei muito de estar próximas das pessoas, mas agora ainda mais... ganhamos o hábito de nos afastarmos... alguém está a ver algo na prateleira, a pessoa sai, e só depois é que eu vou lá. E tenho o cuidado de manter a distância... tb não podemos estar sempre em cima uns dos outros.” (entrevistada 4 – Élia)

“O contacto mínimo com as outras pessoas, no início não havia forma de haver contacto porque não estava ninguém na rua. Estava tudo com o mesmo sentimento. Eu ia fazer um passeio, e lembro-me de não vir ninguém, e depois ia ao restaurante, e mesmo assim desinfetava a maçaneta da porta.” (entrevistada 6 – Carlota)

Alguns entrevistados enumeram uma mistura de posições em relação ao mundo exterior e em relação ao outro.

“Um misto... nunca fui daqueles... mesmo na altura das regras apertadas... nunca fui das pessoas que resmungava das outras na fila de supermercado que não davam os 2 metros... se calhar havia alturas em que compensava as distâncias que um da frente não dava para dar atrás... nunca fiz daquelas coisas como as armaduras para ter os 2 metros de distância... mas isso eram as diretrizes de quem mais sabia, e não se sabia muito, era colocar a máscara e afastar-te do outro.” (entrevistado 3 – Frei Loki)

Um entrevistado manifesta o seu grande receio aquando da possibilidade de algum momento recreativo, e que tal pode ser negado pela imposição das restrições de circulação e de consumo de bebidas no espaço exterior.

“O meu maior receio era quando queria ir beber uma imperialzinha, e parece que fizeram a lei seca, e fulanos como a polícia, quererem vir multar uma pessoa por beber uma imperial.” (entrevistado 8 – Armindo Lua)

Outros entrevistados manifestaram não terem tido grandes receios na circulação do mundo exterior e no contato com o outro.

“Eu nunca tive assim um grande receio... sempre achei que nos primeiros meses não sabia com o que estávamos a lidar... mas depois acho que... foram nos dado outras informações, em que a população mais velha sim, era um grupo de risco...mas para os mais novos nem por isso... e sempre lidei com isso bem... nunca achei que isto fosse assim tão mau... nunca tive medo de ir ao supermercado.” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

Permite-se igualmente notar uma variedade de perspetivas em relação à pandemia de Covid-19. Abaixo estão algumas observações sobre as atitudes e reações expressas:

Adesão às medidas de segurança: Alguns entrevistados mencionaram que seguiram as diretrizes e recomendações das autoridades de saúde, como o uso de máscaras e a manutenção da distância física. Eles acreditavam que essas medidas eram necessárias para proteger a si mesmos e aos outros.

Variação na adesão às medidas: Alguns entrevistados admitiram que não seguiram estritamente todas as medidas de segurança. Alguns mencionaram que compensavam a falta de distanciamento físico em certas situações, enquanto outros expressaram insatisfação com as restrições, como a proibição de consumo de bebidas alcoólicas em determinado momento.

Confiança na informação: Alguns entrevistados mencionaram que confiavam nas informações fornecidas pelas autoridades de saúde e sentiam que tinham conhecimento

suficiente para lidar com a situação. Eles acreditavam que o vírus não era tão perigoso para os mais jovens e que poderiam tomar as precauções adequadas.

Sensação de segurança pessoal: Vários entrevistados expressaram que não sentiam medo ou receio em relação ao contato com outras pessoas. Eles se sentiam protegidos pelo uso de máscaras e outras medidas de proteção pessoal, enquanto acreditavam que as outras pessoas poderiam ser uma fonte de preocupação.

Preocupação com os outros: Alguns entrevistados mencionaram que seu principal receio era a possibilidade de transmitir o vírus para pessoas mais vulneráveis, como idosos ou pessoas com problemas de saúde. Eles enfatizaram a importância de cuidar dos outros e tomarem precauções para evitar a propagação do vírus.

Desumanização social: Um entrevistado expressou preocupação com a forma como a pandemia afetou as interações sociais, observando que algumas pessoas se afastavam e evitavam o contato uns com os outros, o que considerava uma desumanização da sociedade.

As declarações destacam a diversidade de perspectivas e atitudes em relação à pandemia de Covid-19. Elas podem ser influenciadas por fatores como confiança nas informações recebidas, percepção do risco individual, preocupação com os outros e reações emocionais ao ambiente social alterado pela pandemia. Uma análise mais aprofundada poderia considerar a influência de fatores demográficos, socioeconômicos e culturais nas atitudes e comportamentos em relação à pandemia.

“Não tive receio... como andava de máscara e devidamente protegida não tinha receio. Eu tinha máscara eu estava protegida... os outros é que podiam não estar.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

“Não... apenas, como estava informada, mantinha a distância de segurança, e sempre o uso da máscara... e se tocasse nas coisas, desinfetava aos mãos.” (entrevistada 5 – Bela Cabanas)

“Não sentia receio nenhum por contactar ninguém” (entrevistada 11 – Marisa Bifa)

“Sem receio nenhum... bola.” (entrevistado 14 – Miguel Rachmaninov)

“Não... não tinha receio nenhum, vi foi receio de muitas pessoas mesmo na rua que se afastavam, atravessavam a rua, fugiam uns dos outros. Era um pouco assustador. As pessoas usavam máscara e não passavam ao pé, fugiam, era um pouco estranho. E custa um pouco sentir a desumanização da sociedade, dizia-se no início que isto iria mostrar o melhor que há em nós, mas mostrou o pior que havia em nós.” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

“No meu caso não... eu tinha medo caso tivesse Covid e pudesse passar a outras pessoas com problemas de saúde... eu não tive sintomas quando tive Covid, e também não era

uma pessoa de risco. Tinha era medo de passar a outras pessoas, mais idosas ou com problemas de saúde. Tinha de ter esse cuidado, não é?” (entrevistado 13 – Marcolino Belo)

4.4.3 – AS ROTINAS DO CONFINAMENTO

A pandemia global de Covid-19 trouxe consigo uma série de desafios e mudanças significativas para a sociedade em geral. Uma das principais medidas adotadas para conter a propagação do vírus foi o confinamento, que impôs restrições à mobilidade e atividades cotidianas das pessoas. Nesse contexto, as rotinas diárias foram profundamente afetadas, levando a uma reorganização das atividades e à necessidade de adaptação a um novo modo de vida em espaços domésticos.

Este capítulo concentra-se em explorar as rotinas do confinamento e seu impacto nas vidas das pessoas. Com base em entrevistas realizadas buscamos compreender como as pessoas vivenciaram e se adaptaram a essa nova realidade. Os relatos dos participantes fornecem insights valiosos sobre os diferentes aspectos das rotinas do confinamento, desde a ocupação do tempo e a redefinição das atividades diárias até as dificuldades enfrentadas e as estratégias desenvolvidas para lidar com essa situação.

Observamos que as rotinas do confinamento variaram de acordo com fatores individuais, como o estado civil, a presença de filhos, as responsabilidades profissionais e o acesso a espaços externos. Alguns entrevistados destacaram a importância de manter-se ocupados com o trabalho em regime de teletrabalho, enquanto outros mencionaram a necessidade de encontrar novas atividades para preencher o tempo livre. Além disso, a adaptação aos horários irregulares e a sensação de perder a noção do tempo foram desafios enfrentados por muitos durante esse período.

Outro aspecto abordado neste capítulo é a importância da interação social e do cuidado com o bem-estar emocional. Muitos participantes mencionaram a falta de contato pessoal e a dificuldade de manter conexões sociais durante o confinamento. Ao mesmo tempo, alguns relataram a oportunidade de realizar uma "limpeza emocional" e de se dedicar a atividades terapêuticas, como a prática de hobbies e o cuidado consigo mesmos.

Por fim, analisaremos as implicações sociais e psicológicas das rotinas do confinamento, considerando as preocupações com o futuro, a incerteza e o impacto nas relações familiares. Também exploraremos as experiências de diferentes grupos sociais, como mães solteiras e famílias com crianças, que enfrentaram desafios específicos durante esse período.

Ao compreender as rotinas do confinamento e suas múltiplas dimensões, este estudo busca contribuir para o conhecimento sobre os efeitos da pandemia na vida cotidiana das pessoas. As experiências partilhadas pelos participantes oferecem insights valiosos para a compreensão dos aspetos sociais, emocionais e psicológicos desse período desafiador, destacando a importância de abordar as necessidades individuais e coletivas no enfrentamento de situações similares no futuro.

“Grande parte dos meus dias a trabalhar. Portanto, 8, 9 10 horas diárias, de segunda a sexta. A trabalhar em teletrabalho. Nesse sentido achei bastante positivo continuar a trabalhar, e manter-me ocupado dessa forma, fazia os dias menos compridos, não é. Inicialmente, algum medo de sair, especialmente depois do verão quando voltei à Inglaterra, talvez de ter estado em Portugal numa situação, num país um pouco mais relaxado do que Inglaterra, voltei e esforcei-me em dar um passeio, um passeio diário, sair ao fim de semana para dar um passeio... Na primeira fase do confinamento eu fiquei muito tempo em casa, quase... talvez nem me apercebendo da importância que sair à rua... apanhar ar fresco... tentando ser o mais cumpridor possível..., mas houve uma altura em que isso “clicou”...e que me apercebi que era insustentável... continuar a ficar fechado em casa. Tive vários períodos de confinamento também, 14 dias, no início, quando se viajava de Portugal para Inglaterra, 14 dias... depois passou para 11. Fiz 2 ou 3 períodos desses, muito difíceis, eu que sou solteiro e que não tenho alguém que possa ir comprar comida para mim. Acabava por fazer... ahhh nessa altura as compras online nos supermercados estavam esgotadas, era impossível fazer marcação... e acabei por viver um pouco à base daqueles serviços de entregas de scooter, nesses períodos, algum também amigo que ia ao supermercado que ia comprar umas quantas coisas, mas também... igualmente outro período complicado... passar 14 dias fechado em casa... fechado... fechado não no sentido do confinamento...mas muito pior... naquela altura onde se esperava que um inspetor pudesse vir a casa verificar se lá estávamos... que nunca aconteceu... sei que em Portugal isso aconteceu muito, em Inglaterra das 3 vezes que fiz os períodos de quarentena nunca aconteceu... quase em retrospectiva... poderia ter ido apanhar um pouco de ar... e agora sabendo um pouco melhor do vírus... sabemos que isso não poria ninguém em risco de segurança... sair para apanhar ar... mas era na altura essas as medidas... eu passei... estávamos a falar como ocupava os meus dias não é?... Pois... a música é algo muito importante na minha vida, toco bastante música como “hobbie”, como dizia...até com alguns amigos remotamente. Sim... E o resto, cozinhar... tenho um quintal também... apanhar algum ar lá fora, mas muito complicado.” (entrevistado 1 – Gio Glimour)

“Era variável. Nessas alturas a produzir música, existem momentos de obsessão pela coisa, que acabam por baralhar os relógios biológicos todos... é fácil começar a produzir música depois do jantar às 9 da noite... e houve uma ideia que correu bem... e o dia está a nascer... e ainda dava para fazer umas coisas, mas eu já estou cansado. Normalmente eu durmo de noite e trabalho de dia, mas nessa altura não havia bem um ciclo. Os meus ciclos passaram a ser uma confusão.... Reunia-me com as companhias de pijama, produzia música até às tantas, deitava-me às 4 da tarde... depois havia outra semana em que atinava mais com os sonos... mas foi uma bagunça de horários... como foi para toda a gente. Ir trabalhar de pijama, e comer na mesa de cabeceira, baralhou os horários a toda a gente. Especialmente os do teletrabalho...” (entrevistado 3 – Frei Loki)

As duas entrevistas fornecem insights interessantes sobre as experiências dos entrevistados durante a pandemia e o impacto do trabalho remoto em suas vidas. Vamos analisar algumas questões sociológicas que emergem dessas narrativas.

Mudança na rotina e nas noções de tempo: Ambos os entrevistados mencionam que suas rotinas diárias foram afetadas pela pandemia. O trabalho remoto resultou em horários irregulares e misturou os relógios biológicos deles. Essa mudança na rotina tem

implicações na organização do tempo pessoal e profissional. O trabalho remoto permitiu maior flexibilidade, mas também pode levar à perda de limites entre trabalho e vida pessoal.

Adaptação à restrição de mobilidade: O primeiro entrevistado fala sobre o medo inicial de sair após retornar da Inglaterra para Portugal, devido à diferença nas medidas de restrição. No entanto, ele percebeu a importância de sair de casa para se manter mentalmente saudável. Essa experiência reflete o desafio de se adaptar a restrições de mobilidade e a necessidade humana de contato com o mundo exterior.

Impacto psicológico do isolamento: Ambos os entrevistados mencionam períodos de confinamento em que se sentiram isolados. O segundo entrevistado menciona a sensação de estar "fechado" e o medo de inspetores virem verificar o cumprimento das medidas. Isso destaca o impacto psicológico do isolamento prolongado e as preocupações com a segurança e a conformidade com as restrições.

A importância da música e dos hobbies: Ambos os entrevistados mencionam a importância da música e de outros hobbies durante o confinamento. A música serve como uma forma de expressão criativa e como um meio de conexão com os outros, mesmo à distância. Essa busca por atividades prazerosas e significativas destaca a necessidade de encontrar maneiras de lidar com o estresse e a solidão durante períodos de restrição.

Desafios e benefícios do trabalho remoto: O primeiro entrevistado menciona que o trabalho remoto o ajudou a se manter ocupado e tornou os dias menos monótonos. No entanto, ele também destaca os desafios de fazer compras e gerenciar as tarefas domésticas sozinho durante os períodos de quarentena. O segundo entrevistado menciona a mistura de limites entre trabalho e vida pessoal causada pelo trabalho remoto. Essas experiências ressaltam as implicações sociais e práticas do trabalho remoto, incluindo a necessidade de apoio e soluções para os desafios enfrentados pelos trabalhadores remotos.

“Na altura, logo no primeiro confinamento, eu tinha um trabalho para fazer do mestrado... Tinha basicamente a minha rotina normal, mas não saía de casa... só para ir às compras.” (entrevistada 3 – Élia)

“Compras, trabalho, fim de semana, limpeza... limpeza emocional e física.” (...) “Foi difícil, mas ao mesmo tempo foi bom. Ao menos tempo para mexermos em certas coisas, é uma limpeza do espaço, mas também uma limpeza espiritual” (entrevistada 5 – Bela Cabanas)

“A ler artigos, a ver as medidas, que se seguiam umas às outras, não se conseguia perceber se as medidas eram cumulativas. Eu cheguei a ver vídeos da bastonária dos contabilistas a explicar as medidas. Basicamente ler tudo.” (entrevistada 6 – Carlota)

“A estudar... (...) Sim, fazia caminhadas. Tomava café em casa, depois ia para o computador, e fazia as formações. Eu tenho um hobbie que é o tricot... lia, e via o telejornal e descansava à noite... fala com os amigos... era basicamente assim a rotina do vírus.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

“A rotina normal só que era em casa.”

(...)

“Na altura do confinamento, era ler os livros, os livros antigos que tinha em casa, organizar a casa e o quarto... mas isso foi nas primeiras semanas... depois tinha de fingir que ia à rua, tinha de ir levantar o capô do carro, ia meter o carro a trabalhar... às vezes vestia a calça do fato de treino e o ténis e fingia que ia dar uma corrida, mas ia dar uma caminhada.”

(entrevistado 8 – Armindo Lua)

“Houve anos em que eu trabalhei muito em casa. Quando chegou a pandemia e os confinamentos eu trabalhava no (xxx) todos os dias há dois anos, e eu já estava habituado a trabalhar nesse sentido, ia almoçar a casa dos meus pais, ia ao cinema ao final da tarde, depois o confinamento fechou-me em casa. Na parte do trabalho continuei a fazer o que fazia que era ler e escrever. Isso não foi afetado. Senti-me aqui isolado, estava habituado a outro tipo de vida. De resto no confinamento tentei arranjar uma rotina, o desporto também estava fechado na altura, durante o confinamento não podíamos fazer desporto, ia fazer uma caminhada todos os dias, que era sagrado, levantava-me, e depois ia durante uma hora... uma hora e meia com o cão, as vezes tentava fazer um pouco de exercício, e depois ler e escrever em casa.” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

As entrevistas citadas revelam diferentes aspetos das rotinas do confinamento durante a pandemia de Covid-19. As experiências partilhadas pelos entrevistados fornecem insights valiosos sobre como suas vidas foram afetadas e como eles se adaptaram a essa nova realidade.

A entrevistada Élia destaca que, durante o primeiro confinamento, a sua rotina permaneceu relativamente normal, exceto por não sair de casa, a não ser para fazer compras. Isso sugere que ela conseguiu manter certa estabilidade em suas atividades acadêmicas e domésticas, apesar das restrições impostas pelo confinamento. Bela Cabanas enfatiza a importância de realizar compras, trabalhar, fazer limpeza e cuidar tanto do espaço físico quanto do bem-estar emocional. Ela menciona que, apesar das dificuldades, o confinamento proporcionou uma oportunidade para se dedicar a atividades que promovem uma sensação de limpeza e renovação, tanto no ambiente físico quanto no espiritual. A entrevistada Carlota destaca a necessidade de se informar constantemente sobre as medidas e restrições em vigor durante o confinamento. Ela menciona o consumo de informações, como a leitura de artigos e a visualização de vídeos explicativos, como uma parte significativa de sua rotina. Joana Lex relata uma rotina que envolvia estudar, fazer caminhadas, tomar café, participar de formações, praticar seu hobby de tricotar, ler, assistir ao telejornal e socializar com amigos. A sua rotina é caracterizada por uma variedade de atividades que buscam preencher o tempo livre de forma produtiva e gratificante. Armindo Lua menciona a tentativa de manter uma rotina aparentemente

“normal”, mas adaptada ao confinamento. Ele destaca atividades como ler, organizar a casa e fingir sair para praticar esporte, embora estivessem proibidos durante o confinamento. Isso indica a necessidade de manter uma sensação de normalidade e simular atividades que não eram mais possíveis de realizar. Fernando Martial relata que, antes da pandemia, já estava acostumado a trabalhar em casa, mas sentiu-se isolado e privado de sua antiga rotina de vida. Durante o confinamento, ele procurou criar uma rotina, envolvendo caminhadas diárias, leitura e escrita.

As entrevistas revelam que as rotinas do confinamento variaram entre os entrevistados, mas algumas semelhanças podem ser observadas. A busca por manter uma rotina “normal” apesar de ficcionada, adaptada ao confinamento, é comum entre eles. Além disso, atividades como trabalho, estudo, leitura, exercícios físicos e cuidado com o ambiente doméstico foram mencionadas repetidamente.

A análise sociológica das experiências pode destacar a importância de manter uma estrutura e uma sensação de normalidade durante momentos de crise. As rotinas estabelecidas durante o confinamento podem ter desempenhado um papel crucial na manutenção da saúde mental e emocional dos entrevistados, fornecendo um senso de propósito e organização em um período de incerteza e restrições significativas.

A paternidade, a maternidade, ou uma gravidez, em contexto de pandemia invoca um papel importante nas rotinas dos atores sociais conforme se pode perspetivar nas transcrições subsequentes implicando um padrão de rotinas inteiramente diferentes dos atores sem filhos.

Veja-se as rotinas de uma mãe solteira com uma bebé a seu cargo, a organização da logística caseira, toda uma gestão milimétrica em que cada segundo conta, e a ausência total de tempo livre. A entrevistada Joana M expressa os seus momentos de incerteza em relação ao futuro durante o confinamento, particularmente por ser uma mãe solteira. Ela menciona questões relacionadas à gravidez, parto e preocupações sobre o que acontecerá após o nascimento de sua filha. O confinamento intensificou essas preocupações, levando-a a questionar diariamente sua situação e a sentir-se vulnerável e exposta. Quando questionada sobre como ela ocupava seus dias, Joana M descreve uma rotina intensa e caótica, focada em cuidar de sua filha, realizar tarefas domésticas, responder a questões de trabalho e lidar com as responsabilidades familiares. Ela menciona a falta de tempo livre e a ausência de rotinas diárias além das relacionadas à sua filha.

“Tiveste momentos de incerteza quanto ao futuro? Sim, tive muitos. Se isso já era uma situação acho que bastante plausível quando se está grávida. Será que vou conseguir chegar ao fim da gravidez? O que é que vai acontecer depois da minha filha nascer? O parto vai correr bem? E é um momento também de grande vulnerabilidade para a mulher, não é? Muito vulnerável, muito exposta. Se já isso era uma presença, com a covid acentuou muito mais, não haja dúvida... tu questionas diariamente. Uma pessoa também está focada no covid... e esquece-se que existe mil e uma situações a acontecer todos os dias... e que uma pessoa está a negligenciar...”

(...)

“Como é que tu ocupavas os teus dias? (risos) Eu estou-me a rir porque deves imaginar... Imagino, mas não quero estar do teu lado... (risos) Acho que ainda não encontrei um buraco livre... por isso... eu gostaria de dizer assim... eu gostaria de ocupar os meus tempos livres... mas não tive tempos livres (risos)...portanto, as minhas rotinas diárias de trocar fraldas, fazer comidas, responder a trabalho, questões familiares, limpar casa, fazer pagamentos de despesas, gestão logística da habitação, roupas, passar a ferro... já percebi que foi caótico... (risos) gestão dos brinquedos, de roupas (risos)...

Existia rotinas diárias? Se sim, qual. As rotinas diárias da Ana. Basicamente as rotinas diárias da Ana. Que é, das 6 da manhã até às 8 e tal, 9 da noite. 6 manhã quando era acorda... 6 e pouco... As vezes eu acordava um bocadinho antes, era quando eu conseguia realmente trabalhar de forma mais concentrada no trabalho, às 5 e meia da manhã com a cabecinha fresca... Até às 6 e meia faço qualquer coisa... Depois toca o despertador natural (Ana). Toca o despertador natural (risos), papas, banho, isto e aquilo, tunga...e tudo aquilo. (toca o telefone da entrevistada) Às 7 tem de estar a Ana a jantar... e... pronto... e depois de jantar vai pra cama e eu adormeço com a Aninha...e basicamente não tenho capacidade para mais.... Já respondi a todas as perguntas?” (entrevistada 2 – Joana M)

Porém destaca igualmente um caráter duplo da condição de ser mãe solteira num processo de confinamento. Joana M enfrenta desafios adicionais, pois precisa lidar com todas as responsabilidades e tarefas relacionadas à maternidade sem apoio adicional de familiares ou parceiros. Ela menciona a falta de uma vida social e a impossibilidade de ter um tempo para si mesma, destacando a sobrecarga física e estrutural que enfrenta.

O confinamento, por um lado, serviu como uma muleta psicológica para Joana M, oferecendo um motivo externo e obrigatório para não sair de casa. Isso pode ter proporcionado algum senso de segurança e estrutura em meio às dificuldades enfrentadas como mãe solteira. No entanto, ela também menciona momentos de stress, tensão, desorganização e desalento. A entrevista evidencia as complexidades e desafios enfrentados por mães solteiras durante o confinamento. Além das preocupações com a pandemia, elas enfrentam uma carga adicional de responsabilidades e falta de apoio, o que afetou sua saúde mental e emocional. A sociedade deve considerar formas de fornecer suporte adequado e recursos para garantir o bem-estar dessas mães e seus filhos durante períodos de crise como o confinamento.

“E como é que tu te adaptaste... Bem? Adaptei-me otimamente bem... sim... Quer dizer, o que é que tu queres dizer? Se te adaptaste bem a essa nova rotina? Antes em espaço mais aberto... depois para um espaço mais caseiro? Numa época de confinamento é sempre um pouco subjetivo o adaptar bem...eu ainda não tenho muita percepção, ainda... agora é que começo a ter a percepção do espaço... apesar de aqui ser um espaço pequeno... eu não saía. Apesar de eu ser um bichinho do mato... já de mim... a carga laboral diária de tarefas e rotinas... não me permitia

ter uma vida social...impensável...eu não consigo... eu não consigo aguentar... estruturalmente e fisicamente... adaptei-me bem às condições atuais... sendo que o confinamento de alguma forma auxiliou... sabendo que estava confinada... e sendo ele obrigatório... psicologicamente serviu como uma muleta também.. ou seja, para os outros... e não deixa de ser para mim também... momentos de stress, de tensão, de desorganização e de desalento... para mim também teve outra versão... teve um outro lado da moeda... o suporte de que é obrigatório eu não sair... independentemente de eu ter podido ou não... já estava ali a minha baliza... que também me ajudou psicologicamente a aguentar a estafeta de ser mãe solteira... sem apoio adicional.. familiar nem nada... há aqui duas versões...” (entrevistada 2 – Joana M)

E este entrevistado, jovem pai de 2 bebés gêmeas, com mais uma criança menor de 7 anos a seu cargo. O discurso transcrito é notório e transparente sobre a sua experiência de confinamento com família numerosa em casa, e igualmente com o entrevistado em teletrabalho. O entrevistado António Semente relata a forma como ocupou seus dias durante o confinamento, mencionando que sua rotina era ditada pelas necessidades e demandas das três filhas menores sob sua responsabilidade. Ele destaca a necessidade de conciliar seu trabalho com as tarefas e rotinas relacionadas aos cuidados das crianças. Ele também menciona que outras pessoas que conhece, especialmente aquelas que têm crianças a seu cargo, enfrentaram dificuldades para lidar com a situação do confinamento. Isso sugere que a experiência negativa do confinamento não foi exclusiva dele, mas partilhada por muitos pais e responsáveis por crianças.

A condição de António como pai de uma família numerosa é evidenciada. Ele destaca as dificuldades enfrentadas ao conciliar o trabalho e as rotinas das crianças durante o confinamento. A falta da rotina escolar e a necessidade de lidar com todas as necessidades e cuidados das crianças em tempo integral podem ter causado um impacto significativo em sua vida diária. António reconhece que, embora tenha havido aspetos positivos, como passar mais tempo com suas filhas durante o confinamento, a falta da rotina escolar teve um impacto negativo na dinâmica familiar. Ele valoriza a importância do tempo que as crianças passam fora de casa, na escola, tanto para eles quanto para as próprias crianças e destaca os desafios enfrentados pelos pais de famílias numerosas durante o confinamento. Eles precisam encontrar maneiras de equilibrar o trabalho, as necessidades das crianças e as demandas do dia a dia, em uma situação em que as rotinas normais são interrompidas. A falta de suporte externo, como a rotina escolar, pode aumentar a pressão e o estresse sobre os pais. Portanto, é importante considerar estratégias e recursos para apoiar as famílias numerosas e garantir seu bem-estar durante períodos de crise como o confinamento.

“Os dias ocupava-os de forma que os dias me pediam que eu os ocupasse não tinha grande alternativa, era como dizia na resposta anterior, se vivesse sozinho era eu que procurava

a forma como ocupava os dias, como não vivia sozinho tinha de me adaptar à forma como os tinha de ocupar, tentando fazer o que me compete no meu trabalho ao mesmo tempo que dava resposta às rotinas e necessidades das minhas 3 menores que tenho a cargo.

(...)

“outras pessoas que eu conheço que tenham causado impacto, penso que todas as pessoas que têm crianças a cargo principalmente, tiveram algumas dificuldades a lidar com a situação.”

(...)

“A experiência do confinamento em quase tudo negativa, também teve partes positivas, posso dizer que se fosse solteiro ou se não tivesse filhos digamos assim, tinha sido... não vou dizer positivo, porque não quero dizer que uma situação negativa pudesse ser positiva... teria lidado bem com a situação, até poderia ter sido mais positivo do que negativo, mas como tenho 3 filhas neste caso não foi assim tão fácil, teve a parte boa porque tivemos muito tempo com elas durante esta fase, mas nós já passamos muito tempo com elas, e o facto de elas estarem algumas horas fora na escola é bom não só para nós como para elas por isso acaba sempre por ser uma parte negativa da pandemia e das restrições.” (entrevistado 10 – António Semente)

A entrevistada que na altura do seu confinamento estando grávida, vivendo num mundo sem horários, num “mundo ao contrário”.

“Existia rotina diária? Se sim qual? Não havia rotina..., portanto acordava às horas que quisesse, comia às horas que quisesse... não havia rotinas. Como foi a sua reação à criação de uma nova rotina desta vez inscrita no espaço doméstico casa? Foi um choque... não estava preparada para isso. Nem conseguia assumir uma rotina, eu estava em casa sem horários... o mundo estava ao contrário!!! Adaptou-se bem? Sim, inicialmente. Com o passar do tempo comecei a ficar farta.” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

4.4.4 – VIRAR-SE PARA DENTRO / A NOITE ESCURA DO CONFINAMENTO

O capítulo "Virar-se para dentro: A noite escura do confinamento" explora as experiências individuais e coletivas durante o período de confinamento decorrente da pandemia da Covid-19. Neste contexto, a sociologia desempenha um papel fundamental na compreensão das transformações sociais, das dinâmicas de poder e das consequências emocionais e psicossociais resultantes desse fenómeno. A pandemia trouxe consigo uma série de mudanças abruptas e imprevisíveis na vida das pessoas. O confinamento forçado, o “distanciamento social” e as restrições impostas impactaram diretamente as interações sociais, as estruturas familiares, o trabalho, a educação e muitos outros aspetos da vida cotidiana. As transformações tiveram consequências profundas nas subjetividades individuais e nas relações sociais. Através das entrevistas, o capítulo apresenta narrativas que revelam as experiências, perceções e emoções dos indivíduos durante esse período. A incerteza em relação ao futuro, o medo da doença, a solidão, a ansiedade, a reflexão sobre a vida e a tomada de decisões importantes emergem como temas recorrentes nessas narrativas. A análise e interpretação sociológica desses relatos permite compreender as consequências sociais e psicossociais do confinamento, bem como os processos de adaptação e resiliência das pessoas diante dessas circunstâncias desafiadoras.

Do ponto de vista sociológico, é possível examinar as desigualdades sociais exacerbadas pela pandemia. Aqueles que enfrentam condições socioeconómicas mais delicadas e precárias foram afetados de forma desproporcional, experimentando dificuldades adicionais no acesso a recursos e serviços essenciais. Além disso, a pandemia evidenciou as disparidades existentes nas estruturas sociais, destacando questões como a sobrecarga de trabalho das mulheres, a vulnerabilidade dos grupos marginalizados e a falta de políticas públicas adequadas para enfrentar esses desafios. A sociologia pode analisar as transformações nas relações sociais e no tecido comunitário. O distanciamento físico, social e a falta de interações presenciais desafiaram os vínculos sociais existentes e levantaram questões sobre a solidariedade, o apoio mútuo e a coesão social. Ao mesmo tempo, o uso intensificado de tecnologias digitais abriu novas possibilidades de conexão e envolvimento social, mas também evidenciou a exclusão digital e a dificuldade de acesso para certos grupos.

Frei Loki destaca como a pandemia trouxe uma mudança rápida e imprevista, abalando a sensação de estabilidade que as pessoas estavam frequentemente acostumadas. Isso levou a um período de reflexão sobre a vida e a necessidade de adaptação a essa nova realidade. Bela Cabanas também menciona a incerteza em relação ao futuro, enfatizando que teve muitos momentos de dúvida e ansiedade. Carlota partilha a incerteza quanto à duração da pandemia, mas destaca a importância de tomar decisões e manter o compromisso com seus funcionários. Ela afirma que, apesar de ter demitido pessoas durante esse período difícil, tinha o compromisso de recontratá-las quando as circunstâncias permitissem. Rumilda Marley expressa a angústia e ansiedade que acometeram a sua experiência de maternidade durante a pandemia. Esses sentimentos foram agravados pelo fato de estar grávida, enfrentando preocupações adicionais sobre o parto e a maternidade durante a pandemia. Ela destaca a solidão de dar à luz sem a presença do seu marido e o sentimento de incerteza ao retornar para casa e viver em confinamento com um filho recém-nascido. António Semente menciona as incertezas iniciais relacionadas à saúde pública e como, ao longo do tempo, a preocupação se estendeu para os aspetos económicos e sociais. Ele reflete sobre as decisões que tomou durante esse período, mencionando a desistência de construir uma moradia no terreno por ele anteriormente adquirido como uma das decisões influenciadas pela situação pandémica.

“Mas viste-te a refletir sobre a tua vida? Momentos de isolamento propicia à interioridade? Sim, claro. E os momentos de maior instabilidade, de incerteza... foi das coisas

que a pandemia mais nos trouxe... nós estávamos habituados a que mundo era assim, e será assim... e de repente... de um momento para o outro... uma mudança muito rápida a instalar-se que nunca ninguém tinha antevisto...” (entrevistado 3 – Frei Loki)

“Teve momentos de incerteza quanto ao futuro? Muitos, muitos, muitos...” (entrevistada 5 – Bela Cabanas)

“Teve momentos de incerteza quanto ao futuro? Claro... sim. Nunca se sabe quanto tempo isto dura... quanto tempo mais?? Viu-se a refletir sobre a sua vida até aí? Tomou decisões? Uma das coisas que tive, foi que a pandemia não iria durar para sempre, e as tais pessoas que despedi, tive o compromisso de as ir buscar novamente, e foi o que fiz.” (entrevistada 6 – Carlota)

“Teve momentos de incerteza quanto ao futuro? Sim, muitos, claro, ainda mais estando grávida. Tive momentos de grande ansiedade, eu via as notícias e não sabia o que iria acontecer... não sabia o que ia acontecer quando tivesse que dar à luz!!! O parto... o que iria acontecer... tive de dar à luz sozinha... sem ninguém no hospital... sem o meu marido. O meu marido deixou-nos à porta, e depois foi-nos buscar passado uns dias depois por causa das restrições. Claro que isso foi tudo muito doloroso para mim, a maternidade costuma ser uma experiência única na vida... e isso sempre me causou muita ansiedade, desde o início. Estar grávida e pensar que isso poderia acontecer... e depois realmente ter acontecido mesmo. E irmos para casa e continuarmos em confinamento... nesta incerteza e com um filho... isso causou-me grande ansiedade.” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

“Teve momentos de incerteza quanto ao futuro? Sim, principalmente no início. Havia a incerteza a todos os níveis, havia a incerteza quanto à saúde pública. Depois a partir dos 2 ou 3 meses a incerteza começou a ser mais ao nível económico social, e ainda se mantém, com um impacto grande até aqui... está a ser, e deverá continuar a ser durante muito tempo, com muita situação e muita restrição que inevitavelmente têm que ter um grande impacto a nível social e económico. Viu-se a refletir sobre a sua vida até aí? Tomou alguma decisão crucial de mudança? Se sim qual? Sim, vi-me a refletir sobre muita coisa sem dúvida, terei tomado decisões, se são mais ou menos cruciais não sei se agora consigo avaliar... por exemplo, nós estávamos a considerar construir uma moradia no nosso terreno, e se calhar iríamos desistir na mesma, mas ainda não tínhamos a decisão tomada, e esta situação se calhar foi aquilo que nos faltava para tomar a decisão de desistir na altura de avançar com a construção. Em termos de outras decisões não tomei nenhuma que me ocorra e que possa ter esse impacto.” (entrevistado 10 – António Semente)

Do ponto de vista sociológico, estas entrevistas revelam como a pandemia da Covid-19 desencadeou um período de reflexão individual e coletiva sobre a vida e o futuro. O confinamento e a incerteza resultantes da pandemia levaram as pessoas a repensarem as suas prioridades, tomarem decisões importantes e adaptarem-se a uma nova realidade. A experiência partilhada de incerteza e ansiedade trouxe à tona questões sociais mais amplas, como a desigualdade económica e as restrições sociais, que continuarão a afetar a sociedade no futuro próximo.

“Viu-se a refletir sobre a sua vida até aí? Tomou alguma decisão crucial de mudança. Se sim quais? Sim... refleti muito sobre a minha vida. Decisão crucial de mudança, não é crucial... mas por acaso, agora janeiro, fevereiro, eu também já estava no limite ao fim de 2 anos, eu já estava cansado, e uma das coisas que também aconteceu é que eu vivia nos subúrbios de Lisboa e contribuiu para algum isolamento, já vivo um pouco isolado, para ir para algum sítio tenho de ir de carro e em janeiro e fevereiro, apesar de não ter havido um confinamento restrito, mas houve em janeiro as coisas um pouco fechadas, e depois aquela questão dos certificados, eu nunca tive certificados, nem quando tive doente nunca tive certificado, no limite então tomei a decisão de mudar para o centro da cidade de (xxx). Se houver outra situação destas ao menos apanha-me no centro de (xxx).” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

“Teve momentos de incerteza quanto ao futuro? Sim, mais ou menos. A maior parte das pessoas não estão preparadas para uma situação deste tipo, uma crise mundial.”

(...)

“Tiveste algum momento complicado aquando do confinamento? Complicado... passei muito do confinamento sozinho porque ainda não estava junto... complicado é ficar na solidão. Não é fácil.

“Algumas pessoas relataram que se sentiram muito sozinhos durante o confinamento. Como foi no seu caso? Sim... a situação de estar sozinho, de estar confinado sozinho, de não ter ninguém para falar, e de ter de pegar no telefone para falar com alguém.”

(entrevistado 13 – Marcolino Belo)

“Teve momentos de incerteza quanto ao futuro? Sim, todos os dias, não só em relação à pandemia, mas isso faz parte da minha natureza.” (entrevistado 14 – Miguel Rachmaninov)

As entrevistas revelam diferentes aspetos das experiências individuais durante o confinamento e fornecem insights importantes para uma análise sociológica e interpretativa. Fernando Martial relata ter refletido sobre a sua vida durante o confinamento e tomado a decisão de mudar para o centro da cidade. Sua decisão foi influenciada pela sensação de isolamento nos subúrbios de Lisboa e pela necessidade de estar mais próximo de serviços e recursos em caso de uma outra situação semelhante. Marcolino Belo destaca a solidão como um dos momentos complicados do confinamento. Ele relata ter passado a maior parte do tempo sozinho e ter sentido a falta de companhia e de contato humano. Essa experiência de isolamento social afetou negativamente sua vivência durante o confinamento. Miguel Rachmaninov menciona que tem momentos de incerteza em relação ao futuro todos os dias, destacando que essa incerteza faz parte da sua natureza. A sua resposta destaca a dimensão existencial e a preocupação constante com o futuro, não apenas relacionada à pandemia, mas também como uma característica intrínseca de sua personalidade.

A partir de uma análise sociológica e interpretativa dessas entrevistas, podem ser identificados alguns temas-chave. Primeiramente, a questão do isolamento social e da solidão emerge como um desafio significativo durante o confinamento. A falta de contato humano e de suporte emocional afeta o bem-estar e a saúde mental das pessoas, destacando a importância das relações sociais na resiliência individual. Além disso, a incerteza em relação ao futuro é um tema recorrente. As pessoas entrevistadas expressam preocupações e dúvidas em relação ao que está por vir, tanto em termos de saúde pública quanto em relação a aspetos existenciais e pessoais. Essa incerteza reflete uma sensação generalizada de falta de controle sobre os eventos e uma necessidade de se adaptar a uma realidade em constante mudança. A decisão de mudar de residência, como mencionada por Fernando Martial, também revela a busca por condições mais favoráveis durante o

confinamento. A localização geográfica e as condições de vida tornaram-se fatores importantes para enfrentar a situação de isolamento de forma mais eficiente.

De forma resumida, as entrevistas ilustram as implicações sociais e emocionais do confinamento durante a pandemia. A solidão, a incerteza e a busca por condições mais favoráveis refletem os desafios individuais e coletivos enfrentados durante esse período. Essa análise sociológica ajuda a compreender as diferentes dimensões do impacto da pandemia nas vidas das pessoas e pode informar futuras estratégias de enfrentamento e políticas públicas.

4.4.5 – DO ISOLAMENTO (PROFILÁTICO) E DO ADOECER

A pandemia de Covid-19 trouxe consigo a necessidade de impor restrições e medidas de distanciamento social como forma de conter a propagação do vírus. Essas restrições afetaram a vida das pessoas de diferentes formas, impondo mudanças significativas nas suas rotinas e afetando a sua saúde mental autopercebida e emocional. Este capítulo abordará especificamente o tema do isolamento profilático, assim como os processos de doença ou da sua assistência familiar, analisando como as pessoas lidaram com as restrições impostas e os efeitos que essas experiências tiveram em seu bem-estar.

“Do ponto de vista social próximo de mim, percebi que era um medo real porque tive familiares doentes em outubro de... 2020... o meu pai adoeceu com covid-19 e foi logo no início, antes da primeira vaga de vacinação. Ele ficou em casa, depois de ter contactado com o SNS, ficou em casa... na mesma casa onde eu moro, ficou em isolamento na sala, eu tratava... de limpar as casas de banho, de lhe servir comida, de tratar das coisas todas. E ele teve em casa durante 8 ou 9 dias... Nos últimos 3 ou 4 dias a situação começou a piorar. Ele desenvolveu uma Pneumonia Viral. Teve que ser internado... teve com algum suporte de oxigénio, apesar de não ser um ventilador, nem um daqueles muito intrusivos, mas teve com uma máscara de alto fluxo de oxigénio durante uns dias. Eu tive sem o conseguir contactar enquanto ele estava nessa circunstância portanto, passei por aquele nervoso miudinho que se viu muito nos media na altura, dos familiares a tentarem contactar com os internados, e a única pessoa com que tu consegues falar é a enfermeira do bloco, que não tem tempo para nada naquele momento, e portanto te diz: ele está vivo, os sinais vitais são assim... e pronto, acabou-se a conversa porque ela tem de passar ao seguinte... e eu não a culpo de nada, muito obrigado pelas poucas informações que ela me conseguiu dar no meio daquela correria toda que deveria de ser um dia de trabalho dela naquele período...”

(...)

*“**Quanto tempo ele teve internado?** Eu acho que foi 10 dias, acho que foram 10 dias, isso já foi há um bom tempo, foi há cerca de 1 ano e meio... eu posso estar enganado. Eu acho que foi cerca de 10 dias... ele teve cerca de 9 dias em casa até que teve de ser internado e então teve lá 10 dias. E eu fui lá buscá-lo, e quando o fui buscar ele parecia que tinha mais 10 anos, de 10 dias antes quando eu fui lá deixá-lo. E curiosamente, ou eu me habitei ao seu novo aspeto ou ele recuperou um pouco do ar de velho que ele ganhou, mas notava-se que ele vinha um pouco gasto com aquele internamento.”*

(...)

*“**Se calhar faço uma pergunta que não está no guião. O seu pai quando veio da hospitalização veio uma pessoa mudada? Porque é algo extremamente agressivo... ainda mais sendo ele médico. Ele passou a ser mais cuidadoso depois, ele não o era muito antes da doença, apesar de ser médico, e de ser uma pessoa informada. Ele era das pessoas que notoriamente se***

notava que estas restrições de mobilidade, e as regras em prol disto tudo... o perturbava e ele não gostava nada das máscaras, ele fazia, mas... muito a contragosto. Muito crítico e depois na prática muito desleixado. A motivação dele não o levava para aí, muito pelo contrário. Eu que não sou muito de empregar pelos ouvidos antes dele adoecer várias vezes lhe disse: epah, tu devias ser mais cuidadoso... e ele passou a ser depois de ter estado doente. O clássico ditado, casa assaltada trancas à porta. Depois também no sentido de ele ser médico e de estar habituado a estar no outro lado, e ver-se num papel social diferente, e de vulnerabilidade também. Sim... Ele foi internado no hospital onde trabalha. Até nisso eu acho que ele foi... ele teve sorte no internamento que teve, porque eu acho que ele teve às portas de morrer sem se aperceber disso, pelos relatos dele, e dos colegas que o seguiram, ele na altura não tinha perceção da seriedade do caso dele. Só tomou conhecimento disso depois quando ele regressou ao trabalho com os doentes, e quando eu o fui buscar... e contactei com o porteiro do hospital, do qual ele também trabalha... a dizer que vinha buscar o (nome do pai do entrevistado) para ele sair do internamento... e o porteiro diz: do nosso (nome do pai do entrevistado)??? Sim, ele trabalha cá. E ele abraçou-me e respondeu com um palavrão. Portanto, a história que circulava naquele hospital era que ele estava em perigo vida, eu percebi isso só pela reação do porteiro do hospital, mas o meu pai quando saiu do hospital não tinha a plena noção disso. Só quando voltou ao meio de trabalho é que... eu acho que ele foi completamente protegido ao nível da informação do que é que lhe estava a acontecer lá dentro, fizeram tudo aquilo que tinham de fazer... e ele notoriamente estava com um processo cognitivo bastante abalado quando foi para o hospital, já estava com níveis de oxigenação bastante baixos, e o processo cognitivo.... Estava mesmo um bocado burro! Lerdo, taralhoco, com falta de equilíbrio, de discernimento... de tudo. E isso também pode ter contribuído para ter noção do estado em que ele estava..., mas acho que a equipa também o protegeu muito da informação da coisa. Eu acho que só se apercebeu do quão mal estava à posteriori... até porque a parte emocional comanda um pouco isto tudo, e se te disserem que estás a morrer tu vais-te abaixo com isso.... eu acho que me desviei da pergunta... qual era? **Se o seu pai sentiu alguma mudança derivado desse processo?** Sim, sim... não muito significativa, mas passou a ser mais cuidadoso. Deixou de ver o medo constante das pessoas, que lhe fazia confusão, para algo que não lhe fazia tanta confusão. Passou tudo a ser mais justificado. Apesar dele ser médico e de trabalhar no hospital, ele só trabalhou com covidários 1 ou 2... porque ele está no final da carreira, ele é pediatra, ele trabalhou com crianças com Covid, e que são poucos não é... em relação aos adultos, portanto, ele dentro do hospital, obviamente que ele tinha noção que o hospital x estava revirado de pantanas, ele dizia que só a lavandaria é que faltava ser transformada em covidário... mas mesmo assim ele não estava dentro dos covidários... nunca....por ser um médico sénior, por ser diretor do serviço de pediatria... as responsabilidades dele não o colocavam lá... e quem está no covidário está... e quem não está não entra!! Não vais lá buscar uma esferográfica... (risos) Eu acho que ele não lidou com a proximidade de imagens como nós na televisão.” (entrevista 3 – Frei Loki)

A partir do relato fornecido, podemos destacar alguns aspetos relevantes do processo de auxílio na doença do pai do entrevistado, considerando a análise e interpretação sociológica.

Rede de cuidados familiares: O entrevistado desempenhou um papel crucial no cuidado do pai doente. Ele assumiu a responsabilidade de limpar as casas de banho, servir comida e cuidar das necessidades do pai durante o período em que ele esteve em isolamento. Isso demonstra o vínculo familiar e o papel desempenhado pelos familiares no suporte emocional e prático durante a doença.

Envolvimento com o sistema de saúde: O pai do entrevistado entrou em contato com o Serviço Nacional de Saúde (SNS) e foi posteriormente internado no hospital onde trabalhava. Esse contexto evidencia a importância do acesso aos serviços de saúde e a

proximidade entre o paciente e os profissionais de saúde durante a doença. Além disso, o entrevistado menciona a dificuldade de comunicação com os profissionais de saúde devido à carga de trabalho intensa, exemplificando um desafio enfrentado pelos familiares na obtenção de informações sobre o estado de saúde do paciente.

Mudança de comportamento pós-doença: O entrevistado relata que seu pai passou a ser mais cuidadoso e atento às medidas de proteção após ter enfrentado a doença. Mesmo sendo médico, ele era inicialmente crítico às restrições e regras relacionadas à pandemia, mas a experiência pessoal de adoecimento o fez perceber a gravidade fundamental da situação. Esse processo de transformação comportamental pode ser interpretado como resultado da vivência direta da doença e da vulnerabilidade, levando a uma maior compreensão e adesão às medidas de prevenção.

Proteção da informação e impacto emocional: O entrevistado menciona que o seu pai pode não ter sido plenamente informado sobre a gravidade de sua condição enquanto estava hospitalizado. A equipe médica pode ter tomado essa decisão para proteger o paciente emocionalmente, evitando um impacto negativo em seu estado de espírito. Esse aspecto salienta a importância da gestão da informação e do cuidado com a saúde mental dos pacientes, especialmente em situações de risco de vida.

Em resumo, a análise do relato enfatiza a importância da rede de cuidados familiares, o envolvimento com o sistema de saúde, as mudanças de comportamento decorrentes da experiência pessoal de adoecimento e a proteção da informação em casos de doenças graves. Esses aspectos demonstram como os processos sociais, institucionais e emocionais se entrelaçam durante a vivência da doença e o auxílio ao paciente.

Não deixa de ser interessante perceber no discurso do entrevistado uma digna atitude preventiva face aos outros, aquando de contextos de risco pandêmico, pela possibilidade de contágio ou disseminação da covid19, que se impôs inúmeros autoconfinamentos preventivos (isolamentos profiláticos).

“Como é que tu lidaste com as restrições durante a pandemia? Eu acho que relativamente bem, até certo ponto, sendo que, algumas dessas restrições eu autoimpus a mim mesmo. Eu fiz confinamentos quando eu não tinha de fazer, fiz confinamentos porque tive em contacto com alguém que testou positivo, eu testei-me a seguir e não testei positivo, mas até que me testasse outra vez, 5 ou 7 dias a seguir, conforme as regras em vigor na altura, fiz confinamentos... fiz um molhe de confinamentos preventivos nesse sentido, portanto... Quantas vezes te testaste mais ou menos? Pelo menos umas 30 ou 40 vezes. Fruto dos teus afazeres e da tal atitude preventiva... sim, fruto dos afazeres e muito da atitude preventiva... cada vez que estava num grupo maior, com uma situação mais exposta, e depois cada vez tinha de estar com pessoas mais velhas, a minha mãe, a minha sogra... o meu pai deixou de ser um problema logo no início, porque ele foi logo vacinado, e foi testado logo a seguir, e tinha uma carga de anticorpos

gigantesca, portanto deixou de ser uma preocupação porque é daqueles dos mais velhos que vive comigo... mas cada vez que tinha de ir ter com a família da minha namorada ou com a minha mãe, eu estava-me...” (entrevistado 3 – Frei Loki)

As entrevistas realizadas com diferentes indivíduos proporcionaram uma visão abrangente das experiências vivenciadas durante o isolamento profilático. Alguns participantes relataram que adotaram medidas preventivas extras, autoimpondo confinamentos mesmo quando não era estritamente necessário. Essas ações foram motivadas pela preocupação em proteger a si mesmos e às pessoas próximas, especialmente aquelas que eram mais vulneráveis, como familiares idosos. Outros entrevistados partilharam experiências de isolamento forçado devido a terem entrado em contato com pessoas que testaram positivo para o vírus. Esses isolamentos, muitas vezes, ocorreram em momentos inoportunos, como durante férias planeadas para desfrutar de momentos especiais com amigos e familiares. A necessidade de se isolar durante essas ocasiões causou frustração e impactou emocionalmente os indivíduos, que tiveram que abrir mão de momentos significativos em suas vidas. As reações das pessoas ao isolamento profilático variaram amplamente. Alguns entrevistados mencionaram sentimentos de frustração, tristeza e solidão ao verem-se obrigados a ficar longe de entes queridos durante períodos importantes, como o Natal e a passagem de ano. Essas restrições inesperadas afetaram negativamente seu bem-estar emocional e levaram a uma reavaliação das expectativas e planos pessoais.

*“**Teve alguma experiência de isolamento profilático, em que alguém da sua esfera de contactos tenha testado positivo, e daí esse isolamento como que forçado. Acabei de ter essa experiência (risos)... testei positivo no dia 25 de dezembro e estive em isolamento num quarto... na casa da minha mãe, durante 8 dias... segundo as novas normas de isolamento. Foi muito complicado... especialmente por ser o meu período de férias... que eu tirei... de vir um pouco para Portugal para desfrutar do sol, de amigos, e de família... também. Mas acabei por estar 8 dias de isolamento sem contacto nem com amigos nem com família.... Está a dizer que passou o seu dia de Natal isolado quando fizeste um planeamento de vir de férias para passar uma altura especial, não é? O Natal... Nesse dia iria passar com a família paterna... um grande almoço que se tornaria um grande jantar.... Como foi a reação dos teus familiares? O meu pai... tinha estado em contacto com ele. Ele assustou-se como é normal. Eu nessa altura não tinha pensado tão à frente. Testei positivo nessa manhã... disse-lhe: já não posso ir. Só tinha pensado nisso.... Só depois é que ele me disse: então e eu?... e eu posso ir ao almoço?... só aí é que me bateu... pois... queres ver que este contacto que eu tive com ele vai-lhe estragar o almoço? Felizmente um dos meus primos tinha testes, e testaram o meu pai, e ele deu negativo. E ninguém... nenhuma das pessoas com quem tive contacto deu positivo... não percebi muito bem como aconteceu..., mas foi isso.”** (entrevistado 1 – Gio Gilmour)*

*“**Teve alguma experiência de isolamento profilático em que alguém da sua esfera de contactos tenha testado positivo e daí esse isolamento como que forçado? Sim algumas vezes... uma ficamos fechados algumas semanas... talvez 2 vezes... e depois outra a (Educadora de Infância) ... mais umas semanas... depois apanhamos covid19, o meu marido e eu, o meu filho não... foi mesmo na reta final. Andámos a escapar disto durante 2 anos...**” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)*

Por outro lado, alguns participantes relataram aceitar o isolamento como uma medida necessária para se proteger a si mesmos e aos outros. Eles adotaram uma postura preventiva e seguiram as diretrizes de saúde pública, entendendo que essas ações eram essenciais para mitigar os efeitos da pandemia. Além disso, o isolamento profilático também teve impactos na esfera profissional. Alguns entrevistados relataram situações em que tiveram que fechar seus negócios temporariamente devido a casos positivos entre seus funcionários. Esses encerramentos repentinos causaram stress e preocupação em relação às reservas e à continuidade das operações comerciais. A partir das experiências partilhadas pelos entrevistados, fica evidente que o isolamento profilático teve impactos significativos no bem-estar emocional e na rotina diária das pessoas. A imposição de restrições e a necessidade de se afastar de entes queridos geraram desafios emocionais, além de interromperem planos e expectativas pessoais.

No entanto, também se observou uma diversidade de reações e comportamentos diante do isolamento. Alguns indivíduos adotaram uma abordagem preventiva, seguindo rigorosamente as medidas de segurança, enquanto outros sentiram dificuldade acrescida em lidar com as restrições e experimentaram emoções negativas. O tema do isolamento profilático e dos seus efeitos na vida das pessoas durante a pandemia potencializam reflexões e insights importantes sobre a necessidade de considerar os aspetos emocionais, sociais e psicológicos das medidas restritivas e destacam a importância do apoio social e do cuidado com a saúde mental durante períodos de isolamento prolongado.

“Vou inserir uma pergunta que não está no guião. Quantas vezes se viu obrigada por contacto de caso positivo, ou de algum empregado, e ter de fechar por isolamento profilático? 2 vezes, a primeira em julho em que havia a questão dos 14 dias, mas o contacto foi de uma pessoa que trabalhava aqui com uma outra pessoa infetada que não trabalhava aqui. Isto em 2020, a forma de que encarava isto era diferente, ainda não havia vacinas. Alguns funcionários foram contactados pelas autoridades para isolamento, e depois os outros funcionários entraram em pânico, não se sentiam confortáveis, queriam ir para casa. Foi tudo pra testagem, e teve de se aguardar pelos resultados dos testes, e fizeram depois o confinamento, apesar de terem testado todos negativo, isto em pleno julho, com bastantes reservas, não conseguimos avisar as reservas, ainda recebemos bastantes reclamações... mas nós fomos obrigados a encerrar, não fomos avisados previamente... as autoridades foram ligando aos seus funcionários um por um e mandaram para casa... e depois é que percebi que não tinha ninguém para trabalhar!! Foi tudo de improviso. A saúde pública estava cheia de trabalho, eles têm recursos reduzidos aqui. Realmente acabou por ser um grande stress... tínhamos os clientes e tivemos de avisar... na segunda vez já foi menos tempo, cerca de 5 dias. Portanto, duas vezes.” (entrevista 6 – Carlota)

Existiram igualmente situações, que fruto da enorme solicitação dos serviços de saúde pública por parte da população, ou pela quantidade de rastreios epidemiológicos, em que erros naturalmente aconteceram, quer pela contagem do número necessário de

dias de isolamento, quer pela falta de informação atualizada fornecido aos agentes de saúde pública.

“Tiveste alguma experiência de isolamento profilático. Em que alguém da esfera de contactos tenha testado positivo e daí esse isolamento como que forçado. Sim, duas vezes... Que incluiu a Ana não? Foi a Ana... quem estava em isolamento era a Ana... eu... por ironia... poderia sair. E perguntavam-me: e porque não saís? (risos) Aconteceu-me a mesma coisa (risos) A primeira vez tive 18, 19 dias... com um engano no delegado de saúde com a contagem... E a segunda foi agora, passei o natal e a passagem de ano em casa. Fechadas as duas. Nesse dia estava a pôr as coisas no carro para sair... Quando eu recebo o telefonema da escola... que tinha de estar em isolamento porque houve um contacto... não tinha nada em casa, tinha passado 15 dias fora. Fui comprar fruta e legumes e ovos... porque eu tinha meia hora para apanhar a Ana... e tirar algumas coisas mais urgentes do carro... cheguei a casa... arrumar... e ir buscar a Ana... esperar... e ir reajustando diariamente até a confirmação de que o confinamento era obrigatório.... Foi pesado! Esses 14 dias muito pesados!?” (entrevistada 2 – Joana M)

“Teve alguma experiência de isolamento profilático? A minha mulher testou positivo antes de mim. Agora lá está... foi entre Natal e fim do ano. Estava tudo fechado. Claro que tinha de ir à rua com o cão. Depois fiquei eu... também ia com o cão, tinha de fazer... mas era a única coisa que fazia. Mas já era aquele dos 7 dias? Sim, eu nem sequer telefonei, a minha mulher sim. Aquilo é uma anedota, não se entendem, telefonou para um sítio e disseram-me que tinha de ficar 7 dias desde que teve sintomas. Depois ligou novamente a pedir o certificado e disseram-lhe que era para ficar em casa os 7 dias a partir do momento do teste. E a minha mulher disse-lhe: o seu colega disse-me que era a partir do momento dos sintomas e acabou, por isso não vou ficar mais em casa. Armaram-lhe uma confusão, ninguém sabia de nada.” (entrevistado 12 – Fernando Martial)

“Tiveste alguma experiência de isolamento profilático? Uma, foi 20 dias, tive 5 dias com a minha namorada, depois liguei para lá, e disseram-me que era a partir do teste. Foi 20 e tal dias. Foi muito complicado.” (entrevistado 13 – Marcolino Belo)

“Teve alguma experiência de isolamento profilático? Não. Não fiquei porque não deram o meu contacto. E como o meu trabalho teve mais a ver com a gestão... não deram. Escapei-me.” (entrevistada 6 – Carlota)

Com base nas entrevistas realizadas, pode-se concluir que o isolamento profilático teve diferentes impactos e experiências nas vidas das pessoas entrevistadas. Alguns participantes enfrentaram múltiplos períodos de isolamento, o que resultou em frustração, solidão e interrupção de planos importantes, como o Natal e a passagem de ano. Esses períodos de isolamento prolongado foram descritos como pesados e difíceis de lidar. Além disso, houve relatos de confusão e falta de clareza sobre as diretrizes e recomendações relacionadas ao isolamento profilático. A falta de entendimento consistente por parte das autoridades de saúde gerou incerteza e questionamentos sobre a duração e as medidas necessárias durante o isolamento. No entanto, algumas pessoas escaparam do isolamento profilático devido à falta de contato ou ao tipo de trabalho que desempenhavam. Esses indivíduos relataram uma sensação de alívio por não terem passado pelo isolamento obrigatório.

Em resumo, as entrevistas destacaram a complexidade e as diferentes experiências vivenciadas durante o isolamento profilático. As frustrações, incertezas e desafios emocionais associados ao isolamento foram evidentes, enquanto a falta de clareza e confusão nas diretrizes de saúde também foram mencionadas. Essas conclusões fornecem insights sociológicos sobre os impactos sociais e psicológicos do isolamento durante a pandemia de Covid-19.

4.4.6 – A PANDEMIA A MEU FAVOR

Este capítulo explora o impacto da pandemia de Covid-19 na vida das pessoas em entrevista, com ênfase nas perspectivas positivas e nas oportunidades que surgiram durante o confinamento. Através das entrevistas realizadas, foi possível identificar indivíduos que perspetivaram a pandemia como uma situação favorável, em contraste com relatos de dificuldades enfrentadas por outros.

O confinamento imposto pela pandemia trouxe mudanças significativas nas rotinas diárias, limitações na mobilidade e interações sociais reduzidas. No entanto, algumas pessoas conseguiram encontrar benefícios e oportunidades nesse período desafiador. O objetivo deste capítulo é analisar como a pandemia se tornou favorável para determinados entrevistados, explorando suas experiências e reflexões pessoais. A análise dessas narrativas permite-nos compreender como as circunstâncias individuais e as perspectivas pessoais moldam a maneira como cada entrevistado vivenciou o confinamento. Ao examinar os pontos de vista das entrevistadas, podemos observar a complexidade e a multiplicidade de experiências vividas durante a pandemia.

Este capítulo contribui para o entendimento mais amplo das implicações psicossociais do confinamento e da pandemia em geral. Ao explorar as vozes daqueles que encontraram aspetos positivos no meio das adversidades, é possível obter insights valiosos sobre a resiliência humana e as estratégias de enfrentamento adotadas em tempos desafiadores. O contexto da pandemia de Covid-19 proporcionou uma oportunidade única para reflexões sobre a vida e as experiências pessoais. Ao examinar as narrativas das entrevistadas Joana M, Rumilda Marley e Joana Lex, é possível identificar diversos elementos sociológicos subjacentes às suas perspectivas sobre o confinamento e a pandemia.

“Mas viste-te a refletir sobre a tua vida até aqui? Com esta pandemia tiveste algum momento de reflexão sobre o que teria sido a tua vida até aqui. Eu acho que teria de qualquer

maneira... *A gravidez também ajuda muito. Sim, sim acho que aqui o fator de... de... **Só que depois poderia ser um efeito 2 em 1. Uma pandemia que te forçou a um confinamento forçado e um estado de vulnerabilidade derivado da gravidez.** Sim, sim, sim. Na verdade, o confinamento... a pandemia até jogou a meu favor vamos ver assim. ... de outra forma eu estaria por motivos laborais em Lisboa, 24 sobre 24 horas não é... devido às minhas funções. Mas o facto de eu não residir em Lisboa, de não ter residência fixa aí... a minha residência era aqui (Tavira) e... ter uma menor a meu cargo. A pandemia jogou a meu favor... obrigou a refugiar num local onde eu conseguia dar assistência a uma pessoa que estava dependente de mim, e aí o Estado tem que... aceitar... quem prevalece... e os direitos da Criança.” (entrevistada 2 – Joana M)*

Reflexão e reavaliação da vida: As entrevistadas mencionam ter tido momentos de reflexão sobre suas vidas durante o confinamento. Joana M destaca o impacto significativo da gravidez nesse processo, sugerindo que a combinação de estar grávida e enfrentar a pandemia levou a uma maior introspeção. Isso demonstra como eventos extraordinários, como uma pandemia, podem levar as pessoas a repensar suas prioridades, trajetórias de vida e relações sociais.

Vulnerabilidade e assistência mútua: Joana M destaca o estado de vulnerabilidade derivado da gravidez e a necessidade de dar assistência a uma pessoa dependente. Ela ressalta a importância dos direitos da criança e como o confinamento a beneficiou ao permitir que ela cuidasse adequadamente da pessoa sob sua responsabilidade. Essa observação aponta para a interseção entre o papel do Estado e os desafios enfrentados pelas pessoas vulneráveis em tempos de crise, e levanta questões sobre políticas públicas e apoio social durante períodos de confinamento.

“Quer dizer, no meu caso não porque... eu estava com um bebê recém-nascido, por um lado até foi bom... quando ele nasceu estávamos em confinamento... nós os 3 em casa... tive tempo para cuidar dele e tratar dele. ... e foi muito absorvente, tinha de tomar conta dele e não tive assim muito tempo propício à reflexão.”

(...)

“Algumas pessoas relataram-me que se sentiram muito sozinhas durante o confinamento. Como foi no seu caso? Não. Não me senti propriamente sozinha. Tinha o meu marido, o meu cão... tínhamos os contactos por vídeo chamadas, até foi engraçado, algumas pessoas que não falava há muito tempo, acabamos por falar com pessoas que não falávamos há muito tempo... e foi engraçado.”

(entrevistada 9 – Rumilda Marley)

Intensificação dos papéis familiares: Rumilda Marley destaca que cuidar de seu bebê recém-nascido durante o confinamento foi absorvente e não permitiu muito tempo para reflexão. Essa perspectiva aponta para a intensificação dos papéis familiares durante períodos de confinamento, em que as responsabilidades parentais e a necessidade de cuidado podem se tornar a principal ocupação e prioridade. Ressalta também a importância de considerar as dinâmicas familiares e o papel dos cuidadores durante situações de crise.

Conectividade social e resiliência: Rumilda Marley menciona que não se sentiu sozinha durante o confinamento devido à presença de seu marido, ao seu cão e às chamadas de vídeo com pessoas que não falava há muito tempo. Essa perspectiva destaca a importância da conectividade social e da resiliência em tempos de isolamento. O uso da tecnologia para manter contatos sociais ajudou a mitigar a solidão e fornecer apoio emocional durante períodos desafiadores.

“Foi positivo, eu acho que temos de tirar... eu estou sempre a repetir... temos de ver o lado das boas... aproveitei para fazer formações, para ler, para fazer puzzles, coisa que eu não fazia há anos... aproveitei para parar um bocadinho... simplesmente parar... parar... não fazia à tanto tempo... e é muito importante.”

(...)

“Algumas pessoas relataram-me que se sentiram muito sozinhas durante o confinamento. Como foi no seu caso? Para mim foi ótimo. Sair de um divórcio atribulado e ficar sozinha é do melhor que há. (risos) Foi muito bom. Foi uma daquelas coisas que parece que foi concertado pelo Universo: olha agora vai surgir um momento propício para tu descansares!!! (risos)” (entrevistada 7 _Joana Lex)

Oportunidades pessoais e crescimento: Joana Lex relata ter aproveitado o confinamento para fazer formações, ler, fazer puzzles e simplesmente parar. Essa perspectiva evidencia a busca de oportunidades pessoais para crescimento, aprendizagem e autocuidado durante o confinamento. Isso ilustra a resiliência individual e a capacidade de adaptação diante de circunstâncias adversas.

A análise e interpretação sociológica dessas narrativas revela diferentes dimensões da experiência do confinamento durante a pandemia. Elas evidenciam reflexões sobre a vida, vulnerabilidade, intensificação dos papéis familiares, conectividade social e resiliência, bem como a busca de oportunidades pessoais. Essas perspectivas contribuem para uma compreensão mais ampla dos efeitos sociológicos da pandemia, destacando as diferentes maneiras pelas quais as pessoas lidaram com o confinamento e encontraram significado e resiliência em meio aos desafios.

4.4.7 – A SALVAÇÃO DO CONFINAMENTO

Neste capítulo intitulado "A Salvação do Confinamento", exploraremos os efeitos do confinamento durante a pandemia. Abordaremos a importância das relações digitais e virtuais como meios de superar os desafios enfrentados nesse período. Durante o confinamento, muitas pessoas enfrentaram restrições de contato físico e tiveram que se adaptar a uma nova forma de interação social. Nesse contexto, as relações digitais desempenharam um papel fundamental na manutenção da conexão humana.

Os depoimentos dos entrevistados revelam diferentes perspectivas sobre como as relações virtuais foram capazes de oferecer conforto, normalidade e até mesmo novas oportunidades. Alguns mencionaram a importância de grupos de amigos que optaram por seguir as restrições de distanciamento social de forma rigorosa, encontrando maneiras criativas de se conectar, como através da música. Essas experiências foram descritas como verdadeiras salvasões do confinamento, proporcionando momentos de normalidade mesmo à distância. Outros entrevistados destacaram a formação de laços mais profundos por meio das interações online. Grupos de pessoas de diferentes nacionalidades se reuniram regularmente para compartilhar conversas, motivar uns aos outros e desfrutar de momentos descontraídos, criando amizades que se revelaram mais significativas do que inicialmente imaginado. Além disso, alguns entrevistados relataram o aproveitamento do tempo livre durante o confinamento para se dedicarem a projetos pessoais e hobbies, como a abertura de uma editora ou a retomada de projetos musicais inacabados. Essas atividades proporcionaram uma sensação de realização e satisfação, mesmo em meio às restrições.

Este capítulo visa examinar essas experiências e compreender como as relações digitais e virtuais se tornaram uma fonte de apoio, criatividade e conexão durante o confinamento. Analisaremos os impactos emocionais, sociais e pessoais dessas interações, bem como as implicações para futuras situações de isolamento social.

“Já que falas em relações digitais ou virtuais, talvez a salvação do meu confinamento foi um grupo de amigos, que eram bastante cumpridores, vizinhos até, que eu poderia ter tido contacto físico, mas eles sendo cumpridores e eu também, decidimos não o fazer durante um ano, mesmo vivendo muito perto uns dos outros... tocávamos música à distancia, conseguimos arranjar uma maneira de tocar música, e, pronto, tínhamos esses encontros digitais onde nos encontrávamos e bebíamos um copo e tocávamos música... e para mim essa foi realmente a salvação do confinamento, foi ter esses períodos de normalidade mesmo que à distância, potenciados pela tecnologia, que salvaram, para mim, o meu confinamento que seria muito mais complicado se não tivesse tido essa experiência.” (entrevistado 1 – Gio Gilmour)

Os relatos das entrevistas enfatizam o papel crucial das relações sociais na manutenção do bem-estar durante o confinamento. O primeiro entrevistado, Gio Gilmour, destaca a formação de um grupo de amigos cumpridores das restrições, que encontraram maneiras criativas de se conectar e compartilhar momentos de normalidade, mesmo que à distância. A experiência foi descrita como a salvação do confinamento para Gio Gilmour, evidenciando a importância do suporte social para lidar com as restrições impostas pela pandemia.

“Mas como tudo, ganhei bons amigos. Por exemplo à sexta à tarde tínhamos um grupo no watzupp, tínhamos sempre longas conversas, estamos a falar de ingleses, escoceses, alemães, holandeses, todos online, aquela hora, na sexta-feira, para nos motivarmos uns aos outros, para dizermos umas graçolas, cada um com o seu copo na mão... e aí fundamos relações que eram só casuais, e ganhamos amizades mais profundas do que imaginávamos com essas pessoas...” (entrevista 5 – Bela Cabanas)

Da mesma forma, a entrevista de Bela Cabanas destaca a formação de laços mais profundos por meio das interações online. O grupo diversificado de pessoas, provenientes de diferentes nacionalidades, reunia-se regularmente, partilhando conversas e momentos descontraídos. Essas relações casuais transformaram-se em amizades mais significativas do que inicialmente imaginado. Os relatos mostram como as relações virtuais foram capazes de criar laços sociais e fornecer um sentido de pertença e apoio durante um período de isolamento social e físico.

“No meu caso no início até foi fixe... Não foi bem assim... mesmo no início eu fiquei com medo por causa do trabalho. Mas assim que vi que ia dar para fazer algum dinheiro e ia-me conseguir manter com a malta do cinema e com a malta do teatro, foram 2 balões de oxigénio... bem, não vou morrer à fome... sempre consigo fazer uns trocos e agora tenho bué de tempo com o meu estúdio e com as minhas máquinas... que era algo que eu não tinha à uma década... abri uma editora... comecei a masterizar projetos meus antigos... abri a minha biblioteca de coisas inacabadas... e a dar-lhes espaço para que o público possa ouvir.. e comprar e essas coisas.. este era um projeto para ter continuidade... mas depois dos confinamentos terem acabado, não pus mais nada na editora... não masterizei mais nada... não completei mais música nenhuma... deixei de ter tempo outra vez... Nesse sentido até foi bom porque me dediquei a coisas que gosto, mas deixei de ter tempo novamente...” (entrevistado 3 – Frei Loki)

Além disso, o depoimento de Frei Loki destaca como o confinamento ofereceu oportunidades para o desenvolvimento de projetos pessoais. O entrevistado encontrou tempo para se dedicar ao seu estúdio de música, abrir uma editora e retomar projetos inacabados. Essas atividades proporcionaram um sentido de propósito e satisfação, mesmo em meio das restrições. No entanto, o entrevistado também menciona a falta de tempo após o fim do confinamento, indicando os desafios enfrentados na conciliação entre responsabilidades pré-existentes e novas atividades desenvolvidas durante o período de confinamento.

Do ponto de vista sociológico, os depoimentos demonstram a capacidade das relações digitais e virtuais de suprir a necessidade humana de conexão social, mesmo em tempos de distanciamento físico. Eles evidenciam a importância do suporte social e das interações sociais para o bem-estar individual e coletivo. Além disso, os depoimentos apontam para as oportunidades e desafios que surgiram durante o confinamento, como a possibilidade de desenvolvimento de projetos pessoais, mas também as restrições de

tempo e a dificuldade de manter o envolvimento em atividades após o fim do confinamento.

4.5 – A PANDEMIA COMO PROVA

4.5.1 – AS PROVAS DA PANDEMIA

Os indivíduos experimentaram uma série de provações no contexto desse cenário de incertezas e mudanças constantes. Neste capítulo, exploraremos as diferentes formas pelas quais os indivíduos foram colocados à prova durante esse período desafiador. A pandemia trouxe consigo um conjunto de desafios sem precedentes. Inicialmente, houve a necessidade de adaptação às medidas de restrição e distanciamento social, que redefiniram a forma como interagimos e nos relacionamos com os outros. Muitos enfrentaram dificuldades ao lidar com a solidão e o isolamento, enquanto outros tiveram que equilibrar o trabalho remoto com as responsabilidades familiares. Além disso, a crise sanitária impactou significativamente a saúde física e mental das pessoas. O medo constante da contaminação, a preocupação com entes queridos vulneráveis e a ansiedade relacionada à incerteza econômica e profissional tornaram-se uma realidade cotidiana para muitos. A luta contra a doença e o luto pelas vidas perdidas também testaram a resiliência e a força emocional das comunidades.

No âmbito social, a pandemia expôs as desigualdades existentes no nosso mundo. Grupos marginalizados e economicamente desfavorecidos enfrentaram dificuldades adicionais, como a falta de acesso a cuidados de saúde adequados e a perda de empregos. A pandemia serviu como um lembrete doloroso das disparidades sociais existentes e da necessidade de uma resposta mais justa e inclusiva. Apesar de todas as provações impostas pela pandemia, muitos indivíduos e comunidades encontraram força e resiliência para superar os desafios. Solidariedade, empatia e a busca por soluções inovadoras surgiram em meio à crise, demonstrando a capacidade humana de se adaptar e enfrentar adversidades. Ao longo deste capítulo, examinaremos mais de perto as diversas provas enfrentadas durante a pandemia e as estratégias de superação adotadas. Cada história revela uma perspectiva única, destacando a resiliência humana diante de um dos períodos mais desafiadores de nossas vidas.

Na busca de um entendimento sobre a relação entre as provas sociais e os processos de individuação, Martuccelli (2007; 2010a) define as provas sociais como desafios historicamente dados, socialmente produzidos, culturalmente representados e desigualmente distribuídos, que os indivíduos enfrentam no contexto da individuação estrutural (Araújo; Martuccelli, 2010).

Dentre as características das provas sociais, destaca-se uma dimensão narrativa na qual os sujeitos compreendem suas trajetórias e lidam com os desafios constituintes, como herdeiros de uma aventura moderna. Essa dimensão narrativa abre caminho para a associação entre "usos e consumos de narrativas" e "processos de individuação", sugerindo que elementos dos desafios enfrentados pelos atores sociais podem ser configurados nessa interrelação.

Em seu trabalho "*Forge par l'Épreuve*", Martuccelli (2006) analisa oito desafios (provas / provações) estruturais principais, divididos em dois grandes grupos: aqueles relacionados aos domínios institucionais (como a escola ou a marca escolar, o trabalho, a cidade, a vida em família) e aqueles que dizem respeito às dimensões do laço social (como a história, a relação com o coletivo / sociedade, o labirinto da diferença e a prova de si). A "prova de si" envolve provocações e sentidos socioexistenciais, pelos quais os indivíduos interpretam suas experiências, como a busca pela realização pessoal ou a vida como uma luta.

Portanto, essa inter-relação entre o processo de individuação e os usos/consumos de narrativas, particularmente na prova de si, está ligada à reflexão sobre o trabalho dos indivíduos. Esses conceitos podem ser relacionados ao contexto da pandemia, no qual os atores sociais são confrontados com desafios individuais e coletivos que exigem respostas e reconfigurações em suas trajetórias de vida.

A pandemia colocou as pessoas em diferentes provações e desafios, como mencionado pelos entrevistados. Alguns exemplos incluem lidar com a incerteza nas idas ao supermercado (prova: cidade) e as constantes mudanças nas regras e medidas (prova: relação com a sociedade / coletivo). As viagens também se tornaram um desafio, com a burocracia dos testes e certificados necessários, além da dificuldade em encontrar informações confiáveis sobre os requisitos. Para algumas pessoas, a pandemia colocou à prova a capacidade de se adaptar a novas circunstâncias, como no caso da entrevistada grávida que teve que lidar com o distanciamento familiar e a mudança de casa durante o período de isolamento. Outros desafios mencionados incluem o cuidado de um pai doente

e o isolamento social resultante das restrições. A sensação de perda de liberdade e privacidade também foi destacada por um entrevistado. A incerteza em relação ao futuro e a impossibilidade de realizar planos de viagem também foram mencionadas como provações psicológicas.

Em resumo, a pandemia trouxe diversas provas e desafios para as pessoas, testando sua resiliência, capacidade de adaptação e saúde mental. Cada entrevistado teve experiências diferentes, mas todos tiveram de enfrentar obstáculos / provas (em comum) causados pela pandemia em algum momento.

“De que forma sentiste a pandemia como que uma prova? Sim, por exemplo, numa fase inicial, as idas ao supermercado, de que falávamos no início quase sem saber... se podíamos ir, se não podíamos ir. Essa fase inicial foi complicada. Claro, as minhas viagens a Portugal ofereceram grandes desafios com as regras dos testes, e as coisas sempre a mudarem.

(...)

houve alturas um pouco complicadas de não saber muito bem o que tinha de fazer. As pessoas a chegarem ao aeroporto com dossiers de papelada, porque é preciso certificado, é preciso o teste do dia de hoje, o teste das 48 horas anteriores... Portanto, muito complicado. Interessante é que depois de viajar umas várias vezes quase que me habituei, e o processo passou a ficar mais fácil. Sim... esse foi outro desafio... Tava a pensar... hmmm... Noutras alturas desafios sociais... com os amigos.. alguns mais permissivos, outros mais restritos... hmmm...” (entrevistado 1 – Gio Gilmour)

“De que forma sentiu que a pandemia a colocou como que nunca prova? Eu poderia dar-te mil e um exemplos de vida pessoal das minhas provas de pandemia... das minhas provas de coragem... de resistência... de resiliência... e de capacidade de recuperação a vários desafios durante a pandemia... Dá-me um exemplo? A minha gravidez... a maior de todas... o distanciamento familiar... os meus pais estão em Coimbra e eu estou aqui... Sem grande suporte social, não é? Com suporte nenhum em termos sociais... Ou seja, tu viveste a tua gravidez completamente isolada e um pouco sozinha, não é? Completamente...a minha gravidez foi em Lisboa mas tinha apoio de amigos... porque estava a completar a minha bolsa... e depois o pós-nascimento foi todo aqui... desde que a Ana nasceu praticamente... com 3 meses viemos para cá... a partir do momento que me senti capaz de fazer a mudança...porque antes disso eu estava incapaz de fazer toda essa logística não é... pessoal e socialmente porque era um risco... Mandaram-te parar alguma vez.. a polícia? Não... não me mandaram parar nenhuma vez..., mas sim, foi um grande desafio... um risco... outro desafio grande: fazer a mudança de casa em plena pandemia com um bebé e sozinha... quer dizer... a casa estava praticamente vazia... tinha muita coisa, mas não estava montada... Sim, como é que foi? Opa... sei lá.... Havia os períodos de amamentação, depois a Ana dormia, exato... (risos).

(...)

Então consideras esta pandemia como uma provação, como uma prova... Sim, em tudo...

(...)

“Quantas vezes te deslocaste até lá... Ainda umas 4 vezes ou mais... E como fazias? Quando tinhas de dar mama à Ana, ou na viagem o parar várias vezes... Algumas viagens... eu daqui até Coimbra... cheguei a demorar 9 horas... 7 horas e tal... 8 horas... 9 horas... e vice-versa... o parar, a Ana tem de esticar as pernas, tem de mamar, tem de comer... eu também sou gente...(risos)... e parar também um pouco para respirar.” (entrevistada 2 – Joana M)

Com base nas entrevistas fornecidas, pode-se observar que tanto o entrevistado Gio Gilmour (prova: relação com o coletivo / trabalho) quanto a entrevistada Joana M (prova: a vida em família / trabalho / prova de si) experimentou a pandemia como uma

prova em diferentes aspectos de suas vidas. Essas provações foram evidentes tanto em termos práticos, como nas restrições e incertezas relacionadas às viagens e medidas burocráticas, quanto em termos sociais, como na necessidade de lidar com diferentes níveis de permissividade e restrições entre amigos e familiares. Gio Gilmour menciona os desafios enfrentados durante as viagens a Portugal, onde teve que lidar com as constantes mudanças nas regras de teste e as dificuldades em encontrar informações claras sobre os requisitos governamentais (prova: relação com o coletivo). Essa situação burocrática, com um grande número de opções de testes disponíveis e preços variados, gerou confusão e tornou difícil saber quais testes eram aceitos e necessários. Além disso, Gio Gilmour também destaca a fase inicial da pandemia, quando havia muita incerteza sobre as restrições e a permissão para ir ao supermercado. Por sua vez, Joana M (prova: a vida em família – tanto com a sua filha bebê acabada de nascer quanto com os seus pais a 600 quilômetros de distância) descreve sua gravidez como a maior prova durante a pandemia. Ela vivenciou o distanciamento familiar, uma vez que seus pais moravam em outra cidade, e sentiu falta de suporte social durante esse período. Ela menciona o desafio de estar isolada e sozinha durante a gravidez e o pós-parto, com pouca assistência além dos amigos que a apoiavam. Além disso, Joana M relata o desafio de fazer uma mudança de casa durante a pandemia, cuidando de um bebê e lidando com a montagem de móveis e outras tarefas domésticas.

Ambos os entrevistados destacam a resiliência e a capacidade de superar os/as desafios / provas durante a pandemia. Gio Gilmour menciona que, ao longo do tempo, se acostumou com o processo de viagens e que isso se tornou mais fácil. Joana M destaca a gestão de recursos, cuidados com a alimentação e a conscientização ecológica como aspectos em que ela se tornou mais responsável e preocupada. Do ponto de vista sociológico, essas experiências refletem as diferentes maneiras pelas quais as pessoas enfrentaram e responderam à pandemia. As restrições e medidas burocráticas impostas durante a pandemia podem ter gerado tensões e dificuldades para as pessoas em termos de acesso a serviços essenciais e informações claras. Além disso, a necessidade de adaptação a novas formas de interação social, como restrições em encontros com amigos e familiares, também pode ter causado desafios emocionais e práticos.

Essas experiências individuais também revelam a importância do suporte social e da resiliência na superação das adversidades. Tanto Gio Gilmour quanto Joana M mencionaram o apoio de amigos como uma fonte de suporte durante a pandemia. A

resiliência e a capacidade de adaptação foram fundamentais para enfrentar os desafios e encontrar soluções práticas para as situações enfrentadas.

No contexto sociológico mais amplo, essas experiências individuais podem ser entendidas como reflexos das mudanças sociais e estruturais que ocorreram durante a pandemia. A pandemia expôs desigualdades sociais existentes, afetando de maneira desproporcional aqueles que têm acesso limitado a recursos, suporte social e informações confiáveis. Além disso, as experiências individuais também evidenciam a resiliência e a capacidade de adaptação das pessoas diante de circunstâncias desafiadoras e das provas, o que pode ter implicações duradouras para a sociedade como um todo.

“De que forma sentiste que a pandemia o colocou como que numa prova? De várias formas. Fez-me ser um cuidador, do meu pai enquanto ele teve doente e isso poe-te à prova de alguma maneira, removeu-me do meu trabalho, e isso de alguma forma pôs-me à prova, tive de arranjar forma de safar por outro sítio, e tirou-me a liberdade porque eu fiz uma data de confinamentos (...) Basicamente, foram estas 3 coisas, o ter de cuidar, o terem-me roubado o trabalho, e o ter de ficar fechado.

Consegues descrever-me com mais algum pormenor? Descrever outras situações que tenha sido colocado à prova? Ou aprofundar algum aspeto dessas 3 que falaste anteriormente? Sim, quando o meu pai adoeceu... existe logo aí várias provas. Tens de fazer um confinamento dentro de um confinamento, confinar dentro da tua casa alguém, onde moram mais gente, e tens de proteger as restantes pessoas da infeção que supostamente está confinada num sítio, mas nunca está porque... porque ele tem de ir à casa de banho, porque eu tenho de lhe levar comida, e por existem coisas que têm de sair da sala para o lixo... e portanto, existe sempre um cuidado extra e borrifos de álcool e banhos de lixívia no chão, e banhos pra todo o lado... essa foi uma prova. Logo a seguir foi a prova de eu ver a doença dele a complicar-se, até que ele foi internado. Outra prova veio a seguir, no período depois de ele ter sido internado e eu não conseguir contactar com ele durante algum bocado, e o medo que adveio todo relacionado com isso.” (entrevistado 3 – Frei Loki)

“De que forma sentiu que a pandemia a colocou como que numa prova? Talvez numa prova a nível psicológico... mais a nível psicológico! É confrontarmos com algo que nunca pensaríamos em viver e darmos valor. E a liberdade, não é? Que é um dos nossos direitos fundamentais... mesmo a nossa privacidade quando nos mandam parar o carro e nos perguntam para onde vamos. E depois sentirmos que o mundo estava a desmoronar-se.” (entrevistada 4 – Élia)

As experiências individuais de Frei Loki (prova: vida em família; relação com a sociedade / coletivo; trabalho) e Élia (prova: prova de si) durante a pandemia, que destacam como eles foram colocados à prova em diferentes aspetos de suas vidas.

Frei Loki menciona três principais provas que enfrentou durante a pandemia. A primeira foi o cuidado com seu pai doente, o que exigiu que ele adotasse medidas de isolamento e precaução adicionais dentro de sua própria casa para proteger as demais pessoas que moravam lá. Essa situação apresentou desafios práticos e emocionais, envolvendo a gestão do espaço (casa), a higienização constante e a preocupação com a saúde do pai. A segunda prova que ele menciona está relacionada à complicação da

doença de seu pai, que resultou no seu internamento. Nesse momento, ele enfrentou a angústia de não poder entrar em contato com seu pai durante um tempo e o medo que surgiu em relação à situação de saúde dele. Essa experiência evidencia o impacto emocional e a preocupação intensa que a pandemia trouxe para as relações familiares e a saúde das pessoas próximas. Por último, a terceira prova que referiu prende-se com o facto de ter sido afastado do seu trabalho num momento de profunda incerteza derivado do confinamento em contexto de pandemia.

Em relação a Élia, ela destaca a prova a nível psicológico que a pandemia representou para ela. Ela menciona que foi confrontada com uma situação que nunca imaginou viver e que isso a fez valorizar mais a liberdade e os direitos fundamentais, como a privacidade.

Do ponto de vista sociológico, essas experiências individuais ilustram como a pandemia afetou as pessoas em diferentes níveis. A situação de cuidar de um familiar doente colocou Frei Loki diante de desafios práticos, emocionais e éticos, ao ter de conciliar o cuidado com a proteção dos demais membros da família. Essa experiência também evidencia a importância dos cuidadores informais durante a pandemia e as demandas adicionais que eles enfrentaram. Por outro lado, Élia destaca o impacto psicológico da pandemia, com a percepção de que o mundo estava desmoronando-se e a preocupação com a liberdade e a privacidade. Essas preocupações ressaltam o papel das mudanças nas dinâmicas sociais e a percepção de ameaça que a pandemia trouxe para as pessoas em termos de seus direitos individuais e coletivos.

Além disso, as entrevistas destacam a importância da resiliência e da capacidade de adaptação diante dos desafios impostos pela pandemia. Ambos os entrevistados mencionam a necessidade de encontrar formas alternativas de lidar com as situações difíceis que enfrentaram, seja através da busca de apoio emocional, seja ao se conscientizarem da importância de levar a pandemia a sério.

Essas experiências individuais são reflexos de mudanças sociais mais amplas durante a pandemia, como o impacto na saúde, nas relações familiares, nas dinâmicas económicas e na noção de liberdade e privacidade. A análise sociológica em profundidade dessas experiências permite compreender as implicações sociais, emocionais e culturais da pandemia, além de ressaltar a resiliência e a capacidade de enfrentamento das pessoas em momentos de crise.

*“De que forma sentiu que a pandemia a colocou como que numa prova? Eu no fundo do meu ser, sabia que iria ter de atravessar uma coisa difícil na minha vida, tinha esse pressentimento... até pensava que fosse acontecer mais cedo. Nesta altura, estou bem e aguento bem. Tinha muita pena e se fosse idoso e volátil e tivesse de passar por esta situação. Sim, foi uma prova, uma de muitas. **Pode-me descrever com mais pormenor?** Nós, humanos temos de ter expectativa, temos de ter esperança, temos de ter planos. Porque se não, a tendência para cairmos em depressão é muito, muito grande e fácil... (...) e de repente tens uma pessoa a 500 quilómetros de ti... Como fica essa relação? Tens disponibilidade, tens disponibilidade emocional para continuar com algo que não sabes quando podes ver essa pessoa? Como por exemplo, para a sanidade mental, fazer uma ou duas viagens por ano... certo? De repente a tua vida pára e não podes fazer rigorosamente nada... Porque ao marcares uma reserva, na Ryanair por exemplo, vou daqui a 1 mês ou 2 meses... mas tens essa experiência, e essa expectativa, e de repente, durante 2 anos... não podes viajar!!! É muito complexo, é uma luta diária.” (entrevistada 5 – Bela Cabanas)*

“De que forma sentiu que a pandemia a colocou como que numa prova? (longo silêncio) De alguma maneira todos tivemos uma prova forçada. Acho que estas coisas fazem-nos refletir sobre determinados aspetos da nossa vida... de como levamos a nossa vida, com determinadas preocupações...as pessoas encaram de forma diferente... a mim dá-me sempre... não sei se tem a ver com a pandemia, ou com a maturidade, tento ir aprendendo... e relativizar o que não vale a pena. De forma geral creio que foi esse o contributo.” (entrevistada 6 – Carlota)

“De que forma sentiu que a pandemia a colocou como que numa prova? Tudo é uma prova... todos os factos que acontecem na nossa vida são provas... sim. O que temos de tirar destas experiências é o lado bom das coisas. Fazendo parte da nossa experiência de vida... tem prós e contras...passando pelo lado positivo e pelo lado negativo. E tem sempre que se pensar no que se tira de melhor... no meu caso estar em paz e fazer coisas que não fazia há muito tempo. Essa foi a minha parte positiva, espero que muita gente tenha aproveitado também.” (entrevistada 7 – Joana Lex)

Com base nas últimas três entrevistas, é possível observar diferentes perspetivas sobre como a pandemia colocou os entrevistados à prova. Bela Cabanas destaca a limitação das atividades e o impacto nas relações pessoais como uma das principais provas que enfrentou durante a pandemia. Ela menciona a dificuldade de manter um relacionamento à distância quando as restrições de viagem impedem os encontros. A falta de expectativas e a impossibilidade de realizar planos futuros também são mencionadas, o que pode afetar a saúde mental e levar a sentimentos de depressão. A experiência de Bela destaca os desafios emocionais e a necessidade de encontrar formas alternativas de lidar com a falta de liberdade e de conexões pessoais durante a pandemia. Por outro lado, Carlota (prova: prova de si) reflete sobre a pandemia como uma oportunidade para autorreflexão. Ela menciona que as pessoas foram forçadas a repensar suas vidas e prioridades, levando-as a aprender e a relativizar o que não é importante. Essa perspetiva enfatiza o potencial de crescimento pessoal e amadurecimento que pode surgir em momentos desafiadores, como a pandemia. Já Joana Lex tem uma visão mais ampla e filosófica da pandemia como uma prova da vida em geral. Ela enfatiza que todos os eventos que ocorrem em nossas vidas são provas e que é importante tirar o melhor proveito dessas experiências. Para ela, a pandemia trouxe a oportunidade de encontrar

paz e retomar atividades que haviam sido negligenciadas, enfatizando a importância de aproveitar o lado positivo das situações.

“De que forma sentiu que a pandemia o colocou como que numa prova? Eu não sei, mas eu numa certa altura da minha vida sem trabalho, eu pensei que isto fosse uma coisa inexplicável, de outro mundo, uma coisa que alguém pôs para estudar o pensamento das pessoas, não sei... acrescenta aí umas reticências...” (entrevistado 8 – Armindo Lua)

“De que forma sentiu que a pandemia a colocou como que numa prova? Sim, colocou em prova à humanidade toda... a todos!... afinal isto não é assim tão simples... não conhecemos tudo, e temos de nos preparar para o pior, e acho que isso foi um alerta para toda a gente, governos e tudo o mais, provavelmente isto não será a única pandemia que vamos enfrentar (risos), e serão piores... isto pôs à prova a capacidade pessoal de resiliência e de adaptação... e mesmo os governos têm de se preparar melhor para estes desafios... acontecerem. A humanidade melhor preparada...” (entrevistada 9 – Rumilda Marley)

“De que forma sentiu que a pandemia o colocou como que numa prova? Sim, no primeiro e no segundo mês, uma prova, que eu até na altura dizia que isto não é tão grave quanto isso, mas olha vamos fazer porque não custa nada, e assim um dia preparamos-nos para algo que possa vir realmente aí... a partir daí, não me colocou em prova nesse aspeto de fazer um teste a mim próprio sobre as minhas capacidades de me manter a salvo de um vírus respiratório, mas manteve-nos à prova no aspeto psicológico, em que tendo em conta as restrições e o seu impacto na nossa vida, houve também a outra parte de vermos que a sociedade e o mundo estavam a entrar em decadência em termos económicos e sociais, e se calhar sem uma justificação que realmente pedisse esse tipo de esforço a nível global, e isso tem sempre impacto a nível psicológico para quem gosta de viver num mundo próspero digamos assim.” (entrevistado 10 – António Semente)

Armindo (prova: história) expressa certa incredulidade em relação à pandemia, descrevendo-a como algo inexplicável, de outro mundo, e sugerindo que possa ser uma espécie de experimento para estudar o pensamento das pessoas. A sua entrevista neste tema indica uma visão cética e talvez conspiratória, onde ele questiona a origem e propósito da pandemia. A utilização das reticências sugere uma hesitação e falta de certeza em suas afirmações. Rumilda (prova: relação com o coletivo / história) coloca a pandemia como uma prova para toda a humanidade, destacando que o evento mostrou que não conhecemos tudo e que precisamos preparar-nos para o pior. Ela enfatiza a importância do alerta dado pela pandemia, tanto para indivíduos quanto para governos, afirmando que é necessária uma melhor preparação para enfrentar desafios futuros. A entrevistada também faz uma observação sobre a possibilidade de ocorrerem pandemias ainda mais graves no futuro, indicando a necessidade de uma sociedade mais bem preparada. Seu tom de voz descontraído ao falar sobre possíveis pandemias futuras sugere um certo humor. António descreve sua experiência pessoal durante a pandemia. Ele inicialmente subestima a gravidade do vírus, mas depois reconhece que a situação tem um impacto psicológico significativo. Ele destaca as restrições e seu impacto na vida cotidiana, além de mencionar o declínio económico e social que ele percebeu ao seu redor.

António mostra-se preocupado com a decadência da sociedade e o impacto psicológico que isso tem em pessoas que desejam viver em um mundo próspero.

Essas três entrevistas apresentam perspectivas diferentes sobre a pandemia e suas implicações sociais. O entrevistado Armindo revela uma visão cética e conspiratória, sugerindo desconfiança em relação às intenções por trás da pandemia. Por outro lado, a entrevistada Rumilda demonstra uma compreensão mais ampla da importância da preparação para futuros desafios e destaca a necessidade de governos e indivíduos estarem mais bem preparados. Já o entrevistado António destaca o impacto psicológico da pandemia, enfatizando a deterioração económica e social que ele percebeu.

Essas diferentes perspectivas refletem a diversidade de opiniões e atitudes da sociedade em relação à pandemia. Alguns podem ter visões conspiratórias, desconfiando das intenções por trás do evento, enquanto outros reconhecem a importância da preparação e adaptabilidade diante de crises. Além disso, o impacto psicológico e social da pandemia é uma preocupação partilhada por muitos, como evidenciado pelo discurso de António.

Essas respostas mostram como a pandemia é uma questão complexa e multifacetada, envolvendo não apenas aspetos de saúde pública, mas também desafios sociais, económicos e psicológicos.

*“De que forma sentiu que a pandemia a colocou como que numa prova? Como foi das poucas no trabalho ao não vacinar-me, tive que dar justificações para o não ter feito. Muitas pessoas teriam cedido e ter levado a vacina por pressão. **Trabalha onde? A nível de cuidados de saúde primários. No Sistema Nacional de Saúde? Sim. Consegue-me descrever com mais pormenor essa questão da prova? Muitos colegas eram também da minha opinião apesar de terem levado a vacina e seguirem com as medidas. Muitas pessoas justificavam o porquê de as medidas terem sido tomadas nesta doença e não noutras. Nunca me senti discriminada, mas sempre me senti que fui uma voz do contra lá no trabalho, mas que tem vindo a mudar no decorrer do tempo, começam a ver que muitas medidas não foram implementadas com justificação, mas é preciso passar tempo. Mas tive de justificar a recusa da vacina 4 vezes... colocaram a questão várias vezes, nunca me senti obrigada a levar, mas houve grande pressão, senti-me pressionada.**”* (entrevistada 11 – Marisa Bifa)

“De que forma sentiu que a pandemia o colocou como que numa prova? Sim, acho que nos colocou a todos, uma prova psicológica, uma alteração de hábitos, de isolamento... e eu falo por mim que tive sorte... sempre saí de casa, nós nunca tivemos proibidos de sair de casa, ninguém esteve... isso foi a comunicação social que exagerou. Mas tinha sempre o cão, se houvesse alguma coisa, estou a passear o cão, estou casado, tenho a minha mulher em casa, estamos os 2 juntos, portanto... há sempre essas almofadas... mas agora as pessoas que estão completamente sozinhas... e que não podiam... que não tinham justificação para sair de casa.. imagino que... se a minha me custou... essa prova psicológica... imagino para essas pessoas... eu nem me posso queixar muito... mas mesmo assim houve momentos de quase desespero... não ver o fim à vista... olhar para o passado e sentir: éramos felizes e não sabíamos...” (entrevistado 14 – Fernando Martial)

“De que forma sentiu que a pandemia o colocou como que numa prova? A prova foi da própria sociedade, as pessoas lidarem umas com as outras e conseguirem lidar com isso. Nós em Portugal até não foi um grande problema.” (entrevistado 15 – Marcolino Belo)

“De que forma sentiu que a pandemia o colocou como que numa prova? Uma prova de sobrevivência...” (entrevistado 16 – Miguel Rachmaninov)

Através das respostas dos entrevistados, é possível perceber diferentes formas de vivenciar a pandemia como uma "prova". Cada um traz suas experiências e perspectivas individuais, refletindo as complexidades e desafios enfrentados durante esse período. Vamos analisar cada excerto de entrevista separadamente:

Marisa Bifa, trabalhadora do Sistema Nacional de Saúde, sentiu-se pressionada a justificar sua recusa em tomar a vacina contra a Covid-19. Ela sentiu-se como uma "voz do contra" em seu ambiente de trabalho, embora tenha notado uma mudança gradual de perspectiva entre seus colegas. Essa situação revela um conflito entre sua opinião pessoal e as políticas de saúde pública, bem como a pressão social que ela enfrentou para tomar uma decisão diferente da maioria.

Fernando Martial destaca a prova psicológica que a pandemia trouxe, mas ele sente-se sortudo por ter sua esposa ao seu lado e poder sair de casa com o pretexto de passear o cão. Ele reconhece as dificuldades enfrentadas por pessoas que vivem sozinhas e não têm justificativos para sair de casa. Sua experiência destaca a importância do apoio social durante momentos desafiadores e a solidão que muitos indivíduos enfrentaram durante a pandemia.

Marcolino Belo acredita que a prova da pandemia foi para a sociedade como um todo e destaca que Portugal não teve grandes problemas em comparação com outros países. Sua resposta reflete a percepção de que a capacidade de uma sociedade lidar com uma crise dessa magnitude pode ser considerada um teste para sua coesão social e capacidade de resposta.

Miguel Rachmaninov descreve a pandemia como uma prova de sobrevivência. Embora sua resposta seja breve, ela reflete a noção de que a pandemia trouxe desafios significativos à vida cotidiana, exigindo adaptação e resiliência para enfrentar as incertezas e ameaças à saúde.

Em termos sociológicos, essas respostas evidenciam as diversas dimensões da experiência humana durante a pandemia. Elas mostram a interseção entre fatores individuais, como crenças pessoais, pressões sociais e apoio emocional, e fatores sociais

mais amplos, como as políticas de saúde pública e o impacto na coesão social. Além disso, destacam a importância das relações sociais e do apoio mútuo para lidar com momentos desafiadores, bem como as desigualdades que podem surgir durante uma crise global. Essas perspectivas fornecem insights valiosos sobre as diferentes formas como a pandemia foi experienciada e podem contribuir para a compreensão dos efeitos sociais e emocionais duradouros desse evento histórico.

5. PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Neste capítulo pretende-se elaborar as principais conclusões de investigação, no qual explorámos as complexas e multifacetadas formas plurais de confinamento de um tempo e contexto singular da nossa história contemporânea: o período de pandemia Covid-19 a nível global. Ao longo da investigação mergulhamos em profundidade nas experiências humanas, examinando os desafios, as provas, as respostas e as implicações sociológicas desses confinamentos que moldaram e continuam a moldar a nossa sociedade. Além disso, tornou-se evidente que a pandemia não apenas alterou as dinâmicas sociais e comportamentais, mas também revelou as fissuras existentes na nossa estrutura social. As formas plurais de confinamento não se limitaram apenas ao isolamento físico, mas também abrangeu domínios psicológicos, emocionais, lançando luz sobre as desigualdades preexistentes assim como novas roturas sociais que emergiram.

Durante o percurso de investigação emergiram padrões intrigantes que demonstraram a interseção entre as respostas individuais e as influências sistémicas. As narrativas dos atores sociais em diferentes contextos sociais e culturais revelaram a riqueza das reações humanas diante a adversidade.

A pandemia serviu como espelho que reflete as tensões e as contradições subjacentes na nossa sociedade, por exemplo, notámos como as desigualdades de acesso aos recursos básicos, como a adequação da casa, acesso a saúde e tecnologia, afetaram de forma desproporcional certos grupos sociais. Por outro lado, a interação entre a esfera pública e privada ganhou uma nova dimensão, da mesma forma que perspetivamos os limites entre trabalho, lar e lazer que se tornaram fluídos, levantando questões como a invasão do espaço pessoal e a persistência de pressões laborais mesmo dentro dos nossos refúgios (casa).

Apresentaremos de seguida as principais conclusões da investigação no que respeita aos blocos temáticos resultantes do trabalho de campo decorrentes das entrevistas aos atores sociais que experienciaram o fenómeno de confinamento em contexto de pandemia. Para além da síntese conclusiva, ousamos ir mais além na sugestão de políticas públicas com base na compreensão, interpretação, e análise sociológica de cada bloco temático-categorial derivado das entrevistas. Novamente, e por uma ótica de economia de texto, opta-se por colocar em nota de rodapé as sugestões ao nível do desenvolvimento de políticas públicas que promovam a resiliência e o bem-estar social.

No que respeita aos resultados do trabalho de campo sobre as “representações sociais da pandemia” podemos concluir que estes foram apresentados em três blocos temáticos principais. Primeiramente, a maioria dos entrevistados percebe a pandemia como um fenómeno impensável e imprevisível, uma surpresa do desconhecido que afetou todas as áreas da sociedade. Essa perspetiva é caracterizada pela complexidade da situação, considerando-a como um flagelo, de dimensões altamente complexas, e uma tragédia que provocou mudanças profundas nas configurações sociais. Em segundo lugar, há uma minoria de entrevistados que vêem a pandemia como parte de um ciclo histórico de ocorrência de pandemias. Eles reconhecem que as pandemias ocorreram no passado e que, embora possam ser controladas com avanços na ciência e na medicina, ainda é possível que ocorram no futuro, sendo que, essa perspetiva enfatiza a recorrência do fenómeno ao longo do tempo. Por fim, uma parcela muito pequena dos entrevistados concebe a pandemia como uma oportunidade de vida, interpretando-a à luz das suas características pessoais e acontecimentos nas suas vidas. Alguns entrevistados viram a pandemia como um momento favorável para se atualizar, estudar e se dedicar a novos projetos após saírem de situações difíceis, como, por exemplo, um divórcio complicado. Outro entrevistado encontrou trabalho num momento em que estava desempregado e em contraciclo com a tendência padrão de desemprego e *layoff* e, curiosamente, foi contratado no Sistema Nacional de Saúde, trabalhando na linha de frente (de risco) da resposta à pandemia.

As entrevistas revelam que a pandemia da Covid-19 teve profundas consequências no “mundo do trabalho e na economia” em diversas áreas. Os estratos sociais mais baixos foram particularmente afetados, sofrendo com a perda de empregos e a falta de apoio financeiro. Trabalhadores manuais e de serviços, muitas vezes com empregos precários, foram duramente atingidos pela crise, enfrentando desemprego, subemprego e

precariedade, além de estarem muito mais expostos à infecção. No setor das artes e dos ofícios, a pandemia teve um impacto significativo, com o cancelamento total de eventos culturais e a impossibilidade de realização de atividades presenciais. Muitos profissionais desse setor, como técnicos de som e artistas, viram os seus trabalhos interrompidos e tiveram dificuldade em encontrar alternativas de trabalho. As restrições também afetaram as empresas do setor da restauração, levando a encerramentos temporários ou definitivos e resultando em demissões em massa. No campo dos serviços públicos e das profissões jurídicas, as restrições e o encerrar (físico) das instituições de cariz público tal como delegações da segurança social, do instituto de emprego e formação profissional, tribunais, entre outros, levaram ao adiamento de atendimentos presenciais e processos, gerando acúmulo de trabalho e incerteza para muitos profissionais, mas ainda mais para os utentes que deles beneficiam. O setor comercial, que depende de deslocações e interações presenciais, enfrentou transformações significativas, levando muitos trabalhadores a adotarem o teletrabalho e lidarem com incertezas e quebras de faturação. No setor da saúde, houve uma focalização quase total nos problemas relacionados à Covid-19, deixando em segundo plano outras questões de saúde. O trabalho nesse setor foi direcionado quase exclusivamente para lidar com a pandemia, afetando a resposta a outras necessidades de saúde (tal como consultas de rotina, diagnóstico, exames variados e respetivo tratamento).

As entrevistas destacam a desigualdade socioeconómica e as disparidades de classe presentes na sociedade. Pessoas de classes sociais mais baixas enfrentaram dificuldades consideráveis em comparação com aquelas mais privilegiadas. Trabalhadores precários e de baixos rendimentos foram particularmente vulneráveis durante a pandemia, dependendo de empregos diários e enfrentando dificuldades financeiras quando suas fontes de rendimento foram interrompidas. No contexto do turismo (aeroportos extremamente condicionados e dependentes da abordagem coordenada das restrições à liberdade de movimentos em resposta à Covid-19), da hotelaria (encerramento completo durante os períodos mais críticos de infecção) e da restauração (do encerramento total, aos certificados digitais de vacinação, e testagem e isolamento profilático em caso de algum caso positivo da esfera de interação social) muitos estabelecimentos foram obrigados a fechar temporária ou definitivamente, resultando em demissões e quebras significativas de receitas. Em termos de consequências económicas, a maioria dos entrevistados relatou uma considerável queda

de rendimentos durante a pandemia, especialmente aqueles que dependiam de atividades presenciais e que viram seus empregos serem afetados pelas restrições. Essas mudanças resultantes da pandemia tiveram um impacto amplo e continuaram a afetar essas áreas, causando incerteza e desafios significativos.

A pandemia de Covid-19, também, teve consequências abrangentes na “saúde individual e pública”, com impacto significativo na saúde mental das pessoas. Além dos efeitos físicos da doença, as repercussões sociais, econômicas e emocionais são claramente visíveis na sociedade. A solidão e o isolamento social afetaram negativamente a saúde mental autopercebida das pessoas que vivem sozinhas, levando a sentimentos de frustração e dificuldades emocionais. As entrevistas revelam diferentes perspectivas sobre os impactos da pandemia, destacando a necessidade de suporte psicológico para lidar com os desafios enfrentados. É mencionado que a saúde mental deve ser tratada com a mesma seriedade que a saúde física, eliminando o estigma associado ao tema. O sistema de saúde também enfrentou desafios durante a pandemia, com dificuldades de acesso aos serviços de saúde e complicações adicionais devido aos protocolos e procedimentos implementados. No entanto, muitos entrevistados expressam preferência pelo Sistema Nacional de Saúde em vez de instituições privadas, reconhecendo o trabalho árduo dos profissionais de saúde durante a crise. As entrevistas destacam os efeitos psicológicos negativos da pandemia, incluindo problemas de saúde mental, esgotamento, depressão e solidão intensificada. Cada pessoa reagiu de forma única, dependendo das suas circunstâncias individuais, sociais e da saúde mental pré-existente.

As entrevistas revelam uma diversidade de reações e comportamentos das pessoas durante a pandemia, especialmente em relação às consequências nos “sistemas familiares e nas relações sociais”. A pandemia resultou em uma profunda reconfiguração social, com impactos significativos na vida cotidiana e nas dinâmicas familiares. Um dos principais temas destacados é a relação entre as crenças e valores individuais dos atores sociais e suas decisões e ações diante da pandemia. Alguns entrevistados adotaram posturas mais flexíveis em relação às medidas de prevenção, enquanto outros adotaram uma abordagem mais cautelosa e assustada, levando a diferentes graus de isolamento social. As entrevistas também apontam para a diversidade de reações dentro das famílias. Por exemplo, numa das entrevistas, é mencionado que o pai estava assustado e receoso devido à sua faixa etária mais avançada, enquanto a mãe tinha uma postura oposta, defendendo as medicinas alternativas e não dando muita importância ao vírus e às

vacinas. Outros entrevistados relatam a perda de contato e o distanciamento social, tanto com amigos como com familiares. Alguns desapareceram completamente das interações sociais, enquanto outros optaram por continuar se isolando, mesmo com a normalização das atividades sociais. As entrevistas também destacam os desafios do trabalho remoto, que foi visto por alguns como uma experiência de "escravidão" e levou a uma competição desenfreada entre colegas de trabalho.

Além disso, é evidente que a pandemia afetou as relações familiares, com algumas famílias enfrentando dificuldades na convivência diária, enquanto outras conseguiram-se adaptar bem às novas circunstâncias. A necessidade de cuidar dos entes queridos mais vulneráveis levou a restrições nas interações familiares, com algumas famílias evitando encontros físicos para proteger a saúde de seus membros mais idosos ou vulneráveis. Em relação à gestão do luto e das práticas funerárias, a pandemia apresentou desafios adicionais, com algumas pessoas relatando a dificuldade de não poder se despedir adequadamente de entes queridos que faleceram durante esse período.

No que respeita às consequências nas "crianças e nos jovens", com base no trabalho empírico, podemos concluir que o fecho das escolas e creches durante a pandemia trouxe desafios significativos para os entrevistados, especialmente e fortemente para aqueles com bebês, crianças e jovens a cargo. As experiências descritas revelam um período de grande densidade emocional e dificuldades enfrentadas pelos intervenientes. No caso das mães solteiras e com pouco apoio social, a situação de isolamento social tornou-se ainda mais intensa ao terem que cuidar de um bebê e trabalhar em casa ao mesmo tempo. A falta de apoio e validação nas decisões sobre a educação das crianças agravou a sensação de solidão e sobrecarga emocional. As crianças também foram afetadas negativamente pela pandemia, enfrentando privação de oportunidades de socialização, atividades e aprendizagem adequadas. A ausência de interações com colegas, amigos e familiares, assim como a limitação das atividades ao ar livre, resultaram em inquietação e frustração para elas. A falta de suporte social, o isolamento prolongado e a incerteza sobre o futuro contribuíram para um aumento significativo da ansiedade entre os entrevistados. Essa ansiedade foi exacerbada pela falta de controle sobre a situação e pela ausência de perspectivas claras. Esses relatos ressaltam a importância de políticas e medidas que levem em consideração o bem-estar das famílias e das crianças durante os períodos de crise. É fundamental garantir o acesso a serviços de apoio psicológico e a criação de espaços seguros para que as crianças possam desenvolver-se

emocional, física e socialmente. Além disso, a implementação de estratégias de suporte às famílias, como redes de apoio e programas de acompanhamento durante períodos de isolamento, pode contribuir para reduzir o impacto negativo da pandemia ou outros fenômenos limite.

No que respeita à “reorganização do espaço doméstico” é possível concluir que a pandemia da Covid-19 provocou mudanças significativas nos espaços domésticos dos entrevistados. O confinamento obrigou as pessoas a passarem mais tempo em casa, o que levou à reorganização e adaptação dos ambientes para atender às novas necessidades. Vários entrevistados relataram ter investido em tornar suas casas mais agradáveis e funcionais para acomodar diferentes atividades. Algumas dessas mudanças incluíram a criação de espaços de trabalho para o trabalho remoto, transformando quartos em estúdios musicais ou em locais de multiusos. Além disso, a cozinha e a sala foram repensadas para se tornarem mais adequadas ao trabalho e ao lazer em casa. As pessoas valorizaram o conforto e a utilidade de seus espaços domésticos, adaptando-os para diversas atividades, como cozinhar, trabalhar, estudar e relaxar. Além disso, o confinamento proporcionou a descoberta de novas capacidades e talentos. Embora muitos tenham apreciado a adaptação inicial, algumas entrevistas também destacaram o impacto negativo do confinamento prolongado, especialmente para famílias numerosas. A falta de interação social e a sobrecarga das tarefas domésticas e familiares causaram ansiedade e saturação em algumas situações. O trabalho remoto tornou-se uma realidade para muitos entrevistados, que encontraram no ambiente doméstico a possibilidade de realizar suas tarefas profissionais. No entanto, isso também gerou desafios, como a falta de recursos tecnológicos adequados para todos os membros da família.

A pandemia da Covid-19 trouxe mudanças significativas nos espaços domésticos e nas rotinas das pessoas. As casas tornaram-se locais de trabalho, lazer, estudo e convivência familiar. O investimento no conforto e na funcionalidade do lar refletiu a busca por adaptação e bem-estar durante o confinamento. No entanto, também foi evidente que a longo prazo, a falta de interação social e o stress contínuo tiveram um impacto negativo para alguns entrevistados. Essas transformações nos espaços domésticos destacam a importância de considerar o lar como um ambiente multifuncional e adaptável, capaz de atender às diversas necessidades das pessoas em diferentes situações. Também ressalta a importância de políticas e estratégias que promovam o

equilíbrio entre vida pessoal e profissional, garantindo o bem-estar e a qualidade de vida das famílias em períodos de crise como a pandemia da Covid-19.

No que respeita às “subjetividades individuais” as entrevistas realizadas para esta investigação revelam uma diversidade de experiências vividas durante a pandemia que impactaram tanto os sistemas familiares como as relações sociais em Portugal. As consequências descritas pelos entrevistados apontam para uma reconfiguração social em muitos casos. Primeiramente, as perdas de familiares, amigos e conhecidos foram uma realidade enfrentada por muitos, causando impactos emocionais significativos nas pessoas e em suas comunidades. A adaptação a uma situação inédita e assustadora, caracterizada pelo confinamento, a escassez de produtos nos supermercados e a incerteza em relação às regras, foi um desafio para todos. Especialmente para famílias com crianças a seu cargo, as dificuldades em lidar com a situação foram bastante notáveis. A proximidade física, que é considerado uma característica distintiva da cultura portuguesa, foi afetado durante a pandemia devido às medidas de distanciamento físico. A falta de abraços, beijos e carinhos impactou a expressão afetiva e a conexão social entre as pessoas, causando uma mudança nas dinâmicas de socialização. As entrevistas revelaram o impacto da pandemia em diferentes âmbitos da vida das pessoas pelo que as experiências relatadas também indicam transformações sociais em diversas pessoas. Algumas entraram em pânico, outras perderam o emprego ou os seus negócios. A pandemia também gerou mudanças comportamentais, tanto positivas quanto negativas, como cortes de relações sociais, aumento do medo e da agressividade com o próximo. As entrevistas destacaram também a importância das restrições impostas durante a pandemia e seus impactos nas interações sociais e no bem-estar emocional das pessoas. Alguns entrevistados mencionaram o receio de socializar mesmo após o fim das restrições, enquanto outros descreveram a evolução da ritualização do uso de máscaras ao longo do tempo.

Outras questões relevantes surgiram durante as entrevistas, como a reflexão sobre a dependência externa do país em relação a outros países, especialmente em relação a recursos essenciais como energia, alimentos e medicamentos. Além disso, a pandemia trouxe uma maior conscientização sobre questões ambientais, levando algumas pessoas a repensar seu impacto sobre a natureza e a importância da tecnologia na ecologia. Houve também discussões sobre as vacinas e as decisões pessoais de serem ou não vacinados. Algumas pessoas basearam suas escolhas em avaliações de risco, considerando a idade e

a probabilidade de complicações em caso de infecção, enquanto outras mencionaram experiências passadas com vacinas que as tornaram mais cautelosas.

No que respeita ao eixo das “respostas políticas à pandemia” a análise e interpretação sociológica das entrevistas revela uma diversidade de perspetivas sobre as respostas políticas à pandemia de Covid-19 em Portugal. Alguns entrevistados criticam a falta de preparação adequada e a coordenação eficiente, especialmente no início da pandemia. A falta de clareza e coerência nas diretrizes políticas também é apontada como um fator problemático, o que gerou incerteza e confusão na população. A realização de eleições durante a pandemia é mencionada como uma decisão política questionável, visto que poderá ter influenciado a adoção de medidas impopulares para evitar prejudicar os políticos em campanha. Além disso, a influência dos interesses políticos e económicos na tomada de decisões é destacada, levantando questões sobre a priorização da saúde pública em detrimento de outros interesses. Outros entrevistados têm uma visão mais moderada, considerando que, embora tenham sido tomadas medidas positivas no geral, também existiram algumas que não foram bem-sucedidas. Alguns apontam para a falta de abordagem holística, concentrando-se demasiado na gestão da pandemia em detrimento de outras questões de saúde. A desigualdade no acesso aos cuidados de saúde é mencionada por alguns entrevistados, que percebem que houve uma escolha política em relação a quem poderia receber tratamento e quem ficaria sem assistência. Essa percepção levanta questões sobre a equidade no sistema de saúde e a distribuição de recursos durante a crise. Além disso, há menções à falta de clareza na comunicação política, com mudanças frequentes nas diretrizes e conselhos, o que levou à confusão e à desconfiança nas informações fornecidas pelas autoridades.

Em relação às “restrições decretadas durante a pandemia (e os direitos?)” podemos verificar que da análise das entrevistas realizadas, foi possível identificar diferentes perspetivas em relação às restrições impostas durante a pandemia de Covid-19 em Portugal. Os entrevistados destacaram diversas tomadas de posição e experiências pessoais em relação às medidas de confinamento. Alguns entrevistados expressaram conformidade e aceitação das restrições, reconhecendo o receio e o desconhecimento inicial sobre a pandemia. Eles entenderam a necessidade de cumprir as medidas para conter a propagação do vírus e proteger a saúde pública. No entanto, com o tempo, algumas pessoas começaram a questionar a justificação e a eficácia das restrições, especialmente à medida que as restrições se prolongavam no tempo. As entrevistas

também revelaram o impacto significativo das restrições nas relações interpessoais. O confinamento forçado levou muitos a conviverem mais intensamente com familiares e amigos, o que, em alguns casos, gerou tensões e impactou negativamente os relacionamentos. Além disso, a impossibilidade de estar fisicamente presente com amigos durante o confinamento foi descrita como uma experiência difícil, especialmente em situações de separação de relações afetivas. A saúde mental também emergiu como um aspecto relevante durante os confinamentos. A necessidade de encontrar maneiras criativas de manter o equilíbrio emocional foi enfatizada por vários entrevistados. Alguns procuraram fazer passeios ao ar livre para melhorar sua saúde mental, enquanto outros expressaram frustração e preocupação com a falta de liberdade e isolamento social. Houve ainda entrevistados que não aderiram estritamente às restrições e procuraram contornar as medidas de forma a manter alguma normalidade social. Enquanto alguns tiveram reuniões em casa com amigos, outros optaram por caminhadas mais longas com seus cães para preservar a saúde mental. Essas experiências mostram a complexidade das reações individuais às medidas impostas e como as pessoas buscaram adaptar-se às circunstâncias de formas diversas.

Sobre o tema do “desconhecimento e ausência de informação”, como forma de justificar as medidas políticas tomadas, a investigação permitiu-nos aferir como que uma compreensão mais profunda sobre as diversas perspectivas e experiências dos entrevistados em relação às medidas restritivas impostas durante a pandemia de Covid-19. As restrições, especialmente os confinamentos, tiveram um impacto significativo nas vidas das pessoas, afetando não apenas as suas atividades diárias, mas também as suas relações interpessoais e o seu bem-estar emocional e mental. Verificou-se que as medidas restritivas foram vistas de forma ambivalente. Por um lado, muitos entrevistados reconheceram a necessidade das restrições para controlar a propagação do vírus e proteger a saúde pública. Muitos afirmaram que cumpriram as medidas e fizeram esforços para se adaptar à nova realidade, buscando companhia e distrações dentro dos limites impostos. Por outro lado, alguns entrevistados expressaram críticas em relação à gestão política da pandemia, especialmente no início, quando havia uma falta de informação e preparação adequadas. O desconhecimento inicial sobre o vírus levou a conselhos contraditórios e escassez de equipamentos de proteção individual, o que gerou incertezas e inseguranças na população. Além disso, as entrevistas revelaram o impacto psicológico do confinamento e das restrições, com sentimentos de isolamento, ansiedade e medo

generalizado. As relações interpessoais também foram afetadas, com casos de tensão e rupturas devido à convivência forçada durante o confinamento. Alguns entrevistados enfatizaram o papel da informação e da ciência na tomada de decisões durante a pandemia. A falta de informações precisas e atualizadas foi apontada como um obstáculo para a adesão completa às medidas e para a compreensão do contexto da pandemia. Apesar das dificuldades enfrentadas, muitos entrevistados também destacaram a importância da busca por soluções criativas e do cuidado com a saúde mental durante a pandemia. Alguns encontraram formas de se adaptar às restrições, mantendo a sua vida social e preservando a sua sanidade mental. A experiência da pandemia também levou à valorização da liberdade pessoal e do convívio social, tornando-se mais conscientes do papel essencial que esses elementos desempenham na vida das pessoas.

No que respeita ao “confinamento na perspectiva dos atores sociais”, através da análise das declarações dos entrevistados sobre o confinamento, foi possível identificar perspectivas divergentes em relação à eficácia e necessidade dessas medidas. Alguns entrevistados acreditam que o confinamento foi uma ferramenta necessária no início da pandemia, quando a doença era desconhecida e havia poucas informações sobre sua letalidade. No entanto, outros consideram que os confinamentos posteriores foram excessivos e poderiam ter sido evitados, questionando sua eficácia a longo prazo. A confiança no sistema de proteção desempenha um papel significativo na aceitação dos confinamentos. Aqueles que confiam nas autoridades governamentais e no sistema de saúde tendem a apoiar as medidas de confinamento, considerando-as necessárias para proteger a sociedade como um todo. Por outro lado, há também preocupações em relação à invasão da privacidade e às restrições impostas durante os confinamentos, o que pode levar à resistência e questionamento dessas medidas.

As experiências individuais durante o confinamento variam amplamente. Algumas pessoas descrevem a experiência como negativa e desagradável, destacando o impacto negativo na qualidade de vida e na liberdade individual. Outras relatam que o confinamento teve pouco efeito sobre elas, especialmente aquelas que já tinham um estilo de vida mais voltado para dentro de casa. Além disso, as opiniões sobre os confinamentos também estão relacionadas a fatores sociais, económicos e individuais. A percepção do risco da doença, a confiança nas autoridades e no sistema de saúde, as condições sociais e económicas das pessoas e os seus valores individuais e coletivos influenciam as perspectivas em relação aos confinamentos.

Na questão da perspectiva “do mundo exterior na perspectiva do confinado / o medo do outro”, o trabalho de investigação permite-nos concluir que as perspectivas sociais e comportamentais expressas pelos entrevistados revelam uma variedade de reações em relação à pandemia de Covid-19. No início da pandemia, muitos entrevistados sentiram medo do mundo exterior e do outro devido à natureza desconhecida do vírus, o que os levou a adotar medidas de precaução, como o uso de máscaras e a utilização frequente de desinfetantes para as mãos. Com o tempo, à medida que a interação com as outras pessoas aumentava, o medo diminuiu, especialmente entre aqueles que adquiriram imunidade natural após terem sido infetados anteriormente. Enquanto alguns entrevistados aderiram rigorosamente às medidas de segurança, como o distanciamento físico, social e o uso de máscaras, outros admitiram ter sido menos cuidadosos em determinadas situações, especialmente quando não estavam acompanhados. A consciência das regras de segurança era considerada importante, mesmo que nem sempre fossem totalmente cumpridas. A confiança na informação fornecida pelas autoridades de saúde desempenhou um papel significativo nas atitudes e comportamentos dos entrevistados. Aqueles que confiavam nas informações tendiam a seguir as medidas de segurança de forma mais estrita, enquanto outros tinham dúvidas ou desconfiança em relação às diretrizes impostas.

A sensação de segurança pessoal foi influenciada pelo uso de máscaras e outras medidas de proteção pessoal. Alguns entrevistados sentiram-se protegidos, enquanto outros expressaram preocupações em relação ao contato com outras pessoas. Houve também preocupação com os mais vulneráveis, como idosos ou pessoas com problemas de saúde. Alguns entrevistados enfatizaram a importância de tomar precauções para evitar a propagação do vírus e proteger aqueles que eram mais suscetíveis a complicações. Em relação ao mundo exterior e ao medo do outro, alguns entrevistados mencionaram a importância de manter a distância social e evitar aglomerações, mesmo quando as restrições diminuíram. No entanto, houve relatos de percepção de falhas e falta de conformidade por parte de algumas pessoas em relação às medidas de prevenção.

No que respeita às “rotinas do confinamento” a investigação permitiu aferir que as entrevistas realizadas durante a pandemia de Covid-19 ofereceram-nos perspectivas valiosas sobre as rotinas do confinamento e seu impacto nas vidas das pessoas. Os relatos dos participantes revelaram que as rotinas do confinamento variaram de acordo com fatores individuais, como a presença de filhos, responsabilidades profissionais e acesso a

espaços externos. Os entrevistados mencionaram que as suas rotinas diárias foram profundamente afetadas pela pandemia, especialmente devido ao trabalho em regime de teletrabalho. O trabalho remoto proporcionou maior flexibilidade, mas também misturou os limites entre trabalho e vida pessoal, causando desafios para a organização do tempo pessoal e profissional. A restrição de mobilidade também foi um desafio enfrentado por muitos durante o confinamento. Alguns entrevistados mencionaram o medo inicial de sair, mas perceberam a importância de sair para manterem-se mentalmente saudáveis. A busca por novas atividades e a prática de hobbies foram mencionadas como formas de preencher o tempo livre.

A importância da interação social e do cuidado com o bem-estar emocional também foi destacada. Muitos participantes mencionaram a falta de contato pessoal e a dificuldade de manter relações sociais durante o confinamento. Alguns relataram que aproveitaram o período para se dedicar a atividades terapêuticas, como a prática de hobbies e o cuidado consigo mesmos. As experiências compartilhadas pelos participantes enfatizam as implicações sociais e psicológicas das rotinas do confinamento. As preocupações com o futuro, a incerteza e o impacto nas relações familiares foram aspectos importantes mencionados nas entrevistas. Diferentes categorias sociais, como mães solteiras e famílias com crianças (sobretudo as numerosas), enfrentaram desafios específicos durante esse período.

É importante considerar essas experiências para compreender os efeitos da pandemia na vida cotidiana das pessoas. Concluímos que a sociedade deve aprender com essas experiências para enfrentar situações similares no futuro, destacando a importância de abordar as necessidades individuais e coletivas para garantir o bem-estar das pessoas durante períodos de crise. No contexto das entrevistas, mães solteiras enfrentaram desafios adicionais ao lidar com a maternidade e o confinamento sem apoio adicional de familiares ou parceiros. Isso destaca a necessidade de fornecer suporte adequado e recursos para garantir o bem-estar dessas mães e de seus filhos durante períodos de crise. Por outro lado, entrevistados com famílias numerosas também enfrentaram desafios ao conciliar o trabalho e as rotinas das crianças durante o confinamento. A falta da rotina escolar e a necessidade de lidar com todas as necessidades e cuidados das crianças em tempo integral causaram um impacto significativo em suas vidas diárias.

No respeito ao capítulo e à temática “virar-se para dentro / a noite escura do confinamento” o resultado das entrevistas permite-nos dizer de forma unívoca que a

pandemia da Covid-19 trouxe mudanças abruptas e imprevisíveis na vida das pessoas, impactando diretamente as interações sociais, estruturas familiares, trabalho, educação e outros aspectos da vida cotidiana. Essa situação sem precedentes desencadeou uma série de experiências individuais e coletivas, trazendo à tona emoções, reflexões e incertezas sobre o futuro. A sociologia desempenha um papel fundamental na compreensão dessas transformações sociais, dinâmicas de poder e consequências psicossociais resultantes desse fenômeno. As entrevistas revelaram que o confinamento e a incerteza levaram as pessoas a repensarem suas prioridades e tomarem decisões importantes. A incerteza em relação ao futuro, o medo da doença, a solidão e a ansiedade emergiram como temas recorrentes nessas narrativas. Para alguns, a pandemia potencializou as desigualdades sociais, afetando desproporcionalmente aqueles com condições socioeconômicas mais delicadas. As disparidades existentes nas estruturas sociais também foram evidenciadas, como a sobrecarga de trabalho das mulheres e a vulnerabilidade dos grupos marginalizados.

O confinamento e a falta de interações presenciais desafiaram os vínculos sociais existentes, mas também abriram novas possibilidades de conexão através das tecnologias digitais. No entanto, a exclusão digital permaneceu uma preocupação para certos grupos. As entrevistas também mostraram como a pandemia causou um período de reflexão sobre a vida e o futuro, levando as pessoas a se adaptarem a uma nova realidade. A solidão e o isolamento social foram desafios significativos durante o confinamento, afetando negativamente o bem-estar emocional das pessoas. Além disso, a incerteza em relação ao futuro destacou a sensação de falta de controle sobre os eventos e a necessidade de se adaptar constantemente.

A análise sociológica contribui para compreender as implicações sociais e emocionais do confinamento durante a pandemia, sendo que, as experiências individuais e coletivas aqui relatadas podem informar estratégias e políticas públicas futuras, visando apoiar aqueles que enfrentam dificuldades adicionais e fortalecer os laços sociais para melhor lidar com desafios semelhantes no futuro.

No que respeita ao “isolamento profilático e do adoecer” é possível vislumbrar, com base na interpretação e análise sociológica, que a pandemia de Covid-19 trouxe consigo a necessidade de impor restrições e medidas de distanciamento social como forma de conter a propagação do vírus. As entrevistas realizadas para esta investigação proporcionaram uma visão abrangente das experiências vivenciadas durante o isolamento profilático, destacando diferentes aspectos relevantes do processo de auxílio na doença e

os efeitos que essas experiências tiveram no bem-estar das pessoas. A análise das entrevistas revelou, também, a importância da rede de cuidados familiares durante a doença, em que os familiares desempenharam um papel crucial no cuidado e suporte emocional dos doentes. Também ficou evidente o envolvimento com o sistema de saúde, onde alguns doentes tiveram dificuldades de comunicação com os profissionais de saúde devido à carga de trabalho intensa, exemplificando um desafio enfrentado pelos familiares na obtenção de informações sobre o estado de saúde do paciente / doente. Além disso, a experiência da doença provocou uma mudança de comportamento no pai (médico de profissão) num dos entrevistados, que passou a adotar medidas de proteção e cuidado mais rigorosas após enfrentar a doença.

Quanto ao isolamento profilático, os relatos dos entrevistados evidenciaram uma diversidade de reações e comportamentos diante das restrições impostas. Alguns adotaram uma abordagem preventiva, seguindo rigorosamente as medidas de segurança, enquanto outros enfrentaram dificuldades emocionais ao se afastarem de entes queridos e ao abrir mão de momentos importantes em suas vidas. Houve também situações em que o isolamento forçado ocorreu devido a casos positivos entre os contatos dos entrevistados, o que levou ao encerrar de negócios temporariamente e causou preocupação com a continuidade das operações comerciais. As entrevistas também revelaram a confusão e falta de clareza nas diretrizes e recomendações relacionadas ao isolamento profilático, o que gerou incerteza e questionamentos sobre a duração e as medidas necessárias durante o isolamento.

No que concerne ao tema “a pandemia a meu favor” foi possível identificar perspectivas positivas e oportunidades que surgiram durante o confinamento, em contraste com relatos de solidão e dificuldades enfrentadas por outros. O objetivo deste capítulo foi analisar como a pandemia se tornou favorável para determinados entrevistados, explorando suas experiências e reflexões pessoais. As narrativas revelaram que a pandemia provocou mudanças significativas nas rotinas diárias, limitações na mobilidade e redução das interações sociais. No entanto, algumas pessoas conseguiram encontrar benefícios e oportunidades nesse período desafiador. A reflexão e reavaliação da vida foram temas comuns nas entrevistas. A combinação da pandemia com eventos significativos, como uma gravidez, um divórcio, levou muitos entrevistados a repensar suas prioridades, trajetórias de vida e relações sociais. Esse processo de introspecção

demonstra como os eventos extraordinários, como uma pandemia, podem levar as pessoas a repensar suas vidas e encontrar novos significados.

A vulnerabilidade também foi abordada nas narrativas. Alguns entrevistados destacaram o estado de vulnerabilidade derivado da gravidez e a necessidade de dar assistência a uma pessoa dependente. Nesse contexto, ressaltaram a importância dos direitos da criança e como o confinamento proporcionou a oportunidade de cuidar adequadamente da pessoa sob sua responsabilidade. Essa observação levanta questões sobre o papel do Estado em apoiar as pessoas vulneráveis em tempos de crise. A intensificação dos papéis familiares durante o confinamento também foi mencionada. O cuidado de crianças e pessoas dependentes tornou-se a principal ocupação e prioridade para muitos entrevistados, o que destaca a importância de considerar as dinâmicas familiares e o papel dos cuidadores durante situações de crise. Outro ponto relevante foi a conectividade social e a resiliência. Através do uso da tecnologia, muitos entrevistados conseguiram manter contatos sociais e mitigar a solidão durante o isolamento. Essa resiliência em manter conexões emocionais foi fundamental para enfrentar os desafios do confinamento.

Além disso, as narrativas destacaram a busca por oportunidades pessoais e crescimento durante o confinamento. Muitos entrevistados aproveitaram esse período desafiador para realizar formações, ler, dedicar-se a hobbies e simplesmente parar e refletir. Essa busca por crescimento pessoal e autocuidado ilustra a resiliência individual e a capacidade de adaptação diante de circunstâncias adversas.

O capítulo acerca da “Salvação do Confinamento” explorou os efeitos do confinamento durante a pandemia, com ênfase na importância dos aspectos positivos como meios de superar os desafios enfrentados nesse período. As narrativas dos entrevistados revelaram diversas perspectivas sobre como as relações virtuais proporcionaram conforto, normalidade e até mesmo novas oportunidades durante o confinamento. Um dos temas abordados foi a criação de grupos de amigos que seguiram rigorosamente as restrições de distanciamento social, encontrando maneiras criativas de se conectar, como através da música. Essas experiências foram descritas como verdadeiras salvasões do confinamento, pois proporcionaram momentos de normalidade e conexão, mesmo à distância. Além disso, as interações online permitiram a formação de laços mais profundos entre pessoas de diferentes nacionalidades, gerando amizades significativas e um sentido de pertença e apoio em meio ao isolamento físico.

Outro ponto destacado foi a oportunidade para o desenvolvimento de projetos pessoais e hobbies durante o confinamento. Os entrevistados relataram que o tempo livre proporcionado pelo confinamento permitiu que eles se dedicassem a atividades que gostavam, como a abertura de uma editora ou a retomada de projetos musicais inacabados. Essas atividades trouxeram um sentimento de realização e satisfação, mesmo em meio às restrições impostas pela pandemia. Numa perspectiva sociológica, os depoimentos evidenciaram a importância fundamental das relações sociais e do suporte social para o bem-estar individual e coletivo durante o confinamento. As interações digitais e virtuais desempenharam um papel crucial na manutenção da conexão humana, demonstrando a resiliência e a capacidade de adaptação das pessoas em situações de isolamento social e físico.

Contudo, os depoimentos também apontaram para os desafios enfrentados no equilíbrio entre responsabilidades pré-existentes e novas atividades desenvolvidas durante o confinamento. Muitos entrevistados relataram a falta de tempo após o fim do confinamento, o que levanta questões sobre a sustentabilidade dessas interações e projetos em longo prazo.

No que toca “às provas da pandemia” os resultados da nossa investigação permitem-nos perspetivar que a pandemia de Covid-19 trouxe uma série de desafios sem precedentes para a humanidade, impactando profundamente as vidas das pessoas e colocando-as à prova em diferentes aspetos. Inicialmente, a necessidade de adaptação às medidas de restrição e distanciamento social redefiniu a forma como interagimos e nos relacionamos com os outros. Muitos enfrentaram dificuldades ao lidar com a solidão e o isolamento, enquanto outros tiveram que equilibrar o trabalho remoto com as responsabilidades familiares. Além disso, a crise sanitária impactou significativamente a saúde física e mental das pessoas, com o medo constante da contaminação, preocupações com entes queridos vulneráveis e ansiedade relacionada à incerteza económica e profissional se tornando uma realidade cotidiana para muitos.

A pandemia também expôs as desigualdades sociais existentes em nossa sociedade, afetando de maneira desproporcional grupos marginalizados e economicamente desfavorecidos, que enfrentaram dificuldades adicionais, como a falta de acesso a cuidados de saúde adequados e a perda de empregos. Isso serviu como um lembrete doloroso da necessidade de uma resposta mais justa e inclusiva. O trabalho de Martuccelli, "Forge par l'Épreuve", fornece uma estrutura para compreender essas

provações durante a pandemia. Ele analisa oito desafios estruturais principais, relacionados aos domínios institucionais e às dimensões do laço social. Esses desafios abordam provocações e sentidos socioexistenciais pelos quais os indivíduos interpretam suas experiências. As entrevistas dos entrevistados revelaram as suas próprias provas durante a pandemia. Cada história apresentou uma perspectiva única, destacando a resiliência humana diante de um dos períodos mais desafiadores de nossas vidas. A pandemia colocou as pessoas em diferentes provocações e desafios, testando sua resiliência, capacidade de adaptação e saúde mental. Do ponto de vista sociológico, essas experiências individuais refletem as mudanças sociais e estruturais ocorridas durante a pandemia, expondo desigualdades sociais existentes e destacando a importância da resiliência e da capacidade de enfrentamento das pessoas diante de circunstâncias desafiadoras e provocações.

A partir de referencial teórico de Martuccelli (2006) podemos concluir acerca das provas da pandemia covid-19:

Prova 1: A Escola: O contexto de pandemia e o consequente confinamento tiveram um impacto significativo no percurso escolar das crianças e jovens. Com o encerramento físico das escolas, a prova escolar e a seleção social foram afetadas de várias maneiras. Primeiramente, a transição para o ensino remoto trouxe desafios adicionais para os estudantes. A adaptação ao ensino online pode ter sido mais difícil para alguns, resultando em dificuldades de desempenho acadêmico e possíveis sentimentos de fracasso. A falta de acesso adequado a recursos tecnológicos e o ambiente doméstico podem ter contribuído para o surgimento de desigualdades educacionais. Além disso, o prolongamento dos estudos pode ter sido afetado pela interrupção das aulas presenciais. O confinamento pode ter levado alguns alunos a repensarem suas escolhas educacionais e a considerarem outras opções, como adiar os estudos ou buscar alternativas de formação. A confiança institucional na escola também pode ter sido abalada durante esse período. A transição para o ensino a distância e a incerteza sobre o futuro acadêmico podem ter gerado preocupações em relação à qualidade da educação e à eficácia das orientações escolares. O isolamento social também pode ter impactado negativamente a saúde mental dos estudantes, causando frustração, ansiedade e arrependimento em relação ao seu desempenho escolar e às possíveis consequências no futuro. Em resumo, o confinamento em contexto de pandemia pode ter agravado as questões relacionadas à prova escolar, seleção social e confiança institucional na escola. Os desafios enfrentados

pelas crianças e jovens durante esse período exigem uma reflexão sobre as políticas educacionais e o suporte adequado para garantir a continuidade e qualidade do percurso escolar.

Prova 2: O Trabalho: O contexto de pandemia e o consequente confinamento tiveram um impacto significativo no mundo do trabalho, alterando a dinâmica entre virtude e recompensa. Com a implementação de medidas de distanciamento físico, e social e o encerrar temporário de muitas empresas, muitos indivíduos enfrentaram mudanças abruptas nas suas atividades profissionais. Primeiramente, o trabalho remoto tornou-se uma realidade para muitos trabalhadores. Isso significou que a avaliação da virtude profissional não estava mais vinculada apenas à presença física no local de trabalho, mas também à capacidade de adaptação ao ambiente virtual. A eficiência e a produtividade no trabalho remoto tornaram-se critérios importantes de avaliação, afetando a percepção individual de sucesso e realização. Além disso, a pandemia levou a uma crise econômica global, resultando em demissões e redução de salários para muitos trabalhadores. A conexão tradicional entre virtude profissional e recompensa monetária foi abalada, causando insatisfações e inseguranças no mundo do trabalho. O confinamento também proporcionou tempo de reflexão para os indivíduos sobre o significado do trabalho em suas vidas. Muitos trabalhadores reavaliaram suas prioridades e aspirações profissionais, buscando maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Além disso, a crise da pandemia destacou a importância de certas profissões e setores considerados essenciais para a sociedade. Os profissionais da saúde, trabalhadores de supermercados e outros prestadores de serviços essenciais foram reconhecidos por sua virtude e dedicação, apesar das recompensas monetárias muitas vezes não serem adequadas à importância de seu trabalho.

Em resumo, o confinamento e as consequências da pandemia trouxeram desafios e mudanças significativas para o mundo do trabalho, afetando a forma como a virtude é avaliada e recompensada. A reflexão sobre o significado do trabalho e a valorização de determinadas profissões podem ter implicações duradouras na forma como os indivíduos percebem e vivenciam o trabalho no futuro.

Prova 3: A Cidade: O confinamento em contexto de pandemia teve um impacto significativo na relação das pessoas com o espaço e o tempo nas cidades. Com as medidas de distanciamento físico e social e restrições de mobilidade, a dinâmica entre enraizamento e mobilidade foi desafiada de várias formas. Durante o confinamento, muitos indivíduos passaram a experimentar um enraizamento forçado nas suas casas,

limitando seus deslocamentos e interações físicas no espaço urbano. A necessidade de permanecer em casa afetou a conexão emocional com os lugares que afetivamente investiram, levando a uma maior valorização do espaço doméstico como local de refúgio e segurança. Por outro lado, a mobilidade espacial foi restrita devido às restrições de deslocamento e viagens. Muitos tiveram que se adaptar ao trabalho remoto e restringir suas atividades externas, o que impactou a forma como se conectam e interagem com a cidade. Além disso, a pandemia expôs ainda mais as desigualdades urbanas. Enquanto algumas áreas urbanas oferecem maior conforto e acesso a serviços essenciais, outras enfrentam condições precárias e falta de recursos básicos. A segregação e fragmentação da cidade ficaram mais evidentes durante o período de confinamento. Ao mesmo tempo, a crise da pandemia também destacou a importância do envolvimento e integração local. A solidariedade entre vizinhos e comunidades tornou-se uma resposta importante à crise, mostrando a capacidade da cidade em ser um lugar de integração cultural e apoio mútuo.

Assim, o confinamento em contexto de pandemia intensificou e complexificou a dinâmica entre enraizamento e mobilidade nas cidades. Enquanto algumas pessoas experimentaram um maior enraizamento emocional em suas casas e comunidades locais, outras enfrentaram limitações na mobilidade espacial. A cidade como um espaço de conexão e integração cultural também foi testada e reafirmada durante esse período desafiador.

Prova 4: A Família: O confinamento em contexto de pandemia teve um impacto significativo nas relações familiares, amplificando as tensões entre obrigações morais e fidelidades éticas mencionadas anteriormente. Com o confinamento, muitas famílias foram obrigadas a passar mais tempo juntas, o que pode ter intensificado os conflitos e desafios na busca por equilibrar as obrigações morais com as fidelidades familiares. Por um lado, as obrigações de cuidar dos mais velhos e proteger os membros vulneráveis da família foram ampliadas em meio à preocupação com a saúde e segurança de todos. Por outro lado, o confinamento também trouxe à tona questões relacionadas à individualização crescente dos percursos de vida, com cada membro da família enfrentando seus próprios desafios e aspirações pessoais. Isso pode ter gerado tensões adicionais entre as obrigações familiares tradicionais e a busca por autonomia e realização pessoal. Além disso, a convivência intensificada pode ter revelado os desafios no relacionamento dos casais, com a proximidade contínua e a falta de espaço pessoal podendo gerar atritos e conflitos. A relação com os filhos também foi afetada, uma vez que a mudança na rotina e a adaptação à educação em casa criou novas questões e

responsabilidades para os pais, gerando reflexões sobre como equilibrar o cuidado e a educação com as necessidades individuais dos filhos. Nesse contexto, os remorsos e arrependimentos mencionados anteriormente podem ter sido acentuados, já que as circunstâncias excepcionais do confinamento podem ter levado a decisões difíceis e sentimentos de culpa em relação às escolhas feitas para lidar com as exigências familiares.

Em resumo, o confinamento em contexto de pandemia colocou as famílias diante de novos desafios, intensificando as tensões entre obrigações morais e fidelidades éticas. A convivência intensificada e as mudanças na rotina familiar ampliaram as complexidades das relações familiares, gerando reflexões e questões sobre como equilibrar as solicitações familiares com as aspirações individuais em tempos tão desafiadores.

Prova 5: A História: A ideia de como a história é vivida pelos eventos históricos e como as pessoas apropriam-se dela com a sua consciência histórica tem relevância quando se aplica à pandemia de Covid-19. A pandemia é um evento histórico significativo que impactou pessoas em todo o mundo e afetou várias áreas da vida contemporânea. Primeiramente, a atribuição de sentido à pandemia é crucial. As ações dos governos, as medidas de saúde pública, as respostas da sociedade e as decisões políticas foram interpretadas à luz do seu significado histórico e político. As pessoas têm tentado compreender o que esses eventos representam na história e como moldarão o futuro. Além disso, o movimento da história durante a pandemia tem sido notável. Os eventos desenrolaram-se rapidamente, com surtos, *lockdowns*, avanços científicos e mudanças nas políticas de saúde ocorrendo num ritmo acelerado. A capacidade de acompanhar e entender o fluxo dos acontecimentos históricos durante a pandemia tornou-se essencial para os indivíduos e as sociedades. O mundo está passando por transformações constantes devido à pandemia, afetando profundamente a vida das pessoas e a direção que a história está tomando. No entanto, a dificuldade de historicizar a experiência presente também se manifesta durante a pandemia. A hierarquização e organização dos eventos vividos são desafiadoras, especialmente quando os eventos estão em constante evolução. Apesar de reconhecermos de que a pandemia é um evento histórico, pode ser difícil para as pessoas pessoalmente acompanhar e contextualizar plenamente o movimento desses eventos no meio do caos da vida cotidiana. Essa interação entre sentido e movimento na consciência histórica contemporânea é um tema importante para reflexão durante a pandemia de Covid-19 e pode ser objeto de investigação sociológica e histórica futura.

Prova 6: O Coletivo / A Sociedade: O confinamento em contexto de pandemia Covid-19 agravou a relação ambivalente das pessoas com o coletivo. Por um lado, a crise sanitária exigiu a participação coletiva e a cooperação social para conter a propagação do vírus, o que levou muitos indivíduos a envolverem-se em medidas de distanciamento social, uso de máscaras e outras práticas preventivas. Por outro lado, a pandemia também trouxe ao de cima desafios e incertezas que podem ter alimentado o sentimento de desconfiança em relação ao coletivo. As políticas governamentais, as informações contraditórias e a desigualdade na distribuição de recursos contribuíram para o ceticismo em relação às instituições e à capacidade do sistema em lidar efetivamente com a crise. A ambivalência vivida pelos indivíduos durante o confinamento pode ter sido exacerbada pelo impacto emocional e económico da pandemia. O isolamento social, a perda de empregos e a incerteza em relação ao futuro geraram desilusão e frustração em relação às estruturas sociais existentes. Por outro lado, o confinamento também revelou a importância do envolvimento coletivo e da solidariedade, com muitas comunidades mobilizando-se para ajudar os mais vulneráveis e enfrentar a crise de forma colaborativa. Nesse contexto, a relação com o coletivo durante a pandemia tornou-se ainda mais complexa, combinando participação e desconfiança de maneiras contrastantes. As pessoas envolveram-se ativamente em ações coletivas para enfrentar a pandemia, mas ao mesmo tempo podem ter experimentado a desilusão com as respostas institucionais e a falta de eficácia em lidar com os desafios emergentes.

Portanto, o confinamento durante a pandemia Covid-19 reforçou e ampliou a ambivalência vivida pelos indivíduos em relação ao coletivo, colocando em evidência a tensão entre participação e desconfiança, e destacando a complexidade das dinâmicas sociais em tempos de crise.

Prova 7 – A Relação com os Outros: O confinamento em contexto de pandemia intensificou o labirinto da alteridade e as complexidades das relações sociais. A proliferação de relações com desconhecidos pode ter sido reduzida, uma vez que o distanciamento físico e social e as restrições de movimento limitaram os encontros face a face. As interações sociais migraram para o ambiente virtual, o que pode ter trazido novos desafios na maneira como nos relacionamos com os outros. O isolamento social e a incerteza causada pela pandemia podem ter aumentado a ansiedade em relação aos encontros sociais, tornando-os ainda mais problemáticos. A preocupação com a incerteza intensificou-se, uma vez que a situação de pandemia trouxe novas e desconhecidas dinâmicas de interação e comportamento social. Além disso, a reflexividade em relação

à civilidade e às distâncias com os outros transformou-se durante o confinamento. As normas e regras de interação social foram repensadas e reavaliadas à medida que as pessoas se adaptavam a uma nova realidade de distanciamento físico e medidas de segurança. No entanto, é importante notar que o labirinto da alteridade e as dinâmicas sociais durante a pandemia variaram de acordo com as circunstâncias e contextos específicos de cada indivíduo. Algumas pessoas encontraram formas inovadoras de se conectar com os outros, mesmo à distância, enquanto outras sentiram-se ainda mais isoladas e desafiadas na construção de relacionamentos significativos.

Portanto, a relação entre as ideias anteriores sobre a condição moderna e o labirinto da alteridade e o confinamento em contexto de pandemia é complexa e multifacetada, com diversas nuances que podem variar dependendo das experiências e vivências individuais durante esse período desafiador.

Prova 8: A Prova de Si Mesmo: O contexto de confinamento numa pandemia impactou a dinâmica da individuação e a relação consigo mesmo de várias maneiras. Por um lado, o isolamento social e a necessidade de distanciamento físico ampliaram a sensação de estranheza em relação ao mundo e à própria existência. A experiência de estar "fora" e enfrentar distância e intensificou a percepção de uma fase interminável de transição causada pela pandemia. Por outro lado, o confinamento também levou a uma maior reflexão sobre a individualidade. A busca por uma identidade própria e a manifestação da individualidade tornou-se mais proeminente à medida que as pessoas tiveram que enfrentar novos desafios e adaptar-se a uma nova realidade. No entanto, o isolamento social também colocou em evidência a interseção entre as experiências pessoais e os processos coletivos. O confronto com a necessidade de manter a socialização mesmo em meio ao distanciamento físico destacou a importância dos laços sociais e da pertença a grupos e comunidades. Assim, o confinamento em contexto de pandemia desafiou a prova de si mesmo, colocando em foco as tensões entre os desafios existenciais e a busca pela individualidade, ao mesmo tempo em que evidenciou a importância da conexão com os outros e da socialização para a construção da identidade pessoal. Cada indivíduo enfrentou essa situação de maneira única, resultando em diferentes experiências e processos de individuação durante esse período desafiador.

A variação e a declinação das provas: O confinamento em contexto de pandemia Covid-19 trouxe à tona a complexidade das provas individuais e sociais. A variação das provas, suas intensidades, ritmos e sucessões, tornou-se ainda mais evidente durante esse período de desafios e incertezas. A vida social não pode mais ser vista como homogênea,

e o confinamento destacou a importância de entender as diversas experiências individuais e as diferentes formas como as provas são vividas por cada pessoa. O isolamento social e as restrições de mobilidade afetaram a forma como as pessoas se relacionam com seus lugares sociais. O confinamento não permitiu que as provas se difundissem diretamente na vida social como antes, e novos processos opacos surgiram, filtrando e alterando as provas e suas consequências na sociedade. Além disso, o confinamento também ressaltou a importância de uma análise sociológica crítica que questione os pressupostos de uma sociedade homogênea e coerente. A pandemia mostrou que as forças sociais não são onipotentes ou determinísticas, e as formas como as provas se manifestam são influenciadas por diversos fatores contextuais. As provas resultantes desse período complexo de pandemia foram diversas e variadas. Enquanto algumas pessoas enfrentaram provas relacionadas à saúde física e mental, outras tiveram provas econômicas e sociais devido às mudanças no mercado de trabalho e nas dinâmicas sociais. O confinamento também revelou as desigualdades sociais existentes, com algumas pessoas enfrentando provas mais severas do que outras devido à falta de acesso a recursos e serviços essenciais.

Em suma, o confinamento em contexto de pandemia Covid-19 evidenciou a necessidade de entender a diversificação das provas individuais, institucionais e sociais, bem como a importância de uma análise sociológica crítica que considere as diferentes realidades e contextos em que as provas são vividas. Esse período desafiador mostrou que as provas não são estruturas fixas, mas sim momentos dinâmicos que se transformam e se adaptam às circunstâncias em constante mudança.

Os limites desta investigação, apesar dos esforços e do planejamento prévio, são inerentes à finalidade e à complexidade do tema abordado. Uma das principais limitações que merece destaque é a impossibilidade de entrevistar pessoas em situação de sem-abrigo. Esta falta de acesso a um grupo vital de participantes impactou o quadro geral das formas plurais de confinamento analisadas neste estudo.

A ausência dessas vozes resulta em uma lacuna significativa na compreensão das experiências de indivíduos que enfrentaram a pandemia em condições extremamente precárias. O confinamento, que para muitos implicava a busca de segurança e isolamento em espaços privados, assumiu uma dimensão completamente diferente para as pessoas em situação de sem-abrigo, cujo espaço de confinamento era o próprio espaço público. A

falta de mobilidade decorrente das restrições impostas pela pandemia provavelmente teve um impacto profundo nas dinâmicas e nas formas de sobrevivência dessas pessoas.

A exclusão dessas vozes pode distorcer a compreensão completa das implicações sociais do confinamento num contexto tão diversificado. Essa limitação sublinha a importância de reconhecer que, mesmo com um planejamento cuidadoso, a pesquisa sociológica muitas vezes esbarra em barreiras que não podem ser totalmente superadas. Isso ressalta a necessidade de se ter um olhar crítico sobre os resultados obtidos e de interpretá-los dentro do contexto das limitações existentes. Considerando essa limitação, este estudo reconhece que a narrativa construída em torno das formas plurais de confinamento é, necessariamente, parcial e incompleta. A ausência das vozes das pessoas em situação de sem-abrigo destaca uma área de investigação que requer atenção futura e destaca a importância de adotar abordagens mais inclusivas e diversificadas ao explorar temas sociológicos complexos. É crucial que as futuras investigações considerem maneiras de envolver grupos marginalizados e de difícil acesso, garantindo que suas perspectivas também sejam consideradas na construção de uma compreensão mais abrangente e precisa das experiências humanas em contextos de crise e confinamento.

A investigação conduzida neste estudo apresenta uma abordagem qualitativa e exploratória, buscando explorar em profundidade as formas plurais de confinamento em tempos de pandemia. No entanto, é importante reconhecer que essa metodologia tem os seus próprios limites que podem influenciar a extensão e a generalização das conclusões alcançadas. Um dos principais limites é a impossibilidade de abarcar todas as nuances e perspectivas da sociedade em um único estudo. Ao não se pretender parcial a todos os setores da sociedade, a pesquisa inevitavelmente se concentra em um conjunto específico de participantes, contextos e variáveis. Isso pode resultar em uma representação incompleta das experiências e das realidades de grupos que não foram incluídos na amostra. Além disso, a abordagem qualitativa e exploratória pode limitar a generalização das descobertas. A natureza exploratória desse tipo de investigação valoriza a compreensão profunda em detrimento da sua extensividade. Isso significa que as conclusões alcançadas podem não ser facilmente extrapoladas para toda a população ou para outras situações contextuais. No entanto, essas limitações não invalidam o valor do estudo. Ao contrário, elas destacam a importância de uma abordagem mais cuidadosa na interpretação das descobertas e na formulação de conclusões. As informações obtidas podem ser extremamente valiosas para compreender as dinâmicas sociais em um contexto

específico, para identificar padrões emergentes e para explorar as complexidades das experiências humanas. Para mitigar essas limitações, é importante reconhecer o fim e as limitações da investigação desde o início, comunicando de forma transparente a seleção de participantes, os métodos utilizados e os objetivos específicos do estudo. Além disso, os resultados podem servir como ponto de partida para futuras pesquisas que adotem abordagens quantitativas e que busquem confirmar ou ampliar as descobertas em uma amostra mais representativa. Para finalizar, embora a investigação qualitativa não aspire a ser totalmente abrangente ou a permitir generalizações universais, ela oferece insights valiosos e nuances ricas que podem enriquecer a compreensão das formas plurais de confinamento em tempos de pandemia. As limitações inerentes a essa abordagem são uma oportunidade para aprimorar e aprofundar a pesquisa futura, enquanto continuamos a desvendar as complexidades das experiências humanas em contextos desafiadores.

A complexidade dos fenômenos é uma limitação inerente a muitos campos de pesquisa, incluindo a sociologia. Esta complexidade pode criar desafios significativos ao tentar isolar variáveis específicas, entender relações causais e obter uma compreensão completa dos sistemas em estudo. No contexto de sua investigação sobre as formas plurais de confinamento em tempos de pandemia, essa complexidade é especialmente evidente, e daí a opção por incluir na parte teórica problematização conceitual acerca da complexidade. A interconexão entre fatores sociais, econômicos, psicológicos e culturais influenciando as experiências das pessoas durante o confinamento torna difícil separar e analisar cada componente individualmente. Por exemplo, as restrições impostas pelos confinamentos podem ter efeitos diretos nas dinâmicas familiares, nos padrões de trabalho, na saúde mental e em muitos outros aspectos da vida cotidiana. Essa interdependência dificulta a atribuição de efeitos específicos a uma única variável e requer uma abordagem mais holística e sistêmica na análise. Além disso, a própria natureza da pandemia e do confinamento é dinâmica e em constante evolução. As respostas das pessoas, as políticas governamentais e os desdobramentos sociais estão em fluxo contínuo, o que pode dificultar a criação de um quadro estático e completo de compreensão. A complexidade é agravada pela rapidez com que novas informações e desenvolvimentos emergem, desafiando constantemente as perspectivas existentes. Uma maneira de lidar com essa limitação é reconhecer a complexidade como uma característica inerente aos sistemas sociais e abraçar abordagens multidisciplinares e transdisciplinares (que foi tido em conta igualmente). Isso envolve a colaboração entre

diferentes campos de estudo, a combinação de métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos e a adoção de uma mentalidade adaptável que esteja aberta a revisar e refinar as abordagens à medida que novos insights são obtidos.

É importante reconhecer que a complexidade não invalida a pesquisa, mas sim destaca a importância de uma abordagem cuidadosa, humilde e realista ao interpretar os resultados. Ao comunicar os principais resultados, é fundamental ser transparente sobre as limitações da investigação, reconhecendo as áreas onde a complexidade dificulta uma compreensão completa. Essa abordagem ajuda a contextualizar os resultados e a fornecer uma base sólida para pesquisas futuras que busquem explorar e explicar ainda mais os fenômenos complexos e interconectados em estudo.

Uma série de políticas públicas podem ser implementadas no exercício reflexivo acerca do fenômeno pandêmico a partir das conclusões desta investigação para lidar com os desafios sociais que surgiram durante a pandemia. Aqui estão algumas sugestões:

Programas de Resiliência Psicossocial: Desenvolver programas que forneçam suporte psicológico e emocional para indivíduos que enfrentaram mudanças profundas devido à pandemia, ajudando-os a adaptar-se e a encontrar novas oportunidades.

Educação para a Saúde Pública: Implementar campanhas educativas para aumentar a compreensão pública sobre pandemias, seu histórico e os avanços científicos para prevenção e controle. Isso pode contribuir para diminuir a sensação de surpresa em futuras crises.

Fortalecimento dos Sistemas de Saúde e Bem-Estar: Investir na melhoria e expansão dos sistemas de saúde, garantindo que haja recursos adequados para responder a crises de saúde pública e manter os profissionais da linha de frente apoiados.

Rede de Segurança Social Ampliada: Expandir os sistemas de segurança social para fornecer apoio financeiro adequado a trabalhadores precários e de baixos rendimentos durante crises como a pandemia. Isso poderia incluir subsídios de desemprego, ajuda alimentar e assistência habitacional.

Apoio ao Setor Cultural e das Artes: Criar fundos de apoio específicos para profissionais das áreas culturais e artísticas, que foram especialmente impactadas pela pandemia. Isso poderia incluir subsídios para projetos criativos e apoio financeiro em caso de interrupções no trabalho.

Investimento na Saúde e Proteção Social: Reforçar os sistemas de saúde pública e segurança social, de forma a garantir um acesso equitativo a serviços de saúde e a capacidade de resposta a crises, sem negligenciar outras necessidades de saúde.

Programas de Apoio à Saúde Mental: Desenvolver programas de suporte psicológico acessíveis a todos, com enfoque na

prevenção, detecção precoce e tratamento de problemas de saúde mental. Isso poderia incluir linhas telefônicas de ajuda, serviços de aconselhamento e terapias online.

Educação em Saúde Mental: Implementar campanhas educativas para aumentar a consciencialização sobre a importância da saúde mental, desmitificar os problemas associados e incentivar as pessoas a procurarem ajuda quando necessário. **Apoio a**

Grupos Vulneráveis: Criar programas de apoio específicos para grupos mais vulneráveis, como idosos que vivem sozinhos, jovens em situações de isolamento e trabalhadores precários, fornecendo-lhes recursos e acompanhamento adequados.

Programas de Apoio Familiar: Desenvolver programas de apoio familiar que incluam orientação psicológica para lidar com conflitos e adaptações familiares durante a pandemia. Isso pode incluir workshops de comunicação eficaz e resolução de conflitos.

Campanhas de Consciencialização: Implementar campanhas educativas que destaquem a importância do apoio mútuo, comunicação aberta e compreensão nas relações familiares e sociais, incentivando a empatia e a resiliência. **Apoio ao Luto e Práticas Funerárias:**

Criar programas de apoio emocional para aqueles que enfrentaram perdas durante a pandemia, incluindo espaços de partilha e apoio ao luto. Também é importante promover alternativas para despedidas respeitadas em cenários restritivos. **Programas de Apoio**

Psicológico: Desenvolver programas de apoio psicológico direcionados para crianças e jovens, oferecendo serviços de aconselhamento online e presencial para ajudar a lidar com a ansiedade e o stress causados pela pandemia. **Redes de Apoio às Famílias:**

Implementar redes de apoio comunitário para famílias com crianças e jovens a cargo, fornecendo recursos, informação e oportunidades de partilha de experiências para reduzir o isolamento e a sobrecarga emocional. **Apoio à Educação Remota:** Criar programas de apoio à educação de natureza remota, oferecendo recursos online e orientação para pais e cuidadores para garantir um ambiente de aprendizagem adequado em casa – E de apoio à recuperação das aprendizagens perdidas durante o período da pandemia. **Programas de**

Apoio à Adaptação Doméstica: Desenvolver programas que ofereçam orientação prática sobre como adaptar os espaços domésticos para diferentes atividades, como o trabalho remoto, estudo e lazer. **Apoio Tecnológico:** Fornecer acesso a recursos tecnológicos adequados para todos os membros da família, garantindo que possam participar de atividades online, como educação e trabalho. **Programas de Bem-Estar**

Familiar: Implementar programas que ofereçam apoio psicológico e orientação para famílias, ajudando-as a lidar com os desafios da reorganização dos espaços domésticos. **Campanhas de Conscientização sobre as Relações Sociais:** Desenvolver campanhas

que promovam a importância das relações sociais, incentivando a reconstrução de conexões após períodos de isolamento. **Redes de Solidariedade Comunitária:** Incentivar a criação de redes de solidariedade comunitária que facilitem o apoio mútuo e a partilha de recursos entre vizinhos e comunidades. **Coordenação e Preparação Adequada:** Desenvolver planos de preparação e coordenação para crises de saúde pública, garantindo a rapidez para lidar com situações emergenciais de forma eficiente. **Participação Ativa da Sociedade:** Incentivar a participação ativa da sociedade civil na tomada de decisões, permitindo a representação de diferentes perspectivas e aumentando a confiança nas medidas adotadas. **Garantia de Priorização da Saúde Pública:** Estabelecer protocolos que garantam que as decisões políticas sejam baseadas prioritariamente na saúde pública, minimizando a influência de interesses políticos e económicos. **Comunicação Clara e Transparente:** Garantir uma comunicação transparente e clara sobre as razões por trás das restrições, bem como suas implicações, para aumentar a compreensão pública e a adesão voluntária. **Autonomia e Flexibilidade:** Promover a capacidade de os governos adaptarem as normas internacionais para responder às necessidades da população, mantendo a flexibilidade nas ações tomadas. **Divulgação de Dados Científicos:** Disponibilizar informações baseadas em evidências científicas de forma acessível ao público, para que as pessoas possam compreender melhor os fundamentos por trás das medidas políticas e sua importância na contenção do vírus. **Acessibilidade à Informação:** Garantir que as informações relevantes estejam disponíveis em diversos formatos e idiomas, para alcançar todos os grupos da sociedade, incluindo pessoas com deficiência, idosos e minorias linguísticas. **Fortalecimento da Literacia em Saúde:** Investir em programas que promovam a literacia em saúde, capacitando as pessoas a compreenderem melhor as informações médicas e científicas, para tomarem decisões informadas sobre sua saúde e segurança. **Adaptação às Diferentes Realidades:** Desenvolver medidas flexíveis que considerem as diferentes realidades socioeconómicas, permitindo ajustes para garantir que as restrições não tenham impactos desproporcionais em grupos mais vulneráveis. **Educação e Informação:** Investir em campanhas de educação pública que abordem os mitos e desinformação relacionado com os confinamentos, fornecendo informações claras sobre a necessidade e os benefícios das medidas restritivas. **Diálogo Interdisciplinar:** Promover colaboração entre cientistas, médicos, especialistas em saúde pública e sociólogos para informar as políticas de confinamento. A abordagem interdisciplinar pode resultar em estratégias mais abrangentes e eficazes. **Promoção da Confiança nas**

Autoridades de Saúde: Investir em estratégias para aumentar a confiança nas informações fornecidas pelas autoridades de saúde. Isso pode incluir a divulgação transparente de dados e evidências científicas que sustentem as medidas de segurança.

Comunicação Personalizada: Personalizar a comunicação de acordo com os diferentes grupos da sociedade, abordando especificamente as preocupações e medos de cada grupo em relação ao mundo exterior e ao contato social.

Investimento em Investigação: Investir em pesquisas sociológicas contínuas para entender melhor a evolução das perspectivas e atitudes em relação à pandemia e aos medos associados, a fim de adaptar as políticas públicas de acordo.

Campanhas de Sensibilização e Educação: Desenvolver campanhas contínuas de sensibilização e educação para aumentar a compreensão das medidas de segurança, os benefícios de seguir essas medidas e a importância de proteger a si mesmo e aos outros.

Apoio a Mães Solteiras: Desenvolver programas de suporte específicos para mães solteiras, oferecendo assistência com cuidados infantis, recursos educacionais e apoio emocional para enfrentar os desafios do confinamento.

Intervenções nas Rotinas Escolares: Implementar estratégias que auxiliem na adaptação das rotinas escolares para situações de confinamento, como plataformas de ensino online, programas de tutoria virtual e suporte educacional.

Recursos de Apoio à Saúde Mental Infantil: Fornecer acesso facilitado a recursos de apoio à saúde mental infantil, incluindo linhas de ajuda específicas para crianças e adolescentes, atividades terapêuticas e orientações para os pais.

Programas de Saúde Mental Acessíveis: Implementar programas de saúde mental acessíveis a todas as faixas etárias, com ênfase na prevenção e tratamento de problemas emocionais e psicológicos decorrentes do confinamento, incluindo terapias, aconselhamento e grupos de apoio.

Educação para a Saúde Emocional: Integrar a educação sobre saúde emocional e bem-estar nas escolas, universidades e locais de trabalho, visando capacitar as pessoas a compreenderem e gerenciarem suas emoções e a lidarem com situações de estresse.

Programas de Apoio a Familiares e Cuidadores: Criar programas de apoio específicos para familiares e cuidadores de pacientes em isolamento profilático ou adoecidos, oferecendo orientação, recursos emocionais e informações sobre os cuidados necessários.

Acesso à Informação Médica e de Saúde: Garantir um acesso claro e transparente a informações de saúde sobre a Covid-19 e o processo de isolamento, por meio de canais de comunicação confiáveis e compreensíveis.

Fortalecimento das Relações Familiares: Promover campanhas que incentivem a comunicação e o apoio emocional entre membros da família durante o isolamento, considerando que o apoio dos familiares é essencial para o bem-

estar dos doentes. **Protocolos Claros para Isolamento Profilático:** Estabelecer diretrizes claras e bem comunicadas sobre o processo de isolamento profilático, incluindo duração, medidas de segurança e recursos disponíveis para pessoas em isolamento. **Campanhas de Conscientização sobre Isolamento:** Desenvolver campanhas de conscientização que esclareçam a importância do isolamento profilático para conter a disseminação do vírus, enfatizando o papel individual na proteção da comunidade. **Melhoria da Comunicação com Profissionais de Saúde:** Implementar canais de comunicação eficientes entre pacientes e profissionais de saúde, garantindo um acompanhamento adequado e informações sobre o estado de saúde e tratamento. **Promoção da Conexão Intercultural:** Fomentar a interação entre pessoas de diferentes culturas e nacionalidades através de eventos virtuais, workshops e atividades que promovam a compreensão mútua e a diversidade. **Integração das Lições Aprendidas em Políticas Públicas:** Incorporar as lições aprendidas com as experiências positivas das relações virtuais durante a pandemia em políticas públicas futuras, reconhecendo a importância das interações virtuais para o bem-estar social e emocional das pessoas.

Ao concluirmos esta investigação acerca das formas plurais da experiência de confinamento em contexto de pandemia, torna-se imperativo reconhecer que este é um campo em constante evolução. A pandemia lançou as bases para futuras investigações sobre resiliência individual e comunitária, a reconfiguração da esfera pública, os papéis e processos de mudança resultantes das tecnologias de comunicação e as lições aprendidas com os erros e os acertos das estratégias adotadas. Neste sentido, este estudo visa não apenas oferecer uma análise abrangente das formas plurais de confinamento em tempo de pandemia, mas também servir como um ponto de partida para debates construtivos e ações informadas. À medida que avançamos para um futuro ainda incerto, é nossa esperança que as reflexões apresentadas aqui possam contribuir para moldar sociedades mais resilientes, inclusivas e preparadas para enfrentar desafios globais.

No ápice desta investigação sobre as formas plurais de confinamento em tempos de pandemia, é inegável a profundidade das descobertas e a amplitude das implicações sociológicas que emergiram. Neste capítulo de conclusão, sintetizamos os insights obtidos ao longo deste estudo e lançamos um olhar para além das fronteiras do presente, vislumbrando os caminhos que se abrem diante de nós. Ao explorar as múltiplas facetas do confinamento, tornou-se evidente que a pandemia não apenas forçou a reavaliação das

estruturas e dinâmicas sociais existentes, mas também acelerou transformações que já estavam em curso. As formas plurais de confinamento não devem ser vistas como eventos isolados, mas sim como pontos de entrada para discussões mais amplas sobre o papel da sociedade, da tecnologia e da ação dos governos nas vidas individuais e coletivas.

As histórias e experiências partilhadas por indivíduos durante o confinamento revelaram a complexidade das respostas humanas à incerteza e à restrição. A resiliência e a criatividade demonstradas por muitos inspiram-nos a explorar como essas características podem ser cultivadas e aplicadas não apenas em tempos de crise, mas como parte fundamental da construção de sociedades mais adaptáveis e empáticas.

No entanto, enquanto celebramos os aspetos positivos da resiliência humana, também devemos reconhecer as desigualdades e os desafios que a pandemia amplificou. As disparidades de acesso a recursos, informações e oportunidades tornaram-se mais visíveis do que nunca. Essas desigualdades lançam luz sobre a importância de repensar nossos sistemas sociais e económicos de forma a garantir uma maior equidade e justiça.

À medida que avançamos, é essencial considerar como as lições aprendidas durante este período podem ser aplicadas de maneira eficaz e sustentável. A colaboração entre a academia, as instituições governamentais, a sociedade civil e o setor privado desempenharão um papel crucial na conceção de estratégias abrangentes para enfrentar futuras crises e transformar desafios em oportunidades.

Este estudo sobre as formas plurais de confinamento em tempos de pandemia não representa um ponto final, mas sim um convite para uma contínua exploração, análise e ação. À medida que nos afastamos deste capítulo, carregamos connosco a responsabilidade de aplicar as descobertas aqui apresentadas para informar políticas mais informadas, promover mudanças positivas e construir sociedades que sejam verdadeiramente resilientes em face da adversidade.

Em última análise, a jornada de compreender as formas plurais de confinamento em tempo de pandemia é uma reflexão poderosa da nossa interconexão e da necessidade de empatia, colaboração e visão de longo prazo. Que as reflexões e insights contidos neste estudo sirvam como bússola para orientar os nossos esforços na construção de um futuro mais justo, inclusivo e preparado para os desafios que inevitavelmente virão.

BIBLIOGRAFIA

Aboim, S. (2020). *Covid-19 e Desigualdades de género: Uma perspetiva interseccional sobre os efeitos da pandemia*, in Carmo, R. M.; Tavares, I; e Cândido, A.F. (orgs.) *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.

Abric, J. C. (2001). *O estudo experimental das representações sociais*. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 155-171), Rio de Janeiro: UERJ.

Almeida T, Heitor MJ, Santos O, Costa A, Virgolino A, Rasga C (2020), et al. *Saúde mental em tempos de pandemia COVID-19 [SM-COVID19]*, Relatório final, INSA, IP; ISAMB; SPPSM; disponível em <http://hdl.handle.net/10400.18/7245>

Almeida-Filho N. *Modelagem da pandemia Covid-19 como objeto complexo (notas samajianas)*, *Estud. Av. (Online)*, 2020;34(99):97-118. doi: 10.1590/s0103-4014.2020.3499.007

Augé, M. (2006). *Não-Lugares – Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Editora 90º, Lisboa

Bardin, L. (2020). *Análise de Conteúdo*, (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.), Lisboa, Edições 70.

Beck, U. (1992). *Sociedade de Risco: Rumo a uma Outra Modernidade*, São Paulo, Editora 34.

Beck, U. (1999). *Sociedade do Risco Mundial*, Coimbra, Edições 70.

Carmo, R. M.; Tavares, I.; e Cândido, A.F. (orgs.) (2020). *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.

Disponível em: <https://www.observatorio-dasdesigualdades.com/2020/11/29/umolharsociologicosobreacovid19emlivro/>

- Capra, F. (1975). *O Tao da Física*, Lisboa: editorial Presença.
- Capra, F. (1982). *O Ponto de Mutação*, São Paulo, Editora Pensamento, Cultrix Ltd.
- Capra, F. (1996). *A Teia da Vida*, São Paulo, Editora Pensamento, Cultrix Ltd.
- Carvalho, E.C. (2020). *Economia Covid-19: A Catástrofe com Face Humana*, Lisboa, Edições Sílabo.
- Carvalho, J. (2023). *Portugal: From Exception to the Epicentre*. In: Lynggaard, K., Jensen, M.D., Kluth, M. (eds) *Governments' Responses to the Covid-19 Pandemic in Europe*. Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-14145-4_6.
- Chancel, L., Piketty, T., Saez, E., Zucman, G. et al. *World Inequality Report* (2022). World Inequality Lab.
- Christakis, N.A. (2021). *A Flecha de Apolo: O Impacto Profundo e Duradouro da Covid-19 no Nosso Modo de Vida*, Amadora, 20/20 Editora.
- Costa, F. A. (2020). In Carmo, R.; Tavares, I.; e Cândido, A. F. (orgs.) *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-ISCTE.
- Davis, M. (2020) *The Monster Enters: Covid-19, Avian Flu and the Plagues of Capitalism*, New York / London, OR Books.
- Descartes R (1979). *Discurso do método*, Lisboa, Edições 70-
- DGEEC (2016). *Desigualdades Socioeconómicas e Resultados Escolares - 3º Ciclo do Ensino Público Geral*.
- DGEEC (2016). *Desigualdades Socioeconómicas e Resultados Escolares - 2º Ciclo do Ensino Público Geral*.

Dubet, F. (2001). *As desigualdades multiplicadas*. Revista Brasileira de Educação, N° 17, pp. 5-17.

Dubet, F. (2020). “*A crise revela desigualdades que eram invisíveis*”. Entrevista com François Dubet, Revista IHU On-Line. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/598753-a-crise-revela-desigualdades-que-eram-invisiveis-entrevista-com-francois-dubet>.

Durand, D. (1992). *A sistémica*, Lisboa, Dinalivro.

Elias, N. (1970). *Was ist Soziologie?*, München, Juventa. (Publicado em inglês como *What is Sociology?*, Londres, Hutchinson, 1978)

Figueiredo, O. (2006). *Estabelecendo pontes entre o ocidente e o oriente: Um contributo da perspectiva budista na educação para a sustentabilidade*, in *Interações*, Número 3, p. 122-150.

Giddens, A. (1990). *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta.

Hanafi, S. (2020). *Post CoVid Sociology*, ISA Digital Words, Global Sociology and the Coronavirus.

Henri-Lévy, B (2020). *Este Vírus que nos Enloquece*, Lisboa, Guerra e Paz editores.

Jerónimo, H. M. (2006). *A peritagem científica perante o risco e as incertezas*, *Análise Social*, 41(181), 1143–1165. <http://www.jstor.org/stable/41012443>.

Kaufman, J.C. (2013). *A Entrevista Compreensiva: Um Guia para Pesquisa de Campo*, Petrópolis, RJ, Vozes; Maceió, AL: Edufal.

Lahire, B. (2003). *O Homem Plural, As molas da Ação*, Braga, Instituto Piaget.

Lahire, B. (2004). *Retratos sociológicos, Disposições e Variações individuais*, Tradução: Didier Martin, Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, Porto Alegre, Artmed.

- Lahire, B. (2005). *Patrimónios Individuais de Disposições: Para uma sociologia à escala individual*, Revista Sociologia, Problemas e Práticas, n.49.
- Lahire, Bernard. (2002). *Homem plural. Os determinantes da ação*, Petrópolis, Vozes.
- Le Moigne, Jean-Louis (1977). *A Teoria do Sistema Geral: Teoria da Modelização*, Lisboa, Instituto Piaget
- Mauss, M. (1925). *Ensaio sobre a dádiva*, São Paulo, Cosacnaify.
- Martins, J. (2014). *Das políticas às práticas de educação de adultos. Lógicas de ação, sentidos e modos de apropriação localmente produzidos*, Lisboa, Colibri.
- Martins, J. E. & Silva, B. N. (2021). *Escola, Pandemia e Desigualdades: Um Olhar Sociológico*, AICA - Revista de Divulgação Científica, Nº13, Madeira.
- Martuccelli, D. (2006). *Forgé par l'épreuve. L'individu dans la France Contemporaine*, Paris, Armand Colin.
- Martuccelli, D., e Singly, F. de (2012). *Les sociologies de l'individu. Domaines e Approches*, Paris: Armand Colin.
- Martuccelli, Danilo (2021). «A gestão anti-sociológica e tecno-expert da pandemia de Covid-19». Documentos do CEIC, vol. 2021/1, ano pel 246, 1-16.
(<http://dx.doi.org/10.1387/pceic.21916>).
- Mateus Jerónimo, H (2006). *A Peritagem Científica perante o Risco e as Incertezas*. *Análise Social*, vol. XLI (181), 1143-116.
- Maturana, H. & Varela, Francisco J. (1991). *Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living* (Vol. 42), Springer Science & Business Media.

McFarlene, T. (2002). *Einstein and Buddha – The parallel sayings*, California: Ulysses Press.

Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.

Morin, E. (1990). *Introduction à la Pensée Complexe*, ESF, Paris. Em português: *Introdução ao pensamento complexo*, Instituto Piaget, Portugal, 1995.

Morin, E. (1973). *O paradigma perdido: a natureza humana*, Lisboa: Publicações Europa América.

Morin, E. (1991). *Introdução ao pensamento complexo*, Lisboa, Instituto Piaget.

Morin, E. (2002). *Os 7 saberes necessários à educação do futuro*, Lisboa Instituto Piaget.

Morin, E. (2020). *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*, tradução de Ivone C. Benedetti, São Paulo, Bertrand Brasil.

Nicolescu, B. (1996). *La Transdisciplinarité*. Manifeste. Éditions du Rocher.

Nicolescu (2009). Trabalho apresentado em: *Ateliers sur la contradiction Nouvelle force de développement en science et société*, École n.s. des mines Saint-Etienne <http://www.emse.fr/aslc2009> - acesso em 26.05.2009.

Oliveira, C. C. (2007). *Educação: Pesquisa, Complexidade e Contemporaneidade*. Reflexão e Acção, volume 16, nº2: 19-37. UNISC (Brasil). ISSN: 1982-9949.

Oliveira, C.C. (s.d.). *A Importância da Interdisciplinaridade na História da Ciência: O Caso da Cibernética e da Escola de Palo Alto*, Universidade do Minho/Braga obtido digitalmente em @http://simaocc.home.sapo.pt/e-biblioteca/pdf/ebc_clara-oliveira.pdf.

Oliveira, C.C. (1999). *A Educação como Processo Auto – Organizativo – Fundamentos Teóricos para uma Educação Permanente e Comunitária*, Lisboa, Edições Instituto Piaget.

ONU Mulheres (2020). *Women at the core of the fight against Covid-19*, ©OECD 2020.

Ortega y Gasset, J. (1914). *Meditaciones Del Quijote: Meditation Preliminar Meditation Primera*, Madrid, Publicaciones de la residência de los estudantes.

Reis, A.B. e Lima, G. e Nunes, Catela, L. e Freitas, P. e Alves, T. (2020). *Soluções de Ensino à Distância*, Nova School of Business & Economics – Economics of Education Knowledge Center. Disponível em <https://kc-economics-of-education.github.io/ensino-distancia-resultados-maio/>

Rogers, C. (2009). *Tornar-se pessoa*, Coimbra, Almedina.

Rosa, E. (2021). *Desigualdade crescente na repartição da riqueza criada anualmente no país (PIB) entre o trabalho e os donos do capital e grandes desigualdades salariais impostas pelas empresas que agravam a repartição da riqueza*.

<https://www.eugeniorosa.com/shared/docs/2021/03/13-2021-desigualdade-riqueza-salarios.pdf>

Rosnay, J. (1966). *Les Origines de la Vie : De l'Atome à la Cellule*, Collections Microcosme, Éditions du Seuil, (réd. 1977 collection Points/Sciences, Le Seuil).

Rosnay, J. (1975). *Le Macroscopie: Vers une Vision Globale*, Éditions du Seuil.

Rosnay, J. (1988). *L'Aventure du Vivant*, Éditions du Seuil.

Sampaio, D. (2021). *Covid 19. Relato de um Sobrevivente*, Alfragide, Editorial Caminho.

Santos, B.S. (1987). *Um discurso sobre as Ciências*, Porto, Edições Afrontamento.

Santos, B.S. (1989). *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*, Porto, Edições Afrontamento.

Santos, B.S. (2006). *A Gramática do Tempo. Para uma Nova Cultura Política*, Porto, Afrontamento.

Santos, B. S. (2020a). *A Cruel Pedagogia do Vírus*, Coimbra, Edições Almedina.

Santos, B. S. (2020b). *O Futuro Começa Agora – Da Pandemia à Utopia*, Coimbra, Edições Almedina.

Sausurre, F. (1995). *Curso de Linguística Geral*, Trad. António Chelini, José Paulo e Ana Lúcia Franco, São Paulo, Cultrix.

Sontag, S. (2023). *A doença como metáfora; seguido de A sida e as suas metáforas*. (J. Lima, Trad.), 2ª ed. Lisboa, Quetzal (Serpente emplumada).

Stiglitz, J, E. (2018). *O Fim da Desigualdade: Sociedades Desiguais e como as Mudar*, Lisboa, Bertrand Editora.

Strech, P. (2020). *Covid-19: Uma Lição de Esperança no Futuro – Análise Psicossocial da Pandemia*, Lisboa, Manufactura.

World Business Council for Sustainable Development (2020): *The consequences of COVID-19 for the decade ahead Vision 2050* (issue brief)

Zilhão, A. (2013). *Uma proposta Multidisciplinar para o Entendimento da Centralidade Urbana como Facto Social Total*, Sociologia: Revista Da Faculdade De Letras da Universidade do Porto, 25.

Anexo 1 – Entrevista exploratória: Gio Gilmour

Entrevista 1 (bloco1)

Género? Masculino

Idade? 41

Qual a sua escolaridade? Tenho um curso superior em tecnologia musical

Que profissão tem? Analista de dados

É casado, ou solteiro. Tem filhos, e se sim que idade têm e em que estão na escola? Solteiro e sem filhos.

Profissão do pai? Gerente bancário

Situação na profissão? Reformado

Profissão da mãe? Professora

Situação na profissão reformado

Escolaridade do pai? Ensino básico

Escolaridade da mãe? Mestrado

O que pensa da pandemia covid-19? Foi um... grande flagelo para a humanidade. A situação humanitária mais complexa que eu já vivi. Que trouxe muitas mortes, muitos problemas em todas as áreas da sociedade e afetou milhões de pessoas. Efeitos esses que continuam a se sentir em todas as partes da sociedade, e esperemos que como uma sociedade unida possamos sair desta situação brevemente.

Consegues com mais pormenor descrever essas questões da grande crise humanitária e dos grandes problemas com que nos temos deparado como sociedade? Obviamente, em termos de saúde todos conhecemos os números, são milhões de mortes, milhões de infetados, milhões de pessoas que sentiram em

primeira mão esta pandemia, mas é claro, as ramificações em termos sociais, económicos, e outras aflições de saúde, nomeadamente em termos de saúde mental são claramente visíveis na sociedade de hoje, e terão repercussões durante muitos anos que estão para vir.

De que forma viu a sua vida condicionada? Pois... passar pelo meu primeiro confinamento que alguma vez senti na minha vida foi uma situação inédita e assustadora. Foi uma situação que nos tivemos que adaptar, de uma forma inicial muito bruscamente, e depois, como é normal no ser humano, começamos a nos habituar, mas prontos... digamos, o primeiro confinamento e não poder sair... vários produtos a faltarem nos supermercados... foi uma situação aflitiva... e de alguma forma, sim... bastante assustadora.. e dessa forma, sim... o confinamento, o estar confinado, o não poder sair de casa... às vezes nem sabendo muito bem quais são as regras hmm.... afetou-me de uma forma bastante, bastante... forte, especialmente no início da pandemia.

Por exemplo, no teu caso, e sendo um português a viver e a trabalhar em Inglaterra, de que forma sentiste que as mensagens enviadas por parte do poder político e por parte dos poderes de saúde foram, de alguma forma, contraditórias, e muitas vezes tendo em conta o espírito cumpridor inglês? Sim, as mensagens foram muitos dispares, muito contraditórias... imensamente. As regras constantemente a mudarem. Inicialmente, especialmente em Inglaterra o Governo foi bastante blassé... **Permissivo?** Sim... e muito rapidamente essas medidas foram mudadas e a gravidade da situação ficou aparente... especialmente numa altura em que estavam a morrer milhares de pessoas diariamente. Portanto, sim... o Governo fez voltas de 180 graus... muitas vezes, e nesse sentido, sim, foram momentos em que não se percebia exatamente quais as regras, e quais as medidas que se deviam se sentir. No Reino Unido especialmente onde as pessoas são tão cumpridoras da lei, com esta incertidão houve momentos de alguma tensão porque as pessoas não sabendo, umas iam a sítios com uma máscara e eram confrontadas por outras pessoas que não usavam máscara... portanto... houve ali uma data de situações em que existiu confronto talvez por, injustamente, por falta de informação ou por informações contraditórias que estavam a ser passadas pelo Governo...

E? Já agora gostaria de adiantar que, pronto, não é nenhuma afronta talvez ao governo, e que nos momentos iniciais não se sabia muito bem, não existia factos suficientes, e que é compreensível que existisse, nos momentos iniciais da pandemia incertidão e que as mensagens que estavam a ser passadas mudassem rapidamente. **Foi geral, foi geral um pouco por todo o lado.**

Como foi com a sua família mais próxima? Isso está no guião (risos)? **Está.** Eu sou filho de pais divorciados... ahh o meu pai bastante assustado, o que é talvez um traço que eu nunca vi. **Nunca tinhas visto com esta dimensão?** Não... Não. Sim assustado, receoso até pela sua vida, até pela sua idade... pela sua faixa etária mais avançada. A minha mãe um pouco mais jovem, mas com uma postura oposta à do meu pai. Ela defende muito as medicinas alternativas, e nesse sentido sim... e nunca deu demasiada importância ao vírus nem às vacinas que depois se seguiram. **Mas usava máscara?** Ahhh forçada, sim.

E com a tua família mais alargada, mantiveste contacto? Tiveste que dar assistência a algum familiar teu? Não, estando na Inglaterra não. Ahh contacto fortuito por telefone, mas contacto mais próximo com a família mais chegada.

Perdeu rendimentos fruto de confinamento em contexto de pandemia?
Houve uns meses

De abril a agosto, 4 meses, em que a minha empresa sugeriu um sacrifício salarial de 25%, e que eu saiba ninguém se opôs. Acho que a aceitação geral era de que vivíamos uma situação extraordinária, e nesse sentido, as pessoas se colocaram no lado da empresa que tentou zelar pela continuação do negócio, e acho nesse sentido as pessoas aceitaram a situação, e aceitaram o sacrifício salarial, e que com surpresa agora em dezembro e depois de ter tido um ano particularmente bom dadas as circunstâncias, a empresa decidiu pagar esse sacrifício em retroativos durante os 4 meses, de dezembro a março. Tive um sacrifício salarial, mas que está a ser agora reposto pela empresa, não sei se o governo tem alguma mão nisto, mas que eu saiba não.

Tiveste algum colega que foi despedido ou que foi para layoff? Layoff, bastantes. **Ok, uma franja considerável?** Sim, não tanto colegas que eu tivesse contacto direto porque a empresa... a indústria que eu trabalho é uma indústria de construção e a maneira como está montada, é que há a sede central e depois as pessoas no terreno, em cada um dos projetos que a empresa construtora está a trabalhar... e nesse sentido as maior parte das pessoas que foram para layoff foram... **Pessoal do terreno?** pessoas da sede central **ahhh ok** Porque no terreno as coisas continuavam, especialmente o meu projeto que foi marcado pelo Governo como projeto prioritário. Aliás eu fui um trabalhador prioritário. Ou seja, poucas pessoas que eu conheço, que trabalho diretamente, foram afetadas, mas muitas pessoas centralmente foram postas em “layoff”, e meses mais tarde, retomaram normalmente o trabalho, e

agora as coisas agora estão como na altura pré-pandemia. Que eu saiba nalguns serviços foram feitos... **Ajustes?** Não foram.... tipo “third party”. Estás a ver?

Sim, por terceiros, subcontratação por terceiros. Sim, para a ásia, alguns serviços de IT coisas assim. Existiu alguma reformulação na empresa, muitos lay-offs, mas as coisas agora estão num nível pre-pandemia.

Tiveste momentos durante o confinamento momentos de incerteza quando ao futuro? Sim sim, especialmente nessa altura quando se falava quem ia para “layoff” ou que não ia para “layoff” ... nessa altura ninguém podia saber o que o futuro nos reservava, era viver um mês de cada vez ou um dia de cada vez. Sim completamente incerto, perguntar ao nosso chefe se o departamento ia continuar... Sim uma incerteza total. Mas sim, no curso da pandemia e até hoje a minha posição nunca foi... tirando o tal sacrifício salarial, a minha posição continuou exatamente como estava, mas sim, houve muita incerteza.

Viu-se a refletir sobre a sua vida até aí? Tomou alguma decisão crucial de mudança? Como e qual?

Sim, reflexão houve muita. Durante 3 ou 4 meses da pandemia estive a trabalhar em teletrabalho de Portugal para o Reino Unido, foi um período atípico onde passei 4 meses em Portugal, desde que me fui embora há mais de 20 anos. Portanto, claro houve muita reflexão nessa altura, mas depois assim que voltei, assim que voltamos novamente ao local de trabalho, regressar a Inglaterra, desde então as coisas voltaram a ser normais. Mas sim claro, acho que toda a gente neste período refletiu sobre a vida, existem parâmetros que foram completamente ajustados como o número de horas que se passa no emprego, passo menos horas no escritório, faço mais teletrabalho... acho que as pessoas começaram, eu incluído, as pessoas começaram a repensar um pouco sobre a vida, e sobre se todas essas horas passadas no escritório são produtivas e necessárias, e muitas vezes pensei em voltar a Portugal, voltar para junto dos meus... são pensamentos que tive várias vezes e pronto, até ao momento não tive, não agi de nenhuma forma, mas sim, são pensamentos que tive e que poderei perseguir...

Entrevista I (bloco 2)

De que forma sentiste a pandemia como que uma prova? Sim, por exemplo, numa fase inicial, as idas ao supermercado, de que falávamos no início quase sem saber... se podíamos ir, se não podíamos ir. Essa fase inicial foi complicada. Claro, as minhas viagens a Portugal ofereceram grandes desafios com as regras dos testes, e as coisas sempre a mudarem.

Como é que tu viste essa panóplia burocrática de teste, de certificados, de medidas que são um dia X e no outro dia Y? Muito estranho... quase como que houvesse, sei lá, como se existisse empresas a usufruírem desta situação, a tirarem vantagem desta situação. Hoje em dia, se tu fizeses uma pesquisa no google de testes de covid, saíram 300 hits, várias coisas, preços completamente diferentes, muito complicado saber qual é que se pode, quais os que são aceites pelo governo, ou os que não são... houve alturas um pouco complicadas de não saber muito bem o que tinha de fazer. As pessoas a chegarem ao aeroporto com dossiers de papelada, porque é preciso certificado, é preciso o teste do dia de hoje, o teste das 48 horas anteriores... Portanto, muito complicado. Interessante é que depois de viajar umas várias vezes quase que me habituei, e o processo passou a ficar mais fácil. Sim... esse foi outro desafio.... Tava a pensar... hmmm... Noutras alturas desafios sociais... com os amigos... alguns mais permissivos, outros mais restritos... hmmm... **Como é que geriste isso? Entendeste o outro lado? O pessoal mais dito negacionista, ou o pessoal mais permissivo? O pessoal com muito mais cuidado ou por ter problemas de saúde?** Sim, houve todo um espectro disso... Por exemplo, tenho uma amiga que cuidava com o avô e estava-se a isolar bastante. Interessante é que agora que as coisas... há vacinas...hmmm... acho que ela se continuou a isolar desde então... porque continuei sem vê-la. Outros amigos um pouco mais relaxados isto já numa altura diferente... Portanto sim, isso apresentou um desafio. Tentar perceber onde é que as pessoas estão... e sim, desde então, muitas relações não digo que tenham desaparecido, mas foram afetadas, foram afectadas... porque agora que as coisas já estão a voltar ao normal, há pessoas que continuam-se a isolar bastante, e, portanto, isso foi também um desafio, sim, especialmente eu estando numa situação um pouco mais neutra, sempre fui seguidor das regras e das *guidelines*, mas também sempre fui apologista que, pronto, com um nível de cuidado, as pessoas deveriam continuar a viver de alguma forma, e a ter contacto social, com o devido distanciamento, mas muito dos meus amigos não eram apologistas dessa ideia, e houve bastante afastamento. **É como que uma cicatriz que fica, apesar do momento mais crítico já ter passado, parece que alguma coisa permanece no tempo, ou seja, uma consequência de todos os tempos conturbados que passámos, e que fica alguma, não é?** Sim, sim...Sem dúvida. E claro... Quando as pessoas se afastam, afastam. É difícil retomar o contacto anterior... Uma autêntica cicatriz... **Porque também, no meu ponto de vista, houve um afastamento muito radical de todas as sociabilidades. Nós passamos de seres relacionais, para num momento completamente diferente... forçados a cortar todas as relações em termos físicos não é... se bem que depois no digital ou na internet, elas existem mas não são a mesma coisa....** Sim... um

aparte. Já que falas em relações digitais ou virtuais, talvez a salvação do meu confinamento foi um grupo de amigos, que eram bastante cumpridores, vizinhos até, que eu poderia ter tido contacto físico, mas eles sendo cumpridores e eu também, decidimos não o fazer durante um ano, mesmo vivendo muito perto uns dos outros... tocávamos música à distancia, conseguimos arranjar uma maneira de tocar música, e, pronto, tínhamos esses encontros digitais onde nos encontrávamos e bebíamos um copo e tocávamos música.... e para mim essa foi realmente a salvação do confinamento, foi ter esses períodos de normalidade mesmo que à distancia, potenciados pela tecnologia, que salvaram, para mim, o meu confinamento que seria muito mais complicado se não tivesse tido essa experiência. **Muito bom, uma perspetiva muito interessante.**

Como é que ocupavas os teus dias? Ok. Grande parte dos meus dias a trabalhar. Portanto, 8, 9 10 horas diárias, de segunda a sexta. A trabalhar em teletrabalho. Nesse sentido achei bastante positivo continuar a trabalhar, e manter-me ocupado dessa forma, fazia os dias menos cumpridos, não é. Inicialmente, algum medo de sair, especialmente depois do verão quando voltei à Inglaterra, talvez de ter estado em Portugal numa situação, num país um pouco mais relaxado do que Inglaterra, voltei e esforcei-me em dar um passeio, um passeio diário, sair ao fim de semana para dar um passeio... Na primeira fase do confinamento eu fiquei muito tempo em casa, quase... talvez nem me apercebendo da importância que sair à rua... apanhar ar fresco... tentando ser o mais cumpridor possível... mas houve uma altura em que isso “clicou” ...e que me apercebi que era insustentável... continuar a ficar fechado em casa. Tive vários períodos de confinamento também, 14 dias, no início, quando se viajava de Portugal para Inglaterra, 14 dias... depois passou para 11. Fiz 2 ou 3 períodos desses, muito difíceis, eu que sou solteiro e que não tenho alguém que possa ir comprar comida para mim. Acabava por fazer... ahhh nessa altura as compras online nos supermercados estavam esgotadas, era impossível fazer marcação... e acabei por viver um pouco à base daqueles serviços de entregas de scooter, nesses períodos, algum também amigo que ia ao supermercado que ia comprar umas quantas coisas, mas também... igualmente outro período complicado... passar 14 dias fechado em casa... fechado... fechado não no sentido do confinamento...mas muito pior... naquela altura onde se esperava que um inspetor pudesse vir a casa verificar se lá estávamos... que nunca aconteceu... sei que em Portugal isso aconteceu muito, em Inglaterra das 3 vezes que fiz os períodos de quarentena nunca aconteceu... quase em retrospectiva... poderia ter ido apanhar um pouco de ar... e agora sabendo um pouco melhor do vírus... sabemos que isso não poria ninguém em risco de segurança... sair para apanhar ar... mas era na altura essas as medidas... eu passei... estávamos a falar como ocupava os meus dias não é?... Pois... a música é algo muito importante na minha vida, toco

bastante música como “hobbie”, como dizia...até com alguns amigos remotamente. Sim... E o resto, cozinhar... tenho um quintal também... apanhar algum ar lá fora, mas muito complicado.

Como foi a criação dessa nova rotina? Porque é uma rotina completamente diferente... Se tu me estás a dizer que viajaste para Portugal para poderes teletrabalhar... e que tiveste em Portugal confinado em casa para poderes trabalhar... maioritariamente... com um ou outro escape eventualmente.

Sim, bom... em Portugal acho que não quebrei nenhuma lei do confinamento, acho não... não quebrei. Mas em Portugal, achei que na altura que cá estive que foi no verão, mas cá não diria que tive confinado, portanto, estava em teletrabalho em Estoi, na casa da minha mãe, e chegava ao fim de semana e ia ter com um ou 2 amigos e jantávamos... e portanto... Em Portugal as coisas estavam bem... Em Inglaterra tive mesmo confinado... e houve vários níveis de confinamento...havia regras que poderiam ser manobradas... por exemplo... só havia 2 razões para sair... uma, para ir às compras ou duas, para fazer exercício físico. O exercício físico pode ser dar uma volta ao quarteirão, ou pode ser ir dar um passeio.... eu acho que inicialmente não saía do quarteirão... mas depois... pronto. Quando me comecei a aperceber para a minha sanidade mental era importante sair e apanhar ar fresco, e sair daquelas 4 paredes os passeios começaram a ficar maiores, obviamente com todos os cuidados... e acho que não fui o único.... até posso adicionar um facto, os parques naturais em Inglaterra nunca tiveram tantos números de visitantes como tiveram naquela altura, especialmente nos períodos de sol. Agosto, setembro e outubro... cheios de pessoas, havia distanciamento e com segurança. Lugares de eleição, esses passeios que também passaram a ser parte da minha rotina e que foram muito importantes para a saúde mental.

E como foi a tua reação à criação de uma nova rotina? Desta vez inscrita geograficamente no espaço doméstico casa. Nós mudamos a nossa vida, de espaços de escritórios ou ambientes profissionais para um espaço maioritariamente doméstico – casa. Muito complicado, especialmente o espaço profissional. Digamos que em termos sociais, e na fase etária em que estou a entrar, eu já estava a começar a sair um pouco menos, já não ia a discotecas, pronto... sentia falta de um pub, sentia falta de um restaurante... mas essa adaptação foi relativamente rápida... nós somos seres de adaptaaa **Adaptação**... Sim...adaptei-me rápido. Mas a história de trabalhar 5 dias por semana em casa, em teletrabalho foi...foi... ou seja... quase o oposto da adaptação... porque quanto mais tempo passava... pior...mais inadaptado eu estava... mas cansado... mais extenuado... **Porque as barreiras entre o profissional e o doméstico esbatem-se naturalmente, existe uma**

misturas de papeis... Sim.. de quando fazer o quê?... exatamente... **e facilmente esses papeis são travestidos ou modificados, em que uma pessoa não sabe bem quando está a trabalhar. Aposto que deves ter respondido a emails nas tuas alturas de lazer, de estares a ver uma série...** Sim, as barreiras, as fronteiras entre lazer e trabalho, ficaram... ficaram... turvas. **Então isso quer dizer que tu não te adaptaste muito bem, não é?** Ao trabalho profissional em casa, posso dizer que não. Posso dizer que estou contente de ter voltado a trabalhar durante 3 dias no escritório, e 2 dias em casa, e estou muito contente de ter voltado. Sim... muito complicado aquela solidão... uma pessoa está em constante contacto com os colegas mas, pronto... não... aquela falta do contacto físico, o debate de ideias, aquelas conversas, de encontrar alguém e começar um projeto novo...ahh... senti muita falta desse contacto. Talvez o estar em casa 5 dias por semana debaixo das mesmas paredes. Talvez tenha sido o que eu não tenha conseguido ultrapassar.

Consegues descrever algum momento complicado aquando do confinamento? Já percebi que me descreveste vários, mas algum que te tenha marcado. Assustou-me muito, já falei nisso, ir aos supermercados inicialmente, ver eles vazios, não ver carne... os papéis higiénicos já toda a gente conhece (risos)... não ver coisas à venda. Foi muito assustador, foi talvez o momento mais distópico... que eu vivi durante a pandemia... isto está aconteceu... isto é um problema... isto vai mudar as nossas vidas... gostaria de adiantar que sim... na Inglaterra existiam esses momentos... mas.. felizmente todas as vezes com certa brevidade foram repostos as cadeias de redistribuição... foram momentos assustadores...mas rapidamente foram repostos... estou a tentar pensar em outro momento assustador.... sim momentos assustadores... os teus familiares... especialmente num período pré-vacina... e pensar se eles estão bem...pensar o que aconteceria se eles contraíssem o vírus... foram momentos assustadores também...até momentos... sei lá... nunca estive em pânico por poder contrair o vírus... não vou negar... que existiram momentos... especialmente...especialmente não. Exclusivamente no período pré-vacina em que tivesse assustado... sempre pensando que seria suficientemente saudável para combater o vírus e que possivelmente não seria um grande problema... mas tive momentos de algum receio.

Algumas pessoas relataram-me que se sentiram muito sozinhas durante o confinamento... já percebi que tu sentiste um pouco.. é um pouco bater na mesma tecla, mas como foi no teu caso? Eu ainda não falei precisamente muito sobre o meu agregado familiar.. na altura.. agora somos só 2... mas na altura vivamos só 3 amigos... mas nessa altura tive apoio, tive companhia... e isso foi bom. Sim... sim...

eu imagino o que seria viver sozinho no confinamento... isso deve ser muito complicado... e eu não vivi essa situação.

Ou seja, isso leva-me à próxima questão que refere, se tu tiveste algum tipo de suporte social, que neste caso a viver numa casa com várias pessoas ajuda um pouco... tu não estás sozinho numa casa sobre 4 paredes... Sim... lá está. Ou seja, isto não é família imediata mas obviamente... ao fim de alguns anos acabamos por ser família... e existiu e isso é porreiro.

Teve alguma experiência de isolamento profilático, em que alguém da sua esfera de contactos tenha testado positivo, e daí esse isolamento como que forçado. Acabei de ter essa experiência (risos)... testei positivo no dia 25 de dezembro e estive em isolamento num quarto... na casa da minha mãe, durante 8 dias... segundo as novas normas de isolamento. Foi muito complicado... especialmente por ser o meu período de férias... que eu tirei... de vir um pouco para Portugal para desfrutar do sol, de amigos, e de família...também. Mas acabei por estar 8 dias de isolamento sem contacto nem com amigos nem com família... **Estás-me a dizer que passaste o teu dia de natal isolado quando fizeste um planeamento de vir de férias para passar uma altura especial não é?** O Natal... Nesse dia iria passar com a família paterna... um grande almoço que se tornaria um grande jantar.... Como foi a reação dos teus familiares? O meu pai... tinha estado em contacto com ele. Ele assustou-se como é normal. Eu nessa altura não tinha pensado tão à frente. Testei positivo nessa manhã... disse-lhe: já não posso ir. Só tinha pensado nisso... Só depois é que ele me disse: então e eu?... e eu posso ir ao almoço?... só aí é que me bateu...pois... queres ver que este contacto que eu tive com ele vai-lhe estragar o almoço? Felizmente um dos meus primos tinha testes, e testaram o meu pai, e ele deu negativo. E ninguém... nenhuma das pessoas com quem tive contacto deu positivo...não percebi muito bem como aconteceu... mas foi isso.

Diz-se que o novo espaço físico casa tomou num novo sentido, de que forma na tua opinião? Eu investi muito em instrumentos musicais e em refazer o meu estúdio musical...tanto em termos estéticos como em termos equipamento novo... e não só. O meu quarto também... investi tempo e dinheiro em tornar o meu habitat mais... mais... mais acolhedor e divertido... não diria que tenha feito outras alterações suponho que muitas pessoas reformularam a cozinha e a sala... não essas coisas não fiz... mas em termos recreativos e conforto investi muito dinheiro no meu habitat para o tornar mais acolhedor.

Em que situações tu saías à rua, para fazer o quê, e que cuidados tinhas? Já falei com pouco sobre essa situação, mas posso voltar a falar...desenvolver. Inicialmente, assustado. Muito pouco contacto exterior, as compras essenciais, uma volta ao quarteirão e pouco mais... mas.. pouco a pouco, e apercebendo-me que as outras pessoas o estavam a fazer, com todos os cuidados... isso claramente a apontar... comecei a sair... ou seja, as compras normais, mas os meus passeios, pronto... passaram a ser maiores e mais regulares.. e depois houve uma serie de mudanças, numa altura só se podia estar com o agregado familiar, depois a altura das borbulhas... não podias estar com outro agregado familiar.. a alturas das 10 pessoas, das 12 pessoas, das 6 pessoas... dependendo das regras da altura... suponho que... ahhh ok já agora gostaria de acrescentar... isto talvez seja interessante para a tua tese Bruno... No período que estava exclusivamente em teletrabalho em estava muito resguardado e muito assustado... assustado não... afastado para cumprir... isolado... e com receio de contacto com outras pessoas... e no momento que começamos a ir para o trabalho... cada vez menos e menos com esses receios... sabes...quando tu comesças a misturar-te com as pessoas...e a perceber de que afetivamente... e comesças a pronto... eu não sei o que é... mas quando uma pessoa está 5 dias.... 7 dias por semana em casa... sem contacto com ninguém... uma pessoa fica um bicho... não pode... eu tinha receio de contacto com as outras pessoas... já falamos à pouco... de pessoas que lavam as compras... lavam o dinheiro, e numa fase inicial eu estava com receios desses... mas no momento que voltei ao trabalho **Ajudou nesse sentido?** Sim... **Desmistificou nesse sentido, a questão do pânico e com alguma razão...** Sim, já estabelecemos isso... portanto.. Sim o isolamento foi importante, numa altura pré-vacina para combater... e para controlar o número de infeções... quando voltei ao trabalho fiquei mais livre... fiquei com menos medo de voltar a ter contacto com pessoas... quando esse contacto com pessoas passou a ser quase diário.

Isso leva-me um pouco à próxima questão? Tinhas receio de sair à rua e tinhas receio de contactar com as outras pessoas? Consegues descrever essa experiência, o que sentias, os olhares de medo, os olhares de quem podia estar infetado, ou de quem não podia estar...as etiquetas? Sim, toda a gente. Toda a gente sentiu isso acho eu. No período inicial, bastante medo. O gel de mãos, o gel de luvas, muitos cuidados, que eu não diria excessivos... mas um vírus desconhecido, que nós sabemos que pode estar a afetar pessoas vulneráveis não é? Havia o medo... o medo do desconhecido... mas pronto... foi um medo que, pouco a pouco, e lá está. Cada vez o meu contacto com as pessoas foi sendo maior, esse medo foi dissipando... E agora, que me sinto...sinto seguro e confortável... especialmente ainda por cima agora (risos) tendo imunidade natural, os anticorpos... mas o meu receio pelos meus vulneráveis continua a ser, apesar de eu ser menos vulnerável,

continuo a ter uma atenção reforçada sobre os que são menos vulneráveis...não é. Pronto, tento que não domine a minha vida... o estar em constante contacto com os números e as estatísticas... eu sigo com alguma frequência mas...Neste momento existe vacinas, eu tenho os anticorpos... mas.. continuo muito consciente que existem pessoas a morrer, e que tenho de fazer o que está ao meu alcance para que não aconteça nada a essas pessoas.

Anexo 2 – Entrevista exploratória: Joana M

Entrevista 2 (bloco1)

Joana M

Género? Feminino

Idade? 45

Qual a sua escolaridade? Licenciatura

Que profissão tem? Bolseira de gestão e tecnologia.

É casada, solteira, tem filhos, idade e que em ano estão na escola? Solteira, uma filha, 2 anos, em creche.

Profissão do pai? Trabalhava para a PT em prestação de serviços

Situação na profissão? Reformado

Profissão da mãe? Professora primária

Situação na profissão? Reformada

Escolaridade do Pai? Ensino técnico

Escolaridade da mãe? Magistério primário

O que pensa sobre a pandemia covid-19? É uma situação cíclica... houve à uns anos a gripe espanhola. É uma situação que se vai refletir na sociedade, e com as alterações ambientais vão surgir novos desafios para a ciência, para a medicina...

De que forma a pandemia afetou a sua vida? Tanto quanto afetou a vida de toda a gente, acho eu, de uma forma ou de outra afetou...a minha forma de pensar, a minha forma de agir, a minha forma de ver as coisas, pessoalmente não é... a minha perspetiva de vida, reavaliar muitas situações que se calhar... por as coisas noutra perspetiva não é... é completamente subjetivo para estar a descrever...a nível

profissional obviamente teve muitos impactos. Também nos leva a reavaliar e a reajustar novas estratégias de funcionalidade e de atuação... e também ... esta pandemia também tem uma coisa muito interessante... reavivou de alguma forma as questões ambientais...foi uma situação que estava... que se tornou moda... e por se tornar moda... acabou por se tornar um hábito e não uma responsabilidade mas se calhar as pessoas agora começam a olhar para essa nova perspectiva... esse novo modelo com uma visão diferente porque houve... esse estagnar da atividade social mundial teve reflexos muito importantes e muito visíveis... que as pessoas conseguiram vivenciar e espero que se lembrem deles...**Sim muitas vezes o homem pensa que vive separado da natureza, mas não, ele é parte da natureza, e a natureza tem um ascendente sobre ele como é obvio, mas nesta sociedade pensa-se que não, nós dominamos, precisamos de recursos naturais e vamos, destruimos as matas e os oceanos e está tudo interdependente...** Sim, sim... aquela situação dos canais de Veneza em que já não se viam os fundos, e de repente, começa-se a ver novas espécies, e as espécies antigas a voltarem, o impacto da poluição e que a nossa ação tem... e aquilo que os cientistas diziam... as reduções de emissões com impacto mundial e ninguém acreditava... dizia-se era tudo teoria... mas viu-se mesmo... mas existe uma outra coisa interessante... a tecnologia que já era posta à prova, e ainda foi mais posta em prova... e trouxe uma nova perspectiva de comunicação à distancia com fortes impactes também ecológicos... que se calhar agora terão outro peso... **Eu acho que vamos começar a ver o trabalho de forma diferente...** É É... aquilo que eu questionava... para quê tantas conferências, hoje numa Inglaterra, depois amanhã na Noruega, depois tenho de ir pro Chile, e depois tenho de ir gerir não sei o quê para África.. Deus me livre...Aquilo que questionavas, mas depois já não tinhas tempo, que já na altura questionavas, mas não tinhas tempo...para refletir de forma consciente agora é óbvio... é desnecessário... é demasiado... é cansativo.

Como lidou com as restrições que foram decretadas durante a pandemia?
Olha eu já sou uma pessoa tão... isolada. Convivo de forma... não é que não seja social, mas tenho uma tendência para um autoisolamento, ou auto confinamento já natural, mas não desta forma... acho que isto é violento e excessivo. Mas... foi difícil não digo que não... especialmente com uma criança pequenina. Com uma criança tão pequenina é demasiado violento... ainda bem que houve uma redução de tempo de isolamento em casos de possível contacto. Eu cheguei a passar 15 ou... 20 dias fechada com uma criança pequena... é de dar em doidos... **Eu tive experiência idêntica com a minha mulher a teletrabalhar e filho também 20 meses... e foi o caos completo...** Eu quando me vi sozinha a trabalhar, porque tenho de dar respostas, com uma criança pequena, sempre de olho, a tomar conta da casa, com tudo para

pagar, e com o meu pai com problemas graves, e a tomar conta de tudo ao mesmo tempo.

O que pensa dos confinamentos? Nesse contexto tiveram o tratamento e a evolução necessária... sim, não sou da área... tenho de confiar que o sistema está lá para nos proteger e é isso que custa, mas tenho de aceitar para bem da sociedade. É que uma questão de consciência, individual e coletiva.

Como perspectiva as respostas políticas à pandemia? Obviamente existe sempre estratégias políticas e notou-se... aquela questão com a Inglaterra foi obvio... há sempre interesses, jogos de interesses como em tudo... e isso é lamentável... no turismo também. Mas acho que compete à sociedade, uma sociedade mais ativa e mais interventiva que não somos... e que também tem a capacidade de definir essas atuações políticas e essas reações políticas... e que o nosso sistema está cada vez mais minado...

Achas que existiu alguma coisa que não correu bem na gestão política da pandemia? Acho que já foquei isso nas questões anteriores... existe aquelas coisas mais evidentes... não sei se foi uma gestão estratégica... não havia informação... **Não houve preparação.** Nada... Eu quando começou a pandemia a primeira coisa que fiz... eu estava grávida não é... como estava a Rita... ninguém sabia de nada... O que é que a China está a fazer... Eles estão muito mais à frente de nós... Então eles estão a isolar-se... lavam tudo... depois eu vi uma entrevista com portugueses a viver na china... como é que eles estavam a reagir... eles iam às compras todos equipados, chegavam a casa, tiravam tudo... tudo dentro do saco... descalçavam tudo... no banho... lavavam tudo com uma solução de lixívia e vinagre.. e eram essas as medidas que na gravidez eu estava a adotar... toda a gente me dizia que eu era doida... mas a minha mãe dizia-me para fazer o que a consciência te diz... ninguém sabe nada, segui o que havia... ninguém entrava na minha casa... as compras eram poisadas à porta... eu só as recolhia quando a pessoa se ia embora... eu estava grávida... uma gravidez de risco.. então eu ia-me expor... deus me livre...

No teu caso que cuidados é que passaste a ter com a pandemia? Acho que já me respondeste um pouco. Isso foi inicial... com a pandemia acho que foi a questão da entrada em casa e o descalçar os sapatos... Foi um exercício que eu não fazia... mas que passei a fazer... e o lavar as mãos. Tudo aquilo que nós... aí chego a casa... e estou cansada... e logo faço... comecei a fazer imediatamente. São práticas que agora estão mais enraizadas.

E das outras que conhece. Como acha que a pandemia afetou as suas vidas. Consegue-me dar algum exemplo que conhece? As pessoas estão um pouco receosas ainda... E ainda estão a viver a pandemia e, portanto, ainda não sei muito bem... que tipo de comportamentos ainda se vão perpetuar daqui pra frente. Sim, mas as pessoas estão a ter os cuidados mínimos de afastamento e higienização que é suposto terem... Agora se eles estão enraizados como eu... ou não, isso logo se verá... Em termos sociais, obviamente é visível, houve muita redução de contactos...nota-se bastante... e no meio académico onde eu estou nota-se ainda mais... as pessoas tem sempre muito medo... E porque a investigação não é a mesma coisa... acho que a maior parte das pessoas que trabalham em investigação e no meio académico fazem as duas... fazem ensino, investigação, comunicação etc.... mas sendo a investigação a menina dos olhos do pessoal desse meio... eles querem evitar por isso em causa e em risco. É todo um trabalho científico que depois acaba por ser afetado. São quase projetos pessoais não é...

O que é que pensas sobre o uso de máscaras e sobre as vacinas? Eu questionei-me acho que como a maioria das pessoas... sobre o impacto das vacinas... e sobre toda a panaceia à volta disso (risos)... eee... seria mais uma estratégia... (risos)... com todas as conspirações à volta... (risos) e que são inevitáveis... na verdade nunca se sabe.. mas o que seja para acontecer vai acontecer de qualquer forma... já te deve ter acontecido estar com um amigo no café a falar sobre mp3... e de repente no teu telemóvel aparece uma publicidade ao mp3... (risos). Está tudo dito... (risos)... a Worten está com uns mp3... olha que coincidência... (risos)...

De que forma sentiu que a pandemia a colocou como que nunca prova? Eu poderia dar-te mil e um exemplos de vida pessoal das minhas provas de pandemia... das minhas provas de coragem... de resistência... de resiliência... e de capacidade de recuperação a vários desafios durante a pandemia... **Dá-me um exemplo?** A minha gravidez... a maior de todas... o distanciamento familiar... os meus pais estão em Coimbra e eu estou aqui... **Sem grande suporte social não é?** Com suporte nenhum em termos sociais... **Ou seja, tu viveste a tua gravidez completamente isolada e um pouco sozinha não é?** Completamente...a minha gravidez foi em Lisboa mas tinha apoio de amigos... porque estava a completar a minha bolsa... e depois o pós-nascimento foi todo aqui.. desde que a Ana nasceu praticamente... com 3 meses viemos para cá... a partir do momento que me senti capaz de fazer a mudança...porque antes disso eu estava incapaz de fazer toda essa logística não é... pessoal e socialmente porque era um risco... **Mandaram-te parar alguma vez.. a polícia?** Não... não me mandaram parar nenhuma vez... mas sim, foi um grande desafio... um risco... outro desafio grande: fazer a mudança de casa em plena

pandemia com um bebé e sozinha... quer dizer... a casa estava praticamente vazia... tinha muita coisa, mas não estava montada... **Sim, como é que foi?** Opa... sei lá... **Havia os períodos de amamentação, depois a Ana dormia, exato... (risos). e depois lá ias tu arrumar as coisas com cuidado para não fazer barulho...** Sim... (risos)... Foi horrível. Montar sofás... porque estavam desmontados... montar móveis... porque estavam desmontados... instalar tudo... eu acho que só acabei passado 1 ano.... (risos) eu acho que este verão ainda estava a montar coisas.... **Então consideras esta pandemia como uma provação, como uma prova...** Sim, em tudo... mesmo na gestão de recursos... nos cuidados e na responsabilidade sobre os recursos... e com a alimentação. Que eu já tinha, mas cada vez mais responsável... e preocupada com o não desperdício, com a reutilização, com a recuperação... a reciclagem... mas antes de ir para reciclagem já existe um processo de reutilização muito grande. Eu já era cuidadosa, mas tenho a impressão que tornei mais ainda... se é que isso é possível. Olha um dos cuidados que sempre tive... e as pessoas sempre me criticaram... eu tenho uma bacia de lavar as mãos... e essa água quando eu faço um chichi aproveito-a... **Existe uma questão económica... mas também ecológica.** Sobretudo ecológica... de consciência ecológica.

De que forma viste a tua vida condicionada? Não sei se vou dizer alguma coisa fora... não vai ser muito diferente daquilo que os outros se condicionaram... um abraço... um beijo... um carinho... um colo... eu acho... aquilo que caracteriza o português... e eu já viajei muito pelo mundo... o português é um ser muito dado ao toque... mais do que qualquer outro ser... não conheço o mundo, mas conheço algumas sociedades... sei lá... **Sim, o toque é fundamental. Não é à toa.. que quando os bebés nascem, ele é colocado em cima da mãe para estimular o toque, o contacto e a primeira interação com a mãe... e no caso dos portugueses essas interações são mantidas de forma cultural de forma muito mais marcada do que... num americano existe como que uma distancia de segurança aceite culturalmente...** Não estou a dizer que é errado ou certo... Vivemos num sistema policiado... nós quase que nos auto-policiamos.

E como foi com sua família mais próxima? Uma comunicação muito intensa via telefone, via chats, via Skype... o vermo-nos também... porque só o falar... e todo aquele suporte familiar que fica tão distante... o não conseguirmos alcançar fisicamente a pessoa parece que o suporte familiar se vai... parece que está no outro lado do mundo... ainda mais sendo um país tão pequeno. Acho que foi muito pesado para eles também, para os mais velhos... para o meu pai foi muito pesado, ele foi completamente abaixo... completamente fora da caixa.

E como foi com a família mais alargada? Manteve contacto? Tiveste que dar assistência a algum familiar? Sim, ao meu pai e à minha mãe..., mas mais ao meu pai... mesmo com todos os meus “handycaps”... ainda consegui prestar alguma assistência.

E como foi essa gestão? Uma teleassistência?... foi muito complexa... foi uma teleassistência mas também o esforço para estar presencialmente... estamos a falar de cerca de 600 quilómetros.. não é... daqui a Coimbra... fazer isto com uma criança é... **Quantas vezes te deslocaste até lá...** Ainda umas 4 vezes ou mais... **E como fazias? Quando tinhas dar mama à Ana, ou na viagem o parar várias vezes....** Algumas viagens... eu daqui até Coimbra... cheguei a demorar 9 horas... 7 horas e tal... 8 horas.. 9 horas... e vice-versa... o parar, a Ana tem de esticar as pernas, tem de mamar, tem de comer... eu também sou gente...(risos)... e parar também um pouco para respirar.

Perdeste rendimentos fruto do confinamento? A bolsa não foi afetada por esta pandemia. E a minha obviamente também não. Houve perda de contacto e de interações mais próximas... nem foi isso... foi perda de uma interação mais presencial... está-me a faltar as palavras... **Mais face to face?** Isso mesmo, face to face... parece que criou-se um distanciamento com alguém, com pessoas e colegas de trabalho que já havia uma dinâmica muito pessoal e uma relação muito mais ágil... parece que o afastamento se instalou mais... **É incrível isso porque eu que tive um entrevistado que me disse exatamente a mesma coisa. Ele tinha muitos amigos, e houve muitos amigos que simplesmente desapareceram... ou no contacto as relações ficaram mais frias ...** Sim, mais distantes... o distanciamento físico e o interpessoal... as pessoas tornaram-se mais desconfiadas... aí.. aquela tosse, então está infetado...(risos) é inevitável!

Tiveste momentos de incerteza quanto ao futuro? Sim, tive muitos. Se isso já era uma situação acho que bastante plausível quando se está grávida. Será que vou conseguir chegar ao fim da gravidez? O que é que vai acontecer depois da minha filha nascer? O parto vai correr bem? **E é um momento também de grande vulnerabilidade para a mulher não é?** Muito vulnerável, muito exposta. Se já isso era uma presença, com a covid acentuou muito mais, não haja dúvida... tu questionas diariamente. Uma pessoa também está focada no covid... e esquece-se que existe mil e uma situações a acontecer todos os dias... e que uma pessoa está a negligenciar...

Viste-te a refletir sobre a tua vida até aqui...tomaste alguma decisão crucial de mudança. Como e qual? Olha tomei tantas decisões cruciais... olha tinha um projeto.. no âmbito da pandemia não é? As coisas que não andaram para a frente também não andariam... Quer dizer... não de forma direta... Se me disseres que

a minha integração na função pública está dependente de uma assinatura de um documento que está na gaveta do ministro das finanças. E que está a protelar essa assinatura à um ano e meio quando esse regulamento diz que ele tem 5 dias uteis para assiná-lo. Não é por aí... Não é... não é plausível... não é justificação... por isso acho que a minha vida não tenha sido afetada pelo covid... as minhas decisões e os meus planos pessoais tenham sido afetados pelo causa covid... foi afetado, sim, pela minha gravidez... Isso sim, teve uma grande influência aí... Quer dizer... espera aí... Agora refletindo melhor... até foram... até foram (risos)... porque pensando bem... eu antes do covid... antes da gravidez... antes do covid existir... não tinha, não tinha... vivencia... não... e daí não foram. Olha volta atrás e apaga esta parte... O covid não influenciou...

Mas viste a refletir sobre a tua vida até aqui? Com esta pandemia tiveste momento que reflexão sobre o teria sido a tua vida até aqui. Eu acho que teria de qualquer maneira... **A gravidez também ajuda muito.** Sim, sim acho que aqui o fator de... de... **Só que depois poderia ser um efeito 2 em 1. Uma pandemia que te forçou a um confinamento forçado e um estado de vulnerabilidade derivado da gravidez.** Sim, sim, sim. Na verdade o confinamento... a pandemia até jogou a meu favor vamos ver assim... de outra forma eu estaria por motivos laborais em Lisboa, 24 sobre 24 horas não é... devido às minhas funções. Mas o facto de eu não residir em Lisboa, de não ter residência fixa aí... a minha residência era aqui (Tavira) e... ter uma menor a meu cargo.. a pandemia jogou a meu favor... obrigou a refugiar num local onde eu conseguia dar assistência a uma pessoa que estava dependente de mim, e aí o Estado tem que... aceitar.. quem prevalece... e os direitos da Criança.

Como foi a experiência do confinamento... já respondeste.

O trabalho foi afetado pela pandemia... Acho que já respondi...

Como é que tu ocupavas os teus dias? (risos) Eu estou-me a rir porque deves imaginar... **Imagino, mas não quero estar do teu lado...** (risos) Acho que ainda não encontrei um buraco livre... por isso... eu gostaria de dizer assim... eu gostaria de ocupar os meus tempos livres... mas não tive tempos livres (risos)...portanto, as minhas rotinas diárias de trocar fraldas, fazer comidas, responder a trabalho, questões familiares, limpar casa, fazer pagamentos de despesas, gestão logística da habitação, roupas, passar a ferro... já percebi que foi caótico... (risos) gestão dos brinquedos, de roupas (risos)...

Existia rotinas diárias? Se sim, qual. As rotinas diárias da Ana. Basicamente as rotinas diárias da Ana. Que é, das 6 da manhã até às 8 e tal, 9 da noite. 6 manhã quando era acordada... 6 e pouco... As vezes eu acordava um bocadinho antes, era quando eu conseguia realmente trabalhar de forma mais concentrada no trabalho, às 5 e meia da manhã com a cabecinha fresca... Até às 6 e meia faço qualquer coisa...

Entrevista 2 (bloco 2)

E como foi a criação de uma nova rotina desta forma associada ao espaço doméstico-casa? Foi ótimo. Sim, porque a rotina que eu tinha não era uma rotina... eu estava deslocada geograficamente. Era muito difícil estabelecer rotinas num espaço geográfico que eu sabia que era temporário... e tudo era um pouco volátil. E o próprio confinamento tornava as coisas um pouco mais indecisas e indefinidas... e também na minha recuperação também definia também as estratégias do próximo dia ou do próximo momento... e vir para aqui, sentir que poderia estabelecer-me a longo prazo ou pelo menos a médio prazo obviamente que em termos psicológicos já começa a influenciar no estabelecimento das rotinas... e nesse aspeto em termos práticos a creche para a Ana ajudou muito a organizar o quotidiano... não tenho dúvidas nenhuma que foi o meu único apoio... quer dizer, não desprezar os outros apoios que eu tive... da Rafaela, e pontuais... e das outras pessoas... e que são pérolas... na situação em que eu estou são pérolas... mas realmente o meu apoio fundamental foi a creche... e o meu estabelecimento das rotinas, e de um padrão de estabilização do quotidiano foi a creche... o apoio da creche.

E como é que tu te adaptaste.. Bem? Adaptei-me otimamente bem.. sim... Quer dizer o que é que tu queres dizer? **Se te adaptaste bem a essa nova rotina? Antes em espaço mais aberto... depois para um espaço mais caseiro?** Numa época de confinamento é sempre um pouco subjetivo o adaptar bem...eu ainda não tenho muita perceção, ainda... agora é que começo a ter a perceção do espaço... apesar de aqui ser um espaço pequeno... eu não saía. Apesar de eu ser um bichinho do mato... já de mim... a carga laboral diária de tarefas e rotinas... não me permitia ter uma vida social...impensável...eu não consigo... eu não consigo aguentar... estruturalmente e fisicamente... adaptei-me bem às condições atuais... sendo que o confinamento de alguma forma auxiliou... sabendo que estava confinada... e sendo ele obrigatório... psicologicamente serviu como uma muleta também.. ou seja, para os outros... e não deixa de ser para mim também... momentos de stress, de tensão, de desorganização e de desalento... para mim também teve outra versão... teve um outro lado da moeda... o suporte de que é obrigatório eu não sair... independentemente de eu ter podido ou não... já estava ali a minha baliza... que também me ajudou psicologicamente a

aguentar a estafeta de ser mãe solteira... sem apoio adicional.. familiar nem nada... há aqui duas versões...

Consegues-me descrever algum momento complicado aquando do confinamento? Sim, muitos... de maior tensão... o meu trabalho é muito exigente, as minhas chefias também são bastantes exigentes... e eu também sou bastante muito exigente comigo. Isso também não ajuda... existe um conjunto de tensão que eu também alimento... e que acaba por interferir na minha vida pessoal e com a minha filha. Houve muitos momentos de tensão... em que... eu não conseguia... tive muita dificuldade em articular tudo... Foi impossível não afetar a minha relação com a Ana... e isso sente-se... e depois tem repercussões a curto e médio prazo... a fragilidade... a exposição a uma maior fragilidade... da minha parte... porque as crianças adaptam-se e exploram muito bem os seus campos de interesse... houve momentos de bastante exposição e que depois dão origem a desencontros... e necessidades de reajuste e de rearticulação adicional que já era de si normal... é pesado, sim... e requer muito suporte... eventualmente suporte psicológico... eu também tive de recorrer a suporte psicológico e não tenho nenhuma vergonha em admitir isso... e... só me orgulho disso. **Uma parte importante das consequências desta pandemia são exatamente as questões de saúde mental... e fortes são os que recorrem...**e fortes são os que... Sim sim... **porque existe muito o mito associado à saúde mental como algo de fraqueza... quando é exatamente o contrário... quando tens um problema de saúde física vais ao médico e ponto final.. e com a saúde mental deveria exatamente ser a mesma coisa... infelizmente não é....** aliás muitos problemas de saúde física advém de problemáticas de saúde mental... **A psicossomática...** sim a psicossomática... **exatamente...** e muitas vezes estes tratamentos preventivos... e para meu espanto o centro de saúde de Tavira tem psicólogo... são muito poucos os centros de saúde que tem consultas de psicologia...

Algumas pessoas relataram-me que se sentiram muito sozinhas durante o confinamento, como foi no teu caso? Duplamente, intensamente sozinha... não tenhamos dúvidas... que a solidão não só pelo confinamento e pela necessidade de ter uma validação também nas opções que faço com a educação da Ana. Aliás, diz-se... e os ditados populares são muito verdade: É preciso uma aldeia inteira para criar uma criança... e uma única pessoa não cria uma criança... e é contraproducente.. e é extremamente agressivo para a criança e para a pessoa que está responsável... Essa necessidade de apoio e de validação e de recorrer a uma segunda opinião... ou pelo menos saber se a tua decisão... ainda a semana passada me aconteceu isso... olha ainda agora... que atitude, que postura devo eu tomar... Não quer dizer que uma relação a 2 vá ajudar... não quer dizer que o parceiro fosse ter uma interferência melhor, não quer

dizer que isso acontecesse... **Acho que a metáfora ajusta perfeitamente...** Sim, encaixa perfeitamente, sim, sim...

Tiveste algum tipo de suporte social? Creche... basicamente.

Tiveste alguma experiência de isolamento profilático. Em que alguém da esfera de contactos tenha testado positivo e daí esse isolamento como que forçado. Sim, duas vezes... **Que incluiu a Ana não?** Foi a Ana... quem estava em isolamento era a Ana... eu... por ironia... poderia sair. E perguntavam-me: e porque não saís? (risos) **Aconteceu-me a mesma coisa (risos)**

A primeira vez tive 18, 19 dias... com um engano no delegado de saúde com a contagem... E a segunda foi agora, passei o natal e a passagem de ano em casa. Fechadas as duas. Nesse dia estava a por as coisas no carro para sair... Quando eu recebo o telefonema da escola... que tinha de estar em isolamento porque houve um contacto... não tinha nada em casa, tinha passado 15 dias fora.. Fui comprar fruta e legumes e ovos... porque eu tinha meia hora para apanhar a Ana... e tirar algumas coisas mais urgentes do carro... cheguei a casa.. arrumar.. e ir buscar a Ana.. esperar... e ir reajustando diariamente até a confirmação de que o confinamento era obrigatório... Foi pesado! Esses 14 dias muito pesados!!

Diz-se que o espaço doméstico - casa tomou um novo sentido, de que forma na tua opinião? (risos) O meu espaço doméstico foi construído desde o início (risos)... para mim fez todo o sentido 1 ano a construir casa não é.... basicamente levei 1 ano a construir o meu espaço... **para agora...** Para agora abandonar... depois de ter estar instalado abandonar... é irónico e engraçado a vida dá voltas...

Em que situações saias à rua, e para fazer o quê? Uma coisa são os cuidados que tens quando tens uma criança que está sobre a tua alçada... e às vezes quando estamos libertos... como agora... oh pá vamos... houve dias... e não era sempre...houve momentos que largava a Ana... e dizia para mim: eu não aguento... estar agora 6 horas, ou 7 horas a trabalhar e não ter tempo para um café e um sol antes de me enclausurar... porque eu chegava a não almoçar, ou comia uma sandes em frente ao computador... e trabalhar em casa... O teletrabalho é subjetivo... é uma escravidão... incrível. Nós não criamos apenas a desconfiança em relação ao vizinho no que respeita ao vírus... criamos a desconfiança em relação aos colegas quanto à quantidade de trabalho... e ao que se desenvolve no trabalho... criou-se uma concorrência laboral desenfreada... e isso liga àquele tema do maior afastamento dos colegas...

Sentias receio quando saias à rua e tinhas de contactar com as outras pessoas? Consegues descrever o que é que sentias? Eu nunca tive problema em... tomar as minhas posições de... por a máscara... não conheço ponho a máscara...independentemente de conhecer ou não... não me sentia estigmatizada em relação a isso... sei que existiam que eram sensíveis à minha postura. Cada um absorve a sua responsabilidade pessoal e social como quer... isto é um pouco livre de escolha... e as minhas tomadas de... colmatando a pergunta anterior... quando não estava com a Ana... se calhar relaxava um pouco mais... precisava daquele momento de relaxe... se calhar tirava a máscara para apanhar um pouco de sol... à mesa da esplanada não deixava de estar atenta mas se calhar um pouco mais relaxada do que o normal... se bem que quando estás a tomar conta de uma criança o nível de atenção também é um pouco subjetivo sobre o que te rodeia. Não tenho consciência se era mais cuidadosa sozinha ou se com a Ana... Eu tenho a perceção de que muita coisa falhava. Não faziam parte da nossa rotina... de certeza... muitas regras de segurança básicas falhavam...

Anexo 3 – Entrevista Exploratória: Frei Loki

Entrevista Frei Loki

Idade? 39

Género? Masculino

Qual a sua escolaridade? 12º ano

Que profissão tem? Sou produtor musical e técnico de som.

É casado, solteiro. Tem filhos? Solteiro e sem filhos...

Mas é junto? Tem uma relação? Sou solteiro, mas tenho uma companheira à 19, quase 20 anos. O qual não moro junto, embora tenhamos planos para morar.

Qual a profissão do pai? O meu pai é médico.

Situação na profissão do pai? Ainda trabalha, mesmo em final de carreira, mas ainda trabalha...

Profissão da mãe? Professora.

Situação na profissão? Também, empregada mas à beira da reforma.

Escolaridade do pai? O meu pai tem um curso superior e uma pós-graduação.

Escolaridade da mãe? A minha mãe é doutorada.

O que pensa da pandemia covid-19? Eias... Penso muitas coisas! Tem muitos quadrantes distintos... (risos) é um vírus que não sei a origem e que perturbou a humanidade do planeta todo. Isso é mais ou menos um dado adquirido. Pois, penso também que este pequeno acontecimento biológico revolucionou o nosso universo social, e aí o que penso da pandemia é algo que já não cabe nesta entrevista....

Mas queres precisar um pouco? ... (risos) posso precisar... epá foi algo que abalou por completo o nosso tecido social, quer da perspectiva do trabalho de muitos de nós,

quer da nossa própria segurança social em que fazer uma catrefada de coisas que era banalíssima para nós, como dar 2 beijinhos a cada conhecido que encontrávamos, que era normal para nós, deixou de ser... espero que durante um período... isto parece ser das coisas mais superficiais, mas é um bom indicador do quanto o medo nos impediu socialmente de fazer coisas que eram banalíssimas para nós... e eu não sou nada negacionista... eu não acho que este medo não fosse um medo de algo factual, medo de um perigo real... mas a forma como encarámos isto revelou que não estávamos preparados, e tomámos uma data de medidas atabalhoadas... em que isso via-se pelos nossos representantes do estado, e dos serviços médicos onde hoje diziam uma coisa e amanhã já diziam outra... e na semana seguinte já nada era verdade...

Do ponto de vista social próximo de mim, percebi que era um medo real porque tive familiares doentes em outubro de.... 2020... o meu pai adoeceu com covid-19 e foi logo no início, antes da primeira vaga de vacinação. Ele ficou em casa, depois de ter contactado com o SNS, ficou em casa... na mesma casa onde eu moro, ficou em isolamento na sala, eu tratava... de limpar as casas de banho, de lhe servir comida, de tratar das coisas todas. E ele teve em casa durante 8 ou 9 dias... Nos últimos 3 ou 4 dias a situação começou a piorar. Ele desenvolveu uma Pneumonia Viral. Teve que ser internado... teve com algum suporte de oxigénio, apesar de não ser um ventilador, nem um daqueles muito intrusivos, mas teve com uma máscara de alto fluxo de oxigénio durante uns dias. Eu tive sem o conseguir contactar enquanto ele estava nessa circunstância portanto, passei por aquele nervoso miudinho que se viu muito nos media na altura, dos familiares a tentarem contactar com os internados, e a única pessoa com que tu consegues falar é a enfermeira do bloco, que não tem tempo para nada naquele momento, e portanto te diz: ele está vivo, os sinais vitais são assim... e pronto, acabou-se a conversa porque ela tem de passar ao seguinte... e eu não a culpo de nada, muito obrigado pelas poucas informações que ela me conseguiu dar no meio daquela correria toda que deveria de ser um dia de trabalho dela naquele período...

Exatamente... Portanto... a pergunta sobre o que pensa da pandemia... (risos) Penso muitas coisas, em muitos contextos distintos... porque nos afetou a nossa vida das mais variadas formas... dá para nos debruçar sobre muitas coisas trazidas pela pandemia... a nível pessoal baralhou-me a vida toda.... Também eu antes desse período estava a trabalhar como técnico de som de espetáculos ao vivo que, pura e simplesmente deixaram de acontecer! Com alguma sorte na minha vida, estas minhas competências ao nível do áudio que eu fui reunido ao longo da vida, servem para mais coisas, e tive uma sorte gigantesca, quando depois de 3 semanas de tudo ter parado na altura, fui convidado para produzir uma banda sonora para um filme que estava a ser rodado nessa altura. Isso depois também deu bronca mais pra frente, porque as rodagens tiveram de parar e tal... devido à pandemia. Depois surgiu uma companhia

de teatro à qual eu comecei a fazer sonoplastia e a produção de uma peça, e isso safou-me durante o momento em que não havia espetáculos ao vivo. Mais um lado acerca do que é que eu acho que penso sobre pandemia...

Como é que a pandemia afetou a sua vida? A minha vida mais próxima foi nesse sentido.... Foi o trabalho que andava a fazer nos últimos anos... deixei de poder fazer... como técnico de som ao vivo. Felizmente consegui-me safar ainda na área da produção musical com as minhas competências. Afetou-me a nível pessoal porque vi o meu pai muito doente, e isso abalou-me muito emocionalmente. Incutiu-me também o medo, que foi incutido a toda a gente, eu também me afastei das pessoas, eu deixei de visitar os meus amigos mais velhos, eu tive sem visitar a minha mãe durante algum tempo, e eu ia a casa dela e visitava-a a partir do rés-do chão, falávamos um bocadinho à janela, ela mora num primeiro andar, de máscara, apesar de eu estar no rés-do-chão. Portanto, assim mais proximamente, foi como me isto me afetou. Sendo que grande parte dos meus projetos de vida nos últimos anos passam por associações culturais, que desenvolvem cultura e eventos culturais na cidade, e isso também foi obrigado a ser calado por completo por 2 anos. Assim no meu círculo próximo onde eu interajo regularmente foi como mais me afetou a pandemia... ah e isso logo no início... houve.... pais de amigos meus que faleceram.

Como é que tu lidaste com as restrições durante a pandemia? Eu acho que relativamente bem, até certo ponto, sendo que, algumas dessas restrições eu autoimpus a mim mesmo. Eu fiz confinamentos quando eu não tinha de fazer, fiz confinamentos porque tive em contacto com alguém que testou positivo, eu testei-me a seguir e não testei positivo, mas até que me testasse outra vez, 5 ou 7 dias a seguir, conforme as regras em vigor na altura, fiz confinamentos... fiz um molhe de confinamentos preventivos nesse sentido, portanto...

Quantas vezes te testaste mais ou menos? Pelo menos uma 30 ou 40 vezes.

Fruto dos teus afazeres e da tal atitude preventiva... sim, fruto dos afazeres e muito da atitude preventiva... cada vez que estava num grupo maior, com uma situação mais exposta, e depois cada vez tinha de estar com pessoas mais velhas, a minha mãe, a minha sogra... o meu pai deixou de ser um problema logo no início, porque ele foi logo vacinado, e foi testado logo a seguir, e tinha uma carga de anticorpos gigantesca, portanto deixou de ser uma preocupação porque é daqueles dos mais velhos que vive comigo... mas cada vez que tinha de ir ter com a família da minha namorada ou com a minha mãe, eu testava-me...

Sim, e porque o teu pai trabalha num sítio de exposição? Sim, sim... muito provavelmente foi por isso é que ele foi o primeiro infetado da minha família toda. Depois de quase todos dos mais novos terem ficados todos doentes, os meus 2 irmãos mais novos tiveram doentes, a minha irmã teve doente, o meu cunhado teve doente, isto foi tudo no natal de 2020, todos adoeceram... curiosamente eu não... e tive naqueles contextos todos, isso foi naquele natal em que metade de Portugal ficaram infetados, todos ficaram infetados exceto os que já tinham estado, menos eu.

O que pensa dos confinamentos? Acho que era a melhor ferramenta que estava à mão naquela altura, e que continua a ser útil e viável. Dá pra ver, na China, eles têm essa capacidade de mobilização, cada vez que têm um surto maior num sítio qualquer, confinam 10 milhões de pessoas num local qualquer e aquilo passa...

Como é que perspetiva as respostas políticas à pandemia? Uma trapalhada... Mas tendo em conta a preparação para este tipo de circunstâncias era uma trapalhada inevitável! Ninguém naquelas circunstâncias com o tipo de preparação nós que tínhamos para isto podia fazer muito melhor do que isto. Mas foi uma trapalhada, foram diretrizes umas atrás das outras, incoerentes, desconcordantes, mas eu acho que não dava para fazer muito melhor, não tínhamos capacidades para tal... Mesmo os países com maior organização, com os melhores sistemas de saúde, quando apertou... todos eles abanaram e tremeram como varas verdes, meteram os pés pelas mãos... porque não dava para mais... mas mesmo isso, o esforço, a balburdia, as decisões num período grande, eu acho que muitos resultados se conseguiram, e apesar da trapalhada, salvou-se muita gente, e passamos, conseguimos passar esse período negro, com perdas, mas... a humanidade ainda está cá. O covid também, mas agora parece que já menos...

Houve alguma coisa que não correu bem com a gestão política de pandemia? Sim, acho... especialmente em Portugal onde o facto de haver eleições não dava muito jeito fazer cara de mau... não deste jeito nenhum a um país que já tinha um sistema de saúde periclitante e que não quis tomar medidas preventivas mais a sério com medo de sujar a cara politicamente. Houve eleições para 2 coisas durante o período de pandemia, municipais (prás camaras) e legislativas. Houve muita... para gerir a pandemia era preciso tomar medidas poucos populares, não é fácil agradar a toda a gente quando lhes estás a tirar direitos que eles tinham sempre... mas era preciso na altura, eram os métodos que se tinha na altura, os governantes tinham à sua disposição para conseguir gerir a situação, e teriam feito mais atempadamente caso não tivessem numa altura que tivessem de mostrar os seus atos mais bonitos porque estavam em campanha eleitoral... eu acho que isto politicamente

foi muito mau. Tirando isso, acho que houve mais trapalhadas políticas relacionados com a má preparação com os sistemas para a pandemia em si... o único erro que deveria ter sido evitado seria não dizerem aquilo que precisavam de se dizer, porque dava jeito dizer outras coisas na campanha na altura...

E no seu caso que cuidados começou a ter com a pandemia? Comecei a ter uma catrefada de cuidados, deixei de abraçar os meus amigos todos, deixei de beijar as minhas amigas todas, passei a andar com uma máscara comigo para tudo o que é sítio, passei a testar-me regularmente cada vez que foi ter com alguém com maior fragilidade, ou cada vez que tive num grupo de maior risco, adotei estas coisas todas, mais o frasco de álcool gel que já está a ficar *démodé*... e na verdade já não ando com ele, e as minhas mãos já devem ter uma catrefada de covid... acho que é notório em toda a gente, no início, usávamos a máscara e tínhamos todo o cuidado, agora já não... agarras com a máscara na mão que vais comer, depois metes a máscara no bolso, no mesmo bolso que tens a xuxa do miúdo... e bora! (risos)

E com as outras pessoas que conhece, como é que a pandemia afetou a sua vida. Alguns exemplos que conheças? casos mais extremos?... Primeiro, aqueles que perderam entes queridos... é obvio, não é? Foi um trambolhão gigante na vida de qualquer um deles, não é? Esses são os primeiros que me vêm à memória... Mas, todos aqueles que eu conheço de uma classe social mais baixa, onde ao contrário de mim, quando lhes foi tirado o tapete para trabalhar, uma classe social mais baixa mas não só, houve uma data de profissionais do espetáculo que viram os espetáculos findarem durante 2 anos, não aconteceram... e eles não tiveram alternativas para trabalhar durante esse processo, os apoios foram mínimos, e o mercado de trabalho reduziu gigantescamente, eu tive sorte de me safar noutra contexto, mas mesmo no meu contexto de trabalho houve muita gente que deixou de conseguir fazer dinheiro, ponto... pessoal que voltou pra ir morar com os pais. Das faixas sociais mais pobres, isso... então foi brutal, naquela altura quando tudo confinou havia aqui uma obrázinha aqui ao pé de mim, que tem 2 trabalhadores, e aqui na cidade nada acontecia, e aquela obra continuava a trabalhar porque aqueles tipos recebem ao dia, e se não trabalharem não comem e portanto, a forma que eles tinham de jantar, era irem trabalhar... e estes eu via-os a trabalhar, porque havia uma catrefada de obras que fecharam, e o pessoal nesses casos que estavam a receber ao dia deixou de receber dinheiro... **Nem todos tiveram a possibilidade do layoff...** e agora até me estou a lembrar de outra: na altura até havia o meme do pedreiro com a betoneira em casa em teletrabalho não é...? Mas mais coisas, isto já foi à algum tempo, há coisas que me lembro na medida em que falamos. A Cantina da Mula é uma associação... a Mula é uma associação ligada à comunidade local e à produção local. E eles na altura

decidiram abrir uma cantina comunitária, onde davam as instalações e a mão de obra, e pediam donativos de comida para cozinhar para famílias desfavorecidas... e na altura, chegaram a cozinhar para 100 famílias diariamente... aquilo chegou a um ponto tal que, já não tinham mãos suficientes para cozinhar mais para toda a gente, e começaram a dar cabazes... e davam às pessoas para cozinhar em casa. Curiosamente isto foi na altura quando tudo confinou, e toda a gente tinha medo de tudo e mais alguma coisa, mesmo as associações de apoio social fecharam, e depois reencaminhavam alguns apoiados para onde dava, que era na altura... muitos deles iam buscar comida à cooperativa da Mula. Foi uma altura caótica... Onde, aqueles que já muito precisavam antes, ficaram a precisar mais, porque os serviços que lhe davam apoio fecharam com medo do covid... isto depois rapidamente ou não... acabou por se resolver... porque era incomportável numa situação de urgência mais extrema do que é costume as associações de apoio permanecerem fechadas... mas isto aconteceu. Acho que isto é um ponto valioso para a pergunta que me fizeste. Baralhou a vida das pessoas que eu vejo à minha volta. Baralhou muito... de formas muito diferentes de caso para caso mas baralhou muito.

O que tu pensas do uso das máscaras e das vacinas? No teu caso como foi?

Eu não sou vacinado, não falo apologia contra a vacina nem a favor da vacina. Acho apenas que é uma tecnologia muito recente, e tendo em conta que eu passei muito perto em muitas... em várias situações de cargas virais muito grandes... mas... pode ter sido só sorte, mas pela forma como me comportei... nunca tive doente. E o facto de estar próximo e nunca ter tido não quer dizer que não venha a ter. Mais, não ter grande confiança numa tecnologia injetável tão recente fez que com que não me vacinasse. Quanto às máscaras, eu ainda hoje ando com uma máscara comigo, e ponho-a na cara quando sou obrigado a por, coloco-a na cara quando sinto quando devo numa situação de segurança pública ou pela minha segurança...mas mais por uma questão de segurança pública... é essa a minha opinião sobre as máscaras e sobre as vacinas.

De que forma sentiste que a pandemia o colocou como que numa prova? De

várias formas. Fez-me ser um cuidador, do meu pai enquanto ele teve doente e isso pôe-te à prova de alguma maneira, removeu-me do meu trabalho, e isso de alguma forma pôs-me a prova, tive de arranjar forma de safar por outro sítio, e tirou-me a liberdade porque eu fiz uma data de confinamentos, felizmente e devido ao meu passado como produtor musical, eu estou mais ou menos confortável com o facto de passar muito tempo sozinho, fechado, isto não me perturbou muito, mas confesso que nas pessoas à minha volta e que nem confinaram tanto quanto eu, o isolamento

é algo que as perturba. Basicamente, foram estas 3 coisas, o ter de cuidar, o terem me roubado o trabalho, e o ter de ficar fechado.

Consegues descrever-me com mais algum pormenor? Descrever outras situações que tenha sido colocado à prova? Ou aprofundar algum aspeto dessas 3 que falaste anteriormente? Sim, quando o meu pai adoeceu... existe logo aí várias provas. Tens de fazer um confinamento dentro de um confinamento, confinar dentro da tua casa alguém, onde moram mais gente, e tens de proteger as restantes pessoas da infeção que supostamente está confinada num sítio, mas nunca está porque...porque ele tem de ir à casa de banho, porque eu tenho de lhe levar comida, e por existem coisas que têm de sair da sala para o lixo... e portanto, existe sempre um cuidado extra e borrifos de álcool e banhos de lixívia no chão, e banhos pra todo o lado... essa foi uma prova. Logo a seguir foi a prova de eu ver a doença dele a complicar-se, até que ele foi internado. Outra prova veio a seguir, no período depois de ele ter sido internado e eu não conseguir contactar com ele durante algum bocado, e o medo que adveio todo relacionado com isso.

Quanto tempo ele teve internado? Eu acho que foi 10 dias, acho que foram 10 dias, isso já foi à um bom tempo, foi à cerca de 1 ano e meio... eu posso estar enganado. Eu acho que foi cerca de 10 dias... ele teve cerca de 9 dias em casa até que teve de ser internado e então teve lá 10 dias. E eu fui lá busca-lo, e quando o fui buscar ele parecia que tinha mais 10 anos, de 10 dias antes quando eu fui lá deixá-lo. É curiosamente, ou eu me habitei ao seu novo aspeto ou ele recuperou um pouco do ar de venho que ele ganhou, mas notava-se que ele vinha um pouco gasto com aquele internamento. Portanto, com o meu pai foram essas as grandes provações. Com o meu trabalho, foi o facto de ficar sem trabalho, eu sou técnico de som, fazia 2 ou 3 espetáculos por semana normalmente, todas as semanas ou quase todas as semanas, e isso deixou de acontecer e a minha forma de ganhar dinheiro teve de se alterar. Por muita sorte, algumas companhias que eu já tinha trabalhado, uma que faz produções para cinema, e outra que faz produções para teatro, me convidaram para projetos e isso fez que eu pudesse trabalhar a partir de casa e fazer algum dinheiro na altura. O outro campo que te falei foi nos isolamentos, em que como te digo, a mim não me afetou muito muito... houve uma altura em que eu confinei na minha casa, na casa do meu pai, e a Carina confinou na casa dos pais dela, e tivemos confinados à distância... umas largas semanas em que a gente não se viu, falávamos todos os dias por videoconferências e tal... mas a relação próxima de uns namorados com 20 e tal anos teve de ficar suspensa durante um bocadinho... e é assim... em relação a essas 3 facetas, 3 formas de como a pandemia me afetou proximamente... espero ter respondido.

De que forma viste a tua forma condicionada? Acho que respondi quase na totalidade... para além de que... eu tenho uma relação com a ADAO, uma associação de desenvolvimento de artes e ofícios, que faz regularmente mostras de cultura e que tem um coletivo grande, com residentes, e grande parte do meu tempo é passado aí... deixamos de abrir as portas ao público, muitos dos nossos residentes tiveram medo da pandemia, também confinaram, também se isolaram uns dos outros... e que a certa altura tínhamos apenas 2 ou 3 residentes num espaço quando costumávamos ter cerca de 40 ou 50.

E como foi com a tua família mais próxima? A minha irmã teve doente, o meu cunhado também teve doente... com eles não foi... com o meu cunhado foi tranquilo, com os meus irmãos também. A minha irmã ficou com... perdeu o olfato e paladar uma data de tempo... e ficou tonta. Ela ficou fraca uma data de tempo, ela diz que cada vez que abanava a cabeça para atravessar a estrada, ou alguém a chamava ao longe e ela olhava rápido para um sítio qualquer ela ficava zonza... tem vindo a passar esses sintomas... ela já não se queixa deles... ou eles passaram ou ela já se habituou por completo. A minha mãe... se calhar foi outra pessoa... apesar de não ter estado doente... e estar vacinada... se calhar foi das pessoas da minha família que a pandemia mais afetou pelo seu isolamento, a minha mãe mora sozinha, é professora... e enquanto professora ia todos os dias para a escola trabalhar.. coisa que deixou de acontecer durante o confinamento e... portanto, e isso e mais o medo do contacto externo... e isolou-se por completo em casa durante uns meses, falava com aqueles serviços de compras do continente para lhe irem levar as compras a casa... trabalhava a partir de casa, e basicamente não saía de casa para nada... o que para uma pessoa de 64 anos não é uma prática nada recomendável...

E com a tua família mais alargada? Tiveste algum contacto? Tiveste de dar alguma assistência a algum? Não... ou sim... tive de dar uma assistência muito ligeirinha, a minha irmã e o meu cunhado quando tiveram doentes, ficaram os 2 confinados em casa, e a assistência que dava era ir às compras, e ir despejar o lixo, levar-lhes coisas até ao sítio onde eles estavam ou tirar-lhes coisas do sítio onde eles estavam...

Perdeste rendimentos fruto do contexto da pandemia? Perdi, depois arranjei vias alternativas de conseguir rendimentos... mas os que tinha antes dos confinamentos impostos pela pandemia... sim... perdi.

Tiveste momentos de incerteza em relação ao futuro? Sim, tive. Mas isso... se calhar não me assustei muito... eu já lido com isso regularmente porque na área que

eu trabalho não há certezas, não há estabilidade profissional... Não sei como vai ser o meu futuro daqui a 5 ou 10, ou na minha velhice... duvido que seja brilhante... que é uma incerteza é... eu já estou habituado a lidar com a incerteza por isso não me assusta muito.

Viste-te a refletir sobre a tua vida até aqui? Tomaste alguma decisão crucial de mudança? Como e quais? Não.... Acho que não tomei nenhuma decisão fundamental para a minha vida. Tomei decisões práticas para me adaptar ao meio à minha volta... mas não mudei os meus objetivos, os meus princípios, os meus valores... por nada disso. **Mas viste-te a refletir sobre a tua vida? Momentos de isolamento propicia à interioridade?** Sim, claro. E os momentos de maior instabilidade, de incerteza... foi das coisas que a pandemia mais nos trouxe... nós estávamos habituados a que mundo era assim, e será assim... e de repente... de um momento para o outro... uma mudança muito rápida a instalar-se que nunca ninguém tinha antevisto... ou melhor, meia dúzia de considerados “malucos” tinham antevisto mas nunca ninguém lhes tinha dado ouvidos suficientemente...

Como foi a experiência do confinamento no seu caso? No meu caso no início até foi fixe... Não foi bem assim... mesmo no início eu fiquei com medo por causa do trabalho. Mas assim que vi que ia dar para fazer algum dinheiro e ia-me conseguir manter com a malta do cinema e com a malta do teatro, foram 2 balões de oxigénio... bem, não vou morrer à fome... sempre consigo fazer uns trocos e agora tenho bué de tempo com o meu estúdio e com as minhas máquinas... que era algo que eu não tinha à uma década... abri uma editora... comecei a masterizar projetos meus antigos... abri a minha biblioteca de coisas inacabadas... e a dar-lhes espaço para que o público possa ouvir.. e comprar e essas coisas... este era um projeto para ter continuidade... mas depois dos confinamentos terem acabado, não pus mais nada na editora... não masterizei mais nada... não completei mais música nenhuma... deixei de ter tempo outra vez... Nesse sentido até foi bom porque me dediquei a coisas que gosto mas deixei de ter tempo novamente...

De que forma o teu trabalho foi afetado pela pandemia? Brutalmente afetado. Deixei de poder fazer concertos e espetáculos ao fim de semana, e alguns durante a semana... e pronto... tiraram-me isso tudo, felizmente apareceram as companhias... de cinema e de teatro... a pedirem os meus serviços para esse período... e foi fixe, trabalhar a partir de casa a compor música para eles... e desafogar financeiramente.

De que forma ocupava os seus dias? A produzir música... basicamente era isso. Ora para trabalho, ora para fazer. Tirava às vezes um pouco para ver uma série, ou

para fazer uma videochamada... as tarefas da casa, e os pequenos momentos sociais e de entretenimento... mas basicamente a produzir música.

Qual era a tua rotina diária mais ou menos? Era variável. Nessas alturas a produzir música, existem momentos de obsessão pela coisa, que acabam por baralhar os relógios biológicos todos... é fácil começar a produzir música depois do jantar às 9 da noite... e houve uma ideia que correu bem... e o dia está a nascer... e ainda dava para fazer umas coisas, mas eu já estou cansado. Normalmente eu durmo de noite e trabalho de dia, mas nessa altura não havia bem um ciclo. Os meus ciclos passaram a ser uma confusão.... Reunia-me com as companhias de pijama, produzia música até às tantas, deitava-me às 4 da tarde... depois havia outra semana em que atinava mais com os sonos... mas foi uma bagunça de horários... como foi para toda a gente. Ir trabalhar de pijama, e comer na mesa de cabeceira, baralhou os horários a toda a gente. Especialmente os do teletrabalho...

Como foi a sua reação à criação de uma nova rotina? Desta vez com o espaço doméstico a ganhar um novo sentido e uma nova dimensão? Sim, mas curiosamente mudou para algo que eu já conhecia. Há uns anos eu tive um projeto musical em que a nossa rotina era estarmos fechados num estúdio durante a semana, das 9 ou 10 da manhã, até às 9 ou 10 da noite... ou se a coisa tivesse a correr bem até de madrugada, e depois ao fim de semana tocávamos. Portanto, esta coisa de confinamento constante de produzir música era algo que me era familiar, portanto a partir do momento em que tive de ficar confinado, bem: eu já tive confinado neste mesmo espaço e eu já sei o que é estar de forma agradável confinado aqui. Não foi assim... eu percebo que o isolamento baralhe a caixa dos pirulitos da malta, e baralha a minha também, eu sou humano como os outros, mas estou mais habituado aos isolamentos do que a maioria das pessoas... isso não me afetou muito. Afetou-me não conseguir estar com a minha namorada regularmente, mas o estar sozinho não me faz confusão até me dá espaço para outras coisas.

Como é que se adaptou? Adaptei-me bem. Fiz muitos confinamentos, mas fiz tantos porque considere não são assim uma tormenta tão grande para mim, e achei que eram importantes por uma razão de saúde pública no momento em que fiz, mas conheço pessoas que passaram por situações parecidas à minha e não confinou.. e eu não os julgo por isso... cada um é como cada qual... e acho que os isolamentos não são debilitantes para mim como para a maioria das pessoas.

Podes descrever algum momento complicado na altura do um confinamento? A situação do meu pai foi a mais complicada. Eu acho que foi

mesma essa. O momento de maior angústia foi quando não conseguir falar com o meu pai... quando não conseguia falar com ele.

Mas houve algum momento quando ele começou a melhorar e que o feedback era esse? Sim.. sim.. sim. Eu não conseguia falar com ele, mas conseguia ter notícias sobre ele, falar com o serviço onde ele estava internado. Mas as notícias a que tinha acesso eram telegráficas, se está melhor ou pior, sinais vitais... e muitas vezes nem têm bem noção disso, porque nem têm acesso à ficha de paciente porque não têm tempo para isso... dizem basicamente os sinais vitais, a medicação que estava a tomar, e quando começou a haver perspectivas de ele poder sair começaram-me a dizer isso.

Se calhar faça uma pergunta que não está no guião. O seu pai quando veio da hospitalização veio uma pessoa mudada? Porque é algo extremamente agressivo... ainda mais sendo ele médico. Ele passou a ser mais cuidadoso depois, ele não o era muito antes da doença, apesar de ser médico, e de ser uma pessoa informada. Ele era das pessoas que notoriamente se notava que estas restrições de mobilidade, e as regras em prol disto tudo.. o perturbava e ele não gostava nada das máscaras, ele fazia mas... muito a contragosto. Muito crítico e depois na prática muito desleixado. A motivação dele não o levava para aí, muito pelo contrário. Eu que não sou muito de emprenhar pelos ouvidos antes dele adoecer várias vezes lhe disse: epá, tu devias ser mais cuidadoso... e ele passou a ser depois de ter estado doente. O clássico ditado, casa assaltada trancas à porta. **Depois também no sentido de ele ser médico e de estar habituado a estar no outro lado, e ver-se num papel social diferente, e de vulnerabilidade também.** Sim... Ele foi internado no hospital onde trabalha. Até nisso eu acho que ele foi... ele teve sorte no internamento que teve, porque eu acho que ele teve às portas de morrer sem se aperceber disso, pelos relatos dele, e dos colegas que o seguiram, ele na altura não tinha perceção da seriedade do caso dele. Só tomou conhecimento disso depois quando ele regressou ao trabalho com os doentes, e quando eu o fui buscar... e contactei com o porteiro do hospital, do qual ele também trabalha... a dizer que vinha buscar o (nome do pai do entrevistado) para ele sair do internamento... e o porteiro diz: do nosso (nome do pai do entrevistado)??? Sim, ele trabalha cá. E ele abraçou-me e respondeu com um palavrão. Portanto, a história que circulava naquele hospital era que ele estava em perigo vida, eu percebi isso só pela reação do porteiro do hospital, mas o meu pai quando saiu do hospital não tinha a plena noção disso. Só quando voltou ao meio de trabalho é que... eu acho que ele foi completamente protegido ao nível da informação do que é que lhe estava a acontecer lá dentro, fizeram tudo aquilo que tinham de fazer... e ele notoriamente estava com um processo cognitivo bastante abalado

quando foi para o hospital, já estava com níveis de oxigenação bastante baixos, e o processo cognitivo... Estava mesmo um bocado burro! Lerdo, taralhouco, com falta de equilíbrio, de discernimento... de tudo. E isso também pode ter contribuído para ter noção do estado em que ele estava... mas acho que a equipa também o protegeu muito da informação da coisa. Eu acho que só se apercebeu do quão mal estava à posteriori... até porque a parte emocional comanda um pouco isto tudo, e se te disserem que estás a morrer tu vais-te abaixo com isso.... eu acho que me desviei da pergunta... qual era? **Se o seu pai sentiu alguma mudança derivado desse processo?** Sim, sim... não muito significativa mas passou a ser mais cuidadoso. Deixou de ver o medo constante das pessoas, que lhe fazia confusão, para algo que não lhe fazia tanta confusão. Passou tudo a ser mais justificado. Apesar dele ser médico e de trabalhar no hospital, ele só trabalhou com covidários 1 ou 2... porque ele está no final da carreira, ele é pediatra, ele trabalhou com crianças com covid, e que são poucos não é... em relação aos adultos, portanto, ele dentro do hospital, obviamente que ele tinha noção que o hospital x estava revirado de pantanas, ele dizia que só a lavandaria é que faltava ser transformada em covidário... mas mesmo assim ele não estava dentro dos covidários... nunca....por ser um médico sénior, por ser diretor do serviço de pediatria... as responsabilidades dele não o colocavam lá... e quem está no covidário está... e que não está não entra!! Não vais lá buscar uma esferográfica... (risos) Eu acho que ele não lidou com a proximidade de imagens como nós na televisão.

Mantiveste relações sociais à distância? Sim, dei por mim a telefonar a pessoal que normalmente não o fazia... só porque olha... liguei só por ligar, só por trocar meia dúzia de palavras...

Tiveste alguma experiência de isolamento profilático em que alguém da tua esfera de contactos tenha testado positivo e daí o isolamento... Sim, vários.. **Quanto mais ou menos?** Eu diria que pelo menos uns 5 ou 6... pelo menos... **Isso dá cerca de 1 mês e meio.** Os profiláticos... também tive dos mandados pelo SNS que foram uns 2 ou 3. Não sei dizer ao certo mas foram uns belos meses de isolamento, deve ter sido 2 ou 3 meses num ano passado em casa.

Tiveste algum tipo de suporte social durante os seus isolamentos ou confinamentos? Sim, tive na minha família, dos meus amigos... quando não podia sair e precisava de coisas... eu tinha uma rede social próxima de mim que eu podia pedir coisas... mas sim, que é muito importante pode fazer isso. Também é muito interessante os velhinhos que não podiam sair e nos pediam coisas, para ir às compras... essas coisas foram todas muito bem-vindas. Ao nível da grande estrutura

social os recursos eram escassos eram poucos para os problemas que tínhamos a tratar, e portanto é fixe reduzir à esfera social mais pequena, onde os braços podem chegar, onde podemos pedir ajuda, e podemos dar ajuda também... é muito importante.... Para todas as situações, mas estas em particularmente!! **Promoveu como que um novo tipo de solidariedade?** Sim, acho que sim. Não sei se um novo tipo, mas se calhar chamou mais ao uso dele, nada de novo, apoiar o próximo quando é preciso, levar algo, ir tratar quando faz falta.. isto não é nada de novo não é, mas chamou mais à necessidade desses recursos, dessas práticas...

Diz que o espaço doméstico ganhou um novo sentido? de que forma na sua opinião?

O quarto passou a ser o pavilhão multiusos para toda a gente, passamos a ver concertos em casa, a trabalhar em casa, a comer em casa... a fazer a vida social em casa... foi um pouco nesse sentido. O meu espaço, o meu quarto não mudou muito... é esta bagunça que está a ver... tenho aqui uma cama e as máquinas por todo o sítio... o sítio onde durmo é o sítio onde produzo música... também trabalho fora daqui... mas na verdade isto não mudou muito aqui... mas para a maioria das pessoas sim... e mesmo cá em casa, com 2 irmãos a estudarem, e 1 pai a trabalhar... nós não temos assim tantos computadores... e havia alturas onde era preciso alguém não fazer o que estava a fazer para alguém ter uma aula ou algo do género... e nós não somos propriamente uma família pobre.. nem de perto nem de longe... mas até a nós isso fez diferença... foi notório para muitas, muitas famílias... o facto de estudar à distância e trabalhar à distancia e os recursos necessários para fazer isso... se aqui deu problemas, houve muitos sítios onde impossibilitou...

Em que situações é que saia à rua, para fazer o quê, e que cuidados é que tinha? Depende das fases... daquele momento de parar o mundo? Naquele momento em que a camada do ozono se recompôs um bocadinho? Nessa altura saia para por o lixo e mais nada... mas a partir do momento em que as coisas começaram a abrir, fui das primeiras a sair... e hoje em dia eu pergunto às minhas amigas todas se já dão beijinho... e se derem eu comprimento todas com beijinhos... acho que não quero perder essas coisa por medo de mais uma fonte de morte.

Sentias receio quando saias à rua e tinhas de contactar as outras pessoas? Consegues descrever essa experiência? Um misto... nunca fui daqueles... mesmo na altura das regras apertadas... nunca fui das pessoas que resmungava das outras na fila de supermercado que não davam os 2 metros... se calhar havia alturas em que compensava as distâncias que um da frente não dava para dar atrás... nunca fiz daquelas coisas como as armaduras para ter os 2 metros de distância... mas isso eram

as diretrizes de quem mais sabia, e não se sabia muito, era colocar a máscara e afastar-te do outro.

Anexo 4 – Guião de Entrevista

Guião de Entrevista Semiestruturada

Tema: “As Formas Plurais da Experiência do Confinamento em Tempo de Pandemia”

Objetivos da Investigação:

1. Compreender a pandemia como uma provação que participa da fabricação societal dos indivíduos;
2. Compreender a pluralidade das experiências do confinamento em contexto de pandemia a partir da perspetiva dos atores;
3. Compreender de que maneira os marcadores sociais como a classe social, o género e a diversidade de formas familiares condicionam a experiência social do confinamento em tempos de pandemia.

Questões de investigação:

1. De que forma o enfrentamento da prova da pandemia condiciona a vida dos indivíduos em sociedade?
2. Como se caracterizam as formas plurais do confinamento em contexto de pandemia?
3. De que forma a classe social, o género e a diversidade de formas familiares nos permitem compreender as formas plurais da experiência de confinamento em contexto de pandemia?

Designação dos blocos / Dimensões	Objetivos específicos / Temas	Formulário de questões
A – Legitimação da entrevista Motivação do entrevistado	- Explicitar os fundamentos e objetivos da entrevista - Motivar o entrevistado - Garantir a confidencialidade - Solicitar autorização para o registo áudio da entrevista.	- Informar, de forma geral, sobre o trabalho de investigação - Indicar os objetivos da entrevista; - Pedir ajuda ao entrevistado, salientando que o seu contributo é essencial para o êxito do trabalho; - Garantir a confidencialidade das informações prestadas; - Pedir autorização para gravar a entrevista; - Agradecer a colaboração.
B- Caracterização dos entrevistados	- Género - Idade - Profissão e situação profissional - Situação Familiar e respetivo agregado	- Qual a sua escolaridade? - Que profissão tem? - É casado? Solteiro? Tem Filhos? Que idades têm e em que ano é que estão na escola? - Profissão do pai - Situação na profissão - Profissão da mãe - Situação na profissão - Nível de escolaridade do pai - Nível de escolaridade da mãe

<p>C – Aferir as representações sociais acerca da pandemia</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o campo estruturado das significações, saberes e informações sobre a pandemia - Compreender as atitudes associadas, assim como as expressões, as imagens, ideias e valores - Buscar o sentido que os indivíduos atribuem ao objeto social “pandemia” - Compreender as modificações comportamentais face ao contexto pandemia 	<ul style="list-style-type: none"> - O que pensa da pandemia Covid-19? - De que forma a pandemia afetou a sua vida? - Como lidou com as restrições que foram decretadas durante a pandemia? - O que pensa dos confinamentos? - Como perspectiva aquilo que foram as respostas políticas à pandemia? Qual a sua opinião? - Acha que houve alguma coisa que não correu bem na gestão política da pandemia? - No seu caso que cuidados passou a ter com a pandemia? - E das outras pessoas que conhece como acha que a pandemia afetou as suas vidas? Consegue-me dar alguns exemplos que conhece? - O que pensa sobre o uso das máscaras? E das vacinas? No seu caso como foi?
---	---	---

<p>D – A pandemia como uma prova</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Entender a conceito de prova como desafio histórico - Entender a prova como socialmente produzida no qual o indivíduo é constringido a enfrentar (Martucelli, 2006) 	<ul style="list-style-type: none"> - De que forma sentiu que a pandemia o colocou como que numa prova? - Pode-me descrever com mais pormenor? - De que forma viu a sua vida condicionada? - Como foi com a sua família mais próxima? - E com a família mais alargada? Manteve contacto? Teve que dar assistência a algum familiar seu? - Perdeu rendimentos fruto do confinamento em contexto de pandemia? - Teve momentos de incerteza quanto ao futuro? - Viu-se a refletir sobre a sua vida até aí? Tomou alguma decisão crucial de mudança? Como e quais?
---	--	---

<p>F – A pluralidade da experiência de confinamento em contexto de pandemia</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a natureza particular que o confinamento pode assumir: - Entender as rotinas particulares e a ocupação durante os confinamentos - Descrição de experiências-chaves ou experiências de pico. - Perceber o papel das interações sociais e da socialização ainda que virtual - Entender a experiência do isolamento profilático 	<ul style="list-style-type: none"> - Como foi a experiência de confinamento no seu caso? - O seu trabalho foi afetado pela pandemia? - Como ocupava os seus dias? - Existia rotina diária, se sim qual? - Como foi a sua reação à criação de uma nova rotina, desta forma, inscrita geograficamente no espaço doméstico – casa. - Como se adaptou? Adaptou-se bem? - Consegue-me descrever algum momento complicado aquando do confinamento? - Algumas pessoas relataram-me que se sentiram muito sozinhas durante o confinamento. Como foi no seu caso? - Manteve interações sociais à distância? Com quem? - Teve algum tipo de suporte social? - Teve alguma experiência de isolamento profilático, em que alguém da sua esfera de contactos tenha testado positivo, e daí esse isolamento como que “forçado”? - Diz-se que o espaço doméstico (casa) ganhou um novo sentido. De que forma na sua opinião? - Em que situações é que saía à rua? Para fazer o quê? Que cuidados tinha? - Sentia receio quando saía à rua e tinha que contactar com outras pessoas? Consegue-me dizer como foi essa experiência? O que sentia?
--	--	---

<p>G – Os diferentes marcadores sociais na sua influência com a experiência do confinamento</p>		<ul style="list-style-type: none"> - De que forma a sua profissão afetou a sua experiência de confinamento? - Pode-me descrever com mais detalhe? - Como Homem ou como Mulher, como foi a sua experiência de confinamento? - Ao nível da gestão dos afazeres domésticos e da sua logística como funcionou? - Havendo crianças a cargo, quem cuidou mais delas? - Como foi, sendo o caso, a gestão do teletrabalho com a gestão da teleescola? - Descreva-me a divisão das tarefas domésticas e dos cuidados com a casa durante o período de confinamento. Quem fazia o quê enquanto estavam em casa confinados?
--	--	--

Anexo 5 – Declaração de consentimento informado

Protocolo de consentimento informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Caro senhor(a)

No âmbito do Curso de Mestrado em Sociologia, a realizar Faculdade de Economia da Universidade do Algarve (Faro), estou a realizar uma investigação com o tema “As Formas Plurais da Experiência de Confinamento em Tempo de Pandemia”, cujo objetivo principal é identificar: De que forma a pandemia condicionou a vida dos indivíduos em sociedade; Como se caracteriza as diversas formas de confinamento em contexto de pandemia; E, de que forma a classe social, o género e a diversidade de estruturas familiares permitem-nos compreender as diferentes experiências de confinamento nesse contexto. Asseguro que será mantido o anonimato e a confidencialidade dos seus dados, pois consagro como obrigação e dever o sigilo profissional.

Assim: - Declaro que todos os procedimentos relativos à investigação em curso foram claros e responderam de forma satisfatória a todas as minhas questões. - Compreendo que tenho o direito de colocar, agora e no desenvolvimento do estudo, qualquer questão sobre o estudo e os métodos a utilizar. - Percebo as condições e procedimentos, vantagens e riscos em participar neste estudo. - Asseguraram-me que os processos que dizem respeito ao estudo serão guardados de forma confidencial e que nenhuma informação será publicada ou comunicada, colocando em causa a minha privacidade e identidade. - Compreendo que sou livre de abandonar o estudo a qualquer momento. Depois de devidamente informado(a) autorizo a participação neste estudo.

Data: ____/____/20__

Assinatura do Participante

Nome do entrevistador: _____

Assinatura: _____

Anexo 6 – Tabela de caracterização sociodemográfica dos entrevistados								
Entrevistados	Idade	Sexo	Agregado Familiar	Estado Civil	Habilitações	Profissão	Profissão Pai / Escolaridade	Profissão Mãe / Escolaridade
1 – Gio Gilmor	41	m	3	Solteiro	Curso superior/Licenciatura	Analista de dados	Gerente bancário Ensino Básico	Professora Mestrado
2 – Joana M	45	f	2	Mãe Solteira	Curso Superior/Licenciatura	Bolseira em gestão e tecnologia	Prestador de serviços Ensino Técnico	Professora primária Magistério primário
3 – Frei Loki	39	m	3	União de facto	12º ano	Produtor musical e sonoplasta	Médico Licenciado/Pós-graduação	Professora universitária Doutorada
4 – Élia	44	f	1	Solteiro	Curso superior/Mestrado	Desempregada	Comerciante Escola primária	Comerciante Escola primária
5 – Bela Cabanas	46	f	2	Solteiro	Curso superior/bacharelato	Administrativa	Pescador Não sabe	Doméstica 4ªClasse
6 – Carlota	42	f	3	União de facto	Curso superior/pós-graduada	Gestora	Empresário 4ªClasse	Cozinheira 4ªClasse

7 – Joana Lex	55	f	1	Divorciada	Curso superior/pós-graduada	Advogada	Inspetor das finanças 5ºAno liceu	Empresária 12ºAno
8 – Armindo Lua	46	m	2	Solteiro	12º ano	Assistente operacional	Motorista 12ºAno	Assistente operacional 12ºano
9 – Rumilda Marley	39	f	3	União de facto	Curso superior/pós-graduada	Coordenadora Comercial	Trabalhador de hotel 4ªClasse	Doméstica 5ºAno
10 – António Semente	41	m	5	Casado	12 ano com frequência universitária	Gestor marketing online e redes sociais	Administrativo na área da saúde Licenciatura	Técnica de análises laboratoriais Secundário
11 – Marisa Bifa	40	f	5	Casado	Curso superior/licenciatura	Nutricionista	Pintor 4ºAno	Doméstica 12ºAno
12 – Fernando Martial	49	m	2	Casado	Curso superior/pós-doutorado	Investigador	Informático 11ºAno	Funcionária pública Licenciatura
13 – Marcolino Belo	45	m	2	União de facto	8ºano	Skipper	Maquinista 4ªClasse	Cozinheira 4ªClasse
14 – Miguel Rachmaninov	43	m	1	Solteiro	10º ano	Técnico de manutenção	Desenhador especialista 12ºAno	Ceramista 9ºAno

Anexo 7 – Matrizes: A pandemia como prova

A pandemia como prova

Entrevistados	1 Gio Gilmor	2 Joana M	3 Frei Loki	4 Élia	5 Bela Cabanas	6 Carlota
Pandemia como prova?	<p>“as idas ao supermercado, de que falávamos no início quase sem saber... se podíamos ir, se não podíamos ir. Essa fase inicial foi complicada. Claro, as minhas viagens a Portugal ofereceram grandes desafios com as regras dos testes, e as coisas sempre a mudarem. “</p>	<p>“Eu poderia dar-te mil e um exemplos de vida pessoal das minhas provas de pandemia... das minhas provas de coragem... de resistência... de resiliência... e de capacidade de recuperação a vários desafios durante a pandemia... “</p>	<p>“De várias formas. Fez-me ser um cuidador, do meu pai enquanto ele teve doente e isso poe-te à prova de alguma maneira, removeu-me do meu trabalho, e isso de alguma forma pôs-me a prova, tive de arranjar forma de safar por outro sitio, e tirou-me a liberdade porque eu fiz uma data de confinamentos (...) Basicamente, foram estas 3 coisas, o ter de cuidar, o terem me roubado o trabalho, e o ter de ficar fechado.</p>	<p>“Talvez numa prova a nível psicológico... mais a nível psicológico! É confrontarmos com algo que nunca pensaríamos em viver e darmos valor. E a liberdade não é? Que é um dos nossos direitos fundamentais... mesmo a nossa privacidade quando nos mandam parar o carro e nos perguntam para onde vamos. E depois sentirmos que o mundo</p>	<p>“Eu no fundo do meu ser, sabia que iria ter de atravessar uma coisa difícil na minha vida, tinha esse pressentimento... até pensava que fosse aconteceu mais cedo. Nesta altura, estou bem e aguento bem. Tinha muita pena e se fosse idoso e volátil e tivesse de passar por esta situação. Sim, foi uma prova, uma de muitas.”</p>	<p>“De alguma maneira todos tivemos uma prova forçada. Acho que estas coisas fazem-nos refletir sobre determinados aspetos da nossa vida... de como levamos a nossa vida, com determinadas preocupações... as pessoas encaram de forma diferente... a mim dá-me sempre... não sei se tem a ver com a pandemia, ou com a maturidade, tento ir aprendendo... e relativizar o que não vale a pena.”</p>

				estava a desmoronar-se”		
--	--	--	--	----------------------------	--	--

7 Joana Lex	8 Armindo Lua	9 Rumilda Marley	10 António Semente	11 Marisa Bifa	12 Fernando Martial	13 Marcolino Belo	14 Miguel R
<p>“Tudo é uma prova... todos os factos que acontecem na nossa vida são provas... sim. O que temos de tirar destas experiências é o lado bom das coisas. Fazendo parte da nossa experiência de vida... tem prós e contras...passando pelo lado positivo e pelo lado negativo. E tem sempre que se pensar no que se tira de melhor... no meu caso estar em paz e fazer coisas que não fazia à muito tempo. Essa foi a minha parte positiva, espero que muita gente tenha aproveitado também.”</p>	<p>“Eu não sei, mas eu numa certa altura da minha vida sem trabalho, eu pensei que isto fosse uma coisa inexplicável, de outro mundo, uma coisa que alguém pôs para estudar o pensamento das pessoas, não sei... acrescenta aí umas reticências...”</p>	<p>“Sim, colocou em prova à humanidade toda... a todos!... afinal isto não é assim tão simples... não conhecemos tudo, e temos de nos preparar para o pior, e acho que isso foi um alerta para toda a gente, governos e tudo o mais, provavelmente isto não será a única pandemia que vamos enfrentar (risos), e serão piores... isto pôs à prova a capacidade pessoal de resiliência e de adaptação... e mesmo os governos têm de se preparar melhor para estes desafios... acontecerem. A humanidade melhor preparada...”</p>	<p>“Sim, no primeiro e no segundo mês, uma prova (...) a partir daí, não me colocou em prova nesse aspeto de fazer um teste a mim próprio sobre as minhas capacidades de me manter a salvo de um vírus respiratório, mas manteve-nos à prova no aspeto psicológico, em que tendo em conta as restrições e o seu impacto na nossa vida, houve também a outra parte de vermos que a sociedade e o mundo estavam a entrar em decadência em termos económicos e sociais, e calhar sem uma justificação que realmente pedisse esse tipo de esforço a nível global, e isso tem sempre impacto a nível psicológico para quem gosta de viver num mundo próspero digamos assim.”</p>	<p>“Como fui das poucas no trabalho ao não vacinar-me, tive que dar justificações para o não ter feito. Muitas pessoas teriam cedido e ter levado a vacina por pressão.”</p> <p>“Muitos colegas eram também da minha opinião apesar de terem levado a vacina e seguirem com as medidas. Muitas pessoas justificavam o porquê das medidas terem sido tomadas nesta doença e não noutras. Nunca me senti discriminada (...) Mas tive de justificar a recusa da vacina 4 vezes... colocaram a questão várias vezes, nunca me senti obrigada a levar, mas houve grande pressão, senti-me pressionada.”</p>	<p>“Sim, acho que nos colocou a todos, uma prova psicológica, uma alteração de hábitos, de isolamento... e eu falo por mim que tive sorte... sempre saí de casa, nós nunca tivemos proibidos de sair de casa, ninguém esteve... (...)mas agora as pessoas que estão completamente sozinhas... e que não podiam... que não tinham justificação para sair de casa.. imagino que... se a minha me custou... essa prova psicológica... imagino para essas pessoas... eu nem me posso queixar muito... mas mesmo assim houve momentos de quase desespero... não ver o fim à vista... olhar para o passado e sentir: eramos felizes e não sabíamos...”</p>	<p>“A prova foi da própria sociedade, as pessoas lidarem umas com as outras e conseguirem lidar com isso. Nós em Portugal até não foi um grande problema.”</p>	<p>“Uma prova de sobrevivência...”</p>

Anexo 8 – Matrizes: Representações sociais da pandemia, consequências sociais, gestão política da pandemia, perspectivas acerca do confinamento, cuidados adotados, a percepção da pandemia “no(s) outro(s)”, e percepção acerca das máscaras e das vacinas

Parte 1.

Representações sociais	1 – Gio Gilmor	2 – Joana M.	3 – Frei Loki	4 - Elia	5 – Bela Cabanas	6 - Carlota
O que pensa da covid19?	Imprevisível “a situação mais complexa que já vivi”	Uma pandemia entre outras “uma situação que se vai refletir na sociedade	Imprevisível “pequeno acontecimento biológico que revolucionou o nosso universo social	Imprevisível “uma situação que nunca pensaríamos que viria a acontecer”	Imprevisível “revés para toda a gente” “fomos todos apanhados de surpresa”	Uma pandemia entre outras “sempre aconteceram”
Como afectou?	“inédito e assustador”	“afectou a minha forma de pensar, de agir, de ver as coisas”	“o trabalho que andava a fazer à anos... deixei de poder fazer”	“o medo do desconhecido, não sabíamos o que se estava a passar”	“fez-me repensar muitas coisas na minha vida” “tentar proteger-me, proteger os meus”	“acima de tudo profissional” “tive tomar decisões devido à posição que tinha” “não sabia o que ia acontecer”
Como lidou com as restrições?	cumpriu	“isto é violento e excessivo”	“acho que relativamente bem”	“tivemos que nos conformar”	“as restrições foram bem aplicadas (...) mas temos de sair fora da caixa para mantermos a nossa sanidade mental”	“nós também condicionamos para além dos limites impostos” “os receios condicionam-nos também de alguma maneira como pensamos e projetamos a nossa vida”

O que pensa dos confinamentos?	“foi importante”	“questão de consciência, individual e colectiva”	“a melhor ferramenta que estava à mão naquela altura”	“necessários no início” “parecia que estávamos em guerra”	“acho que fez todo o sentido”	“não havia outra maneira, pelo bem comum, por um bem maior”
O que pensa das respostas políticas?	“contraditórias” “voltas de 180º”	“acho que o nosso sistema está cada vez mais minado”	“uma trapalhada inevitável” “directrizes incoerentes e discordantes”	“no seguimento do que passava a nível europeu”	“acho que o sr. Costa se portou bem”	“positivas de um modo geral, perfeitas nunca são”
Gestão política da pandemia?	“não se percebia as regras”	“não havia informação” “ninguém sabia de nada”	“o facto de haver eleições não dava muito jeito fazer cara de mau”	“variadíssimas contradições”	“o governo teve muito bem”	“necessidade (...) que estava tudo bem” “a informação nunca é dada de forma completa”
Cuidados passou a ter?	“muitos cuidados, que eu diria não excessivos”	“vi uma entrevista de portugueses a viver na china” “lavar tudo”	“catrefada de cuidados”	“uso de máscara, desinfectar as mãos” “mas é só por descarto de consciência”	“há cuidados que eu já tinha antes de...”	“assim que houve máscara passei a usar, o álcool gel era para tudo”
Como a pandemia afectou os outros?	“muitos colegas para layoff”	“em termos sociais houve uma redução de contactos”	“os que perderam entes queridos” e “os outros de classe social mais baixa” “o meme do pedreiro com a betoneira em casa em teletrabalho”	“tenho o caso de uma prima (...) acabou por ter um esgotamento nervoso e uma depressão grave”	“pessoas amigas que simplesmente mudaram completamente”	“pessoas que viveram muito intensamente, e as afectou psicologicamente, tornaram-se mais obsessivas e isolaram-se muito”
Máscaras e vacinas?		“eu questionei-me”	“não sou vacinado” “tecnologia recente”	“concordo com o uso de máscaras, e com as vacinas, tenho as 3”	“máscara usei sempre” “vacina estava reticente no início, mas depois pensando na minha mãe que é idosa...”	“tem se provado que as vacinas são efectivas” “na restauração andamos com máscaras para fazer ver... é só para inglês ver”

	7 – Joana Lex	8 – Armindo Lua	9 – Rumilda Marley	10 – António Semente	11 – Marisa Bifa	12 – Fernando Martial	13 – Marcolino Belo	14 – Miguel Rachmaninov
O que pensa da covid19?	Pandemia como oportunidade de vida “penso que para mim se tornou favorável”	Imprevisível “penso que fechou o mundo”	Imprevisível “foi uma coisa que ninguém estava à espera”	“poderá ter a sua parte genuína” “a forma como lidámos com ela, é que nos pode levantar várias questões”	“exagero” “prejudicial para a nossa economia, para as crianças, para a família, para a juventude, para o trabalho em geral”	Imprevisível “gerado um alarme (...) situação desconhecida” “depois descambou”	“doença que não se sabe a origem, e que afectou muita gente, trabalho e economia e tudo”	“acho que é muito propaganda”
Como afectou?	“eu posso dizer que foi de forma positiva”	“de muitas formas, como afectou a vida de toda a gente”	“eu estava grávida” “afetou tudo a gente, social, trabalho, profissional”	“em termos profissionais (...) indirectamente” “em termos pessoais”	“3 crianças que não tiveram oportunidades de fazer muitas actividades nem de estar com outras pessoas”	“a vida social foi afectada” trabalho	“felizmente consegui arranjar trabalho na construção civil” 4 meses sem trabalhar	“a loja fechou devido ao turismo”
Como lidou com as restrições?	“tive de as aceitar” “cumpri”	“o estado de emergência (...) foi o que teve de ser feito”	“frustrada” “para haver aquelas restrições alguma coisa de grave se passava”	“primeiro mês bem”	“mal, porque nunca concordei com elas”	“sinceramente não cumpri praticamente nenhuma”	“lidei bem”	“não lidei sequer”
O que pensa dos confinamentos?	“os confinamentos foram uma restrição de direitos”	“foi urgente, havia pouca informação”	“o primeiro sim (...) os outros foram desnecessários”	“deveriam ser mais para uma determinada faixa etária”	“também mal” “o que interessava não era os casos, mas os	“março 2020 se podia justificar pelo desconhecimento” (...) depois	“é uma forma de controlar as cenas e acho que é uma solução”	“atraso de vida”

					que necessitavam cuidados médicos”	“exagero” e não “razoável”		
O que pensa das respostas políticas?	“não havia informação” “até nem correram mal”	“aquele senhor em termos militares a coisa mudou, deveria ter sido colocado logo no início”	“o governo lidou bem com isto” “concordo com as medidas tomadas”	“seguiram no fundo, as indicações que foram dadas em termos internacionais, ou globais”	“políticas e não de ciência”	“desastre” “coisas que eles podem justificar, que não sabiam, (...) coisas que são completamente absurdas e inexplicáveis”	“algumas boas, outras nem tanto”	“toda a gente tentou fazer o melhor” “era uma situação desconhecida”
Gestão política da pandemia? Erros?	“discriminação (...) os negacionistas têm o direito de ter a sua opinião”	“em termos de guerra tem de usar militares”	“limitação de horários (...) causou confusão”	“houve muita coisa que não coreu bem”	“tudo direcionado para a pandemia” “cancelando cirurgias, tratamentos, internamentos”	“muitas” “escolha política entre quem podia morrer e entre quem merecia viver” “ninguém vai conseguir limpar isso”	“quando chega o inverno existe a pandemia e as pessoas ficam casa (...) verão números baixam e abrem tudo, é pela economia”	“sim” “falta de conhecimento”
Cuidados passou a ter?	“não muito mais do que eu já tinha”	“bastantes mais cuidados, vivo com a minha mãe em casa”	“desinfetar as mãos (...) máscara, quando se entrava em casa, os sapatos, o despir-se”	“todos aqueles cuidados recomendados” depois “aqueles (...) com “impacto mínimo que fosse”	“depois só os cuidados impostos pelas regras”	“tive alguns cuidados” “pensei que o melhor seria apanhar já”	“lavar as mãos, máscara (...) mais mãos, e mais máscara”	“cuidados normais”
Como a pandemia afectou os outros?	“pais em casa 1 mês ou 2” “crianças foi a pior faixa etária afetada”	“as pessoas idosas que vivem sozinhas em casa”	“um sentimento de frustração” “sei que existiu pessoas que ficaram”	“perspectiva das restrições que foram colocadas afectar a vida das pessoas”	“muitas pessoas deixaram de ter vida social”	“tantas” “outras pessoas com algumas neuroses anteriores imagina como”	“muita gente não conseguiu lidar com isso”	“a maior parte das pessoas afectou muito” “perderam empregos,

	pela pandemia”		psicologicamente afetadas”		por causa da pandemia”	devem ter reagido a uma situação dessas”		outros apanharam covid, outros tiveram muito mal”
Máscaras e vacinas?	“dúvidas sobre o que é imposto” “dúvida, mas dei”		“concordo com a vacinação” “também a máscara quando necessário”	máscaras “não protegem conforme de faz transparecer” “vacinas experimental (...) desenvolvida num curto espaço de tempo”	“gestão por recomendação e não por imposição”	“eu não me vacinei” “cada um devia usar o que quisesse”	“máscaras usei, vacinas não”	“não tenho vacina, e uso máscara quando é obrigatório”

